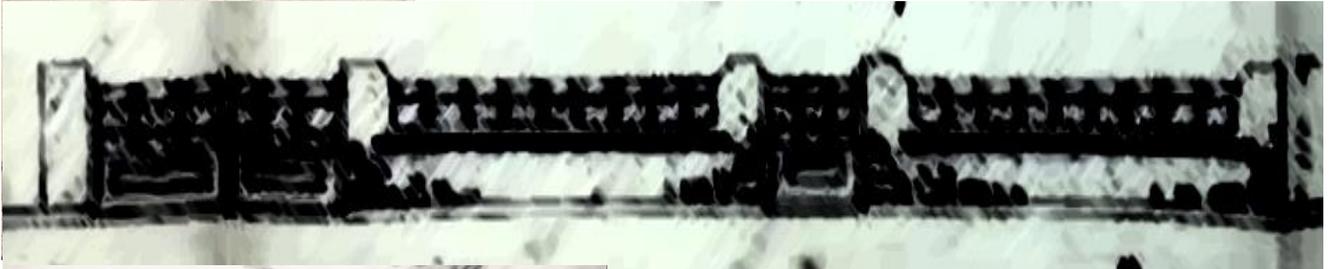




**DOS ARQUIVOS TÉCNICOS AOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA:  
O MORAR DO FAROL NA MACEIÓ DOS ANOS 1940 E 1950**



**MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO  
DENISE LAGES VIEIRA DA SILVA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

DENISE LAGES VIEIRA DA SILVA

**DO ARQUIVO TÉCNICO AOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA:  
O MORAR NO BAIRRO DO FAROL NA MACEIÓ DOS ANOS 1940 E 1950**

Maceió

2017

DENISE LAGES VIEIRA DA SILVA

**DO ARQUIVO TÉCNICO AOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA:  
O MORAR NO BAIRRO DO FAROL NA MACEIÓ DOS ANOS 1940 E 1950**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Angélica da Silva**

Maceió  
2017

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- S586d Silva, Denise Lages Vieira da.  
Do arquivo técnico aos álbuns de família : o morar no bairro do Farol na Maceió dos anos 1940 e 1950 / Denise Lages Vieira da Silva. – 2016.  
168 f., [59] f. : il.
- Orientadora: Maria Angélica da Silva.  
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo : Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2016.
- Bibliografia: f. 150-163.  
Anexos: f. 164-165.
1. Arquitetura de habitação. 2. Arquitetura – Maceió – 1940-1950. 3. Bairro do Farol (Maceió, AL) – 1940-1950. 4. Fotografias. I. Título.
- CDU: 72.03(813.5)“1940/1950”

## **AGRADECIMENTOS**

À minhas filhas Ananda e Thaís e meu marido Lula, razões especiais da minha energia e felicidade, a quem eu devo todo amor, apoio, torcida, paciência e compreensão pelos inúmeros momentos de ausência. Muito obrigada.

Aos meus amados pais Danilo e Elina que, com seus exemplos inspiradores, mostraram a importância da dedicação e comprometimento para alcançar qualquer objetivo e o valor da busca permanente do saber.

À minha querida orientadora Angélica, pelas vezes que me fez refletir impondo novos desafios e exigiu de mim o meu melhor, através de sua admirável capacidade de enxergar além das coisas.

Aos avaliadores Luís Amorim, Juliana Michaello, Roseline Oliveira e Josemary Ferrare (presente na banca de qualificação), pelas importantes contribuições oferecidas por um novo olhar e que foram fundamentais para a condução da pesquisa.

Às amigadas construídas nas aulas das disciplinas do mestrado, pelo companheirismo, trocas de conhecimento e incentivo mútuo.

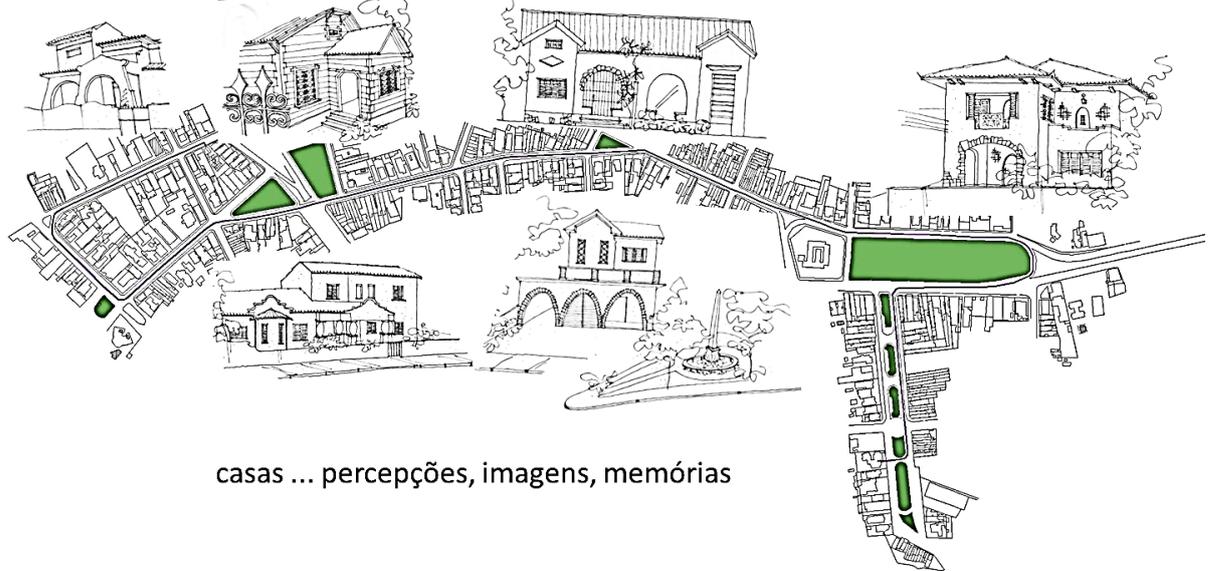
A todos moradores do bairro Farol, principalmente as famílias que gentilmente cederam suas fotos e informações e consentiram que fizessem parte do trabalho. Muito obrigada aos descendentes dos antigos moradores: Carmem Andreia Fonseca, Iara Diégues, Alfredo Gazzaneo, Japson Almeida Filho, Maria Lydia Lyra Costa, Sandra Salles e Dulce Costa.

Aos funcionários da SMCCU e aos demais órgãos públicos que permitiram minha demorada investigação em seus arquivos.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, incentivaram e colaboraram com a pesquisa.

No deslocamento pelo bairro, um despertar...

No meu cotidiano percorro diariamente um trajeto pelas ruas do núcleo inicial de ocupação do bairro Farol – um caminho que envolve formas, sensações, lembranças afetivas, referências arquitetônicas e pessoais. Saio da Avenida Tereza Cristina, hoje Avenida Santa Rita de Cássia, tomada por edificações de uso comercial, onde letreiros escondem como máscaras o que seria, para mim, o passado aprazível desta via, que só se revela a quem o conheceu ou vivenciou. Sigo para a Praça do Centenário, ainda um cenário formado por antigos palacetes majestosos que, mesmo deixando de abrigar residências, conservam sua integridade plástica. Descendo a Rua Moreira e Silva, deparo-me com a visão do obelisco entre as árvores da pequena Praça Sergipe, em torno da qual se conservam alguns de seus casarões. Ao percorrer a Rua Comendador Palmeira sinto-me mergulhando na memória do bairro, num corredor de variados e singelos bangalôs, térreos em sua maioria, que são tão símbolo e referência desse bairro, até chegar ao tradicional Parque Gonçalves Ledo. A partir daí, despontam, ainda na Rua Comendador Palmeira, os exemplares mais elaborados de casas neocoloniais, contrastando com os arranha-céus de arquitetura contemporânea. Ao fim da rua, o encontro com a pequena capela São Gonçalo e o confronto com a visão do imenso mar, descortinado pelo mirante. Alí nasce a Rua Osvaldo Sarmiento, prolongamento da ladeira Rosalvo Ribeiro, ou “da Catedral”, que abrigava o célebre farol que deu nome ao bairro. Entre memórias e vestígios das moradias de outrora atinjo a Rua Prof. Angelo Neto, antiga “rua do arame”, assim chamada pelos fios do bonde que transitava por lá. Uma das ruas mais antigas da região, a Angelo Neto, meu ponto de chegada hoje, já fora também ponto de partida de minha origem familiar e talvez o ponto gerador dessa pesquisa. Passado e presente entrelaçam-se significando **casas** que contam histórias, num percurso envolvido pela imaginação, por impressões, curiosidades e inquietações, recordações sensitivas e percepções que motivaram o desenvolvimento deste trabalho.



casas ... percepções, imagens, memórias

Meu primeiro olhar sobre esse percurso foi seletivo, pessoal, deixando-me levar pela sedução da visão idealizada sobre essas casas, impulsionada por manifestações sensoriais, inclusive pertencentes à memória afetiva de contatos anteriores com essas arquiteturas, como aquelas ligadas às recordações táteis e olfativas da infância. Foram as inquietações pessoais e os estímulos desencadeados pela percepção visual dessa arquitetura residencial que até hoje testemunha meu deslocar diário pelo bairro do Farol que despertaram a busca por um olhar mais profundo e questionador sobre essas tipologias e pelo modo de morar que estas poderiam incitar.

*“Este é o meu lugar, entranhado em meu sangue  
como a lama no fundo da noite lacustre.  
E por mais que se afaste, estarei sempre aqui  
e serei este vento e a luz do farol...”*

“Planta de Maceió”, de Ledo Ivo.

## RESUMO

O estudo visa através das imagens, desenhos gráficos e registros fotográficos, analisar, compreender e refletir sobre a experiência de morar no bairro do Farol, em Maceió, nos anos de 1940/1950. A investigação documental da história da arquitetura residencial urbana de Maceió deu-se através do debruçar sobre os documentos oficiais, ou seja, os projetos gráficos, que foram extensivamente explorados e catalogados, totalizando cerca de 1.000 documentos entre as décadas de 1940 e 1950. Nesta época, as novas formas de morar, ligadas à tradição ou ao repertório moderno embrionário, também foram documentadas através dos novos recursos tecnológicos providos pelas máquinas fotográficas. No caso destas fontes, foi elencado material produzido pelas mãos amadoras de seus antigos moradores e, sobretudo em busca de um foco na experiência do morar revisitou-se seus álbuns de família. A tipologia “casa” foi repertoriada no período da consolidação e expansão do bairro Farol, onde se concretizou o morar ligado aos processos locais de modernização urbana. Neste bairro, ocorre a construção de novos logradouros em busca por cenários urbanos altos e ventilados, obedecendo à mentalidade da época. Abordou-se a nova forma de morar estabelecida sob campos de influência diversos, em especial o bangalô que, acendendo associações com o pensamento e estética do pitoresco ou sendo signo pleno de modernidade local, expõe-se numa nova interação com a rua, seus transeuntes, a vizinhança e a urbe. Se o desenho gráfico forneceu à pesquisa dados significativos sobre os projetos, sua localização e trajetória de ocupação na cidade, seus autores e formas de representação, a difusão das imagens de memórias do cotidiano familiar, em termos comunicacionais, deram força não só ao sentimento afetivo particular, mas atrelou aspectos que demonstram o vínculo da consciência do valor da história pessoal para construir a história urbana. Diferindo do desenho que a concebeu, a imagem fotográfica da casa revelou com mais nitidez os costumes e hábitos dos moradores e de sua época. Utilizou-se o recurso de reunir e analisar a fotografia “informal” dos acervos de família organizados como narrativas pessoais fixadas em álbuns que atravessaram gerações. A imagem fotográfica, mesmo sendo posada, por vezes, pôde flagrar a ambiência da arquitetura, circundada por figuras humanas, a essência que escapara da descrição literária e que o desenho técnico, na maior parte das vezes, sequer buscou contemplar.

**Palavras-chave:** Arquitetura residencial. Maceió. Fotografia.

## ABSTRACT

The study aims through the images, graphic designs and photographic records, analyze, understand and reflect on the experience of living in the neighborhood of Farol, in Maceió, in the years 1940/1950. The documental investigation of the history of the urban residential architecture of Maceió occurred through the study of the official documents, that is, the graphic designs, which were extensively explored and cataloged, totaling about 1,000 documents between the 1940s and 1950s. At the same time, the new forms of living, linked to the tradition or to the modern embryonic repertoire, were also documented through the new technological resources provided by the cameras. In the case of these sources, material produced by the amateur hands of its former residents was listed, especially in search of a focus on the experience of living, revisiting their family albums. The "house" typology was indexed in the period of consolidation and expansion of the Farol neighborhood, where the dwelling connected to the local processes of urban modernization took place. In this neighborhood, the construction of new streets in search of high and ventilated urban scenarios, obeying the mentality of the time occurs. The new way of living was established under various fields of influence, especially the bungalow which, by lighting associations with the thought and aesthetics of the picturesque or being a full sign of local modernity, exposes itself in a new interaction with the street, its passers-by, the neighborhood and the city. If the graphic design provided the research with meaningful data about the projects, its location and trajectory of occupation in the city, its authors and forms of representation, the diffusion of images of family memories, in communicational terms, gave strength not only the affective feeling particular, but linked aspects that demonstrate the bond of awareness of the value of personal history to build urban history. Unlike the drawing that conceived it, the photographic image of the house revealed more clearly the customs and habits of the inhabitants and of their time. We used the ability to combine the analysis of "informal" photography of family collections organized as personal narratives fixed in albums that have crossed generations. The photographic image, even when posed, was sometimes able to capture the ambience the architecture, surrounded by human figures, the essence that escaped from the literary description and that the technical drawing, in most cases, did not even seek to contemplate.

**Keywords:** Residential architecture. Maceió. Photography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 001 – Registros dos exemplares neocoloniais feitos durante a pesquisa .....	20
Figura 002 – Estudos de fachada residencial do arquiteto Messias de Gusmão, em 1939 .....	21
Figura 003 – Vista da orla de Maceió, a partir do mirante São Gonçalo, na encosta do bairro Farol .....	27
Figura 004 – Mapa atual da divisão de Maceió em regiões administrativas compostas pelos bairros .....	28
Figura 005 – Vista de Maceió, a partir do Alto do Farol .....	30
Figura 006 – Aspectos da cidade: o arruado e as edificações públicas ecléticas .....	31
Figura 007 – Mapa de localização dos bairros do Centro, Bebedouro e Jaraguá .....	32
Figura 008 – Residências ecléticas nos tradicionais bairros do Centro e de Bebedouro .....	33
Figura 009 – Intelectuais do movimento literário formado em Maceió, na década de 1930 .....	33
Figura 010 – Casas geminadas que ocupavam os arredores da região central de Maceió, na década de 1930 .....	35
Figura 011 – Aspecto do centro comercial de Maceió, na década de 1930 .....	36
Figura 012 – Convívio com o espaço público e os moradores no bairro do Farol .....	38
Figura 013 – Rua do Comércio e Praça dos Palmares: relógios públicos marcavam as cidades desenvolvidas .....	39
Figura 014 – Anúncios de jornal traziam as novidades do comércio de Maceió .....	39
Figura 015 – Festas natalinas na Praça da Faculdade (bairro do Prado) e na Praça Santo Antônio (bairro de Bebedouro), década de 1950 .....	40
Figura 016 – Manchetes nos jornais sobre a situação negativa da cidade .....	41
Figura 017 – Trecho ampliado do mapa atual da divisão de Maceió em regiões administrativas .....	42
Figura 018 – O famoso coqueiro Gogó da Ema e casas dos sítios na praia da Ponta Verde, década de 1950 .....	43
Figura 019 – Vista atual do bairro da Ponta Verde .....	44
Figura 020 – Morador da época e a miss Alagoas Bertini Mota (1955) frente ao Gogó da Ema .....	44

Figura 021 – Habitantes de Maceió posando em alguns dos marcos referenciais da cidade. Praça do Centenário e Praça Deodoro. Década de 1950.....	45
Figura 022 – Manchete sobre <i>black-out</i> nas cidades vizinhas de Maceió.....	47
Figura 023 – Moda militar influenciava o mundo na época da guerra, década de 1940 .....	47
Figura 024 – Romance entre jovem de Maceió e soldado americano.....	48
Figura 025 – Reportagem sobre comemoração de um ano de USO em Maceió .....	49
Figura 026 – Mapa da presença dos americanos em Maceió durante a II Guerra Mundial.....	50
Figura 027 – Capa e artigo sobre a honrosa função de dona-de-casa .....	52
Figura 028 – Anúncios de novos produtos e equipamentos em revistas nacionais e importadas.....	54
Figura 029 – Perfil esquemático de Maceió, com diferença de nível entre planície litorânea e a região do tabuleiro. Desenho sem escala.....	56
Figura 030 – Ladeira Rosalvo Ribeiro, acesso ao bairro do Farol com torre do Farol ao fundo. Imagem de 1940.....	57
Figura 031 – Planta da cidade de Maceió, em 1932. ....	57
Figura 032 – Trecho do mapa de Maceió de 1902, indicando os “altos” que compunham o bairro do Farol .....	59
Figura 033 – Cartão postal mostrando o antigo farol luminoso. ....	60
Figura 034 – Atual mirante Dom Ranulpho, na ladeira da Catedral, e local do antigo farol do morro do Farol.....	61
Figura 035 – Trecho do bairro do Farol com terreiros no Alto do Brito.....	62
Figura 036 – Pormenor da ocupação da borda da encosta do bairro do Farol que corresponde hoje ao mirante Ambrósio de Lira, antes conhecido por Alto do Brito ..	62
Figura 037 – Trecho de artigo sobre o passado do Alto do Jacutinga .....	63
Figura 038 – Fotografias mostrando a evolução da Rua Prof. Ângelo Neto, fotografada, antes e depois da pavimentação, na década de 1940 .....	64
Figura 039 – Rua Prof. Ângelo Neto, em 1942, e a rua nos dias atuais.....	64
Figura 040 – Palacete eclético na Avenida Dom Antônio Brandão. ....	65
Figura 041 – Matéria jornalística alardeava a situação do bairro Farol .....	66
Figura 042 – Catavento em quintal de casa na área conhecida como Zeiga do Farol .....	66
Figura 043 – Chafariz do Jacutinga, na atual Av. Aristeu de Andrade .....	67

Figura 044 – Falta d’água em bairro central.....	67
Figura 045 – Localização do bairro do Farol e trajeto do bonde. ....	68
Figura 046 – Localização dos pontos referenciais. ....	69
Figura 047 – Fundo das casas da Rua Capital Samuel Lins.....	70
Figura 048 – Ladeira dos Martírios e a caixa d’água no bairro do Farol .....	70
Figura 049 – Eixos de circulação do bairro do Farol, na década de 1940.....	72
Figura 050 – Avenida Fernandes Lima, a partir da Praça do Centenário.....	72
Figura 051 – Casarão “chalé” de fins da década de 1930 na Avenida Fernandes Lima sem calçamento .....	73
Figura 052 – Casarões em sítios na Avenida Fernandes Lima, na década de 1960	73
Figura 053 – Praça do Centenário, inaugurada em início de 1940 .....	74
Figura 054 – A estátua no antigo cais de Jaraguá e recolocada, hoje, aos fundos do MISA .....	75
Figura 055 – Praça do Centenário reformada, em meados da década de 1950.....	75
Figura 056 – Praça Dom Antônio Brandão, em sua inauguração, e Praça Sergipe, com seu obelisco central.....	76
Figura 057 – Folhas de anotações do livro para licença de obras .....	79
Figura 058 – Pesquisa em livro de registro de obras e nas plantas técnicas.....	80
Figura 059 – Prancha de desenhos de projeto arquitetônico registrado na década de 1940 .....	81
Figura 060 – Projeto registrado de uma fachada de residência geminada .....	82
Figura 061 – Prancha única de projeto arquitetônico .....	83
Figura 062 – Planta com legenda e sem carimbo .....	84
Figura 063 – Planta com anotação posterior de cálculo de áreas.....	85
Figura 064 – Projeto arquitetônico de 1955 com opção de fachada .....	86
Figura 065 – Foto atual da fachada da obra na Rua Santa Cruz .....	87
Figura 066 – Prancha com desenho todo normografado, década de 1950.....	87
Figura 067 – Desenhistas passaram a assinar seus trabalhos .....	88
Figura 068 – Projeto na década de 1950 com colaboração explícita do desenhista.	88
Figura 069 – Algumas <i>entourages</i> que compunham o desenho da residência. Autoria não identificada .....	89
Figura 070 – Imposto cobrado e selos nas pranchas referentes ao pagamento.....	90
Figura 071 – Diversas formas de preencher os carimbos das plantas arquitetônicas .....	90

Figura 072 – Empresas responsáveis pelas cópias heliográficas dos projetos.....	91
Figura 073 – Planta de situação do aeroporto do Jacutinga, na década de 1940.....	92
Figura 074 – Quartel recém construído na Av. Fernandes Lima, na década de 1940, e numa vista atual .....	92
Figura 075 – Projeto de abertura de uma rua no Farol .....	93
Figura 076 – Traçado atual do trecho da Avenida Fernandes Lima e das ruas Virgínio de Campos (antiga Parahyba) e José de Alencar .....	93
Figura 077 – Projeto de loteamento no bairro do Farol .....	94
Figura 078 – Implantação da casa urbana no lote .....	95
Figura 079 – Planta de situação com indicação de terrenos de particulares .....	95
Figura 080 – Planta baixa mostrando os anexos ao fundo do quintal .....	96
Figura 081 – Carimbo de localização do primeiro prédio residencial multifamiliar do Farol .....	98
Figura 082 – Situação e planta baixa tipo da primeira edificação multifamiliar vertical no Farol .....	98
Figura 083 – Edificação coletiva residencial, denominada de prédio de apartamentos .....	99
Figura 084 – Indicação de “casa de renda” no carimbo de projeto da década de 1950 .....	99
Figura 085 – Cinco opções de fachada para bangalôs do conjunto do IPASE (1947) no bairro do Farol.....	100
Figura 086 – Projeto para 05 casas a partir da subdivisão de terreno. Década de 1950 .....	101
Figura 087 – Carimbos indicando as novas construtoras mais atuantes .....	101
Figura 088 – Projeto de um pequeno posto de gasolina de 1947 .....	102
Figura 089 – Projeto da Festa da Mocidade (1944-1945) .....	103
Figura 090 – Reportagem sobre a Festa da Mocidade .....	104
Figura 091 – Barraca de coco na praia da Avenida Duque de Caxias, ano de 1955 .....	105
Figura 092 – Meia-morada com elementos protomodernos.....	107
Figura 093 – Desenhos coloridos de projetos de bangalôs.....	107
Figura 094 – Exemplares de casarões de estética neocolonial no Farol .....	108
Figura 095 – Modelos de bangalôs térreos mostrados em revistas e projetos no Farol semelhantes às publicações .....	109

Figura 096 – Exemplares de bangalôs com falsas chaminés .....	109
Figura 097 – Bangalôs e suas representações gráficas diversificadas .....	110
Figura 098 – Casas conjugadas no Farol.....	112
Figura 099 – Residências de dois pavimentos no Farol .....	113
Figura 100 – A abrangência nacional da revista Acrópole e Maceió como capital atendida .....	114
Figura 101 – Exemplares neocoloniais divulgados nas revistas da época.....	115
Figura 102 – Projetos de residências publicados em revistas especializadas .....	116
Figura 103 – Projetos residenciais publicados como “MODERNO” .....	117
Figura 104 – Trabalhos acadêmicos de alunos da ENBA “arquitetos de amanhã” eram publicados .....	117
Figura 105 – Diversas casas das décadas de 1940 e 1950, com elementos protomodernos de fachada.....	120
Figura 106 – Residências com características mistas neocoloniais e protomodernas .....	121
Figura 107 – Perspectivas em projetos arquitetônicos registrados na década de 1950 .....	121
Figura 108 – Terraços frontais nas casas neocoloniais da década de 1940.....	122
Figura 109 – Terraços frontais nas casas protomodernas das décadas de 1940 e 1950 .....	123
Figura 110 – Terraços de casas de linhas modernistas da década de 1950 .....	123
Figura 111 – Trechos de projetos de residências e seus jardins frontais.....	124
Figura 112 – Muretas baixas nas casas de época em Maceió, décadas de 1940 e 1950 .....	125
Figura 113 – Fachadas de casas modernistas da década de 1950 .....	126
Figura 114 – Edificações residenciais de estética modernista expostas em revistas especializadas.....	126
Figura 115 – Respectivamente Projeto de Delfim Amorim (Recife, 1954) e de Lygia Fernandes (Maceió, 1952) .....	127
Figura 116 – Infográficos de acordo com livro de registro e com o acervo técnico .	129
Figura 117 – Localização de casas por rua e por década.....	132
Figura 118 – Gráfico do número de casas construídas no Farol por biênio .....	133
Figura 119 – Esquema de quantificação das casas por estilo .....	137
Figura 120 – Diagrama de tendências estilísticas por década .....	138

Figura 121 – Gráfico comparativo de estilos pela amostragem.....	140
Figura 122 – Gráfico comparativo dos referidos ambientes por década .....	141
Figura 123 – Gráfico comparativo por década dos referidos ambientes .....	142
Figura 124 – Plantas baixas com variação na locação da garagem e existência de corredor.....	143
Figura 125 – Arco divisor de ambientes no interior das residências – foto em revista nacional e em planta de casa na década de 1950 em Maceió.....	146
Figura 126 – Planta baixa residencial permeada por jardins.....	147
Figura 127 – Projetos das décadas de 1940 e 1950 trazendo o <i>living-room</i> .....	148
Figura 128 – Casa de 1942 no Farol em estilo chalé com chaminé e casa em artigo de revista americana, que trazia a tecnologia do telefone prevista no projeto da casa .....	154
Figura 129 – Foto atual de bangalô da década de 1940, na Rua Princesa Isabel – Farol, com elementos da arquitetura vernacular europeia .....	155
Figura 130 – Elementos compositivos recorrentes em residências da década de 1940 no Farol, nas ruas Desembargador Amorim Lima, Comendador Palmeira, Praças Sergipe e Centenário .....	156
Figura 131 – Anúncio de loteamentos-jardim e conjuntos residenciais com casas neocoloniais .....	157
Figura 132 – Carmem Miranda em sua casa em Hollywood e exemplares do estio na Austrália e em Maceió.....	159
Figura 133 – Projeto publicado para casa de veraneio, citando a referência ao pitoresco.....	161
Figura 134 – Pastas com registros fotográficos de casas no Farol.....	163
Figura 135 – Anúncio restritivo de casas para aluguel no Farol.....	166
Figura 136 – Crianças na casa Lyra Costa no muro e área de jardim frontal. Rua Santa Cruz.....	169
Figura 137 – Imagem atual da mesma casa que se avistava pelo muro da casa Lyra Costa, na Rua Santa Cruz.....	169
Figura 138 – O jardim exposto característico dos bangalôs na casa Pinto Costa. Parque Gonçalves Ledo.....	170
Figura 139 – <i>Frames</i> de brincadeira no jardim da casa Almeida e da casa Fonseca na Rua Alcebíades Valente.....	171

Figura 140 – <i>Frames</i> de convívio no muro e jardim da casa Almeida e da casa Fonseca na Rua Alcebiádes Valente .....	171
Figura 141 – <i>Frame</i> de criança no muro da casa Fonseca em fins da década de 1950 e foto da situação atual na Rua Alcebiádes Valente .....	172
Figura 142 – <i>Frames</i> do cotidiano no jardim frontal e jardim lateral da casa Almeida na Rua Alcebiádes Valente .....	172
Figura 143 – Foto posada em encontro com a família na casa Salles, na Rua Aristeu de Andrade.....	173
Figura 144 – Pessoas ao muro na casa Pinto Costa no Parque Gonçalves Ledo ..	174
Figura 145 – Imagens da casa Salles na Rua Aristeu de Andrade na década de 1950 .....	174
Figura 146 – Casa Salles na Rua Aristeu de Andrade em seu estado atual.....	175
Figura 147 – Casa Costa na Rua Comendador Palmeira, décadas de 1950 e 1970 .....	176
Figura 148 – Imagens da casa Brandão com pessoas fotografadas sobre os arcos da fachada. Fins da década de 1950 .....	176
Figura 149 – Fotografia posada na década de 1960 na casa Brandão situada na Praça Sergipe.....	177
Figura 150 – Casa Costa na Rua Comendador Palmeira na década de 1970 e foto atual .....	177
Figura 151 – Imagem de fins da década de 1950 da casa Brandão na Praça Sergipe, vista da rua e vista a partir do espaço público.....	178
Figura 152 – Foto da casa Brandão no ano de 2013 e registrada atualmente.....	178
Figura 153 – Imagens da casa Salles na Rua Aristeu de Andrade, do jardim de flores e sobre o carramanchão .....	179
Figura 154– Cadeira na calçada da casa Pinto Costa no Parque Gonçalves Ledo	180
Figura 155 – O automóvel nas imagens da Casa Pinto Costa, esquina voltada para o Parque Gonçalves Ledo.....	181
Figura 156 – Imagem de relaxamento no terraço frontal da casa Brandão na Praça Sergipe.....	182
Figura 157 – <i>Frame</i> do descanso e o bordado no terraço frontal da casa Almeida	182
Figura 158 – Imagem de descontração no terraço da casa Gama na Rua Ângelo Neto .....	183

Figura 159 – Quintal da casa Gama na Rua Ângelo Neto: vista da edícula para o carro e do terraço posterior .....	184
Figura 160 – Aspectos do mesmo quintal da casa Gama reformada na década de 1960 na Rua Ângelo Neto .....	185
Figura 161 – <i>Frames</i> de atividades informais no quintal da casa Barbosa na Rua Alcebíades Valente .....	186
Figura 162 – Imagens do início da ocupação da Rua Alcebíades Valente na década de 1950 .....	188
Figura 163 – Aspectos da Rua Alcebíades Valente na década de 1950 e hoje em dia .....	189
Figura 164 – Casa Fonseca na Rua Alcebíades Valente em construção (1955) e em foto atual.....	189
Figura 165 – Casa Barbosa, na Rua Alcebíades Valente, na década de 1955 e em foto atual .....	190
Figura 166 – Casa Barbosa na Rua Alcebíades Valente e a depoente M. J. A. em sua casa.....	190
Figura 167 – Anúncio e artigo referenciando o “MODERNO”.....	192
Figura 168 – Casa da família Diégues na Rua Comendador Palmeira nas décadas de 1930 e 1940 .....	193
Figura 169 – Transformação na casa da família Diégues na Rua Comendador Palmeira. Uso como escritório de advocacia.....	193
Figura 170 – Situação atual da casa da família Diégues na Rua Comendador Palmeira. Uso como clínica odontológica.....	194
Figura 171 – O estado atual das moradias das décadas de 1940 e 1950 nas ruas Comendador Palmeira, Gonçalves Dias, Amorim Lima e Praça Centenário.....	194
Figura 172 – Exemplos ao longo da Rua Comendador Palmeira - Farol .....	195

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Quantidade de casas de acordo com o livro de registros de obras.....	128
Tabela 2 - Casas de acordo com o arquivo técnico de projeto.....	128
Tabela 3 - Trechos inicial e final de tabela de número de casas por logradouro por biênios.....	130
Tabela 4 - Número de projetos registrados no Livro da SMCCU, com identificação profissional por biênio.....	134
Tabela 5 - Informações sobre os projetos arquitetônicos por ano, obtidas no acervo técnico da SMCCU.....	135
Tabela 6 – Análise do espaço estar/jantar .....	144
Tabela 7 - Dados sobre as fotografias de famílias analisadas .....	152

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 FATOS E PESSOAS: MACEIÓ E O BAIRRO DO FAROL NOS ANOS 1940/1950 .....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 A guerra transformando a cidade .....</b>	<b>46</b>
<b>2.2 O feminino, a vida doméstica e a sedução pela imagem .....</b>	<b>51</b>
<b>2.3 Farol, bairro da modernidade .....</b>	<b>56</b>
<b>3 A CASA NA CIDADE: MACEIÓ E O FAROL NOS REGISTROS GRÁFICOS DOS ARQUIVOS .....</b>	<b>78</b>
<b>3.1 A Casa dos Arquivos, um olhar amplo .....</b>	<b>105</b>
<b>3.2 A Casa da Amostragem, um olhar apurado .....</b>	<b>139</b>
<b>4 A CASA DAS PESSOAS: O REGISTRO AFETIVO DO MORAR NO FAROL PELAS FOTOGRAFIAS .....</b>	<b>152</b>
<b>4.1 Bangalô: o pitoresco e o moderno .....</b>	<b>153</b>
<b>4.2 As pessoas e as casas nas imagens .....</b>	<b>161</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>196</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>200</b>
<b>Apêndice A – Tabela de número de casas por biênio nas ruas do bairro do Farol .....</b>	<b>208</b>
<b>Apêndice B – Fichas da amostragem de casas da década de 1940 .....</b>	<b>210</b>
<b>Apêndice C – Fichas da amostragem de casas da década de 1950 .....</b>	<b>226</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Observando hoje, o bairro do Farol, no antigo Planalto do Jacutinga, pode-se ver que se encontra praticamente perdido dentro da malha urbana de Maceió, atravessado por várias vias que cortam a cidade e que, expandido para todos os lados, mostra-se diluído, em muito diferindo de quando era tão bem definido e identificado pelas peculiaridades de suas configurações espaciais e do morar.

Maceió, capital reconhecida por suas praias e lagoas, constituiu-se por uma geografia que se construiu, em décadas passadas, por seus altos. Um deles, o Alto do Jacutinga, onde se estabeleceu o bairro do Farol, será aqui tomado emblematicamente como marco geográfico, para melhor conhecer o modo e o significado de morar no bairro nas décadas de 1940 e 1950.

O período compreendido pela pesquisa coincide com o estabelecimento e incremento da ocupação do bairro que, situado à borda da encosta da cidade e avistando à distância mar e lagoa, abrigou uma determinada parcela da sociedade e uma tipologia arquitetônica predominante para suas residências, construindo uma imagem estabelecida e referenciada até os dias atuais.

Cabe destacar que a temática dos estilos arquitetônicos não compôs a questão essencial da pesquisa, já que o significado do morar no bairro não demandava necessariamente uma rigorosa delimitação das fronteiras, bastante movediças, entre denominações como “neocolonial”, “bangalô”, “*Mission Style*”, etc.

Trabalhamos assim, com as duas dimensões do habitar: a mais objetiva da moradia em si, de suas particularidades, resultantes das práticas construtivas e aspectos estilísticos, e a dimensão mais subjetiva, de como a habitação fora ocupada, vivenciada ou apreendida na interface com a cidade e encarada por seus habitantes. Esse aspecto ganha relevância uma vez que a classe média e alta mostra-se, no caso, um tanto mais sensível às formas materiais de demonstração de ascensão social ou de modernidade.

Esses dois universos – a moradia e a acepção de morar - apresentam-se imbricados e indissociáveis quando se trata da expectativa de vida e do pretexto em constituir do morador e da construção de sua imagem para a cidade (REPÓRTER MACEIÓ, 2016).

Apesar de não ser um trabalho sobre o neocolonial, foi justamente os bangalôs nesse estilo, a manifestação arquitetônica que predominantemente apareceu, de forma intuitiva ou não, nos croquis que compuseram o mapa de minhas percepções. A constatação de sua relevância para minha história pessoal, de um passado muito presente na paisagem do bairro, de sua associação com a chegada da modernidade da cidade e, ao mesmo tempo, com nuances do discurso do pitoresco, impulsionaram o desenvolvimento deste trabalho.

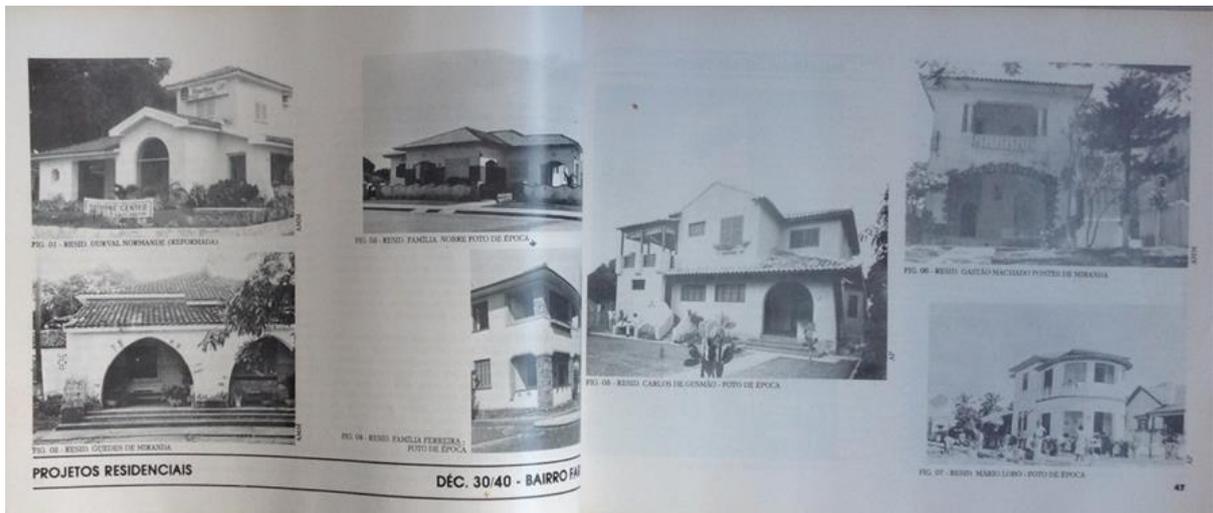
A aceitação internacional da arquitetura moderna, a consagração de obras modernistas brasileiras e a gestão do patrimônio nacional e ensino nas universidades lideradas por arquitetos modernistas contribuíram para certo preconceito e desvalorização em relação à arquitetura que se afastava do seu ideário. O eclético e suas variáveis foram objeto de tombamento apenas na década de 1990, mesmo sendo alvo de crítica: “Não vejo vantagem em tomar o neocolonial porque o neocolonial foi uma violência, uma coisa mal interpretada [...] era uma espécie de fantasia. Fantasias as casas para estar na moda, não era uma preservação inteligente”, dito por Lúcio Costa em entrevista em 1994 (SANT'ANNA, 1999, p. 115). Essa postura dentro da historiografia arquitetônica oficial resultou nacionalmente na carência de trabalhos que analisassem suas concepções espaciais e as novas contribuições e significações que trouxeram para o *modus vivendi* dos habitantes e para a cidade, sendo geralmente referidas e avaliadas apenas por seus elementos formais exteriores, qualificados como exógenos.

No Brasil, o registro documental e fotográfico na revisão das obras da arquitetura do século XX, como forma de melhor distinguir o cenário e trajetória das experiências locais em diversas cidades brasileiras, aconteceria a partir da década de 1980, promovido por várias universidades do país com estudos específicos que registraram e analisaram as produções locais, prioritariamente da arquitetura moderna, após o olhar pioneiro e abrangente do pesquisador francês Yves Bruand (1981). Outros livros surgiram inclusive sobre o Movimento Neocolonial de autoria de William Bittar.

Acompanhei como participante, na graduação a pesquisa acadêmica encabeçada pela professora Maria Angélica da Silva que nos levaria inclusive ao Rio de Janeiro, berço das referências que chegaram à Maceió na primeira metade do sec. XX. Lá entrevistamos nomes como Jorge Moreira, Lygia Fernandes e o próprio Bittar, um pesquisador da arquitetura neocolonial, estilo que sempre nos confrontávamos

como contraponto ao moderno. Esta pesquisa culminou com a publicação do livro “Arquitetura moderna: a atitude alagoana”, publicado em 1991, trazendo a reflexão sobre as expressões da almejada modernidade em residências do estado, de 1950 a 1964. Durante a investigação, havíamos nos deparado, nos arquivos dos profissionais, com estudos entre fachadas neocoloniais e modernas como alternativa à aparência externa da mesma residência. Essa constatação aflorou uma curiosidade latente sobre esses exemplares, já identificados no decorrer dessa pesquisa e pelas referências vindas de membros de minha família, despertando a atenção para o espaço que circundava meu cotidiano. Era inquietante desvendar o porquê - histórico e social - da escolha do proprietário por determinada forma arquitetônica condicionando seu morar.

**Figura 001 – Registros dos exemplares neocoloniais feitos durante a pesquisa**



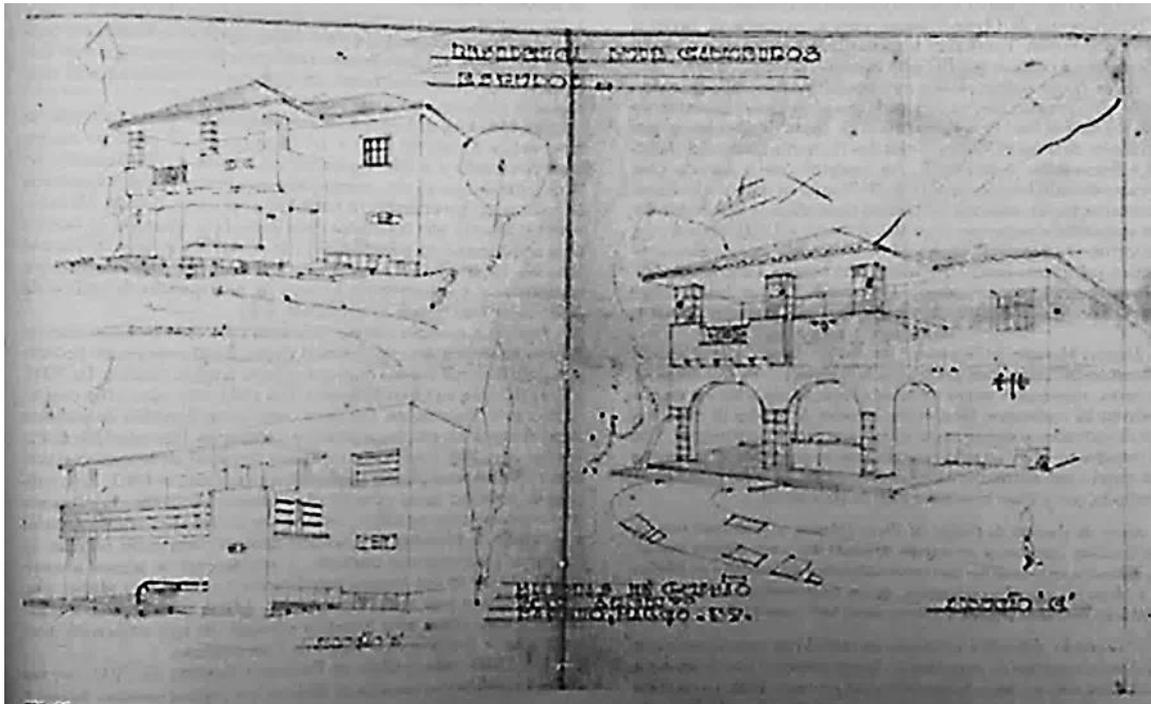
Fonte: Silva (1991, p. 46-47).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Observou-se o impasse do engenheiro arquiteto Manoel Messias de Gusmão<sup>1</sup> diante de seus estudos para fachada de uma residência, a opção pelo *Mission Style* e abandono de versões protomodernas, por ele desenhadas num mesmo papel.

<sup>1</sup> Manoel Messias de Gusmão (1910-1982) formou-se em 1934. Colega de turma de Niemeyer, convivendo com a primeira geração de arquitetos modernos, opta pela ala tradicional da ENBA (SILVA, 1991, p. 45).

**Figura 002 – Estudos de fachada residencial do arquiteto Messias de Gusmão, em 1939**



Fonte: Silva (1991, p. 59).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Esta dissertação buscou reduzir a lacuna existente em relação à temática como à história da arquitetura residencial em Maceió, da sociedade urbana local e da própria cidade de Maceió que exercia grande influência em todo estado. A intenção inicial foi repertoriar as moradias neocoloniais que marcaram esta época, porém através do amadurecimento do tema e com a contribuição das disciplinas “O corpo sensível e a percepção visual do espaço” e “Ontologia do espaço”, cursadas durante o Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado, propôs-se ultrapassar a preocupação da identificação estilística e refletir sobre o morar da época. Esta pôde ser interpretada através dos desenhos técnicos consultados como também pelas falas trazidas pela memória e registros fotográficos particulares do habitante da casa, quando tomada como espaço subjetivo.

O objeto da pesquisa foi centrado na vivência do morar nas casas do Farol em relação ao significado adquirido perante aos habitantes da cidade, dentro do intervalo temporal entre a comemoração dos primeiros cem anos da cidade, completados em dezembro de 1939, e o despertar da nova fase de desenvolvimento residencial de Maceió, na década de 1960, época de intensificação dos parcelamentos nos bairros próximos ao centro comercial e maior ocupação da orla marítima. O trabalho recorreu

a contribuições, à medida que se fazia necessário, de informações sobre a cidade e sobre a sociedade local advindas de diversas fontes, que enriqueceram e ampliaram sua compreensão.

No momento em que Maceió completa seus 200 anos e é atualmente palco de grandes transformações na conformação de seu espaço urbano, esta dissertação frequentou um período semelhante de expansão, com a formação de novos vetores de crescimento, novos bairros residenciais e de novos centros comerciais, ocorridos no século XX. Passados hoje 75 anos do recorte temporal abordado nesta dissertação, época em que ocorrera outro momento de intenso processo de transformação urbanística, confirma-se a importância do conhecimento sobre esse tempo passado na arquitetura residencial, como de sua compreensão e análise para colaborar na reflexão e proposição, na contemporaneidade, dos espaços de morar.

O distanciamento temporal em relação às décadas estudadas se por um lado favoreceu o “olhar estrangeiro” sobre o objeto morar, por outro não foi capaz de apagar meu olhar familiar sobre as casas fruto desse período, na paisagem do Farol da minha história pessoal. Quando as idas e vindas de São Paulo acentuavam ainda mais seu valor pela vivência do contraste na experiência do morar em um edifício moderno e observar um bangalô entre jardins. Esse olhar seletivo, seduzido pela memória de histórias do passado, mas também atento às demandas do presente e a confirmação de seu desaparecimento na paisagem, justificou a busca por datá-las, conhecer sua época, seus ocupantes e autores e as configurações espaciais que contornaram vivências que, até então habitavam apenas na imaginação de observador. O olhar sobre a casa extrapolaria a “casa da mente” para a casa no papel, projetada e documentada e que se consolidou em obra, voltaria à “casa sentida”, a que fora vivenciada pelos moradores e transportada com a emoção, de novo usando o papel como suporte, quando fotografada pela família.

O atendimento inicial aos questionamentos de ordem objetiva e que também sinalizaram para compreensões de ordem subjetiva, deu-se, além do empírico, das histórias e memórias, mas através de acesso aos desenhos arquitetônicos que compõem o acervo técnico da prefeitura de Maceió, e também de uma maturidade maior acerca do significado da casa, que o próprio estudo demandado pela dissertação, produziu. A investigação efetiva sobre essa extensa fonte primária propiciou um olhar mais sedimentado tanto quanto o entendimento sobre a forma do morar urbano aliado à vida e pensamento social da época, como permitiu uma visão

global sobre a produção arquitetônica na cidade como um todo nas décadas de 1940 e 1950. Pois com o mudar da casa mudaria também a fisionomia e hábitos da cidade.

Observando presentemente essas edificações do bairro do Farol, as vemos desvinculadas do uso residencial, afastadas de seus antigos donos e outras sequer mantendo suas características originais. Inevitavelmente, algumas já se mostram abandonadas, dando lugar a estabelecimentos comerciais ou, mais recentemente, sendo substituídas por edifícios residenciais verticais, modificando fortemente a paisagem local. Assim como essas casas, os antigos proprietários que nelas habitavam estão desaparecendo, o que torna ainda mais importante e urgente o registro de suas vivências em seus depoimentos e o acesso a suas recordações fotográficas que documentam aspectos essenciais de suas residências e, portanto, da história de vidas privadas e do bairro.

A dissertação pretende trazer à discussão o modo e significado de morar de uma parcela privilegiada da população que predominou na ocupação do bairro do Farol nas décadas de 1940 e 1950. Para a interpretação do morar, no que tange a seus espaços físicos, além de analisada a ocorrência dos ambientes sociais e de convívio – estar, jantar, copa/cozinha, gabinete - foi priorizado o olhar sobre as áreas domésticas limítrofes com o exterior - bairro e vizinhança - como o terraço, o jardim frontal e o quintal. Por entre as pranchas deste acervo o modelo “bangalô” foi se destacando. Utilizou-se o recurso de reunir, catalogar e sistematizar o acervo técnico produzido pelos diversos profissionais projetistas. A análise foi feita com a confrontação entre as duas décadas estudadas e sob variados aspectos, considerando que o enquadramento da produção seccionada por década não significaria ignorar a ocorrência de repetições e retornos a alguns usos antecedentes e que existiu permeabilidade entre elas durante a totalidade do período.

Os procedimentos metodológicos foram acomodados em quatro etapas distintas e tiveram como principal desafio interpretar os dados levantados no contato direto com fontes documentais primárias e inéditas.

O trabalho iniciou-se com a percepção e apreensão livre do objeto **casa** através de visitas e registros fotográficos das residências, deixando que seus espaços e formas transmitissem ao pesquisador emoções, associações simbólicas ou lembranças afetivas. A segunda etapa pautou-se por um processo mais técnico e exaustivo de investigação documental junto ao acervo dos arquivos de projetos arquitetônicos da Superintendência Municipal de Controle e Convívio Urbano de

Maceió (SMCCU), no período de 1940 a 1959, visando entender paralelamente tal experiência no contexto macro da arquitetura que esses exemplares representavam. Assim, um breve estudo do próprio bairro e da cidade fez-se necessário. Também foi feita uma pesquisa em bibliografia específica, teses e dissertações relativas à história da arquitetura, além dos principais periódicos especializados de grande difusão no país – Revista Acrópole, Revista Arquitetura e Urbanismo, Diretório de Arquitetura, em visita de estudo na própria Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, no mês de junho de 2015. Paralelo a isso, buscou-se acessar dados sobre a cidade e a sociedade da época através dos escritos históricos, dos jornais da cidade, da literatura de autores locais e de narrativas colhidas nos depoimentos de familiares de moradores da época.

Num terceiro momento procurou-se deter o olhar efetivamente sobre a casa e para o comparativo entre as configurações espaciais das décadas de 1940 e 1950, através da análise de uma amostragem de 59 projetos, guardando a proporção de produção arquitetônica entre as décadas que compunham o universo da pesquisa. A última fase envolveu a aproximação com a casa em seu universo simbólico através do que foi vivido pelos antigos proprietários e moradores o bairro, acessado através das suas falas e dos álbuns de família organizados como narrativas pessoais fixadas em imagens que atravessaram gerações. Foi enfatizado o olhar sobre a casa vivenciada e sua interface com a cidade, visto a flagrante relação entre modernizar os hábitos, e as consequências para a residência e a cidade. Com a compartimentalização do estudo em etapas de investigação, ficou mais clara a escolha da ordenação para os conjuntos de informações que se converteriam em capítulos coerentes com o processo de pesquisa, bem como a opção por um formato de adentrar através de um convite, cada vez mais profundo a sua intimidade: da casa geometrizada à casa dos espaços vividos. Os capítulos foram dispostos de forma a introduzir o leitor na compreensão dos vários universos: a cidade, a sociedade, o bairro, a casa, o morar, que apesar de apresentados separados guardaram entre si, interdependência e indissociabilidade.

Assim, o primeiro capítulo propôs situar e orientar o leitor no contexto da cidade de Maceió e no bairro Farol da época, buscando agregar referências nos acontecimentos históricos, nas intervenções espaciais mais significativas e em relatos literários que contribuíssem para a composição do cenário histórico-social do seu cotidiano, partindo dos dados da pesquisa arquitetônica. Mas também foram pesquisados dados nacionais e locais do IBGE, e os documentos e jornais de Maceió

encontrados no Arquivo Público de Alagoas (APA). Recorreu-se às crônicas e livros de autores maceioenses, por considerarmos ser a ficção uma importante fonte histórica enquanto nos remete à visão de mundo como aos valores e anseios que compuseram a mentalidade da época.

O segundo capítulo debruçou-se sobre a casa nos achados dos arquivos técnicos municipais, que revelaram um panorama para além da arquitetura do bairro, que sinalizaria a dinâmica da expansão territorial da cidade como um todo. Este capítulo pôde agregar informações complementares sobre Maceió, atingindo o campo urbanístico, acompanhando o desenvolvimento de outros bairros através da evidente intensificação de obras neste período. No que tange aos documentos técnicos, estes, propiciaram a composição de tabelas, a elaboração de infográficos e a seleção de um conjunto demonstrativo de casas para amostragem cujas apreciações sobre alterações nos programas de necessidades e arranjos de plantas compuseram o terceiro capítulo, formando relevante fundamentação para as análises as quais o trabalho se dispôs realizar.

Finalmente, o terceiro capítulo contendo os acervos privados de fotografia, pôde flagrar a ambiência da casa, onde figuras humanas circundadas pela arquitetura trouxeram a essência que escapara da descrição textual e que o desenho gráfico, por vezes sequer buscou contemplar. A fotografia encontrada nos álbuns de família pôde ilustrar os depoimentos dos que viveram nessas casas e contribuir para a leitura e interpretação de seus valores ou significados simbólicos. O exercício de percepção das imagens retratadas foi instrumento de análise do cenário da casa para o público e para a rua, do modo de viver dos moradores e de acepção desses espaços que, ao tempo que espelham a formação da sociedade, também a condicionam. As fotografias refletiam um momento em que a família de uma sociedade em transformação mostrava-se ao público, e insinuavam como a casa poderia conduzir, favorecer ou dificultar o convívio com a rua e como, aparecia revelado nas imagens fotográficas. Estas, também deram narrativa e significância à casa como registro afetivo, dando um contraponto para a reflexão sobre a criação dos espaços do morar contemporâneo e a significação que adquire enquanto modo de expressão do proprietário.

O trabalho ganha consistência quando mostra uma Maceió que, apesar de sempre reportada pelo alagadiço de suas lagoas e mangues e de seu litoral enaltecido à época por sua beleza contemplativa, teve seu momento de grande transformação afastada aparentemente de suas principais referências de natureza, mas voltada em

especial para o construído, para o anseio de uma vida modernizada, como era o “morar no Farol”. A natureza continuava presente, mas vista do alto, admirada através dos mirantes e dos terraços das casas que ocupavam as encostas do bairro.

## 2 FATOS E PESSOAS: MACEIÓ E O BAIRRO DO FAROL NOS ANOS 1940/1950

A Maceió, de terras alagadas, tracionada entre lagoa e mar, teve seu nome originado da denominação tupi "*Maçayó*" ou "*Maçaió-k*", que significa "o que tapa o alagadiço". Nas imagens atuais da cidade, está sempre associada à natureza, às encostas e mirantes que marcam seu relevo e ao verde de seus coqueirais, sítios e muitos quintais, mas especialmente, às águas, dando cor a sua paisagem.

**Figura 003 – Vista da orla de Maceió, a partir do mirante São Gonçalo, na encosta do bairro do Farol**

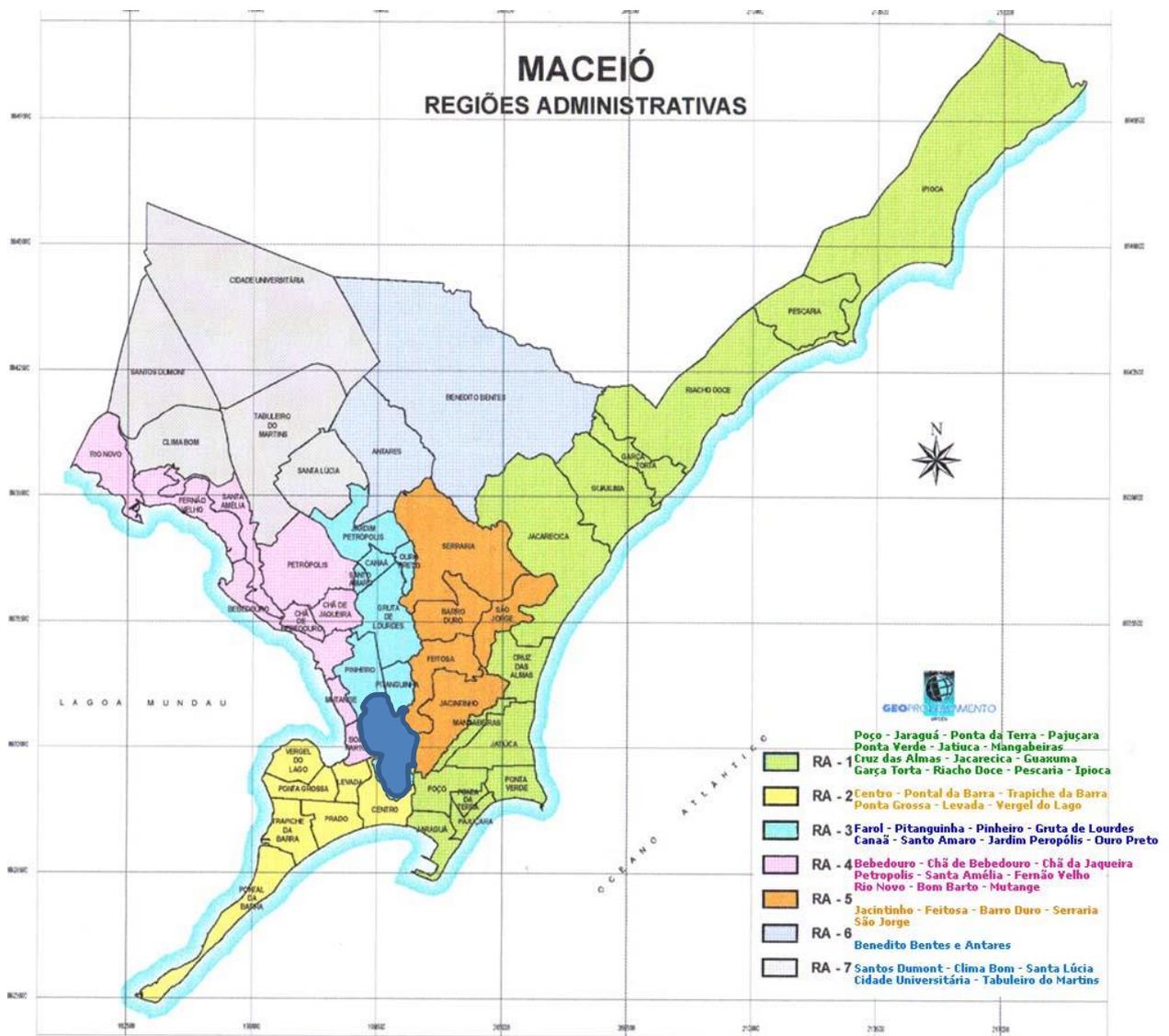


Fonte: Matos (2015).

A jovem capital do estado de Alagoas surgiu de um impasse político e econômico, estando próximo à antiga capital, Alagoas da Lagoa do Sul, atual Marechal Deodoro que, junto com Penedo e Porto Calvo, compunham o desenho inicial do território. Segundo o IBGE, até a década de 1930 crescera lentamente e só após o decreto estadual de 1938, os distritos de Bebedouro, Farol, Fernão Velho, Jaraguá, Pajussara e Poço, foram anexados ao distrito sede Maceió, como zonas administrativas.

A cidade dividida em três planos distintos: baixada litorânea, o platô intermediário do centro e o nível dos tabuleiros, conta hoje com cinquenta bairros e oito regiões administrativas. Na divisão do mapa atual, o bairro do Farol configura como pertencente à região administrativa RA-3, juntamente com os bairros de Pitanguinha, Pinheiro, Gruta de Lourdes, Canaã, Santo Amaro, que eram referenciados anteriormente como componentes de um único bairro, o “Farol”, além dos bairros Jardim Petrópolis e Ouro Preto, sendo estes dois últimos ainda inexistentes no recorte temporal da pesquisa.

**Figura 004 – Mapa atual da divisão de Maceió em regiões administrativas compostas pelos bairros**



**BAIRRO DO FAROL.**

Fonte: SEMPLA (2005). Adaptado pela autora.

Em termos da relação espacial do Farol com os demais bairros na cidade, este ocupava uma posição estratégica, localizando-se entre a orla litorânea e a região mais elevada do tabuleiro – o Tabuleiro do Martins que abrigava a estrada de entrada Norte de Maceió. O relevo da cidade ainda favoreceria o bairro, dotando-o de vistas panorâmicas, tanto para o Oceano Atlântico quanto para a Lagoa Mundaú.

Desde fins da década de 1930 atravessava-se um período de grandes transformações que refletiam os valores, costumes e influências absorvidas inclusive e principalmente pelo grupo social que adotaria o bairro do Farol como moradia. O escritor Dirceu Lindoso, pesquisador da cultura alagoana, já afirmara que:

Um espaço social não se constitui apenas numa configuração de ordem política e social. E para usar a noção cunhada por Henri Léfèbvre, podemos dizer que o espaço social é uma realidade onde ocorre a transformação das práticas sociais em práticas espaciais (LINDOSO, 2005, p. 35).

Acreditando serem as configurações espaciais tanto fruto como raiz das práticas sociais e considerando o espaço doméstico uma importante peça no estabelecimento dessas práticas, vê-se a sua contribuição para determinar o aspecto formal da casa, seu entorno e a definição de suas interações. O conhecimento de informações sobre como a população de Maceió encarava o espaço privado de suas residências, os espaços públicos da cidade e suas interseções foram fundamentais para compreender a vivência que envolveu os espaços do morar neste período.

Maceió, situada numa região predominantemente dominada pela oligarquia agrária alcançou a condição de vila, cidade e capital dentro de poucas décadas durante o século XIX e a transferência como sede administrativa para suas terras, deu-se principalmente por sua excelente localização na enseada do Jaraguá e impulsiona o desenvolvimento de uma burguesia mercantil suscitada pela operação do porto natural que facilitava a exportação de açúcar, algodão e de madeiras de construção naval (MARQUES, 2013).

Assim, em termos de patrimônio edificado, não era de se aguardar a existência de relevantes heranças coloniais. Contudo, seu desenho inicial apresentou traços da tradição construtiva nordestina, com ruas estreitas, bordeadas por casas geminadas, de um ou dois pavimentos, que continuaram a ser construídas mesmo após os prédios notórios da nova capital, já em estilo eclético.

**Figura 005 - Vista de Maceió, a partir do Alto do Farol**



Fonte: Cabral (2011).

O arruado abria-se em largos que, aos poucos, foram recebendo as edificações públicas condizentes com a cidade, como o Palácio do Governo (1902), a Intendência Municipal (1910), o Tribunal de Justiça (1912), o Teatro Municipal (1910), todos em linhas ecléticas, símbolo de europeização e modernidade e desenhadas por um único arquiteto, o italiano Luigi Lucarini (1842-1907), aqui residente desde 1875.

**Figura 006 – Aspectos da cidade: o arruado e as edificações públicas ecléticas**



Fonte: Maceió Antigo (fanpage) (2016). <[www.facebook.com/groups/maceioantigo](http://www.facebook.com/groups/maceioantigo)>.

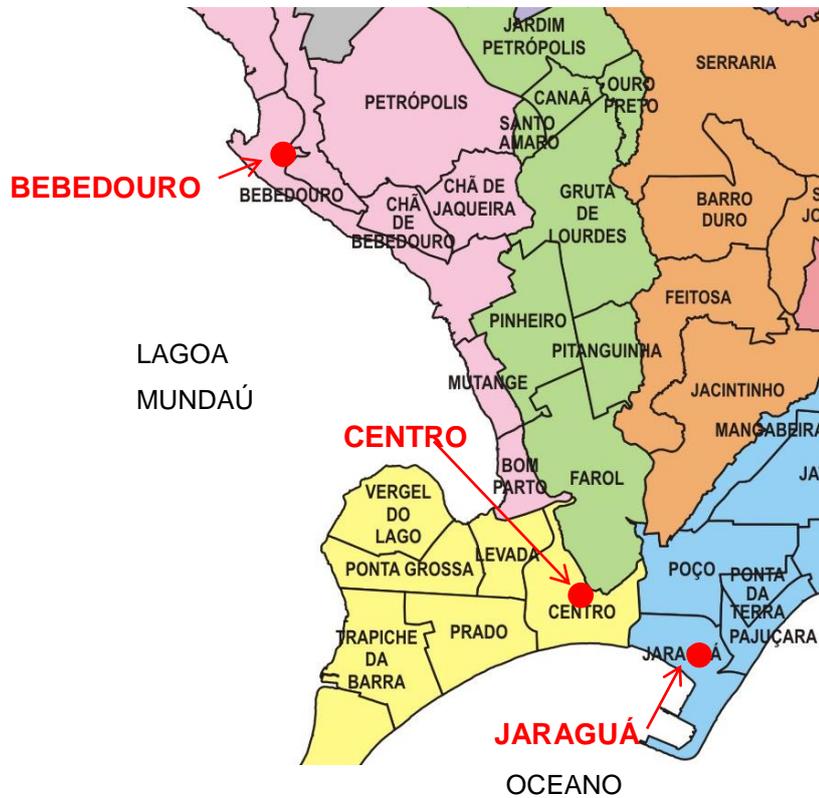
Em relação às residências da década de 1930, as mais distintas e imponentes miravam-se nos prédios monumentais públicos e junto aos elementos próprios da arquitetura doméstica reproduziram seus detalhes decorativos, mais ainda sem abandonar o formato da casa geminada tradicional. É o que comenta Diégues Júnior<sup>2</sup>:

O gosto pelo azulejo nas fachadas, os enfeites no alto das casas – as pinhas, as figuras mitológicas, os abacaxis; as casas imprensadas umas nas outras, quase sem ar, sem ventilação (DIÉGUES JR, 1939, p. 156).

Os principais exemplares localizavam-se no centro da cidade, no bairro de Bebedouro e posteriormente na região à beira mar da Avenida da Paz antes conhecida como Aterro de Jaraguá. Nesses palacetes residiam as famílias mais tradicionais da sociedade maceioense. A cidade até então crescia próximo as suas águas – lagoa e mar.

<sup>2</sup> Manuel Baltazar Pereira Diégues Júnior (1921-1991) formado em 1935 em Pernambuco. Escritor, sociólogo, jurista e folclorista, divulgou pesquisas que o situaram como um dos primeiros cientistas sociais do Brasil, ao lado de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda (TICIANELI, 2015a).

**Figura 007 – Mapa de localização dos bairros do Centro, Bebedouro e Jaraguá**



Fonte: SEMPLA (2005). Adaptado pela autora.

O bairro do Farol constituído na interseção desses dois eixos foi ocupado por famílias que migraram dos bairros formados a partir dessas duas polaridades que impulsionaram sua história: Centro e Jaraguá pelo mar através do porto, e Bebedouro, pela lagoa.

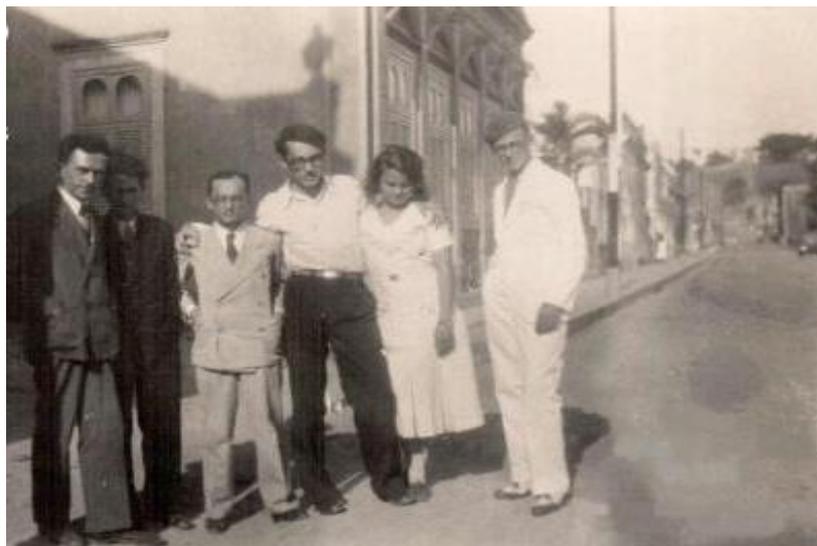
**Figura 008 – Residências ecléticas nos tradicionais bairros do Centro e de Bebedouro**



Fonte: Maceió Antiga (fanpage) (2017). Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/MaceioAntiga>>.

Com as novas prerrogativas econômicas geradas pelo regime republicano, o movimento demográfico de Maceió vê-se incrementado. O censo de 1900 já revelara uma população de 36.427 habitantes, que em 20 anos se duplicaria e em 1938 chegaria a 143.895 (DIÉGUES JR, 1939). Neste período, a cidade conviveu com um movimento cultural na área literária, liderado por um grupo formado por escritores Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima e Aurélio Buarque de Holanda, que influenciaria pensamentos, hábitos e a mentalidade da sociedade provinciana local.

**Figura 009 - Intelectuais do movimento literário formado em Maceió, na década de 1930**



Fonte: Silva (2011, p. 93).

Obs.: Da esquerda para a direita: Graciliano Ramos, Aluísio Branco, Théo Brandão, José Auto, Rachel de Queiroz e Waldemar Cavalcante

Nesse período em Maceió, por coincidência, Zé Lins morava lá, engraçado. [...] E o Aurélio Buarque de Holanda também morava lá; era de lá. Era uma roda de tantos que depois vieram para cá! Então a gente tinha um botequim, um café, um ponto chique de Maceió, onde a gente reunia-se todas as tardes a tomar um choppinho, um cafezinho, a conversar (SORÁ, 1997 apud SILVA, 2011).

Em meio a este ambiente cultural, a codificação do “moderno” chegaria para além da iniciativa de intelectuais literatos que traziam à discussão o momento artístico e social. Também a fantasia das telas do cinema e os anúncios de revistas despertavam o gosto por consumir bens manufaturados de uso pessoal e doméstico de origem norte-americana. Como comenta Kornis (2015) em artigo sobre a era JK, no Brasil de maneira geral, germinava um espírito de otimismo e de esperança, um novo modo de viver propiciado pela produção. Félix Lima Júnior<sup>3</sup> em seu livro *Recordações da Velha Maceió*, mesmo não sendo unânime esse posicionamento, tratou com certo saudosismo, sobre a chegada, nos anos 1940 dessas mudanças na cidade:

Tudo passou, tudo se transformou. Os tempos mudaram. Civilizou-se a cidade. Ao toque dos clarins e o rufo cadenciado dos tambores chegaram o progresso, os novos costumes, desfilando aos nossos olhos o modernismo, os banhos de mar a fantasia, o “americanismo”, as misses, as melindrosas, os almofadinhas, os brôtos, as balzaquianas, a juventude transviada (LIMA JR, 1966, p. 25).

Havia a sensação que o progresso havia chegado. Obras como o Pronto Socorro, o Mercado Municipal e o cais do porto já confirmavam na década de 1940, a ação modernizante e higienista na paisagem urbana. Foi o momento também da ocupação da Praia da Avenida, do início da Pajuçara e do bairro do Farol, este mencionado por Diégues Júnior como a zona residencial mais elegante da cidade, pois dizia que “para o turista que quer coisas modernas – bangalôs, avenidas, construções mais ou menos suntuosas... o arrabalde é o Farol” (DIÉGUES JR, 1939, p. 218).

Em termos demográficos, dentre 15 capitais brasileiras reportadas pelo IBGE, Maceió ocuparia, em média, durante as décadas de 1940 e 1950, o 12º lugar do país, enquanto que a capital, Rio de Janeiro, manteve a maior concentração populacional,

---

<sup>3</sup> Félix Lima Júnior (1901-1986) foi um dos maiores cronistas da história de Maceió, autor de dezenas de textos que registram com apuro, humor e elegância a vida na cidade na passagem do século 19 para 20. (LIMA JR. apud AGENDA A, 2014). Disponível em: <<http://agendaa.com.br/vida/gente/2947/2014/12/25/um-natal-antigo-em-maceio-por-felix-lima-junior>>.

seguida dos municípios de São Paulo, Recife, Salvador e Porto Alegre, que reunidos correspondiam a 9,6% da população total brasileira, porém estando menos da metade na área urbana. Segundo ainda o IBGE, em 1940, com 2/3 da sua população concentrada nas áreas rurais, o país possuía características eminentemente agrícolas, com forte presença da agricultura de subsistência e do grande latifúndio. Nesta década, o estado de Alagoas ocupava a terceira posição no ranking nacional em densidade demográfica, com 34 hab./km<sup>2</sup>. A capital alagoana comportaria 90.253 hab. em 1940, 120.980 hab. em 1950, chegando ao ano de 1960 com 170.134 habitantes (IBGE, 2007), mostrando que houve quase a duplicação de sua população de uma década para outra.

A população maceioense que morava nas áreas centrais da cidade já dividia espaço desde a década de 1930, com edificações voltadas para o uso comercial. No centro da cidade, chamado na época simplesmente de “Maceió”, os sobrados e as casas de meia-morada ambos geminados, com pouca testada e implantados em lotes estreitos com quintais ao fundo, obedeciam ainda ao parcelamento de herança colonial, porém já adotavam uma composição externa diversificada, mais limpa e geométrica. Essa tipologia de casa de meia-morada continuaria a participar enormemente da paisagem urbana maceioense, pois seria recorrida todas as vezes que o terreno para implantação da edificação apresentasse dimensões restritas impossibilitando os recuos.

**Figura 010 – Casas geminadas que ocupavam os arredores da região central de Maceió, na década de 1930**



Fonte: Maceió Antiga (fanpage) (2017). Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/MaceioAntiga>>.

Paulatinamente, os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços dominaram a ocupação das edificações, movimentando e adensando ainda mais suas tortuosas ruas centrais. Esses estabelecimentos mantiveram a antiga configuração geminada incorporando letreiros e anúncios em suas fachadas.

**Figura 011 – Aspecto do centro comercial de Maceió, na década de 1930**



Fonte: Cabral (2011).

Essa modernidade e dito avanço tão apregoados nos escritos da época, também passariam a refletir-se no espaço do morar, imprimindo o desejo de estar em consonância com as novas tendências nacionais e internacionais. Na década de 1930, após a revolução, Alagoas já sob intervenção federal, apresentou relativo crescimento e modernização. Mas, manteve as antigas tradições da aristocracia rural, que resvalariam para a classe burguesa em Maceió juntamente com os prósperos comerciantes. Os palacetes de gosto eclético, alguns menos outros mais excêntricos, já haviam rompido em parte com a predominância das casas geminadas de meia-morada, revelando a nova feição civilizada da cidade e a ascensão da burguesia. Graças à exigência de ventilação e iluminação direta em todos os cômodos determinada pela reformulação do Código de Posturas do Município datado de 1911, os recuos e jardins laterais já eram habituais nessas edificações ecléticas.

Em relação à aceitação do exógeno, a presença de imigrantes poderia favorecer a valorização e incorporação de novos costumes e por vezes, o desprestígio dos tradicionais em algumas partes do país (AMARAL, 2009), mas sem grande força na cena alagoana. Havia, inclusive, a proximidade com o movimento do regionalismo

tradicionalista de Pernambuco, estado vizinho e importante referência cultural, encabeçado pelo sociólogo Gilberto Freyre que, como anti-modernista, defendia a exaltação da cultura nordestina adaptada ao meio. Contudo, o pensamento é considerado, segundo Mariza Veloso, plenamente inserido no horizonte modernista no tocante ao conhecimento e à nova interpretação da cultura brasileira que influenciaria a produção regional da arquitetura. Freyre promoveu uma profunda renovação nos conceitos de memória, tempo e história, repercutindo diretamente sobre o modo de compreensão da categoria tradição. Discutia a relação do Brasil, em especial o Nordeste, frente às culturas europeias e enfatizava que a singularidade da sociedade brasileira consistia na experiência da permeabilidade entre as tradições culturais aqui existentes e as que chegavam de fora (VELOSO, 2000). Maceió, porém, até 1940, continuaria pouco acessada pela imigração estrangeira, gerando pouco contato direto com influências de membros de países distantes. Segundo índices do IBGE, em 1940 a proporção da população estrangeira no Nordeste era de 0,1%, muito inferior em relação às demais regiões brasileiras como comprovam os dados: Norte =1,2%, Sudeste= 5,8%, Sul= 2,9%, Centro-oeste= 2,1% (IBGE, 2007).

A literatura mostra que a população na década de 1940, já expõe um comportamento diferente em relação à cidade e a rua. Foi uma época em que a vida social apresenta-se intensificada e os espaços públicos de convívio, como praças e mirantes foram mais utilizados pela população. A rua que para o homem era a liberdade, para a mulher não significaria mais a perda de virtude. Este pensamento foi relatado na crônica do escritor Diegues Jr. sobre o contexto da Maceió em princípio da década de 1940:

[...] o contato com a rua não é mais privativo dos moleques, dos negros, dos vagabundos, das mulheres perdidas. As famílias já procuram as ruas..." pois "... a frequência à praça – oportunidade de contato coletivo para amostra de vestidos, de chapéus, de sapatos, tão ainda ao gosto da cidade – tornara-se mais assídua (DIÉGUES JR., 1939).

**Figura 012 – Convívio com o espaço público e os moradores no bairro do Farol**



Fonte: Acervos particulares de diversas famílias.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

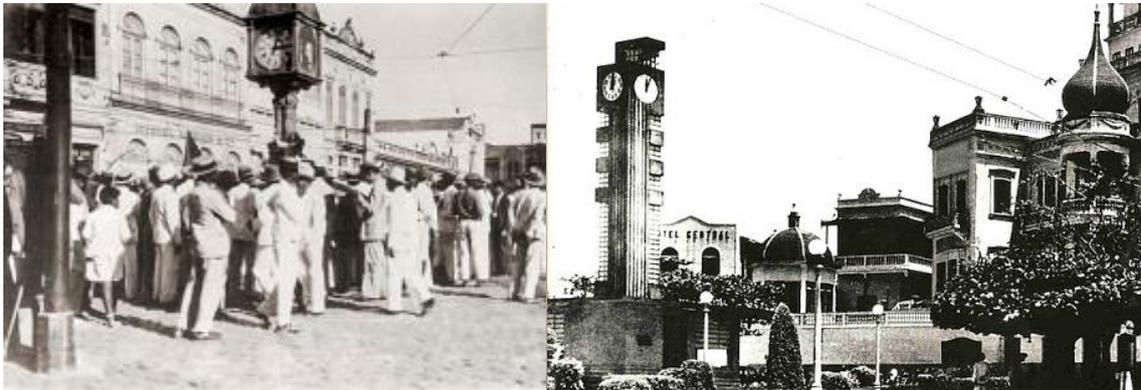
A sociedade urbana maceioense, de acordo com depoimentos, era vinculada ao funcionalismo público, à produção de manufaturas, ao comércio ou mesmo ainda atrelada a raízes rurais originadas do plantio de cana-de-açúcar e algodão experimentava e usufruía dos espaços externos arborizados estabelecendo conexões emocionais e sensitivas com as áreas públicas, com as edificações significativas de seu bairro e com as pessoas da vizinhança.

Maceió do início do século XX já fora descrita com memórias sensoriais realçando o passado do bairro de Jaraguá, local dos armazéns de açúcar próximo ao porto, e assim relatado por Luiz Nogueira Barros sobre a década de 1940:

[...] do cheiro de mel que os caminhões tanques derramavam sobre os paralelepípedos antigos, em direção do velho Caís do Porto construído por contingências da Segunda Grande Guerra Mundial. Dali o mel seguia para portos distantes de Maceió, impregnando todo o bairro com seu cheiro delicioso (BARROS, 2011).

Porém, o poder municipal e os habitantes da época desejavam outros ares além do aroma do melaço: os do desenvolvimento urbano. A renovação ocorrida na cidade manifestou-se tanto com o nivelamento e alargamento de ruas como com a criação de novas praças, nos bairros do Centro, Jaraguá, Poço, Levada e principalmente no inovador bairro do Farol. Nas primeiras décadas do século XX, Maceió já contava com iluminação elétrica e inovações urbanas como os relógios públicos, que eram uma referência de civilidade da cidade.

**Figura 013 – Rua do Comércio e Praça dos Palmares: relógios públicos marcavam as cidades desenvolvidas**



Fonte: Acervo de imagens do Arquivo público.  
Disponível em: [luizsavioidealmeidablogspot.com](http://luizsavioidealmeidablogspot.com)

Uma evidência de progresso também observada, acompanhando os jornais maceioenses do início dos anos 1940, foi uma notória evolução do comércio local e a proliferação de anúncios de novos produtos, inclusive importados, e de lojas, fábricas e serviços de empresas nativas, de prestação de serviços, de profissionais liberais, representantes comerciais, empresas construtoras e hotéis, dentre outros.

**Figura 014 – Anúncios de jornal traziam as novidades do comércio de Maceió**



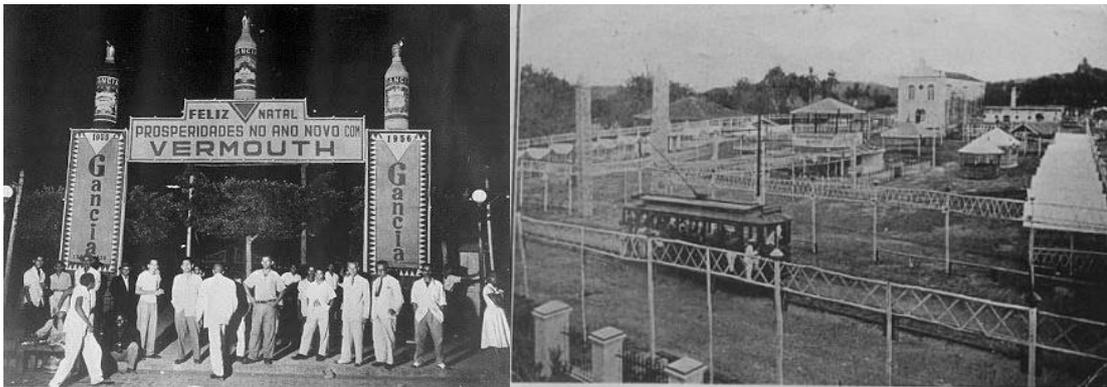
Fonte: Jornal de Alagoas (1940). Acervo APA.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Muitos dos anúncios publicados nos jornais da época já disponibilizavam para os clientes o número de telefone da empresa, mesmo sendo um objeto ainda raro nas residências maceioenses. Com maior acesso e diversidade em relação ao consumo de produtos, a população estimulava o aparecimento em público em comemorações particulares ou celebrações de festejos populares.

A vida social na década de 1950 mostra-se incrementada por festas, privadas ou de clubes fechados, embaladas por novos ritmos musicais que eram geralmente

reportadas nos jornais como pela coluna social intitulada “Notas Mundanas” do Jornal de Alagoas. Compunham também os divertimentos da época, encontrados fora do bairro do Farol, os cinemas, teatros, retretas dominicais, apresentações e festejos folclóricos e habituais eventos temporários realizados em praças públicas como a Festa da Mocidade ou as festas natalinas nos bairros da parte baixa da cidade – Prado e Bebedouro (LIMA JÚNIOR, 1956).

**Figura 015 – Festas natalinas na Praça da Faculdade (bairro do Prado) e na Praça Santo Antônio (bairro de Bebedouro), década de 1950**



Fonte: Maceió Antiga (fanpage) (2017). Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/MaceioAntiga>> e <<http://contextotribuna.blogspot.com.br>>.

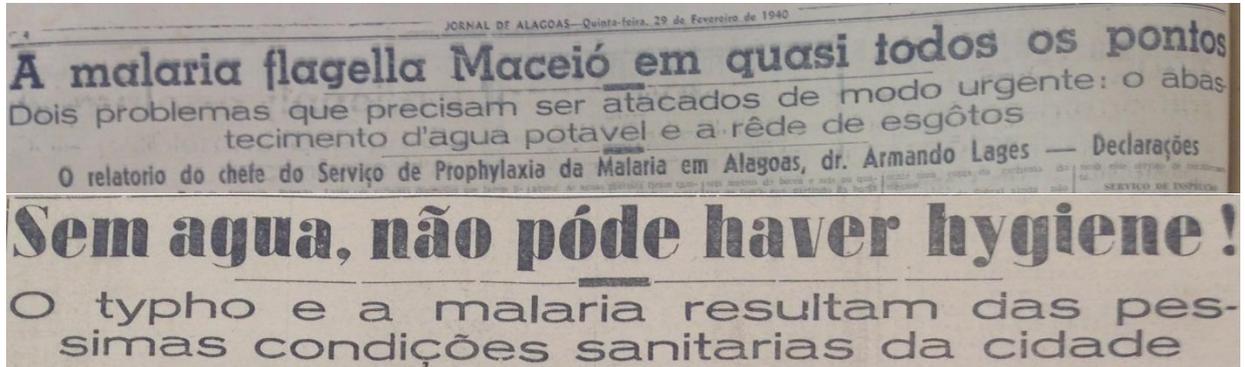
Eram bastante tradicionais e concorridas as festas de rua de final de ano, pois, conforme descreve Félix Lima Júnior, a família maceioense apreciava o pastoril bem organizado e outros folguedos natalinos. Vendedores ambulantes ofereciam refrescos, o guaraná Ceci – refrigerante fabricado localmente - roletes, cocada, bolos, sorvete, amendoim torrado, pipoca, farinha de milho, broas, alfenim e manuês, munguzá, tapiocas e grude de goma e passeavam por entre as várias barracas exclusivamente para jogos, que formavam uma longa rua que terminava nos trilhos da estrada de ferro *The Great Western of Brasil Railway Co*. “O barulho dos dados rolando no cimento atraía outros viciados...” e na noite de natal, havia a missa campal para a população (LIMA JÚNIOR, 1956).

Certamente o fornecimento de energia intensificara na população o consumo, as atividades noturnas e os hábitos “civilizados”. Com a maior possibilidade de ocupação e de crescimento do espaço cidadão, houve também maior reivindicação por uma infraestrutura mais condizente.

Os jornais afirmavam: “Maceió progride a passos largos” e traziam promessas de melhoramentos para o município, mas também eram veículos de diversas

denúncias e queixas sobre os problemas de epidemias e deficiência no abastecimento d'água e nas condições sanitárias (Figura 016).

**Figura 016 – Manchetes nos jornais sobre a situação negativa da cidade**



Fonte: Jornal de Alagoas (29 /fev/1940). Acervo APA.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O novo local para estabelecer residência pode ter sido influenciado, em parte, pelas ideias sanitaristas estabelecidas em Maceió desde o início do século XX, que condenavam o amontoamento das cidades e aconselhavam o abandono da área central da cidade pela concentração de escritórios, comércio, repartições públicas, grande fluxo de pessoas e mercadorias, com ruas estreitas e com alto risco de surto de epidemias. A preocupação com a higiene atingiu até o espaço de morar, que deveria ser promotor dos ideais de salubridade e conforto para moradores e estendida também às intervenções nos espaços públicos. Exemplo disso foi a reforma do Mercado Público que antes “cheirava à fruta e matadouro” (IVO, 2005, p. 17) no bairro da Levada, elaborada em 1902, por Lucarini, com “acomodações exigidas pela hygiene moderna” e pátio interno com chafariz, como mencionado em relatório da Intendência de Maceió (AMORIM, 2010, p. 69;71).

**Figura 017-Trecho ampliado do mapa atual da divisão de Maceió em regiões administrativas**



Fonte: SEMPLA (2005). Adaptado pela autora.

“Para o maceioense oitocentista, que viveu o medo da contaminação pelos miasmas e da morte pelo *colera morbus* que pairava sob a cidade” (FORTES, 2011, p. 83), a presença de equipamentos considerados nocivos à saúde, como hospitais, asilos, matadouro, os cemitérios públicos da cidade no afastado Trapiche da Barra e na Levada e de áreas pantanosas próximas à lagoa Mundaú, descartavam os bairros para implantação de residências (FORTES, 2011). Assim, a opção pelos terrenos elevados na área afastada desses focos seria bem acolhida pela população com melhor poder aquisitivo.

Em Maceió, a desistência em 1850 da implantação do cemitério público no morro do Jacutinga, que seria nas proximidades da Cambona, em favor do Trapiche da Barra, contribuiu para a condição salubre e para a valorização dos terrenos do Farol. A decisão foi justificada porque os ventos poderiam transportar as emanações miasmáticas (resultado da putrefação dos corpos) do tabuleiro para Maceió e pela possibilidade de contaminação dos recursos hídricos existentes na área (FORTES, 2011).

Nesta época no Brasil, as famílias eram tradicionalmente muito numerosas apresentando em 1950, segundo o IBGE, uma média de 7,5 filhos por casal e, particularmente as do Nordeste eram ainda maiores, agregando parentes pobres ou do interior ou abrigando “protegidos”, o que influiria diretamente no modo de convívio familiar, no aspecto e funcionamento espacial do morar. A década de 1940 correspondeu, portanto, a uma etapa significativa na paisagem urbana de Maceió, inclusive no aspecto residencial. Como já dito, coronéis e barões moravam até o início

do século XX em Bebedouro, bairro próximo à orla lagunar, que passou a ser considerado insalubre, até quando é referenciado por Graciliano Ramos no livro *Angústia*: “[...] à direita os palacetes que tem os pés na lama, junto ao mangue [...]” (RAMOS, 2012, p. 12). Foi essa tradicional parcela da elite maceioense que se aliaria aos novos bacharéis na transferência da parte alta da cidade, que mesmo próxima ao centro oferecia tranquilidade, clima saudável e o afastamento de zonas úmidas e contaminadas.

Avançando no tempo e abordando a década de 1950, vê-se que a latente preocupação sanitária interferiu não só na escolha do bairro para moradia, mas nas atividades de lazer, que passaram a ser mais frequentes em locais fechados, como clubes, cinemas e cabarés, afastado das ruas e praças em áreas de contaminação, próximas às lagoas – Bebedouro e Levada – e alterando os costumes locais. Nos anos 1950 e início dos 1960, novos clubes sociais foram construídos, como o late Clube Pajussara e Alagoas late Clube. Este último erguido na praia da Ponta Verde, onde havia até 1955 o famoso Gogó da Ema, coqueiro que lembrava o pescoço da ave e era local de visitação, encontros amorosos e inspiração para fotógrafos e pintores. Zona de pescadores, até fins da década de 1950, os bairros litorâneos eram em grande parte apenas imensos sítios de coqueiros cujas praias eram admiradas mais pela paisagem do que apreciadas para banho (TICIANELI, 2015b).

**Figura 018 – O famoso coqueiro Gogó da Ema e casas dos sítios na praia da Ponta Verde, década de 1950**



Fonte: Maceió Antiga 02. Disponível em: <[alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html)>.

**Figura 019 – Vista atual do bairro da Ponta Verde**



Fonte: Praia da Ponta verde (Ago de 2015). Disponível em: <<http://www.maceio.com.br/guia-turistico/praias/2015/08/praiade-ponta-verde.html>>.

**Figura 020 – Morador da época e a Miss Alagoas Bertini Mota (1955) frente ao Gogó da Ema**



Fonte: Acervo particular e Cavalcante (apud AGENDA A, 2015. “Areal na Pajuçara? Livro resgata imagens de Maceió dos anos 1960 e 1970”. Disponível em <http://agendaa.com.br/vida/gente/4421/2015/10/05/areal-na-paju%C3%A7ara-livro-resgata-imagens-de-maceio-dos-anos-1960-e-1970>).

Os jovens maceioenses e conhecidas personalidades como a Miss Alagoas de 1955, fotografada por Japson Almeida, posavam diante do maior referencial simbólico

e afetivo de Maceió. O Gogó da Ema, muito lembrado até os dias atuais pelos habitantes da cidade como nosso antigo cartão postal por décadas, tombou definitivamente em julho de 1955.

Com seus melhores trajes, moradores também buscavam ser fotografados utilizando, como pano de fundo, as imagens de civilidade da Maceió – os monumentos no centro das novas e antigas praças remodeladas.

**Figura 021 – Habitantes de Maceió posando em alguns dos marcos referenciais da cidade. Praça do Centenário e Praça Deodoro. Década de 1950**



Fonte: Acervo particular de um habitante.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Nota-se pela escolha dos pontos fotografados, certo orgulho dos habitantes, principalmente em relação a sua cidade que prosperava. Isso contribuiu para evidenciar o hábito do convívio nos espaços públicos, que apresentavam jardins compostos por arbustos modelados em topiaria, passeios, bancos, lagos, atravessando pleno processo de modernização e como ressalta o escritor Carlito Lima, mostrava-se próspera, mas ainda pacata e acolhedora.

Maceió vivia uma época áurea, anos 50, tempos de Arnon de Mello governador, boa qualidade de vida, a cidade parecia uma só família. Ainda não acontecera a invasão dos trabalhadores rurais procurando melhoria de vida, inchando a urbe, ocupando áreas à beira do Rio Salgadinho, o maior desastre urbano – ambiental da cidade. Devido à

falta de política agrária, nos anos 60 aconteceu esse perverso êxodo dos camponeses à capital (LIMA, 2016).

Antes desse inchaço ocorrido na cidade na década de 1960, a sociedade de Maceió cultivava relações baseadas em laços de parentesco, do conhecimento da origem familiar, que resultavam num clima de proximidade no convívio entre os habitantes. As influências e os privilégios decorrentes dessa condição prevaleceriam a despeito do anseio de modernização da sociedade.

Com o crescimento da cidade, as demandas pelo adensamento urbano e a valorização das zonas de praia novas configurações foram surgindo para o bairro Farol. Aos poucos, as casas edificadas nas décadas de 1940 e 1950, de lotes mais amplos, com ares de sítio, sombreadas por árvores frondosas, foram gradativamente deixando o uso residencial, passando a sediar negócios ou serviços ou mesmo desaparecerem da paisagem para o surgimento dos prédios verticais.

Dois acontecimentos destacaram-se no contexto das décadas, recorte deste estudo: o episódio mundial da Segunda Grande Guerra, que também repercutiu na cidade, e a ascensão da figura feminina, que refletiu na condução da vida doméstica local.

## **2.1 A guerra transformando a cidade**

Durante a Segunda Guerra Mundial o contato com a cultura *yankee* em Maceió fortaleceu-se com a permanência dos soldados americanos na cidade que abrigou uma base militar. Esse foi um capítulo da história local, que convém deter-nos pela repercussão social gerada na Maceió provinciana, que se admirava com as novidades do mundo americano. As recordações nostálgicas dos habitantes da época sobre esses fatos misturaram-se às suas memórias afetivas da antiga Maceió, quando, segundo o IBGE, menos de 19% da população alagoana era escolarizada e quase 80% analfabeta. O período de guerras alteraria o cotidiano normal da cidade com a prática do blackout, motivo de grande apreensão para os moradores que, temendo ataques inimigos mantinham as luzes apagadas ou colocavam panos pretos nos vidros das janelas de suas casas. A dinâmica normal da cidade também fora modificada:

de 1916 a 1949 os céus maceioenses foram “varridos”, à noite, pela intensa faixa de luz, de duas cores, do farol antigo, demolido em 1954.

Menos, é claro, durante o *black out* no período das duas grandes guerras mundiais, quando os submarinos inimigos e corsários de superfície rondavam as costas brasileiras (LIMA JR, 1966, p. 23).

Havia atividades de simulação de bombardeiro aéreo cujos sinais de alerta eram dados pelos sinos da igreja rompendo a mansidão da pacata Maceió. Esses exercícios da chamada defesa passiva antiaérea ocorriam também em outras cidades alagoanas trazendo a guerra para mais próximo do dia a dia da sociedade, juntamente com os novos hábitos de consumo – cigarros, chicletes, coca-cola, a invasão do dançante *foxtrot* e no trajar com o militarismo na moda.

**Figura 022 – Manchete sobre *black-out* nas cidades vizinhas de Maceió**



Fonte: Jornal Gazeta de Alagoas (julho de 1942).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

**Figura 023 – Moda militar influenciava o mundo na época da guerra, década de 1940**



Fonte: Skull (2013).

**Figura 024 – Romance entre jovem de Maceió e soldado americano**



Fonte: Normande (2015, p. 82).  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O contingente de jovens soldados em Maceió foi aumentado com a chegada e convívio de tropas brasileiras vindas de Recife e São Paulo, movimentando a cidade e transformando os costumes provincianos (NORMANDE, 2015). Em outubro de 1942 Maceió receberia o Grupo de Artilharia II/4º R.A.M., que se instalou no prédio da antiga fábrica de tecidos Santa Margarida na esquina da Avenida da Paz em Jaraguá, enquanto que o 22º BC ficou alojado em galpões construídos pelas forças americanas a beira da Lagoa Mundaú (Ver mapa da Figura 049). Esses galpões depois foram doados para abrigar famílias pobres do bairro. As instalações construídas no Tabuleiro dos Martins em fevereiro 1943 pelos americanos para abrigar os famosos dirigíveis *blimps*, deram origem ao Aeroporto dos Palmares. Local quase inabitado onde a aviação americana já fazia exercícios de tiro real, quando Maceió era base aérea para abastecimento, treinamentos dos pilotos que combatiam no norte África e ponto de apoio para a vigilância do Atlântico Sul (GAMA, 2006). Nesta época o 20º BC ocupava o prédio onde em 1950, funcionaria a Faculdade de Medicina, no Prado, porém, como esforço de guerra, foi construído em Maceió um novo quartel do 20º BC na Avenida Fernandes Lima quando sequer havia uma rua nas suas proximidades e os bondes só chegavam até a atual Rua Goiás (TICIANELI, 2015c).

A permanência das tropas norte-americanas trouxe uma contribuição importante em relação à infraestrutura de Maceió, que apenas possuía ruas em paralelepípedo ou de barro, mas que pela necessidade de locomoção fácil e ágil para

conectar as partes estratégicas da cidade, ganhou as primeiras vias de asfalto. Um exemplo disso foi a antiga “estrada do asfalto” ou “estrada do aeroporto” que levava ao local de pouso e armazenamento dos *Blimps* e que se tornaria a Avenida Fernandes Lima, importante vetor de expansão da cidade localizada no bairro do Farol (NORMANDE, 2015).

Por Maceió alojar tropas americanas, também mantinha na cidade um local de lazer exclusivo para soldados longe de sua pátria, o U.S.O. *Clubs – United States Organizations*, em espaço cedido pelo tradicional Clube Fênix, onde se divertiam com shows, bebidas e acompanhados de algumas moças da sociedade local, ironicamente denominadas “coca-colas”. Os norte-americanos despertavam curiosidade, alvoroço e deslumbramento na população, principalmente admiração entre as jovens com as quais alguns soldados chegaram a se relacionar. O exército americano, além do *open house* diário a seus marinheiros, promovia cobiçadas festas trazendo números com sapateadores da Broadway, *jazz bands* e artistas nacionais e internacionais. Era um momento de “confraternização entre brasileiros e sobrinhos do Tio Sam”, como se referiu o Jornal de Alagoas, de fevereiro de 1945.

Figura 025 – Reportagem sobre comemoração de um ano de USO em Maceió

**'COMO FOI COMEMORADO O PRIMEIRO ANIVERSARIO DO USO, EM MACEIO'**

**Exibição de artistas nacionais e americanos**  
 BOM GOQUIN, SAPATEADOR DA BROADWAY, ENTRE OS PARTICIPANTES DO "SHOW" — "AS TRES MARIAS" — RESSALTADA PELOS ORADORES. A CONFRATERNIZACAO ENTRE OS BRASILEIROS E OS SOBRINHOS DE TIO SAM

Conforme noticiamos em nossas edições anteriores, realizou-se ante-onze à noite, na sede do U. S. O. — United Service Organizations — instituição que muito tem contribuído para a aproximação entre brasileiros e norte-americanos, em comemoração ao seu 1º aniversário de instalação em nossa capital, um animado "show" contando com a presença de artistas nacionais e dos marinheiros da "base" da Fleet Air Wing Band, do Recife.

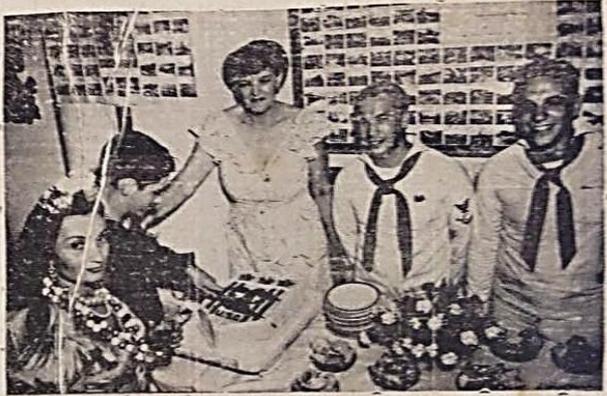
Com a presença do comandante Elmo Acosta, da Base de Maceió; comandante Robert Smith, da aviação da base local; cel. Otavio Aché, comandante da Guarnição Federal; major Antonio Paragolé, sub-comandante da Força Policial Militar; dr. Moita Maia, diretor geral do Departamento do Serviço Público; aspirantes Silvio Azevedo

Primeiramente a diretora Miss Cay Thilligan, do United Service Organizations, fez a apresentação da "Fleet Air Wing Band" e dos artistas. A seguir fez uso da palavra o comandante Robert Smith, da aviação da Base de Maceió, que declarou sentir-se satisfeito com a unção das forças americanas e brasileiras, atualmente em luta contra o nazismo no setor da linha Gólcica e no Atlântico Sul. Finalizando, mais uma vez citou o esforço de guerra do Brasil contribuindo poderosamente para o fim do totalitarismo. Referindo-se ao United Service Organizations e às famílias de Maceió adiantou que se sentia agradecido pela acolhida da sociedade maceioense aos marinheiros norte-americanos, que se encontram longe da pátria em defesa dos ideais democráticos dos povos livres.

Acosta disse: "Desde o tempo em que estou nesta cidade — iniciou o cmdr. Elmo Acosta, da Base de Maceió — tenho admirado a terra e, além disso, o seu povo". Referiu-se às belezas naturais de Maceió, à gentileza com que têm sendo acolhidos os sobrinhos de Tio Sam e à importância do "United Service Organizations" em prol desta unção.

Terminado o discurso, teve início o animado "show", pela "jazz" da "Fleet Air Wing Band", procedente do Recife para tomar parte no programa do primeiro aniversário do United Service Organizations, sob a direção de Hal Blum, diretor do "Mobile Service".

Primeiramente foi apresentado o "sailor" Bob Goguin, que fez belos números de sapateado



Nesta fotografia vemos o mais jovem marinho da Base de Maceió quando partia o bolo de aniversário do USO. Ladeam-n'o a diretora do USO e uma das artistas do "Mobile Service", do Recife

Fonte: Jornal de Alagoas de fev. de 1945, no acervo do Arquivo Público de Alagoas.

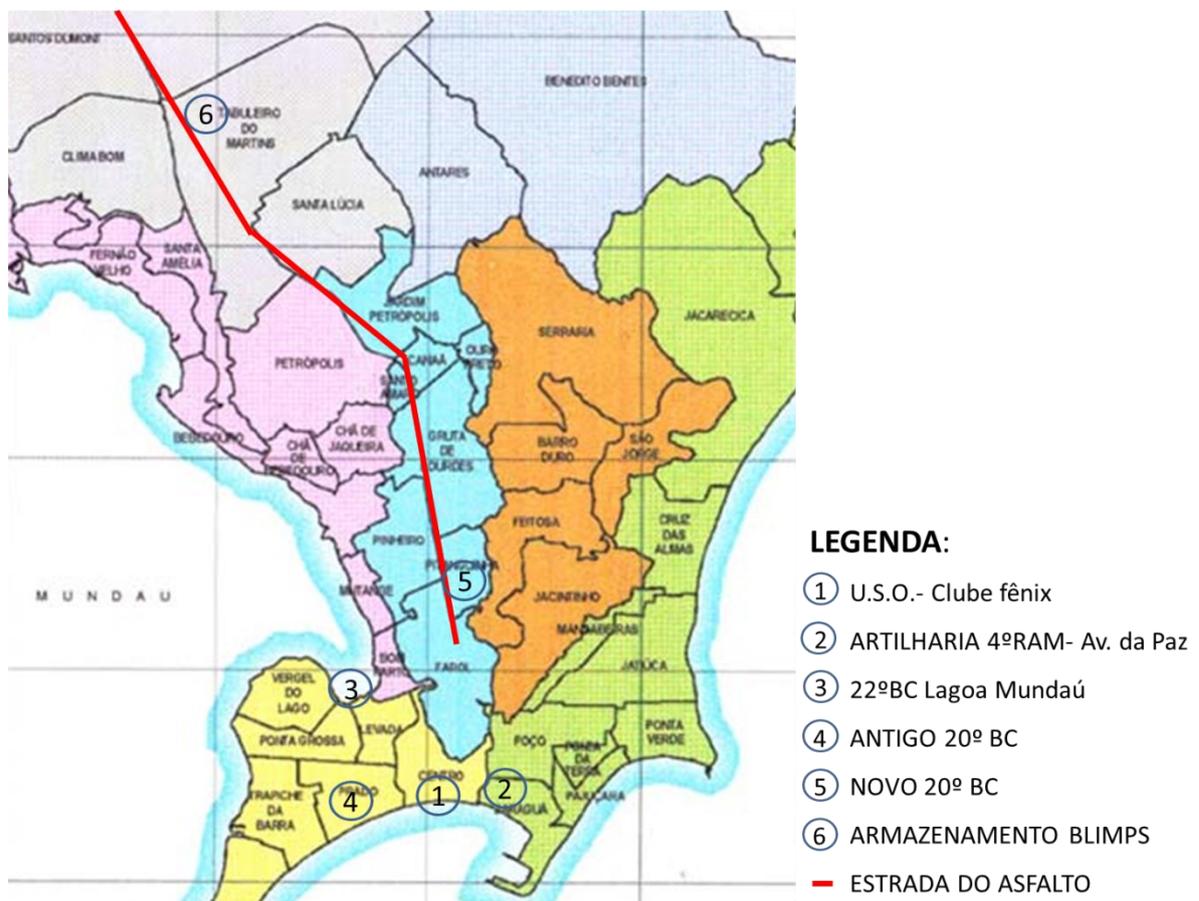
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Os civis alagoanos não eram bem vindos ao clube. Sylvio Gama, jovem alagoano, tenente do exército que, incorporado à Artilharia Montada (II/4ºRAM), retornou à terra natal para defendê-la contra possíveis ataques inimigos, relembra

em seu livro *II Grande Guerra: eu acuso os Estados Unidos pelo torpedeamento de 5 navios brasileiros*, relatando:

Convivi um ano e meio com a arrogância dos soldados ianques em Maceió e jamais gostaria de repetir a experiência. Há quem, no entanto, [...] recorde-se com saudades – segundo suas palavras – da presença dos soldados norte-americanos em Maceió: das bases da Levada e do Tabuleiro; dos dirigíveis *blimps*; dos aviões cor de alumínio; do jeito informal; do namoro agarradinho com nossas garotas; da inveja do viver bem deles; e, até da coca-cola (GAMA, 2001, p. 38-39).

**Figura 026 – Mapa da presença dos americanos em Maceió durante a II Guerra Mundial**



Fonte: SEMPLA (2005). Adaptado pela autora.

Os *yankees* na época da guerra estabeleceram-se em vários pontos da cidade interagindo com soldados brasileiros e com nossa população que, entre admiração e anseio de copiá-los possuía também orgulho em mostrá-los as coisas da terra como a cachaça de Coruripe, a água de côco e o sururu de capote, como comentou o escritor Ledo Ivo, em *Ninho de Cobras*:

[...] e fez o marinheiro engolir um pedaço de fritada e beber, num prato fundo, o dourado caldo de sururu de capote. *Good, good...* aprovava o marujo louro e sardento, quase num grunido. --Só Maceió e Paris têm sururu – garantiu [...] (IVO, 2005, p. 135).

E continuou ainda comprovando a vaidade alagoana: “Graças a Alagoas, o Brasil era agora uma República como os Estados Unidos” (IVO, 2005, p. 135), o que deixava transparecer com o uso da referência, o fascínio e idolatria que seus conterrâneos possuíam em relação ao ideal americano.

## 2.2 O feminino, a vida doméstica e a sedução pela imagem

No contexto social e de costumes das décadas de 1940 e 1950, em Maceió, as donas das casas tiveram relativa participação na constituição de seus espaços domésticos. Patrícia Schettino em sua tese sobre a mulher e a casa, reafirma que apenas as da alta classe poderiam se dar ao luxo de dedicar-se tão-somente ao lar, filhos e marido. As casas abastadas eram ambientes prioritariamente de domínio feminino e reuniam aparentadas empobrecidas e serviçais que ocuparam o lugar das escravas domésticas. A dona de casa burguesa era essencial para a preservação da família e da sociedade (HOMEM, 1996), isso porque as mulheres brancas pobres, as escravas e forras precisavam trabalhar e transitar livremente nas ruas no comércio ambulante (SCHETTINO, 2012), portanto não poderiam dedicar-se integralmente à família e, menos ainda, à elaboração dos espaços do convívio familiar. Em Maceió, Diégues Júnior, nos primórdios da década de 1940, caminhou neste sentido:

A mulher enchia a casa: na rua aparecia pouco a não ser em reuniões dansantes ou teatros, que compunham monótona vida social maceioense, porém tornava-se ensejo de apresentação de finas *toilletes* (DIÉGUES JR, 1939, p. 71).

Saindo pouco, a mulher dedicava-se à leitura, ao bordado, ao estudo de um instrumento e de línguas. Com o culto à inteligência e à cultura erudita, estabeleceu-se o francês como segunda língua e o piano como modismo. A leitura de publicações como o “Jornal da Família” era um hábito recomendado. Circulavam em Maceió, segundo algumas moradoras da época, revistas para jovens esposas, como a publicação carioca encadernável do Jornal das Moças, que enaltecia a dedicação às tarefas do lar como “das mais honrosas para a mulher, a profissão de dona de casa

[...]”, que deveria demonstrar suas prendas domésticas no zelo da casa, jardim e filhos, como no artigo encontrado em edição de 1956.

**Figura 027 – Capa e artigo sobre a honrosa função de dona-de-casa**



Fonte: Jornal das Moças (nov./1956) de acervo particular.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O artigo trazido na Figura 027, que tinha como título “Lar escola da vida: das mais honrosas para a mulher a profissão de dona-de-casa – para ser uma dona de casa completa – ordem no lar”, apresentava um trecho do texto que refletia bem o que se esperava da mulher da época: “[...] a mulher deve ser voluntariosa, atenciosa e destra – isto sem mencionar a principal exigência que é ser econômica.”

No contexto de Alagoas, de forma antagônica, graças à reprodução de textos publicados nas principais revistas internacionais, o Almanak Alagoano das Senhoras<sup>4</sup> do início do século XX, dava à mulher alagoana a oportunidade – provavelmente única – de entrar em contato com a situação do feminismo mundo afora. Esse acesso justifica ideias em alguns dos espíritos mais arrojados da época, como foi o caso de algumas alagoanas. Seu formato reduzido lembrava os antigos missais, um dos raros materiais impressos “autorizados” à consulta feminina (SCHUMACHER, 2004, p. 56).

Havia em Maceió, instituições “profissionalizantes” para o público feminino, que associavam o ensino de arte culinária, flores e chapéus, enxovais, corte e confecções, datilografia, bordados, arte decorativa, rendas, tricô, crochê, roupas de cama e mesa

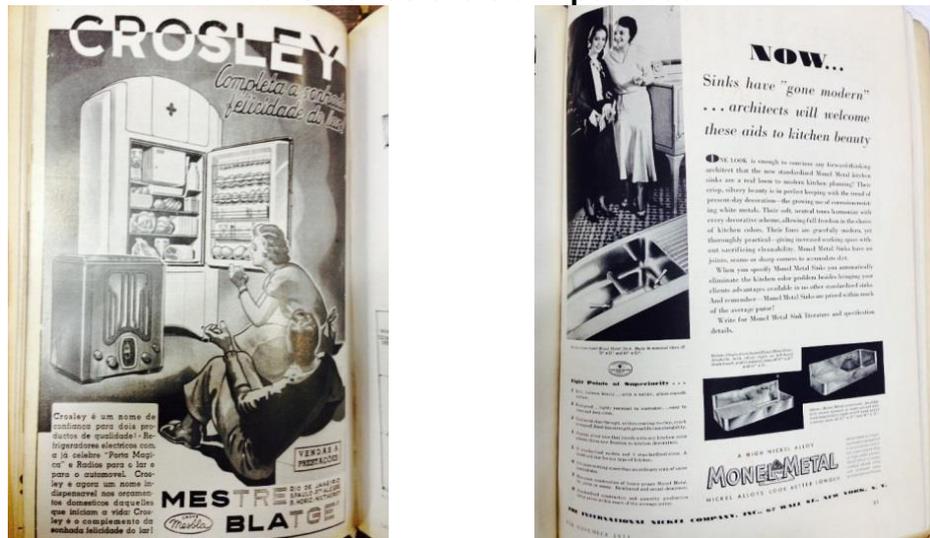
<sup>4</sup> Almanaque do começo do século XX, organizado pelo jornalista Luiz Lavenère e impresso nas oficinas da livraria Fonseca, dedicava-se também à crônica dos principais acontecimentos ocorridos nos seis meses anteriores sobre política, economia, imprensa, cultura, religião, educação (SCHUMACHER, 2004).

e o ensino da cultura geral, do português, da matemática, do desenho, da educação física e do francês. As mulheres da elite que estudavam em boas escolas ou internatos, muitas vezes em Pernambuco ou Bahia, possuíam “maiores chances de escolha sobre o próprio destino” (SHUMAHER, 2004, p. 88).

Com os apelos emergenciais da guerra, dezenas de moças formadas em curso preparatório em Maceió partiram para Itália como voluntárias no Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército. Afora isso, o esperado era a dedicação feminina às atividades pedagógicas nas instituições de ensino da cidade. As mulheres maceioenses já ampliavam os circuitos de relações sociais antes representados apenas pela família, vizinhança e igreja, aderindo a passeios pelas confeitarias e a cenas culturais no Teatro Deodoro, uma questão de *status* e estratégia para obter um bom casamento (SHUMAHER, 2004). A mudança nos rituais sociais e a mulher mais informada e desenvolvida, também demandaram mudanças no espaço habitado, como o uso de uma sala de receber destinada a ocasiões especiais, mesmo que fosse mantida outra, para uso diário. A sala de receber ou da frente era ainda, segundo Trigueiros, um “centro de hospitalidade e solidariedade masculina” (TRIGUEIROS, 2012, p. 208) no momento que a figura feminina não decidia sobre a permissão da entrada de estranhos.

O progresso tecnológico viria para interferir na conformação espacial doméstica. As providências da indústria, o progresso e os melhoramentos foram capazes de mudar exigências, hábitos e horários caseiros, além de concorrerem para a alteração das ações cotidianas dentro da moradia. A vida doméstica foi transformada com a introdução dos eletrodomésticos na limpeza e preparo de alimentos e com a modificação do lazer domiciliar, com o uso do rádio e o som mecânico, concorrendo com os momentos de lazer em torno do piano (Figura 028). Eram através das revistas periódicas que as novidades em equipamentos eletrônicos e materiais chegavam incentivando o consumo pela população. Foi o que demonstrou a consulta ao acervo de periódicos da Biblioteca Nacional, que traziam apelos diretos à dona-de-casa: “Crosley é o complemento da sonhada felicidade do lar” (Revista de Arquitetura, 1937).

**Figura 028 – Anúncios de novos produtos e equipamentos em revistas nacionais e importadas**



Fonte: Revista de Arquitetura (maio/jun. 1937) e Revista American Architect (set 1931).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Por outro lado, observando agora a casa em seu exterior, há muito a imagem pública do proprietário e da família foi exteriorizada através dela. A edificação residencial carregava importância fundamental na representação do êxito econômico, gosto pessoal e almejava ser indicativo de suas referências culturais. E em Maceió, não foi diferente. A preocupação em aparentar ascensão ou pertencer ao grupo que ocuparia o bairro considerado, na época, “de elite”, foi evidenciada pela utilização de elementos formais que seriam signos de imponência pela tradição ou elementos símbolos do arrojo da modernidade. Os modos de viver e portar-se em sociedade eram exageradamente valorizados inclusive no trajar feminino, objetivando aparentar ascensão, garantir a atenção e a aprovação dos vizinhos curiosos que, de maneira crítica, Graciliano Ramos descreveu a exibição nos passeios públicos:

Aos domingos iam ao cinema, juntos, de braço dado, bancando marido e mulher – ele com ar bicudo e saciado, ela bem vestida como uma boneca e toda dengosa. Seda, veludo, peles caras, tanto ouro nas mãos e no pescoço que era vergonha. O pessoal da vizinhança povoava as janelas (RAMOS, 2012, p. 116).

E era a camada mais abastada da sociedade, a detentora de maior facilidade de acesso às informações e às inovações da modernidade geralmente trazidas por leituras estrangeiras e por viagens ao exterior. Foram os membros desta classe que primeiramente apropriavam-se, ainda que em terras sem iguais recursos, de símbolos e significados culturais alheios. Regionalmente, isso pode ser evidenciado em Maceió,

pela supervalorização e desejo de possuir bens advindos de capitais mais desenvolvidas mesmo que bem próximas, como Recife. Esse fenômeno, definido por Ravault como “coersedução”, foi citado por Leveau e Shnapper, quando se referiu à conduta dos europeus do pós-guerra que marcados pelos rancores de sua história, foram seduzidos pelo marketing do universalismo, criado pelo comércio norte-americano (LEVEAU; SHNAPPER, 2009) e que se assemelhou no Brasil à postura em relação às cobiçadas influências que vinham dos centros mais civilizados:

[...] A sociologia da comunicação nos mostra que, para dar certo, a coerção tem de passar pela sedução. Trata-se de um filme, de um jeans ou de um hambúrguer, é a “coersedução” (R.J.Ravault) que, permite que a mensagem cultural ou política, se imponha.” “A coersedução designa de maneira feliz essa dosagem de imposição e enfeitiçamento (LEVEAU; SHNAPPER, 2009, p. 493).

Pôde-se fazer uma analogia entre o Brasil na primeira metade do século XX e o que ocorreu no período entre guerras, quando as viagens internacionais tornaram-se privilégio de alguns homens de negócios e turistas privilegiados, revivendo uma espécie de *Grand-tour*<sup>5</sup> ao berço da civilização. Neste período de reconstrução da Europa as atenções foram voltadas para as evocações desse mítico mundo americano que, pela escassez nas viagens, chegavam sobretudo através do cinema.

A coleção História da vida privada fez-nos lembrar da realidade do contexto histórico brasileiro durante a Era Vargas, em que se buscava uma imagem “genuína” e referencial para a nação, porém conviviam ideais da valorização de nossa herança e tradição luso-colonial e o grande fascínio e entrega às influências irradiadas pelo mítico universo americano. Essa dicotomia foi replicada na produção do espaço de morar na cidade de Maceió em meados do século XX, considerando as manifestações estilísticas do neocolonial luso e o *Mission Style*, difundido pelos Estados Unidos.

Afora os antigos registros na literatura e imagens legadas pelos viajantes europeus, como Debret e Vauthier entre outros, os hábitos domésticos nos espaços restritos do morar brasileiro foram mais recorrentemente tratados e descritos, de uma forma romanceada, nas clássicas obras literárias nacionais. Sem dúvida, o olhar do observador exógeno apresentou uma visão mais aguçada da realidade que a do

---

<sup>5</sup>Grand Tour eram pioneiros fluxos de viagens do século 18 por puro prazer de lazer e cultural. Primeiramente praticado por filhos da aristocracia, aos poucos estabelecido para os filhos da classe média urbana próspera e emergente. Roma, capital do antigo Império, com ruínas sinais visíveis do passado, era o ponto alto do Grand Tour. Essas viagens foram “responsáveis em grande dose pelo culto ao cenário natural dentro de uma abordagem estética sublime” (SALGUEIRO, 2002).

habitante comprometido com o contexto (SCHETTINO, 2012). Dentro dessa mesma perspectiva, o distanciamento de tempo de 75 anos em relação à década de 1940 promoveu a observância da trajetória de transformações e alguns anacronismos normais ocorridos na configuração espacial e na mentalidade do morar em Maceió, inclusive sob o olhar diferenciado dos dias de hoje. O olhar contemporâneo, ressalta-se, mesmo que afastado no tempo, não se torna menos comprometido, pelo conhecimento das influências e história do local e pelos vínculos emocionais e afetivos interiorizados no observador, que são as lentes através das quais enxergam seu presente.

Sendo o olhar da pesquisa dedicado a apreensão do morar no Farol nessas décadas, fez-se imperativo trazer à tona os olhares sobre a construção do bairro e seus entrecortes.

### 2.3 Farol, bairro da modernidade

A expansão de Maceió a fez afastar-se do “cheiro de mel”, a promover o calçamento de antigas vias, a criação de novos logradouros, a implantação de novos equipamentos públicos e a subir para seu planalto, o Alto do Jacutinga ou Alto do Pharol, atual bairro do Farol.

**Figura 029 – Perfil esquemático de Maceió, com diferença de nível entre planície litorânea e a região do tabuleiro. Desenho sem escala**



Fonte: Mello (2009a, p. 71).

O início do tabuleiro<sup>6</sup> da cidade, elevado em média 60m acima do nível do mar, privilegiado topograficamente, era favorecido pelos ventos, disponível para a abertura de avenidas mais largas, praças arborizadas e para a novidade dos mirantes panorâmicos. Em consonância com a modernização da cidade, as residências que lá se estabeleceram também experimentaríamos novas tipologias arquitetônicas.

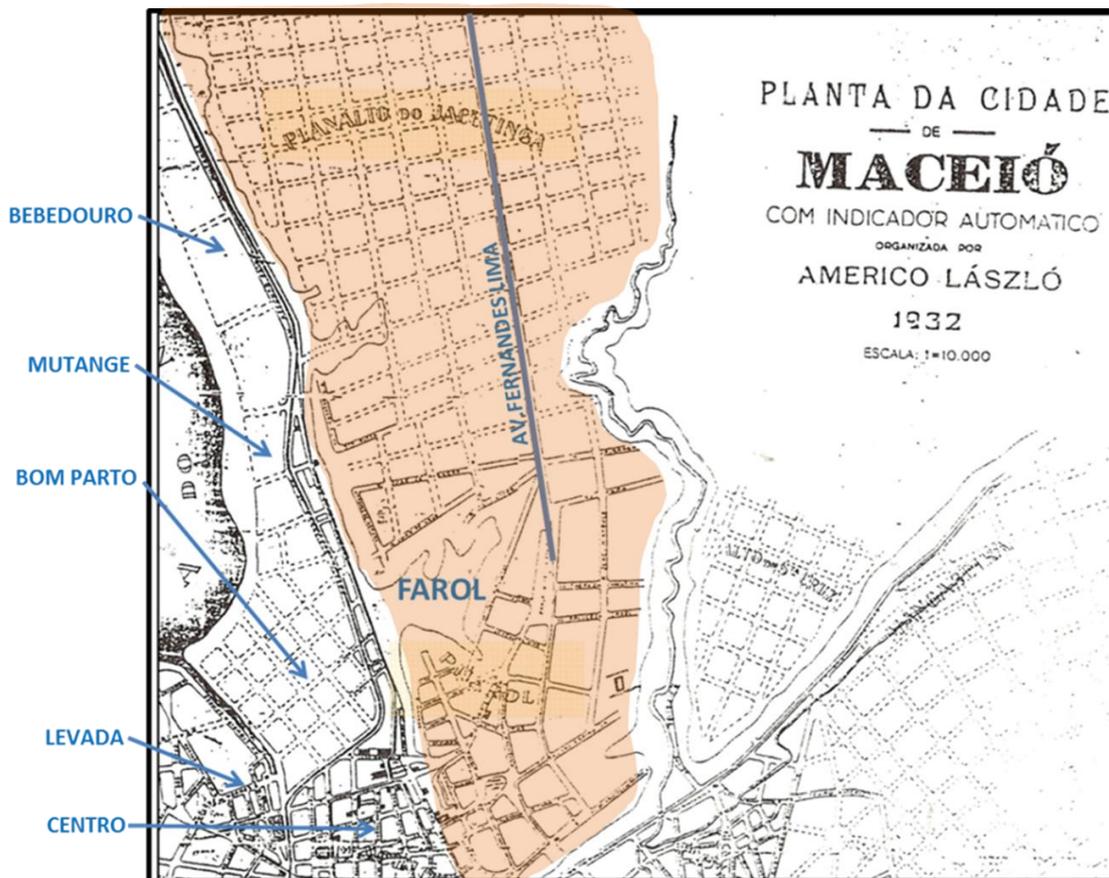
<sup>6</sup> Tabuleiro é uma forma de relevo constituída por pequenos platôs, de altitude em geral modesta, limitados por escarpas abruptas (BIOMA, 2017).

**Figura 030 – Ladeira Rosalvo Ribeiro, acesso ao bairro do Farol com torre do farol ao fundo. Imagem de 1940**



Fonte: G1 Alagoas (2013). Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/03/fotos-maceio-de-ontem-e-de-hoje.html>>.

**Figura 031 – Planta da cidade de Maceió, em 1932**



Fonte: Cavalcante (1998). Adaptado pela autora.

Desde o início do século XX, Maceió já iniciara relativa transformação em antigas áreas povoadas como o Planalto do Jacutinga, este, limitado na base da encosta pela Rua do Sol no Centro e pela rua Barão de Atalaia no Poço (Figura 032). Interligavam-se às antigas freguesias de Maceió e de Jaraguá, bairros separados apenas pelo riacho Maceió, e aos subúrbios do Poço, Levada, Pajuçara, Bom Parto, Mutange e Bebedouro por meio dos trilhos urbanos (FORTES, 2011). Sobre a Levada, Craveiro Costa (1991), em seu livro “Maceió” afirma que nos anos 1930 possuía, ao mesmo tempo, um interesse turístico e comercial, por abrigar o único aeroporto da cidade. Proporcionava um encontro pitoresco com a cidade, através da lagoa, o colorido dos coqueirais, os mangues, os goiamuns pela areia e os pescadores em suas canoas. Em relação ao Jacutinga, desde a planta da cidade, de 1902, apareceu indicada a ladeira do Pharol, a primeira a ser ocupada, ladeando a torre do farol luminosa e se tornando eixo primitivo de expansão da cidade para o seu plano mais alto, área denominada Alto do Farol. Num período de transição o morro do Jacutinga já apresentava as bordas de encosta ocupadas por uma população humilde que não podia pagar por terrenos no Centro ou em Jaraguá. Seus núcleos de povoamento eram espalhados em “Altos”, que recebiam identificação pelos habitantes, identificados por Félix Lima Júnior (1981): o Alto da Santa Cruz depois chamado Alto de Santa Terezinha próximo a ladeira dos Martírios; o Alto do Brito, correspondente à área entre a ladeira do Brito e a dos Martírios; o Alto do João Doido ou da Bela Vista, nas redondezas da Rua José Bento Júnior, e outros não descritos como Alto da Conceição e o Alto do Céu. O local que abrangia a atual Avenida Aristeu de Andrade era chamado “Zeiga” (Figura 032).

**Figura 032 – Trecho do mapa de Maceió de 1902, indicando os “altos” que compunham o bairro do Farol**



Ilustração 44: Mapa da área de estudo na cidade de Maceió mostrando a aproximada localização dos altos que compunham o planalto do Jacutinga. Fonte: CAMPOLLO 2009, CAVALCANTI, 1998; LIMA JÚNIOR, 2001 e MAPLAN, 2000 (adaptado pela autora).

Fonte: Fortes (2011). Adaptado pela autora.

O bairro obteve esta nomenclatura por abrigar o primeiro farol para orientar navios durante a noite, construído na borda da encosta em 1856. O poeta Ledo Ivo referiu a ele como a “[...] torre troncônica do farol, em sua brancura de mandioca, guardava a porta do oceano [...]” (IVO, 2005, p. 187). Consta inclusive em dados da Capitania dos portos de Alagoas que desde 1937, o farol passou a funcionar com luz elétrica, sendo o pioneiro desse sistema no Brasil. Até o episódio da tromba d’água de 1949, 70 horas ininterruptas de chuvas torrenciais, que provocou o desmoronamento parcial da encosta do morro e abalou sua estrutura, situava-se atrás da Catedral Metropolitana de Maceió, próximo ao atual mirante Dom Ranulpho (Figuras 033 e 034). O ocorrido obrigara sua demolição em 1955. Esta torre luminosa sobressaía na paisagem e na escuridão Maceió iluminada por lâmpões até fins do século XIX, tornando-se referência para a memória coletiva dos moradores (FORTES,

2011). A importância do farol para os moradores da cidade foi retratada pela poesia contemporânea do escritor maceioense Fernando Otávio Fiúza Moreira (2008, p. 43):

O farol é uma lua  
fixa, que não altera  
as águas e precisa  
só de altura, vidro e fogo.  
Uma cidade sem farol  
não pontua o mundo  
não situa a gente  
não faz parte do jogo.

**Figura 033 – Cartão postal mostrando o antigo farol luminoso**



Fonte: Postal Antigo, Maceió, Farol – ref: Mc04. Disponível em: <<http://produto.mercadolivre.com.br>>.

**Figura 034 – Atual mirante Dom Ranulpho, na ladeira da Catedral, e local do antigo farol do morro do Farol**



Fonte: Google Maps (2016). Adaptado pela autora.

O bairro Farol, no antigo e desabitado Planalto do Jacutinga, já fora no início do século XX, local de casebres, arruaça e terreiros que desapareceram após o Quebra de Xangô<sup>7</sup>, portanto marginalizado pela população:

Nas noites de sábado, em muitas ruas, não se podia dormir sossegado com a infernal barulhada nos xangôs e terreiros: da Balbina, no Peperipáú; do Manoel Inglês, na rua da Frente (atual Ambrósio Lira), no Jacutinga; da Tia Marcelina, na Santa Cruz, e outros mais (LIMA JR, 1966, p. 15).

<sup>7</sup> Episódio, ocorrido em 1912, de destruição dos terreiros em Maceió e cidades do interior alagoano para reprimir os cultos afros.

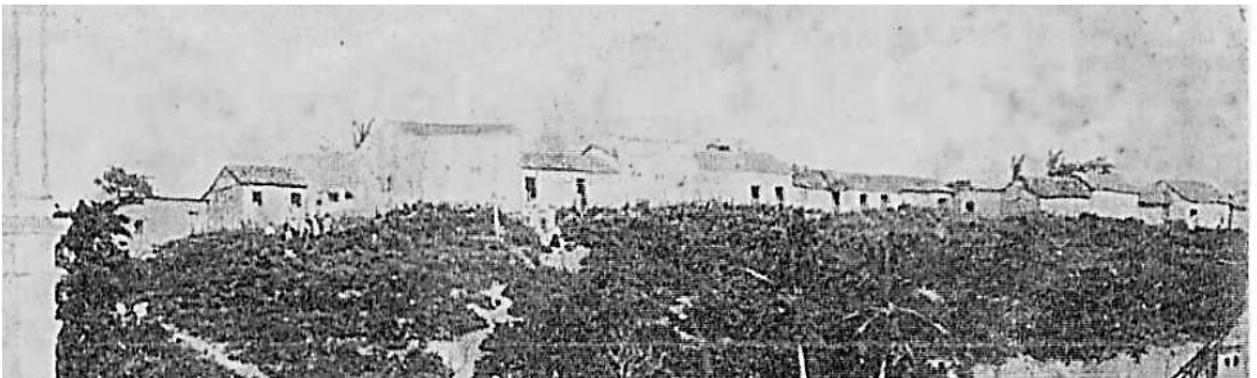
**Figura 035 – Trecho do bairro do Farol com terreiros no Alto do Brito**



Fonte: Cavalcanti (1998). Adaptado pela autora.  
Obs.: Mapa guia de Maceió, de 1942.

A borda do Alto do Jacutinga correspondente à Rua Ambrósio Lira já apresentava ocupação feita por pequenas residências e casebres voltados para a encosta no trecho acima do centro comercial.

**Figura 036 – Pormenor da ocupação da borda da encosta do bairro do Farol que corresponde hoje ao Mirante Ambrósio de Lira, antes conhecido por Alto do Brito**



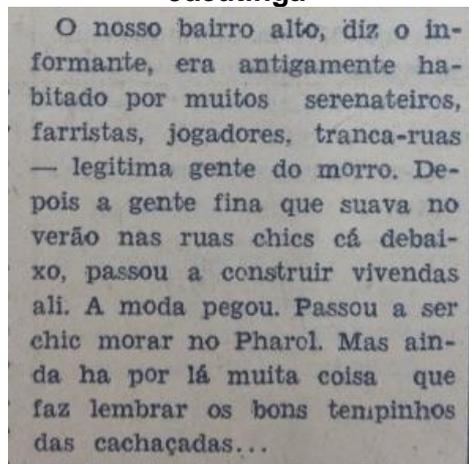
Fonte: Acervo digital do APA.

Mesmo carregando um passado pouco tranquilo em relação a seus antigos moradores, o bairro do Farol, ganharia *status* e desde 1902 fora referenciado, no Indicador Geral do Estado de Alagoas, como “o bairro da elegância justamente procurado pela população abastada [...] pela salubridade e amenidade do clima” (COSTA; CABRAL, 1902).

Uma investigação aprofundada feita no acervo da hemeroteca do APA, consultando exemplares da Gazeta de Alagoas e do Jornal de Alagoas, tablóides

locais de maior circulação nas décadas envolvidas na pesquisa, propiciou a obtenção de informações que complementaram a visão sobre o novo bairro do Farol. Era comum a menção ao antagonismo entre sua anterior ocupação por malandros e membros excluídos pela sociedade e a grande valorização que havia adquirido com o tempo, principalmente referindo-se ao clima fresco privilegiado pela altitude e ao interesse que despertava como local de bem-viver para a alta classe. Em seus primórdios, segundo Lima Júnior, o morro do Jacutinga fora um bom esconderijo para negros fujões e propício à construção de modestas habitações de madeira, matéria-prima abundante fornecida pela densa vegetação de mata (LIMA JR, 1976).

**Figura 037 – Trecho de artigo  
sobre o passado do Alto do  
Jacutinga**



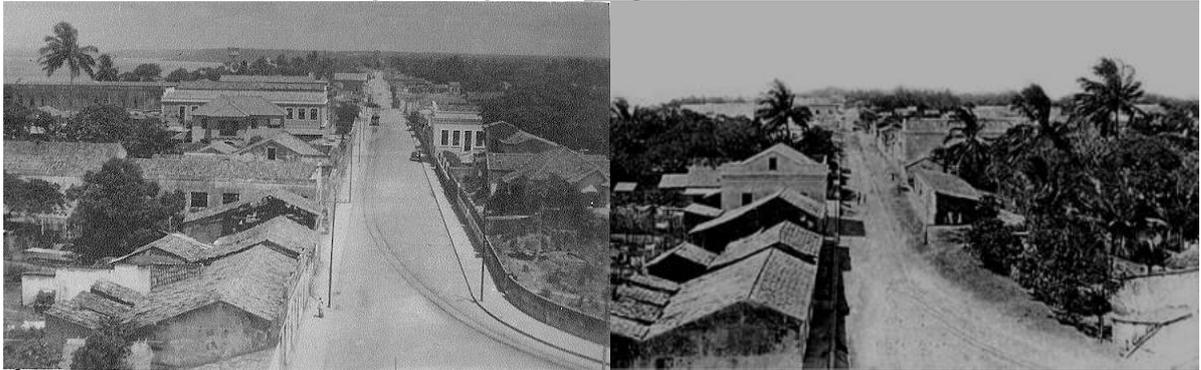
O nosso bairro alto, diz o informante, era antigamente habitado por muitos serenateiros, farristas, jogadores, tranca-ruas — legitima gente do morro. Depois a gente fina que suava no verão nas ruas chics cá debaixo, passou a construir vivendas ali. A moda pegou. Passou a ser chic morar no Pharol. Mas ainda ha por lá muita coisa que faz lembrar os bons tempinhos das cachaçadas...

Fonte: Jornal de Alagoas (1940). Acervo do APA.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O artigo mencionava o deslocamento da elite maceioense que deixava o clima quente nos palacetes às margens da lagoa e subira o alto do Jacutinga para viver onde antes habitava a “gente do morro” (Figura 037). Apesar dos preconceitos e problemas de infraestrutura, as ruas do bairro iam sendo transformadas com a execução paralela de benfeitorias públicas - serviço de transporte, pavimentação e iluminação - e a construção de um novo perfil de residências, que traduziam ares de modernidade, como visto nas antigas fotografias da Rua Professor Ângelo Neto e sua atual condição (Figura 038 e 039).

**Figura 038 – Fotografias mostrando a evolução da Rua Prof. Ângelo Neto, fotografada antes e depois da pavimentação, na década de 1940**



Fonte: Maceió Antiga 02. Disponível em: <[alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html)>.

**Figura 039 – Rua Prof. Angelo Neto, em 1942, e a rua nos dias atuais**



Fonte: Maceió Antiga 02. Disponível em: <[alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html)>. e arquivo pessoal.

Um fenômeno observado em Maceió nas primeiras décadas do século XX foi o de chácaras de final de semana na aprazível região densamente arborizada da atual Avenida Fernandes Lima<sup>8</sup>, efetivarem-se como local de residência para tradicionais famílias herdeiras da economia açucareira ou para os profissionais e negociantes em ascensão, que se instalaram primeiramente em edificações de gosto eclético e posteriormente adotaram o neocolonial. A primeira busca por melhoria do bem-estar e modernidade no modo de morar ficaria comprovada pelos arquivos técnicos e pelas palavras de Diégues Júnior: “o grande surto de construções particulares é entre 1931 e 1934; é quando se alarga a zona residencial do Farol através da Avenida Fernandes Lima e de outras ruas que se abrem [...]” (DIÉGUES JR, 1939, p.170). Alguns exemplares da arquitetura eclética foram também construídos na área inicial do bairro do Farol, como na Avenida Dom Antônio Brandão, antiga Rua do Seminário no Farol, na esquina com a Avenida Tomás Espíndola, conhecida como Vila Nayadea, cuja

<sup>8</sup> Principal artéria do bairro do Farol, melhor descrita no capítulo seguinte.

suntuosidade da edificação não condizia com a precariedade das ruas (Figura 040). Ledo Ivo assim descreve as ruas de Maceió na década de 1940: “Os *Fords* avançavam, dançando desengonçados nas estradas poeirantes, que eram antigas sendas de ferradura alargadas pelo progresso” (IVO, 2005, p.185).

**Figura 040 – Palacete eclético na Avenida Dom Antônio Brandão**



Fonte: Maceió Antiga. Disponível em: <[alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html)>.

As condições de salubridade, conforto, modernidade ou pretensa aquisição de status, que geraram expectativas positivas nos seletos novos moradores que migraram de outros bairros para o Farol foram, em alguns aspectos, frustradas por não apresentar a infraestrutura desejada: limitação na circulação de bondes, não pavimentação de algumas ruas, falta de água encanada e saneamento gerando desde dificuldades de deslocamento da população até a infestação de insetos. Queixas em relação a essas questões foram noticiadas nos jornais da época:

**Figura 041 – Matéria jornalística alardeava a situação do bairro Farol**

Para que se aquilate do desenvolvimento da malária na capital do Estado, basta assignalar que, no bairro do Farol, assentado sobre um planalto que domina a cidade, cgar indicado pelos antigos como o mais saudavel, os mosquitos invadem palacetes, residencias e casebres causando numerosas victimas. Nessa zona como em algumas outras que não contam ainda com o calçamento, assim, na Av. Fernandes Lima, Thomaz Espindola etc., as aguas pluvias acumulam-se nos sulcos, pegadas de animaes e excavações, formando varios creadouros de arvas.

Fonte: Jornal de Alagoas (fev./1940). Acervo APA.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Lima Júnior em seu livro “Maceió de outrora” (1976) relata que, no início, o bairro tinha sistema de abastecimento d’água ineficiente, problema contornado pela compra a vendedores ambulantes ou pela utilização de cata-ventos, equipamentos caros, possivelmente importados na época. O abastecimento de água, ainda carente no bairro ficou evidente com essa imagem de cata-ventos para movimentar bombas d’água nos fundos dos quintais das residências, alterando a paisagem, assim como a presença de um chafariz público no bairro.

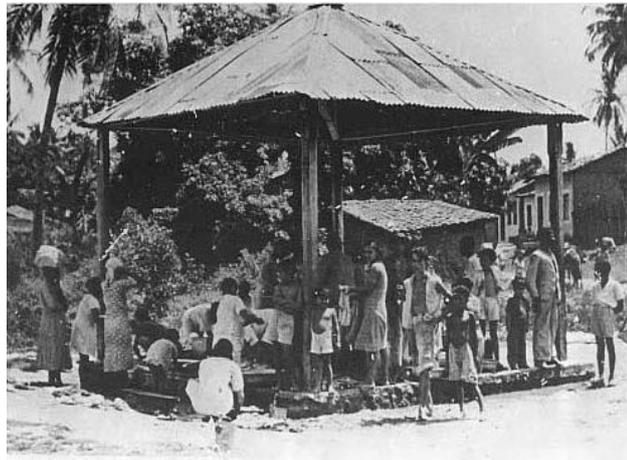
**Figura 042 – Catavento em quintal de casa na área conhecida como Zeiga do Farol**



Fonte: Maceió Antiga. Disponível em: <[alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html)>.

O Chafariz do Jacutinga perdurou até 1960, localizado na antigamente conhecida rua do “Zeiga”, cuja origem foi o nome aportuguesado de Hans Seeger, vice-cônsul alemão que morava na casa onde foi instalado o Colégio Batista, na atual Avenida Aristeu de Andrade (LIMA JR., 1976).

**Figura 043 – Chafariz do Jacutinga, na atual Av. Aristeu de Andrade**



Fonte: Maceió Antiga 02. Disponível em: [alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/02/maceio-antiga-2.html).

A ineficiência do fornecimento de água parecia ser um problema generalizado em Maceió, como observado em reportagem que tratava de cacimbas abertas em plena rua do bairro central da Levada.

**Figura 044 – Falta d’água em bairro central**

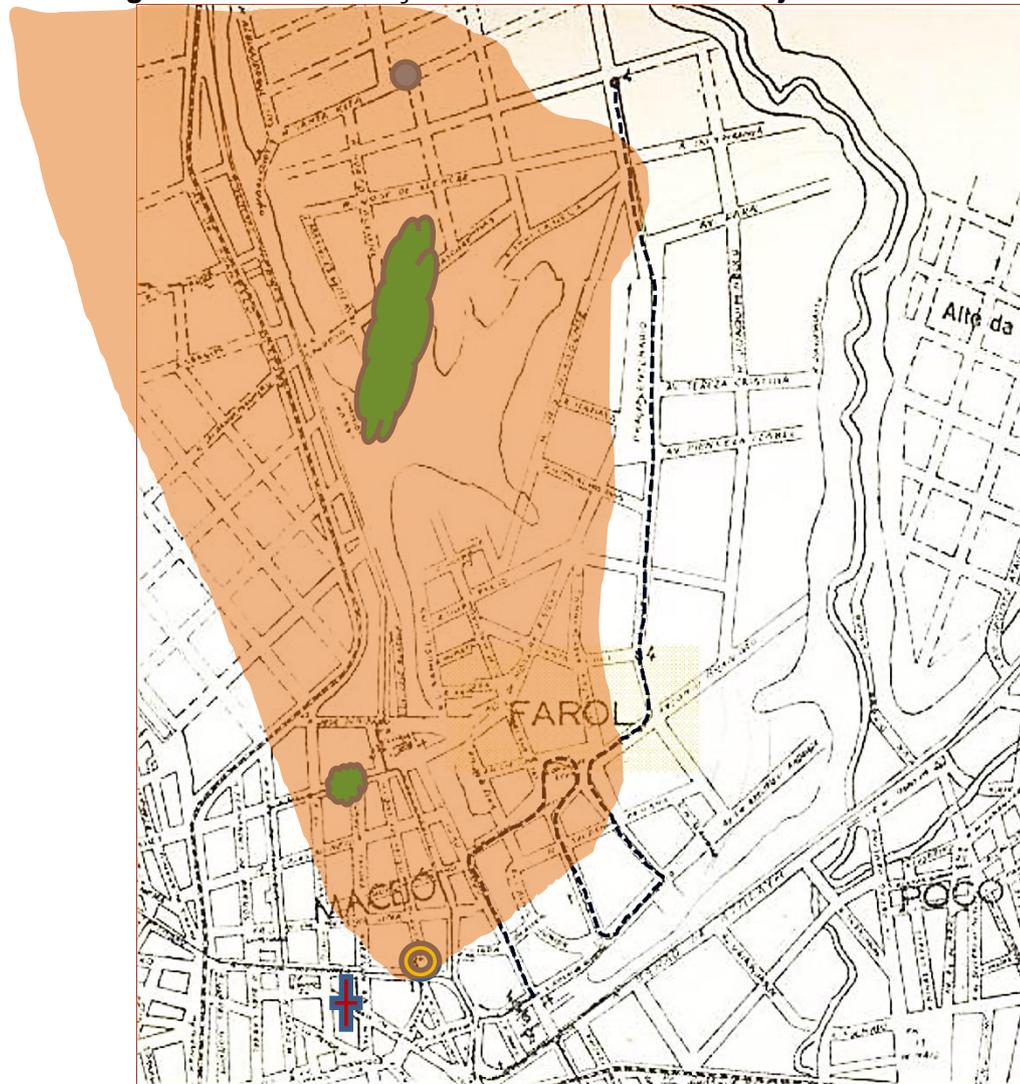


Fonte: Jornal de Alagoas (fev.1940).  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Como núcleo original de ocupação principal do Farol considera-se primeiramente as áreas anexas às ladeiras de acesso ao bairro que faziam ligação com o centro da cidade: a Ladeira Rosalvo Ribeiro (Ladeira da Catedral), próxima da antiga torre do farol luminoso – a Ladeira Clodoaldo da Fonseca (Ladeira do Brito) e

a Ladeira dos Martírios, que partia da praça em frente ao Palácio do Governo. Além das áreas, a expansão preliminar deu-se próximo às encostas acompanhando o trajeto de circulação dos bondes que serviam a região (Figura 045).

**Figura 045 – Localização do bairro do Farol e trajeto do bonde**



**LEGENDA:**

- trilho no trajeto do bonde
- torre do antigo farol luminoso
- ✚ Igreja da Catedral
- fim de linha do antigo bonde

Fonte: Cavalcanti (1998). Adaptado pela autora.

Obs.: Mapa do Guia de Maceió de 1942.

Aquele besouro imenso, o Bonde Elétrico, correndo sobre trilhos de aço, ou de ferro, barulhento, com uma bengala atrelada ao fio, e de onde, por vezes, saíam centelhas de fogo. Aberto, a brisa correndo em nossas faces, tornava a viagem uma aventura (BARROS, 2011).

O antigo bonde subia a Ladeira Clodoaldo da Fonseca percorrendo as principais ruas originais de ocupação do Farol: a Rua Comendador Palmeira, Rua Osvaldo Sarmiento, Rua Professor Ângelo Neto, e as avenidas Dom Antônio Brandão e Tomás Espíndola até chegar a seu ponto final na Avenida Fernandes Lima, pouco acima da Praça do Centenário (Figura 045). Justifica-se a importância do bonde para vida cotidiana das famílias, uma vez que os serviços básicos essenciais e os locais de trabalho e lazer concentravam-se ainda nos tradicionais bairros de Jaraguá e Centro: repartições públicas, casas comerciais, clubes, teatro, cinemas e o tradicional Bar Colombo.

**Figura 046 – Localização dos pontos referenciais**

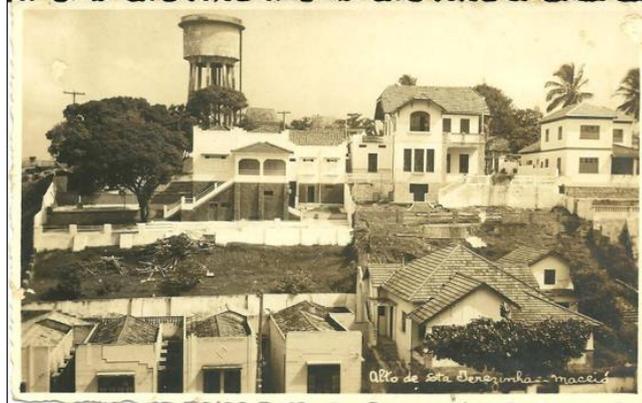


Fonte: Cavalcanti (1998). Adaptado pela autora.  
Obs.: Guia de Maceió de 1942.

Com a intensificação da ocupação do Farol, fez-se necessário a construção na segunda metade da década de 1940 de um grande reservatório de água suspenso (Figura 047). Este equipamento tornar-se-ia um elemento compositivo marcante na

paisagem do bairro e importante referência, ao ponto de alterar o nome da região para “Alto da Caixa d’água”.

**Figura 047 – Fundo das casas da Rua Capitão Samuel Lins**



Fonte: Cartão postal.

Obs.: Acervo do morador da rua.

**Figura 048 – Ladeira dos Martírios e a caixa d’água no bairro do Farol**



Fonte: <[alagoasbytonicavalvante.blogspot.com.br](http://alagoasbytonicavalvante.blogspot.com.br)>

As casas próximas à caixa d’água, no antigo Alto de Santa Terezinha, cujo nome originou-se da igreja de mesmo nome, existente no local, tinham sua parte posterior voltada para visão da Ladeira dos Martírios (Figura 048). Esta ladeira partia da praça em frente ao Palácio do Governo no Centro e receberia, em seu prolongamento, o nome de Avenida Moreira e Silva que, seguindo até a Praça do Centenário tornou-se importante via residencial.

O engenheiro Vinícius Maia Nobre, que atuara nas obras residenciais da época e nasceu e ainda vive no Farol, relata que a pavimentação da Avenida Fernandes Lima, iniciada na década de 1930 foi fator de transformações acentuadas no bairro tornando-a local de entrada e saída preferenciais para o interior, que antes era exclusividade de Bebedouro. A pista ligava a Base Americana, no Tabuleiro, à Praça

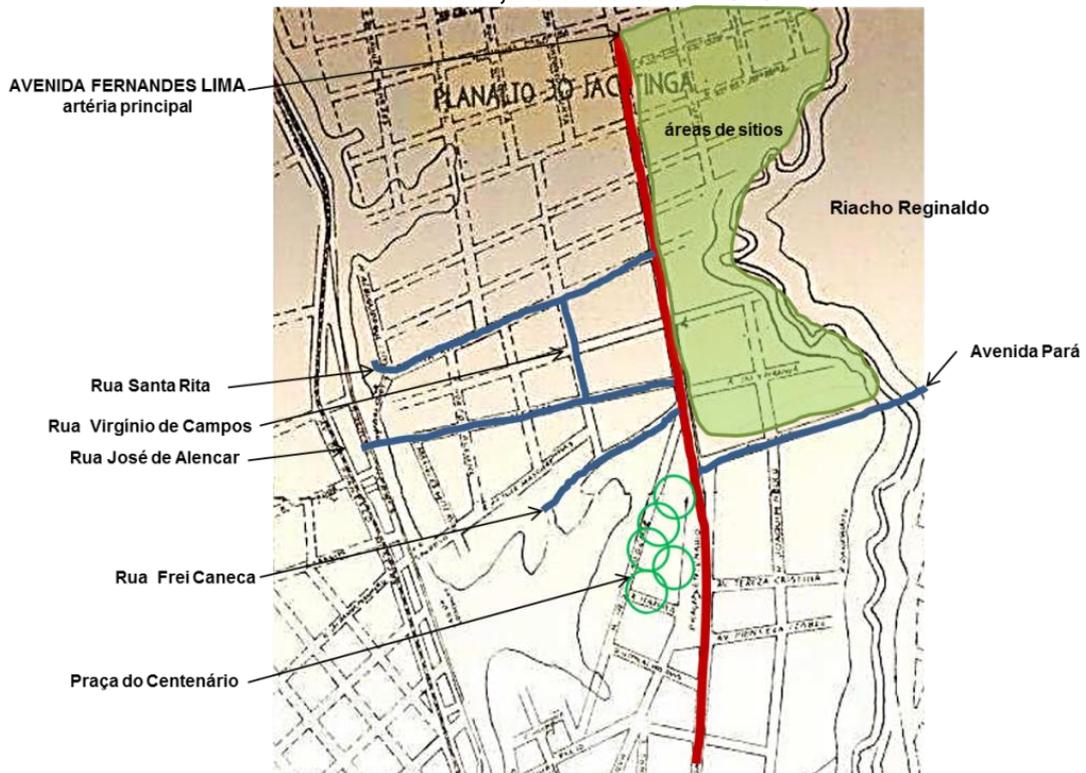
do Centenário, um espaço integrador do bairro e embelezado em 1939. Os grandes sítios particulares dividiam na época a margem da avenida com o recém-instalado Quartel do 20ºBC, o Hospital dos Usineiros (1957) e o centro educacional CEPA (1958), áreas extensas que retardaram a abertura de vias paralelas (NOBRE, 2015). Essas apenas ocorreriam esporadicamente fruto da iniciativa privada que promovia o parcelamento desses grandes sítios dividindo-os em lotes ou conjuntos de casas já construídas mais acessíveis ou abrindo novas ruas, o que foi comprovado na consulta aos arquivos.

Esses pequenos loteamentos possibilitaram que fossem criadas no bairro vias internas de circulação de pessoas e automóveis, favorecendo maior interligação no bairro. Como nos anos 40 o automóvel era raro na cidade o bonde da companhia inglesa *Great Western* era o único meio de transporte que conectava o Farol com os outros bairros de Maceió. Muito procurado, transportava trabalhadores, estudantes, donas de casa e a juventude que descia ao centro para o cinema ou para a praia da Avenida, principais pontos de lazer naquela época (maisalagoas.uol.com.br). Desativados em meados da década de 1950, meio a campanha nacionalista do pós-guerra “O petróleo é nosso”, foram substituídos por micro ônibus, conhecidos como “sopas” e mais tarde pelos ônibus maiores (NOBRE, 2015, p. 260).

A sociedade maceioense que habitava as proximidades da Av. Fernandes Lima, convivia com ares mais amenos, tranquilos e a paisagem de generosos sítios de frondosas árvores frutíferas, que deram conformação a um trecho do bairro já um pouco expandido (Figura 049), que foi assim descrito por Nobre (2015, p. 259):

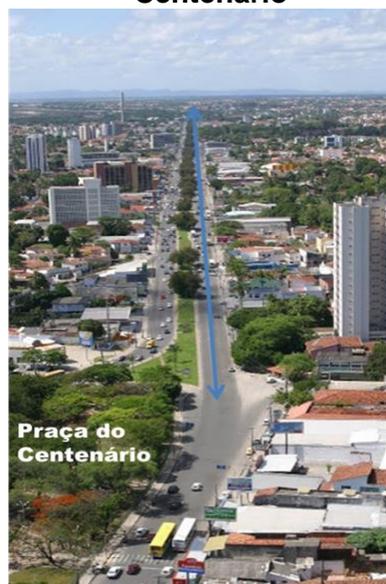
Na implantação dos sítios, pelo lado direito, infelizmente não foi planejado o futuro: todos tinham testada na avenida e fundos, com distâncias variáveis até 300m, nas margens do riacho Reginaldo. Pelo lado esquerdo somente uma rua existia, a Prof. Virgínio de Campos (antiga Paraíba), paralela à Av. Fernandes Lima, iniciando-se na antiga São Luiz e terminando na “Cavalo Morto”, atual Nossa Senhora de Fátima, pouco extensa, portanto. A Av. Pará (atual Gov. Afrânio Lages), Rua da Areia, José de Alencar, Pitanguinha eram caudatárias como muitas outras e com lotes de mesmas características.

**Figura 049 – Eixos de circulação do bairro do Farol, na década de 1940**



Fonte: Cavalcanti (1998). Adaptado pela autora.  
Obs.: Guia de Maceió de 1942.

**Figura 050 – Av. Fernandes Lima, a partir da Praça do Centenário**



Fonte: A maior, melhor e mais bonita praça de Maceió.  
Disponível em:  
<[culturaeviajem.wordpress.com](http://culturaeviajem.wordpress.com)>, adaptado pela autora.

Casarões adotando o formato de chalés ou de bangalôs ocupavam imponentes os grandes sítios às margens da Avenida Fernandes Lima.

**Figura 051 – Casarão “chalé” de fins da década de 1930 na Av. Fernandes Lima ainda sem calçamento**

Fonte: Memórias de Alagoas -IHGAL (2009, p.



113).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2016).

**Figura 052 – Casarões em grandes sítios na Av. Fernandes Lima, na década de 1960**



Fonte: Maceió Antiga disponível em <http://www.reportermaceio.com.br/maceio-antiga>.

O professor e historiador Golbery Lessa (2011) refere-se à importância dada à praça mais antiga e significativa do bairro, a Praça do Centenário. Esta, criada em comemoração aos cem anos da capital alagoana, abrigou em seu centro uma miniatura assinada réplica da Estátua da Liberdade, que, segundo ele, somente tinham exemplares em Nova Iorque e Paris.

Em 1939, foi construída a Praça do Centenário da Cidade de Maceió, numa reafirmação da importância e do prestígio social do bairro do Farol, região então preferida pela burguesia. O prefeito Eustáquio Gomes de Melo, engenheiro udenista com especialização nos EUA e na Europa, convocou a Estátua da Liberdade de Jaraguá para figurar no meio da nova praça, onde ficaria no centro de um espelho d'água,

uma remissão à Ilha da Liberdade, na qual se localiza a estátua norte-americana (LESSA, 2011).

**Figura 053 – Praça do Centenário, inaugurada em início de 1940**



Fonte: [alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br)

Nesta foto da Praça do Centenário recém-inaugurada pôde-se ver ao fundo duas residências de estilos diversos mostrando, desde a formação do bairro, o convívio entre uma edificação de platibanda possivelmente eclética e de outra rodeada de alpendres como as casas do meio rural.

A peça confeccionada em bronze pela fundição francesa Val d'Osne retirada do antigo cais do porto em Jaraguá, retornaria em 1990 ao cenário que compunha desde 1918 e seria fixado por trás do prédio do atual Museu da Imagem e do Som (MISA).

**Figura 054 – A estátua no antigo cais de Jaraguá e recolocada, hoje, aos fundos do MISA**



Fonte: [acervoalagoano.blogspot.com.br/2010/11/estatua-da-liberdade-em-jaragua](http://acervoalagoano.blogspot.com.br/2010/11/estatua-da-liberdade-em-jaragua).

Após uma reforma na Praça do Centenário em 1956, o monumento foi retirado e substituído pela estátua do General Góes Monteiro e a praça perdeu também seu espelho d'água.

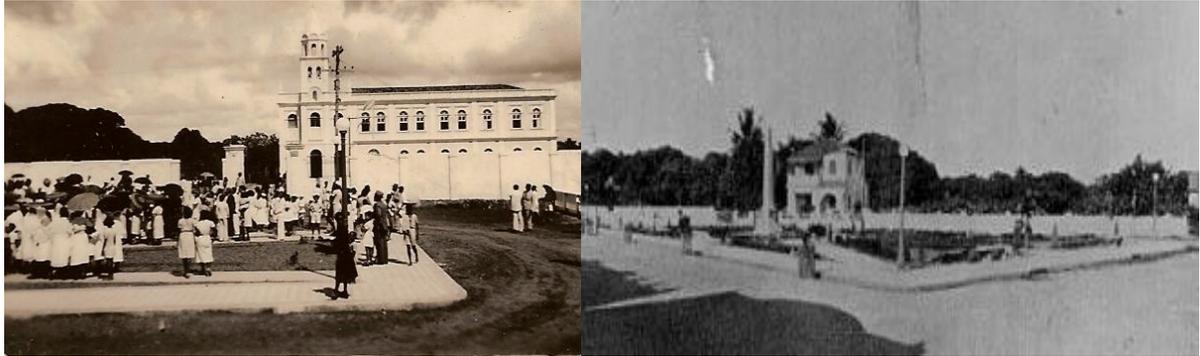
**Figura 055 – Praça do Centenário reformada, em meados da década de 1950**



Fonte: [alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/maquina-do-tempo.html](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/maquina-do-tempo.html)

No mesmo ano do embelezamento da Praça do Centenário foram inauguradas a Praça Dom Antônio Brandão, em frente ao Seminário, hoje reduzida a um canteiro central na avenida, a Praça Sergipe e o calçamento da Avenida Moreira e Silva, conforme citado em artigo O Centenário de Maceió em 1939, do jornalista Edberto Ticianeli (2015d).

**Figura 056 – Praça Dom Antônio Brandão, em sua inauguração, e Praça Sergipe com seu obelisco central**



Fonte: Maceió antiga. Disponível em: <[alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br](http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br)>.

Nas imediações das praças do recém-constituído bairro Farol surgiram com maior intensidade os bangalôs, já avalizados pelas metrópoles e bastante divulgados por veículos de difusão da ideologia do Panamericanismo, e que serão fruto de uma análise mais detida em capítulo posterior. Atores ativos desta mudança na produção do espaço, que adotaram esta linguagem formal, são os arquitetos Manoel Messias de Gusmão e Jofre Saint'Yves Simon que chegam para atuar em Maceió nos anos de 1936 e 1944, respectivamente. Messias de Gusmão, colega de faculdade de Oscar Niemeyer e maior representante do *Mission Style* na cidade considerava suas obras neocoloniais como fiéis a seu tempo, e “passíveis de receberem a denominação de modernas” como comenta Silva (1991, p. 55).

A literatura mostra que juntamente com o cinema de Hollywood, cujos filmes eram exibidos nos primeiros cinemas da cidade, as publicações periódicas já traziam a idealização do *American-way-of-life*. Em Maceió, novos gostos e valores culturais se revelavam, fazendo-o conhecer o estilo arquitetônico proveniente das missões<sup>9</sup>, franciscanas espanholas no México e que se alastraram pelo oeste dos EUA. Além disso, a presença americana no Brasil, no início do século XX, já se fazia muito através da área religiosa-educacional formando instituições de ensino de missionários presbiterianos, metodistas ou protestantes, como o pioneiro *Mackenzie College* em São Paulo ou o Colégio Batista Alagoano em Maceió, criado aos moldes do Colégio Batista Americano de Recife, os quais se encarregavam de disseminar a cultura estadunidense.

<sup>9</sup> Assentamentos ou colônias estabelecidos e dirigidos por missionários franciscanos espanhóis e que se alastraram pela costa oeste dos EUA, até metade do sec XIX com o objetivo de evangelizar e garantir o domínio espanhol em 21 *pueblos* na Alta Califórnia. Disponível em: <[www.queconceito.com.br](http://www.queconceito.com.br)>.

Com o intuito de entender essencialmente o morar no Farol e, de uma maneira geral, para a sociedade maceioense, primeiramente fez-se necessário buscar o papel e significado subjetivo que a casa assumia no decorrer dos tempos, inclusive para os moradores que as vivenciaram.

O habitar que é marco de nosso cotidiano, que se ausenta de nossa indagação e até de nossa consciência porque está presente, no entanto tem um caminho de entrada, um procedimento para agarrá-lo, um giro da atenção que o recupera (DOBERTI, 2014, p. 61).

A casa, como naturalmente intrincada ao íntimo e ao cotidiano do ser humano, requer uma sensível atenção para ser percebida, e mesmo ao recuperar as informações sobre o morar do passado, faz-se com o olhar do presente, alterando-o. Local das atividades vitais e dos laços afetivos, a casa pode ser considerada como primeiro universo humano, um lugar de trocas emotivas entre seus moradores e destes com o exterior.

O habitar, assim como o construir o espaço doméstico, é uma manifestação de caráter cultural que se apresenta como uma instituição abstrata – o lar - relacionada aos costumes, crenças e valores da tradição familiar e das relações sociais do grupo, do lugar e da época envolvidos. Com relação à estrutura física resultante, o morar concretizado no objeto arquitetônico pode também associar-se ao desejo de modernidade externado no emprego de técnicas, materiais e princípios, símbolos de atualização.

### **3 A CASA NA CIDADE: MACEIÓ E O FAROL NOS REGISTROS GRÁFICOS DOS ARQUIVOS**

Um passeio pela literatura, pelos principais comentaristas da arquitetura em estudo, lastreou o capítulo anterior. Contudo, foi o trabalho no arquivo dos registros técnicos oficiais acerca dos projetos arquitetônicos da cidade de Maceió, que possibilitou um encontro mais original e fecundo com a produção que constituiu o foco desta dissertação.

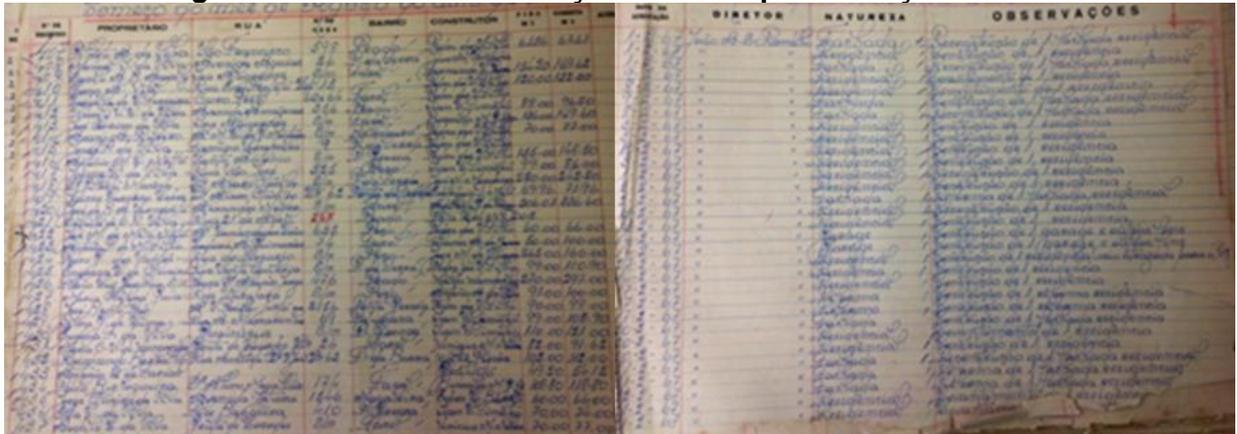
Esta etapa de investigação vinculada à exploração da documentação técnica da casa pôs-nos em contato com inúmeros registros gráficos correspondentes aos desenhos de projetos arquitetônicos, o que nos fez refletir sobre a importância do desenho também como documento de leitura do direcionamento do pensamento da sociedade de uma época. Principalmente quando os usuários a quem se destina o projeto não foram anônimos e as decisões projetuais não foram genéricas, ou seja, não foram pensadas para uma família padrão.

Estas imagens gráficas do projeto arquitetônico foram utilizadas como ferramenta para perceber como eram retratados o anseio pelo novo morar e as possibilidades de criação obtidas pela antecipação no papel de algo imaginado pelo projetista e cliente. A documentação técnica foi selecionada nos arquivos de obras da SMCCU, órgão vinculado à Prefeitura de Maceió. Trata-se de arquivos físicos que guardam o registro gráfico dos projetos arquitetônicos aprovados pela prefeitura, dos quais foi selecionado o acervo do intervalo do início de 1940 até os últimos dias de 1959. A pesquisa incluiu um longo trabalho inicial de identificação, no qual os arquivos da municipalidade de Maceió foram intensivamente explorados e catalogados. Num total de cerca de 1.150, esses documentos puderam trazer dados e informações objetivas – como localização da obra, proprietário, autoria, data, incidência estilística, largura do lote, nº de pavimentos. Quanto à apresentação, os desenhos técnicos eram arquivados em diversos tipos e formatos de papel, em geral indicando a autoria do projeto arquitetônico, quando existente, apenas no carimbo das pranchas, e nunca explícita no livro de registro de obras. O acesso à consulta efetiva às pranchas destas residências possibilitou uma identificação e distinção estilística preliminar, apesar deste aspecto mesmo que contabilizado, não tenha sido priorizado como elemento de análise na pesquisa.

Os registros de edificações residenciais em Maceió correspondentes a essas décadas no Farol documentaram não só a arquitetura, mas trouxeram importantes dados acerca de seu processo de transformação e o modo de morar de uma privilegiada parcela da população que ocupava este espaço urbano. Convém outra vez mencionar que mesmo sendo a imagem de Maceió atualmente sempre relacionada às suas praias, reconhecida e exaltada pela beleza de sua orla, durante este período, viver à beira mar ainda não havia adquirido o *status* de “morar bem”.

No processo, recorreu-se ao método de levantamento, de início no livro de registros do órgão, do montante de obras cujos endereços constavam na classificação de bairro como “Farol”, abrangendo, inclusive, áreas que com o passar do tempo não mais corresponderam à delimitação atual do bairro.

**Figura 057 – Folhas de anotações do livro para licença de obras**



Fonte: Livro de registro da SMCCU, Maceió.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Na contabilização das casas foram computados essencialmente os projetos de construção e reforma de residências unifamiliares, inclusive projetos de remodelação de fachadas, por se entender serem manifestações do desejo de atualização e adaptação a uma nova forma estética de morar. As edificações comerciais, os recorrentes desenhos de levantamentos para regularização e projetos de muro ou garagem, assim como os “prédios de apartamentos”, que começavam a despontar na cidade, foram excluídos do eixo de concentração da pesquisa. As casas participantes da pesquisa depois de quantificadas foram tabeladas e suas informações foram transformadas em infográficos, primeiramente obedecendo à identificação inicial através dos livros de registros e posteriormente a partir do manuseio efetivo dos projetos arquivados. As condições do arquivo técnico municipal, ainda não

digitalizado, bastante manuseado e mal acondicionado dificultaram esta etapa da investigação.

Observou-se também que nem todos os projetos anotados no livro de registros de obras foram fisicamente encontrados nas pastas. No órgão municipal consultado, foi-nos informado que os próprios proprietários subtraíam seus projetos quando cedidos por empréstimo para a elaboração de qualquer reforma ou intervenção. Da mesma forma, alguns projetos residenciais para o bairro Farol, que estavam arquivados nas pastas, sequer haviam sido mencionados no livro de registro de obras por mim acessado anteriormente. A verificação desse fato provocou a necessidade de que fossem consultadas todas as pastas, além das que sabidamente tinham projetos no Farol, o que exigiu maior demanda de tempo. Contudo, essa prática mostrou-se positiva e fundamental para vislumbrar a condução do morar em Maceió, do ponto de vista dos projetos submetidos à aprovação, no tempo e espaço de uma maneira mais ampla. Algumas comprovações puderam ser feitas a partir dessa experiência de exame irrestrito de toda documentação técnica, analisando a produção residencial no bairro do Farol sem isolá-la, mas relacionando-a com o restante da cidade que vivenciava relativo desenvolvimento e modernização. Portanto o trabalho pôde trazer também informações sobre Maceió no campo urbanístico, tratando da progressão de sua ocupação e formação de novos bairros neste período.

Talvez essa razão somada a não devolução por parte dos proprietários justifiquem que 14% dos projetos das duas décadas não tenham sido localizados no acervo físico da prefeitura.

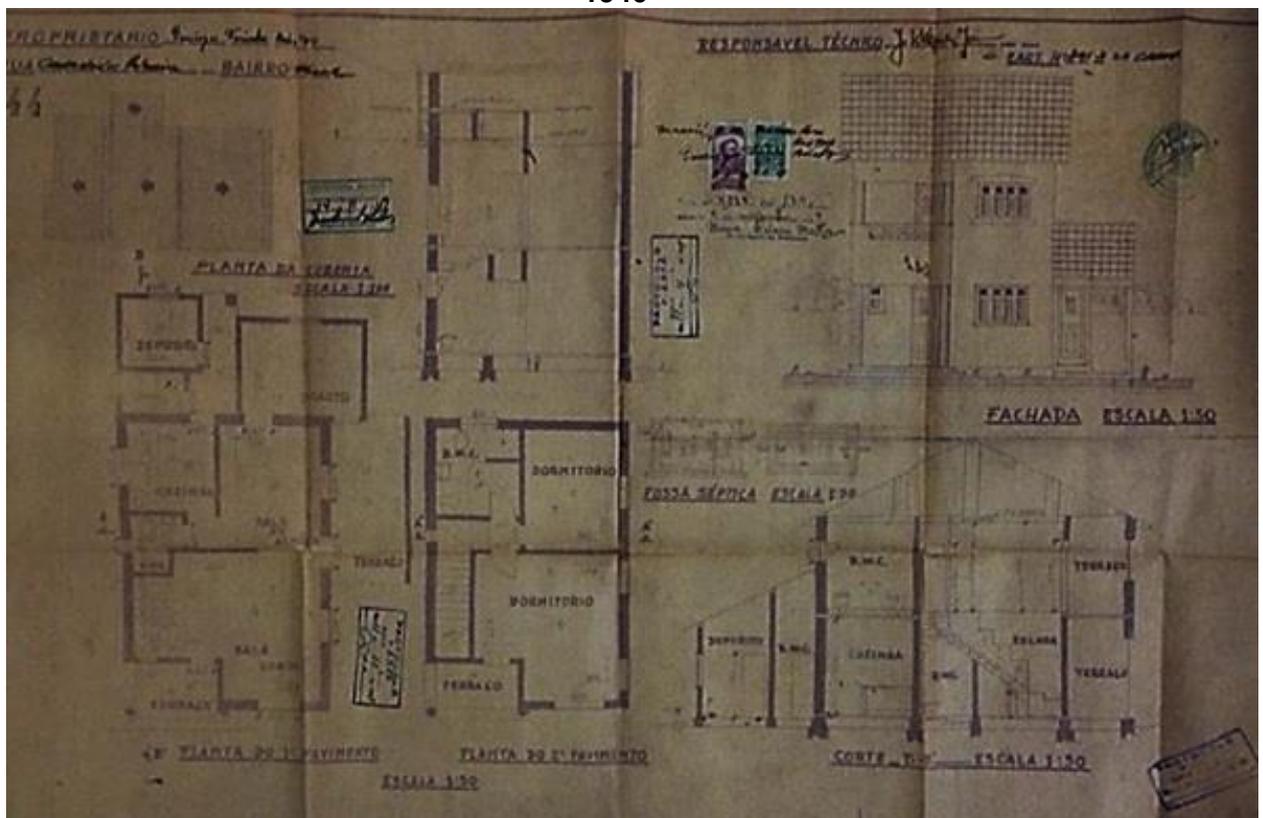
**Figura 058 – Pesquisa em livro de registro de obras e nas plantas técnicas**



Fonte: Arquivo da autora.  
Foto: Ananda Saldanha (2015).

É impraticável demonstrar toda a variedade na composição de desenhos para aprovação, porém há um formato que nos levou a acreditar na existência de uma exigência mínima para aprovação: plantas baixa(s), de regra um único corte, uma ou duas fachadas, detalhe da fossa séptica (num desenho padrão reproduzido), planta de cobertura e, mais eventualmente, planta cotada da locação da casa no lote. A planta de situação do terreno poderia estar incluída e, por vezes, indicando o Norte magnético. Abaixo, um exemplar de prancha para projeto arquitetônico completo relativamente comum à época.

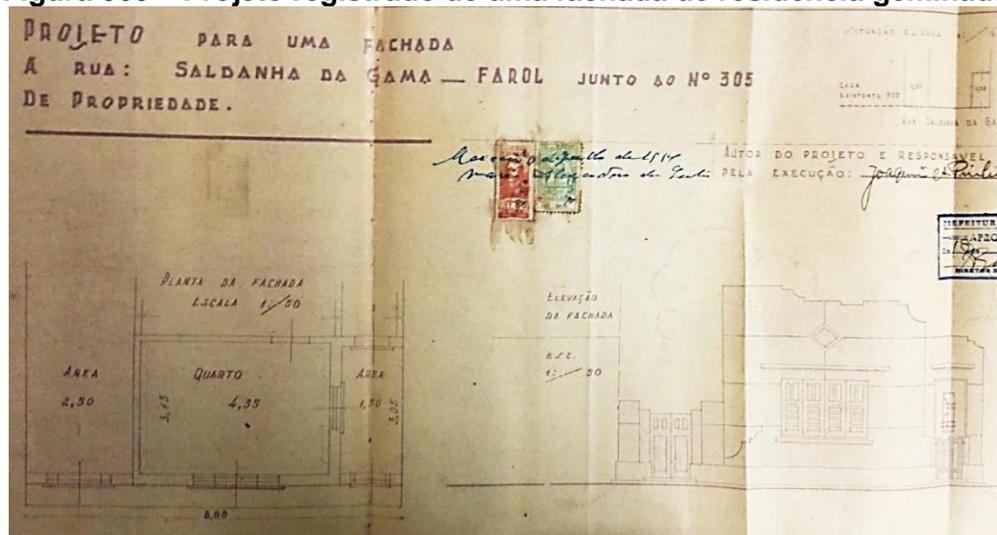
**Figura 059 – Prancha de desenhos de projeto arquitetônico registrado na década de 1940**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A maioria dos projetos residenciais encontrados apresentou dentre os itens de desenhos, a planta de situação do terreno onde era expressa, ao menos, uma dimensão do lote, geralmente a da testada para a rua. Esse dado seria fundamental quando se tratava de projeto de remodelação de fachada, que eram em sua maioria referentes a casas geminadas, sem recuo frontal ou lateral.

**Figura 060 – Projeto registrado de uma fachada de residência geminada**

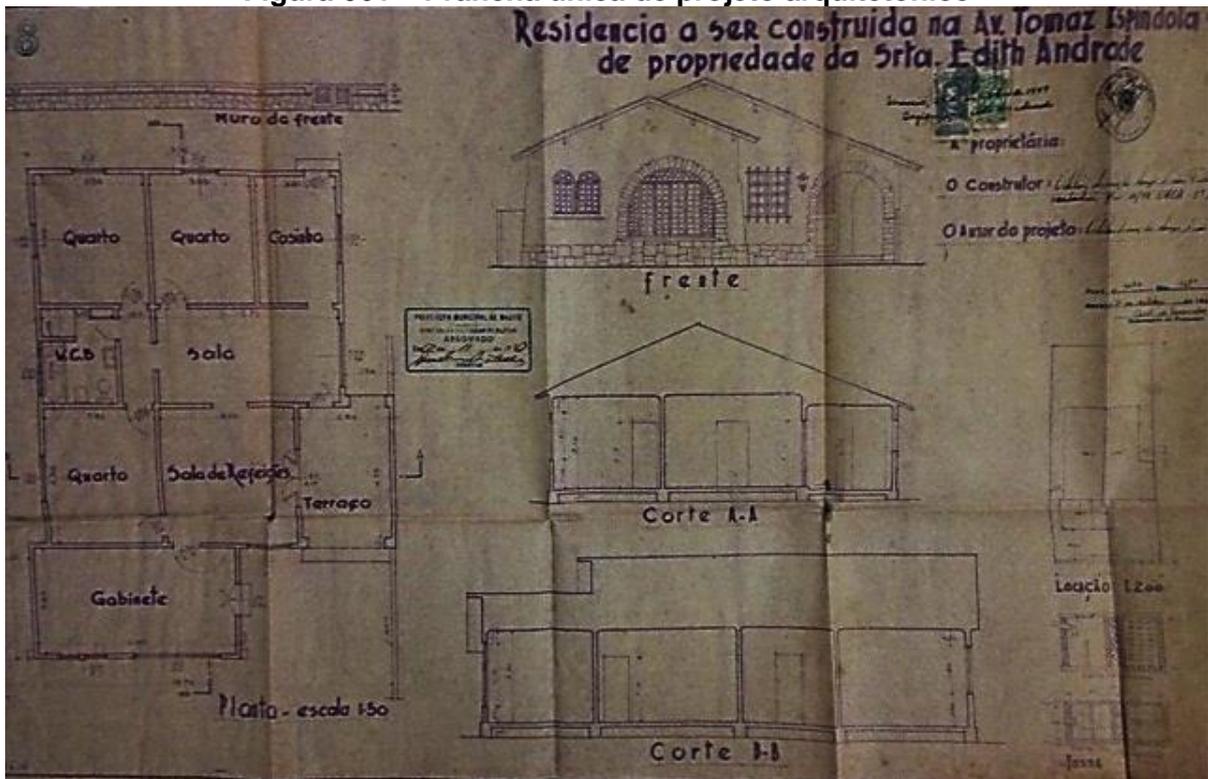


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Os arquivos revelaram que a dimensão frontal média dos lotes nessas décadas oscilou entre 3,00 e 15,00m de largura, sendo a média de testada de 9,00m na década de 1940, passando a 12,30m na década seguinte. A observância em relação à largura do lote adquire importância quando se constata que esta condicionou fundamentalmente a solução arquitetônica, bem como a condição do “morar”, visto as suas implicações no desenho de planta e na resolução de volumes e aberturas. Notou-se que a incidência de lotes mais estreitos decresceu com o tempo, sobretudo com os loteamentos surgidos a partir do fracionamento dos grandes sítios, onde eram adotados lotes padrão de 10m de frente, muitas vezes já com casa construída. Os lotes exíguos, que ainda sugeriam uma implantação geminada, não foram suprimidos na totalidade e nem abandonadas as características protomodernas nas casas nesse padrão de terreno. Esclarece-se que essa classificação da residência como protomoderna, englobou tanto as construções que traziam em sua fachada elementos geométricos, retilíneos, quanto aquelas não neocoloniais mas sem nenhuma outra expressividade estilística significativa ou ainda, as edificações que não obedeciam rigorosamente à estética modernista erudita.

Figura 061 – Prancha única de projeto arquitetônico

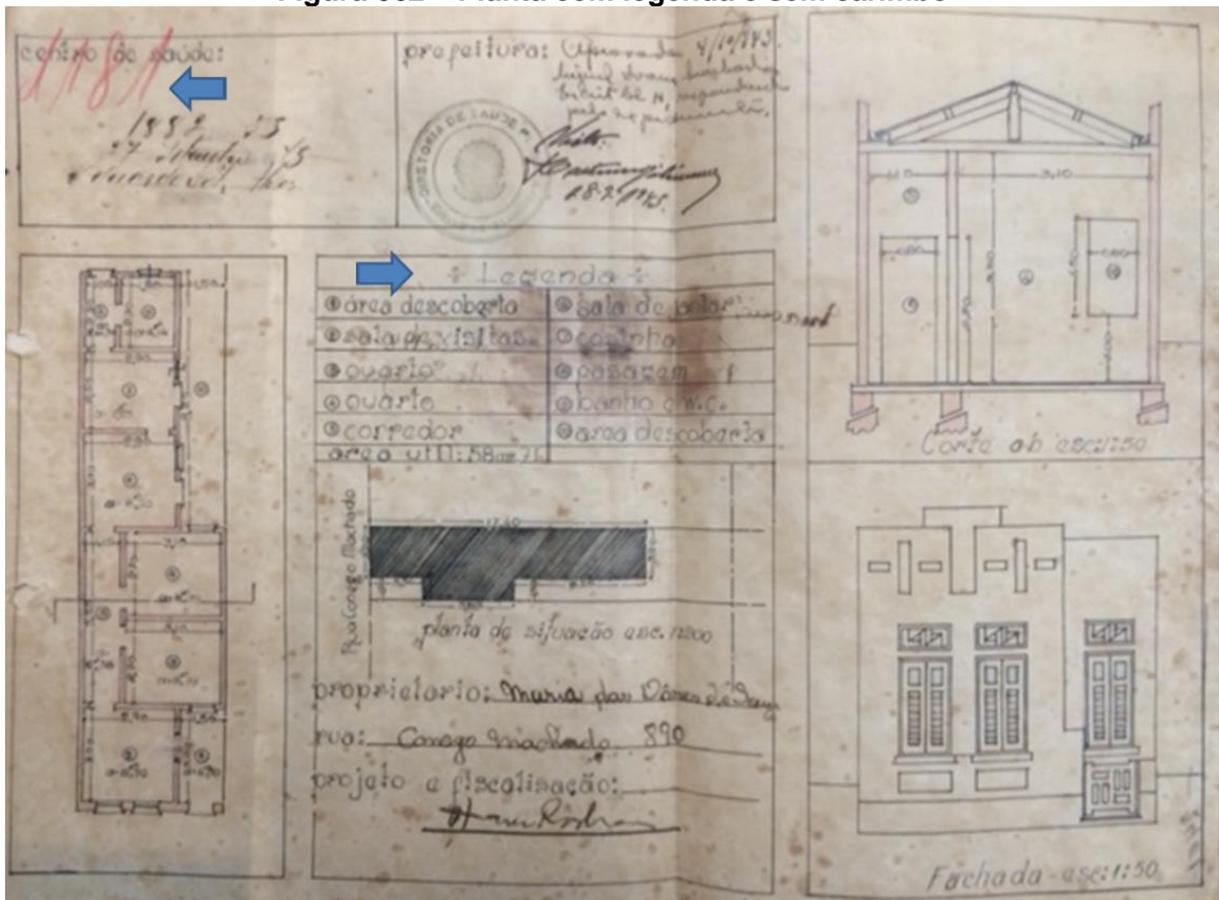


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Quanto à disposição dos desenhos na prancha, os projetos não obedeciam a qualquer regra de ordenação e principalmente na década de 1940. Os desenhos comumente eram tão próximos um dos outros que se mostravam amontoados em uma única prancha, reservando pouco espaço livre e evidência para o carimbo técnico completo, carimbos e assinaturas necessárias que, de modo geral, trazia dados insuficientes sobre a obra. Mesmo os de representação gráfica mais precária preservavam o respeito às convenções técnicas básicas, eram cotados e indicavam tanto o nome e escala de cada desenho, em geral a escala 1:50, assim como o nome de todos os ambientes da planta, com escrita cursiva. Por vezes optava-se por indicar os cômodos através de legenda (Figura 062).

Figura 062 – Planta com legenda e sem carimbo

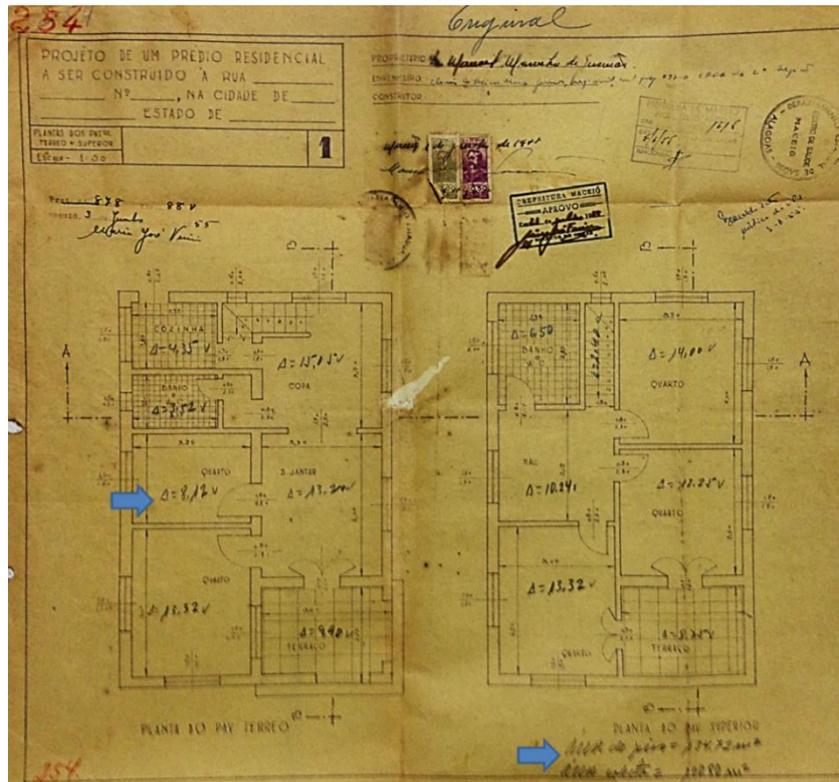


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A maioria dos desenhos originais das plantas não apresentava de forma explícita a área do projeto. Observou-se inclusive que, a partir de 1950, supostamente seria praxe o cálculo de áreas apenas após a entrega do projeto na prefeitura, uma vez que vários deles estavam rabiscados a lápis com anotações, feitas por cima dos desenhos, sobre áreas dos cômodos, área geral do piso e da coberta (Figura 063).

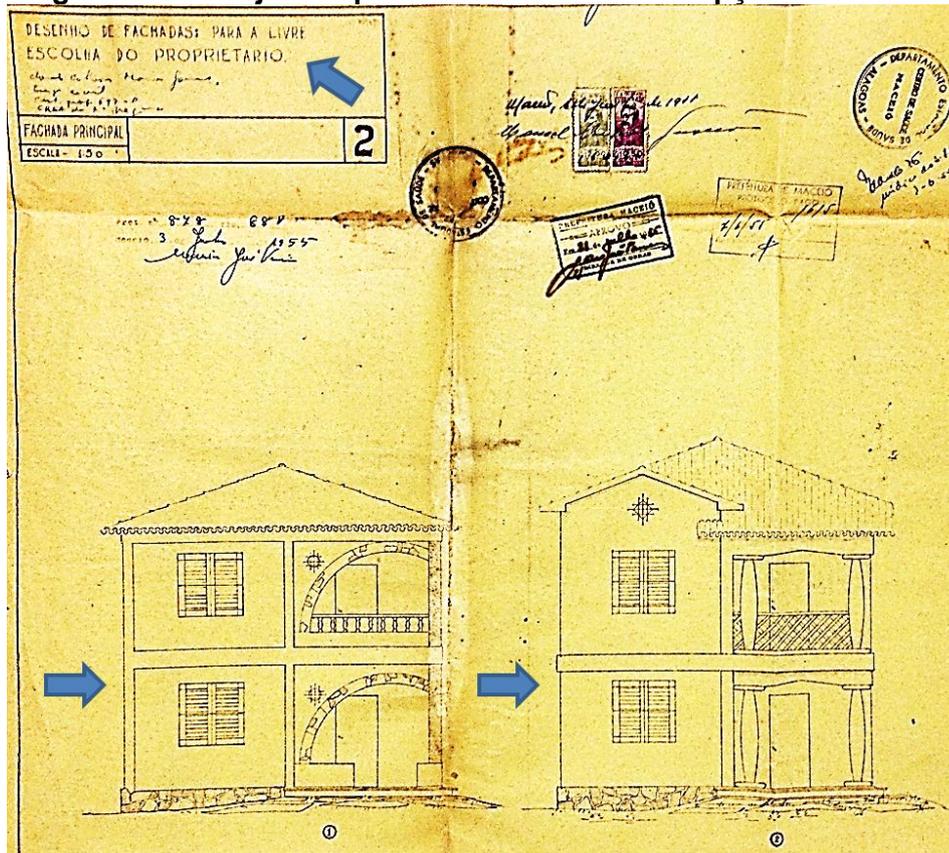
**Figura 063 – Planta com anotação posterior de cálculo de áreas**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Observamos que uma segunda prancha deste mesmo projeto constou no carimbo o texto: “DESENHO DE FACHADAS PARA LIVRE ESCOLHA DO PROPRIETÁRIO”, o que deixa claro que a eleição da fachada a ser construída ficaria sujeita à escolha do cliente, e portanto sem definição, até mesmo com projeto arquitetônico executivo concluído (Figura 064).

**Figura 064 – Projeto arquitetônico de 1955 com opção de fachada**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Essa prática de elaborar mais de uma opção de composição de fachada, já havia sido vista, nos esboços dos estudos de uma residência do arquiteto Messias de Gusmão, como mencionado na introdução deste trabalho, mas foi também encontrada em prancha de um único projeto para aprovação (Figura 064). A referida casa foi localizada pelo endereço, Rua Santa Cruz, e identificado qual o modelo de fachada foi escolhido, pelo proprietário na época.

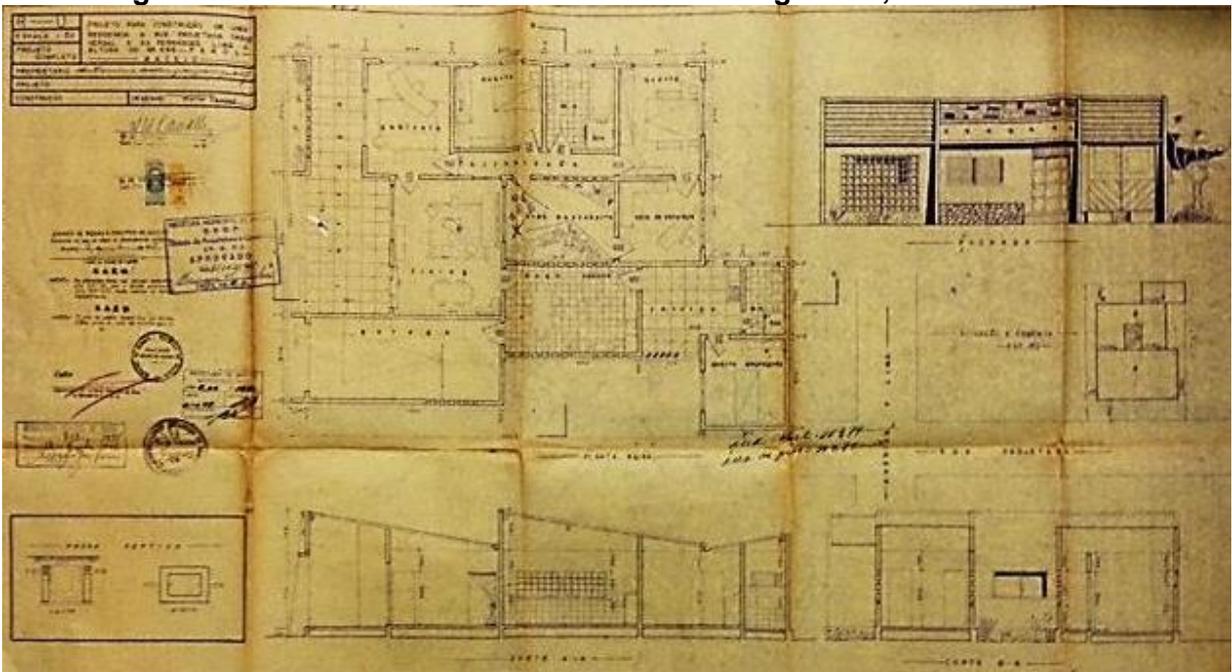
**Figura 065 – Foto atual da fachada da obra na rua Santa Cruz**



Fonte: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A partir da década de 1950, alguns projetos passaram a receber um desenho mais técnico, podendo apresentar-se normografado, coberto à nanquim e com maior precisão em relação às cotas e detalhes construtivos.

**Figura 066 – Prancha com desenho todo normografado, década de 1950**

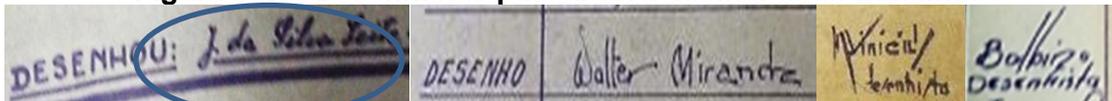


Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Porém, em meados dos anos 1950, evidenciou-se a colaboração de desenhistas técnicos, registrada através de assinaturas dos mesmos nas pranchas dos projetos arquitetônicos, alguns com representações extremamente artísticas cuja autoria de tão característica eram facilmente identificadas, como a de Silva Leite.

Outros desenhistas também contribuíram com a representação gráfica desses projetos, a saber: Walter Miranda, Balbino, Juarez Plech, Walter Cunha, e posteriormente, Hércules, J. Fidelis, Lígia Furtado, M. Vinícius, Viana, dentre outros, com nomes expressos no pé da prancha ou já no carimbo identificando a autoria gráfica.

**Figura 067 – Desenhistas passaram a assinar seus trabalhos**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O único projetista a ser referenciado no carimbo das plantas como colaborador do projeto arquitetônico de uma residência em 1959 (Figura 068) foi o desenhista Ivo Lyra, de formação incompleta em arquitetura (SILVA, 1991). Este profissional, cujo trabalho o livro “Arquitetura moderna: a atitude alagoana” dedica um capítulo exclusivo, continuaria a ser bastante requisitado nas décadas seguintes como autor intelectual de diversos projetos residenciais na cidade. Em outros projetos do arquivo observou-se a participação criativa deste e de outros desenhistas, seja por conhecimento anterior adquirido na participação na pesquisa sobre a arquitetura moderna alagoana, seja por identificação através de características semelhantes.

**Figura 068 – Projeto na década de 1950 com colaboração explícita do desenhista**

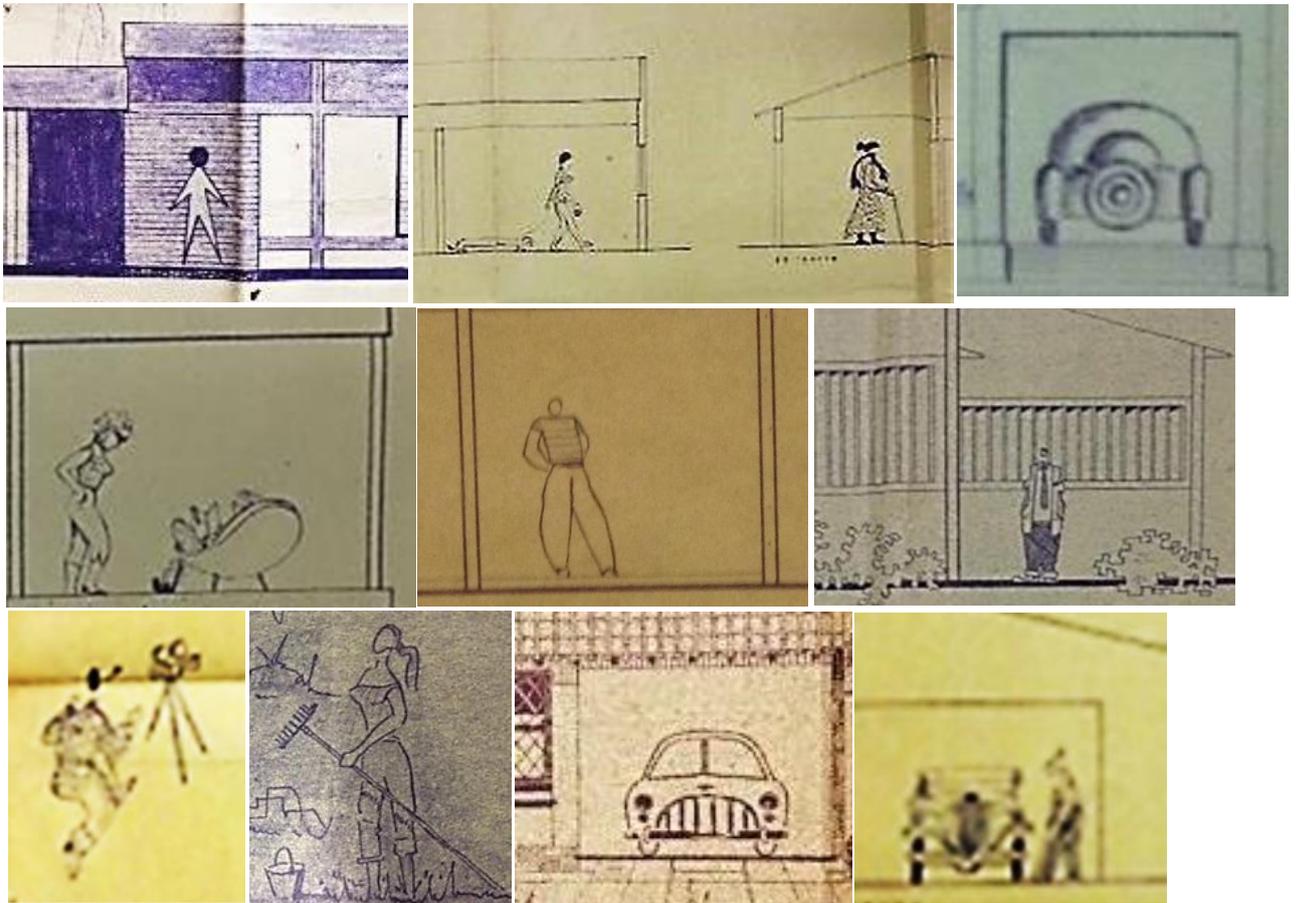
P R O J E T O	
PARA UMA RESIDENCIA A SER EXECUTADA NA AV. TOMAS ESPINDOLA ESQUI- NA COM A R. SANTA CRUZ	
PROPRIEDE: <i>Ruth Noqueira Gomes</i>	
FAROL M A C E I O	
P L A N T A	AREA DO LOTE: 97 0.90 m <sup>2</sup>
C O R T E	" " PISO: 24 0.70 "
ESC. 1:50	" DA COBERTA: 29 8.50 "
P R J E T O DE: BEROALDO MAIA GOMES	
COLABORAÇÃO: I V O L Y R A	

Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Além do estilo dos traços no desenho técnico ou tipografia, o elaborador gráfico marcava seu trabalho através da introdução de ilustrações – vegetações, automóveis, pessoas e objetos bem humorados - personalizando com *entourages* seu trabalho, mesmo que não assinado.

**Figura 069 – Algumas *entourages* que compunham o desenho da residência. Autoria não identificada**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015.)

Algumas constatações gerais e importantes em relação às pranchas foram feitas a partir da pesquisa direta ao acervo de projetos e merecem ser comentadas por serem comprovações de conjecturas iniciais ou de fatos previamente conhecidos ou tratarem de curiosas descobertas.

Em todas as plantas técnicas manuseadas foram encontrados selos que no passado comprovavam o recolhimento de impostos exigidos para o registro do projeto arquitetônico e regulamentação da obra. Sobre esses selos havia a data e a assinatura do proprietário do imóvel.

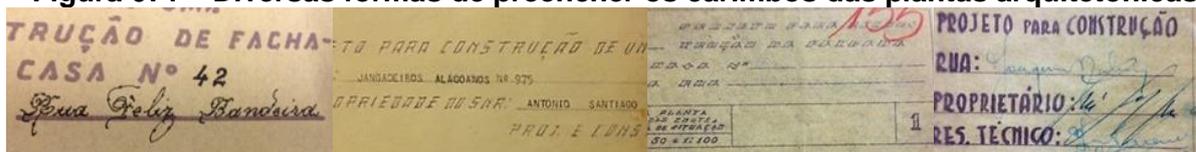
**Figura 070 – Imposto cobrado e selos nas pranchas referentes ao pagamento**



Fonte: Acervo técnico da SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015)

Constatou-se a pouca exigência ou a inexistência de regras quanto à padronização das pranchas dos projetos técnicos tanto em relação à espécie e dimensões do papel utilizado, quanto aos desenhos apresentados, muitas vezes incompletos, faltando sobretudo a planta de situação. Por vezes careciam de informações importantes como o nome do autor (identificado apenas pelo número do CREA), proprietário e endereço da obra, por preenchimentos manuais ilegíveis ou pela mera omissão de dados no carimbo. O preenchimento das informações era feito com letras cursivas rebuscadas ou nomes datilografados, ou apareceram bastante apagadas ou ilegíveis:

**Figura 071 – Diversas formas de preencher os carimbos das plantas arquitetônicas**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Quanto ao suporte, eram usados o papel translúcido, o vegetal e papéis opacos em várias diagramaturas, em originais ou cópias heliográficas executadas em firmas já existentes em nossa capital – Corcino, Soteca e Merel (Figura 072) – o que denota a crescente demanda deste setor.

**Figura 072 – Empresas responsáveis pelas cópias heliográficas dos projetos**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

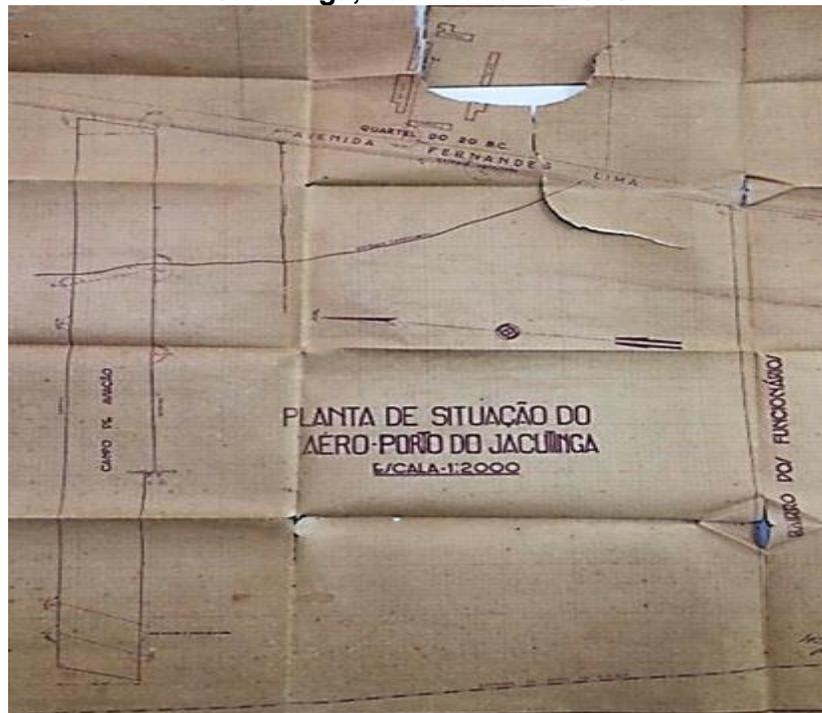
Cabe destacar informações mais amplas sobre a paisagem da cidade, que o material do arquivo permitiu inferir. Iniciando a década de 1940, o acervo indica que a dinâmica das reconstruções de residências existentes ganharia celeridade, substituindo os valores da memória em favor do discurso acerca do progresso. A menção a novas sub-regiões apareceriam dentro do distrito Farol, como o bairro do Pinheiro, cuja origem já havia sido descrita em livro de Lima Júnior (1966, p. 22):

Em frente a vacaria e plantação de capim do Sr. Manoel Pinheiro, no Jacutinga, no local hoje denominado Pinheiro em homenagem àquele saudoso cavalheiro, formava-se, numa depressão, uma grande lagoa. Nas frias manhãs de inverno, no segundo lustro deste século, eram caçados mergulhões, galinhas d'água, marrecas e patos selvagens.

Pôde-se acompanhar a ocupação de outras regiões do Farol que, como o Pinheiro, eram áreas alagáveis ou voltadas para atividades rurais e que se tornariam, mais tarde, bairros independentes, como foi o caso também da Pitanguinha, referida nessa época como pertencente ao Farol.

Quando já se identificava o bairro como Farol, a área aludida Alto do Jacutinga correspondia à parte do Farol mais distante do Centro, na extensão da Avenida Fernandes Lima, onde um projeto encontrado previa a instalação de um campo de aviação chamada de “Aero-porto do Jacutinga” na época da Segunda Guerra Mundial. Constava no desenho sua localização em frente ao recém-transferido Quartel do 20ºdo BC, hoje o Quartel do 59º BIMTz, que ocupava a área de sítios de veraneio (Figura 073). Porém a Base Militar que aparecia mencionada na literatura, era apenas a do Tabuleiro dos Martins, que deu origem ao aeroporto da cidade.

**Figura 073 – Planta de situação do Aeroporto do Jacutinga, na década de 1940**



Fonte: Acervo SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

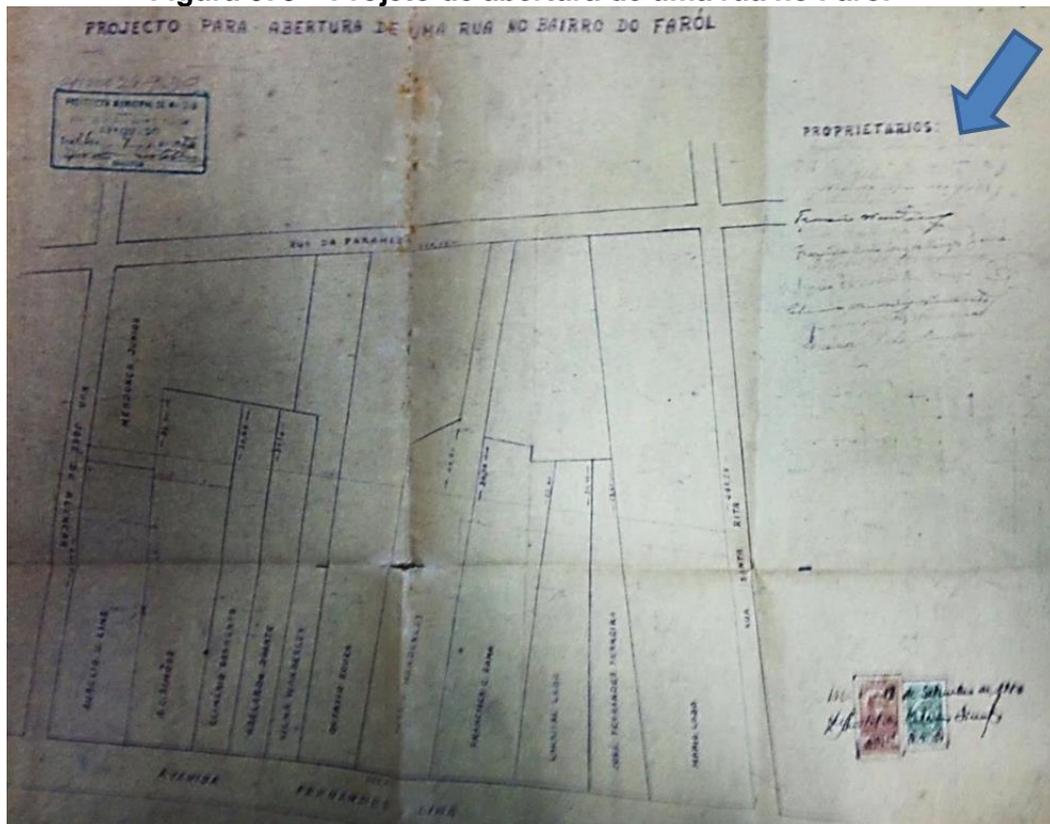
**Figura 074 – Quartel recém construído na Av. Fernandes Lima, na década de 1940, e numa vista atual**



Fontes: <[www.historiadealagoas.com.br](http://www.historiadealagoas.com.br)> e <[l.mgfmovéis.com.br](http://l.mgfmovéis.com.br)>. Adaptadas pela autora.

Quanto ao registro de abertura de novas ruas pela iniciativa privada, uma delas foi localizada nos arquivos da SMCCU, num projeto em 1950. Trata-se da Rua da Parahyba, hoje denominada Rua Virgínio de Campos, paralela à Avenida Fernandes Lima, em cuja prancha técnica aparecem as assinaturas de todos os proprietários de terrenos da quadra avaliando o processo.

**Figura 075 – Projeto de abertura de uma rua no Farol**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

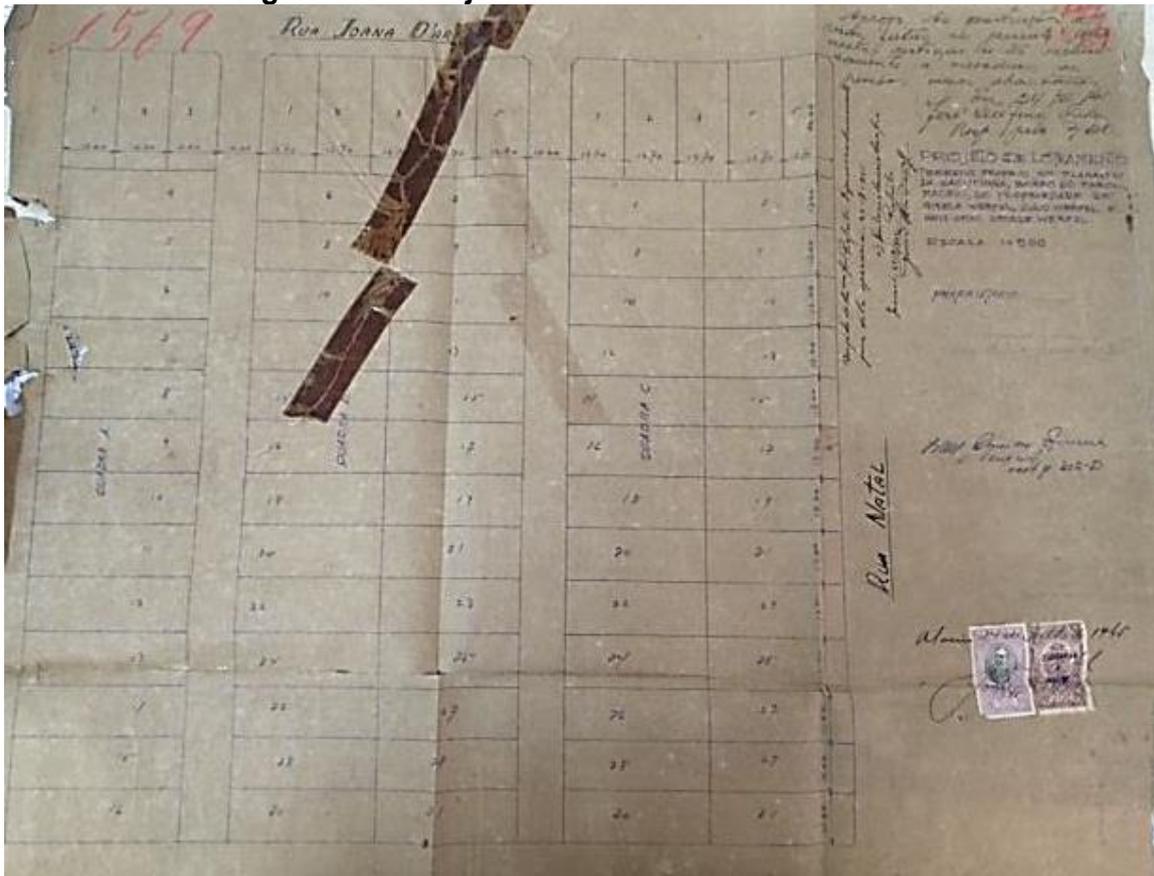
**Figura 076 – Traçado atual do trecho da Avenida Fernandes Lima e das ruas Virgínio de Campos (antiga Parahyba) e José de Alencar**



Fonte: <[www.google.com.br/maps](http://www.google.com.br/maps)>

Novos loteamentos foram criados em ambos os lados da Avenida Fernandes Lima, como o projetado em 1945 (Figura 077), nas imediações das ruas Joana D'Arc e Natal.

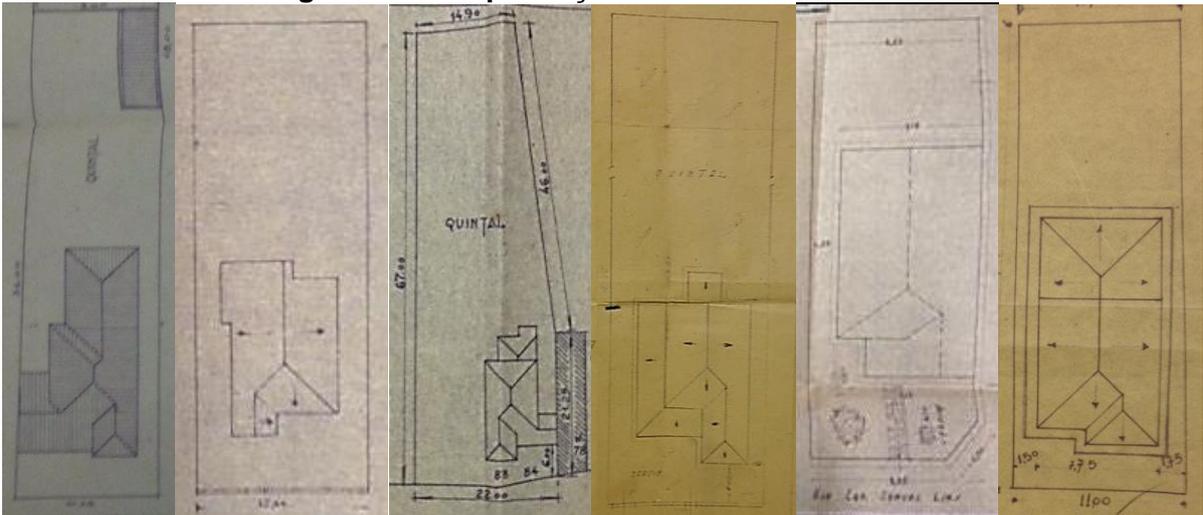
Figura 077 – Projeto de loteamento no bairro do Farol



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Uma observação geral sobre os desenhos leva-nos a inferir que a locação da casa no lote teve nessas décadas, independente da opção estilística adotada no projeto, a intenção, quando possível, de reservar áreas livres significativas na parte frontal e posterior do terreno, ampliando os ganhos obtidos com o recuo unilateral introduzido a cerca de uma década atrás. Assim, a casa implantada solta do lote permitiu o estabelecimento de jardins em seu entorno e do quintal que, em termos de dimensões mostrou-se plenamente privilegiado e quase sempre aparecia nomeado nas plantas (Figura 078).

**Figura 078 – Implantação da casa urbana no lote**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O acesso às plantas de locação da casa, muitas vezes englobando a de situação por apresentar também as ruas circundantes ou nomeadas erroneamente como tal, permitiu-nos comprovar que mesmo em projetos modernistas mais arrojados vê-se a manutenção do tradicional quintal para usufruto da família e integração com a casa, com evidência nos lotes com dimensões generosas. Seu uso mais restrito diferenciava-o dos jardins frontais e laterais.

As plantas de situação quando apresentavam os terrenos limítrofes identificava-os muitas vezes com os nomes próprios de seus proprietários (Figura 079), uma referência que provou a pouca mobilidade das coisas e a permanência das situações no bairro.

**Figura 079 – Planta de situação com indicação de terrenos de particulares**

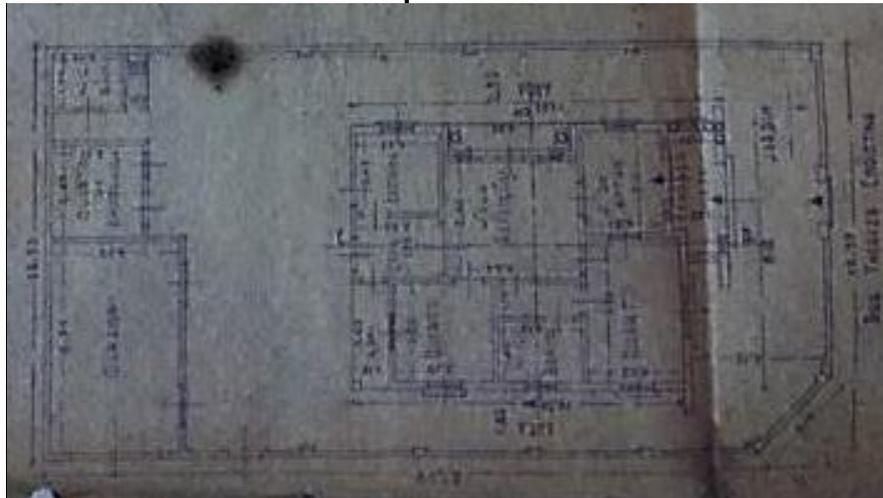


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O “quintal”, cuja nomenclatura não é na atualidade utilizada em projetos arquitetônicos para designar, a área posterior das residências contemporâneas, teve, suas dimensões reduzidas ou deu lugar a equipamentos de lazer requintados, amplamente aberto a visitantes, afastando-se do seu sentido anterior mais reservado. Quase que obrigatório nas casas de meados do século XX, o quintal, observando-se o material do arquivo, possuía dimensões bem maiores do que as áreas livres frontais, o que revelava a importância também dada ao convívio familiar e lazer reservado, o contato com áreas livres e a necessidade de aproximação com uma certa porção da natureza com a presença da vegetação. Porém, havia o anexo ao fundo do lote, que abrigava os aposentos dos empregados, área de serviço e garagem, cujo acesso já aparecia diferenciado da entrada de pedestre da residência. Nos projetos da década de 1950, a garagem ganharia o nome de abrigo e se posicionaria na área frontal da casa agregada ao terraço social, assim como o serviço e a dependência de empregada passariam para o corpo da casa.

**Figura 080 – Planta baixa mostrando os anexos ao fundo do quintal**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Foi na década de 1950 a chegada dos primeiros jovens engenheiros e arquitetos formados na metrópole mais próxima, Recife, que retornavam à terra natal e se incumbiriam de diversas tarefas seja nas secretarias municipais e de Estado, seja na atividade de escritório<sup>10</sup>. As medidas políticas progressistas do país afetaram

<sup>10</sup> Os engenheiros alagoanos formados na turma de 1954 que voltaram de Pernambuco foram Vinícius Maia Nobre, Mário Ramos Torres, Milton Leite Soares, Ned Cavalcante Lima, Fernando Cardoso Gama, e Manoel Machado Ramalho de Azevedo e pela Bahia, Edgard Guimarães (NOBRE, 2015, p. 324). Antes disso, outros engenheiros já atuavam em Maceió: Talvanes Augusto de Barros, Aloísio Freitas Melro, Antônio Mário Mafra, Joaquim Diégues Júnior, Manoel Messias de Gusmão (eng.arqto),

também as práticas profissionais e a figura do engenheiro passou a ser reconhecida como de grande futuro, o que foi confirmado nos arquivos. Bastante atuantes, promoveriam alteração nas possibilidades construtivas dos edifícios públicos e das residências no tocante à ousadia estética e à racionalidade no uso de materiais. A nova postura despertou maior interesse e inquietude em relação ao pensar o projeto da moradia e assinalou a mudança paulatina na mentalidade rumo a uma nova prática projetual e construtiva. Anteriormente, apenas dois profissionais engenheiros arquitetos formados no Rio de Janeiro pela ENBA teriam trazido para Maceió influências das duas vertentes da arquitetura carioca: Lygia Fernandes, contemporânea de Borsoi e formada em 1945 e Manoel Messias de Gusmão, formado na mesma turma de Niemeyer em 1934, mas trabalhando na linguagem neocolonial. Apesar de na década anterior terem ocorrido algumas iniciativas isoladas no sentido da introdução de uma linguagem mais despojada, que denominamos de manifestações protomodernas, foi no ano 1952 que foi edificada uma casa que se pautou mais efetivamente pelos princípios modernistas, situada na Avenida Fernandes Lima e projetada por Lygia Fernandes (Ver ficha de amostragem nº 36, no Apêndice C).

Voltando ao contexto urbano ensejado na ampla investigação sobre os arquivos, em 1957 a cidade receberia a implantação do Loteamento Gruta de Lourdes, referenciado no livro de registro de obras e em algumas plantas como pertencente ao Farol e que mais tarde se transformaria em promissor bairro homônimo. O ano de 1958 trouxe uma inovação importante para o bairro em questão, com um projeto inaugurando a tipologia de prédio residencial multifamiliar e vertical, com três pavimentos de autoria do Arquiteto Joffre Saint' Yves Simon, formado em Recife em 1944 – o Edifício Centenário (Figura 081), próximo à Praça do Centenário, no início da Avenida Fernandes Lima, onde hoje funciona um laboratório de análises.

---

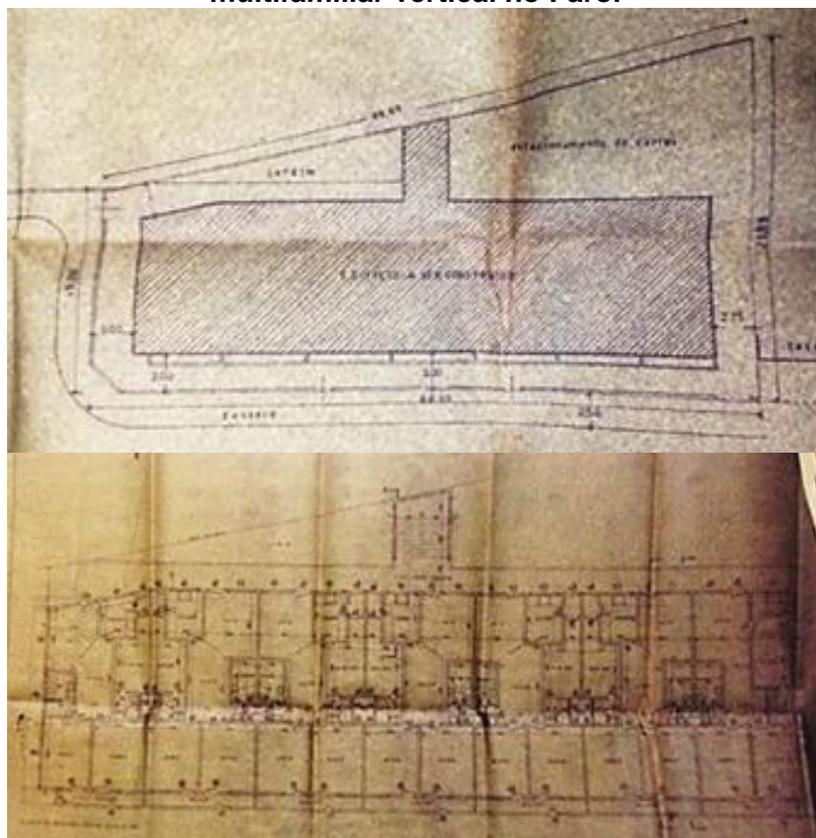
Hermano Cardoso Pedrosa, Everaldo de Oliveira Castro, Edson Lobão Barreto, Demócrito Barroca, Manfredo Perdigão do Carmo, Jalbas Tavares Lira (NOBRE, 2015, p. 323) além de Augusto Alves dos Anjos, Anselmo Botelho (eng arqto), Odilon de Souza Leão (NOBRE, 2015, p. 246).

**Figura 081 – Carimbo de localização do primeiro prédio residencial multifamiliar do Farol**



Fonte: Acervo técnico SMCCU e <<http://alagoasbytonycavalcante.blogspot.com.br/2011/04/maceio-antiga>>.

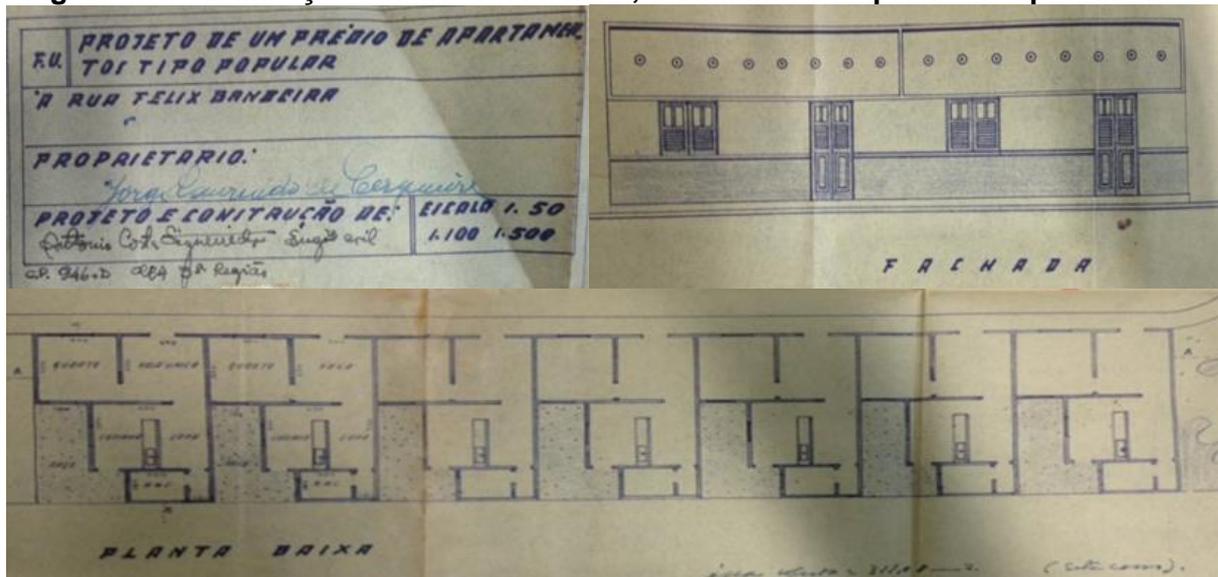
**Figura 082 – Situação e planta baixa tipo da primeira edificação multifamiliar vertical no Farol**



Fonte Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Diferenciava-se dos inúmeros outros projetos identificados por “prédios de apartamentos”, que não passavam de uma sequência de casas populares, alinhadas e térreas com implantação geminada, algumas apresentando quintal (Figura 096) e instaladas prioritariamente em bairros periféricos mais humildes. Seriam casas de meia-morada, que sem recuo frontal e geminadas, tiveram sua fachada contínua atualizada.

**Figura 083 – Edificação coletiva residencial, denominada de prédio de apartamentos**

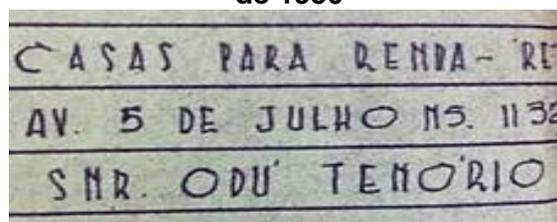


Fonte: Acervo SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Observou-se a ocorrência de projetos para a construção das chamadas “casas de renda”, moradias populares que traziam expressas no carimbo esta sua finalidade (Figura 084). Eram casas múltiplas, pouco comuns no Farol (inferior a 5%) sendo corriqueiras em outros pontos mais modestos da cidade, muitas vezes pertencendo a um mesmo proprietário.

**Figura 084 – Indicação de “casa de renda” no carimbo de projeto da década de 1950**



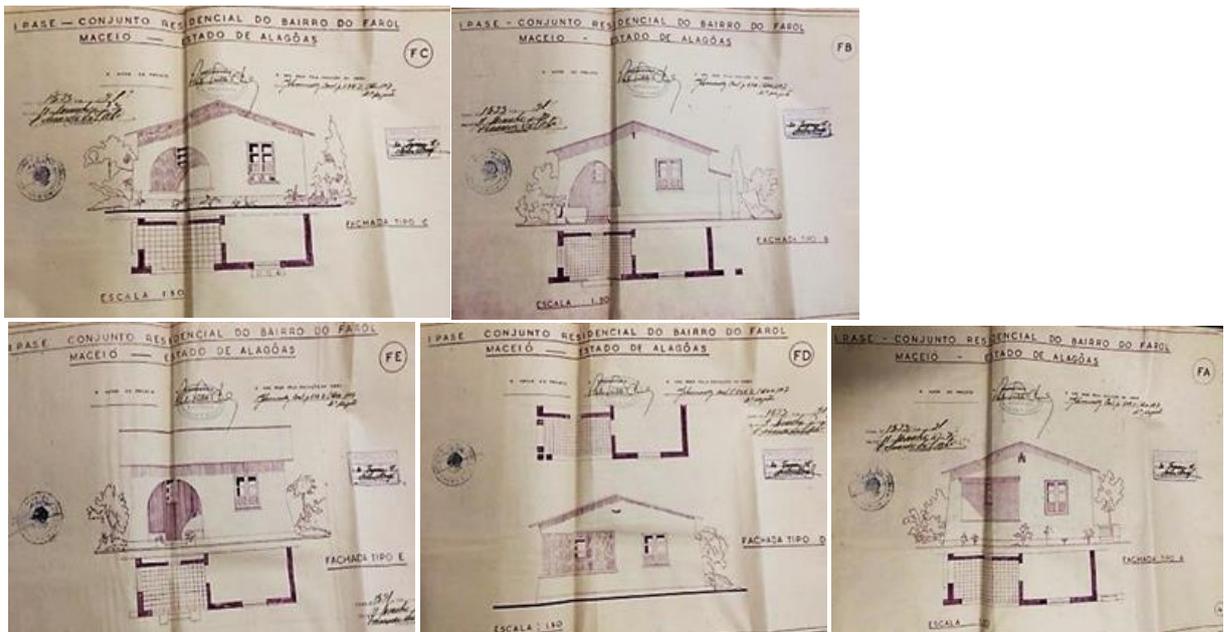
Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Instituições de financiamento da casa própria como o extinto Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) cumpriram também a

tarefa de produzir moradias. Essas residências apareciam geminadas ou soltas no lote, com plantas diferenciadas ou idênticas, por vezes apenas com alguma alteração exclusivamente em elementos na fachada (Figura 085), valorizando o conjunto, como o projeto do IPASE, em 1947, na Rua Desembargador Amorim Lima.

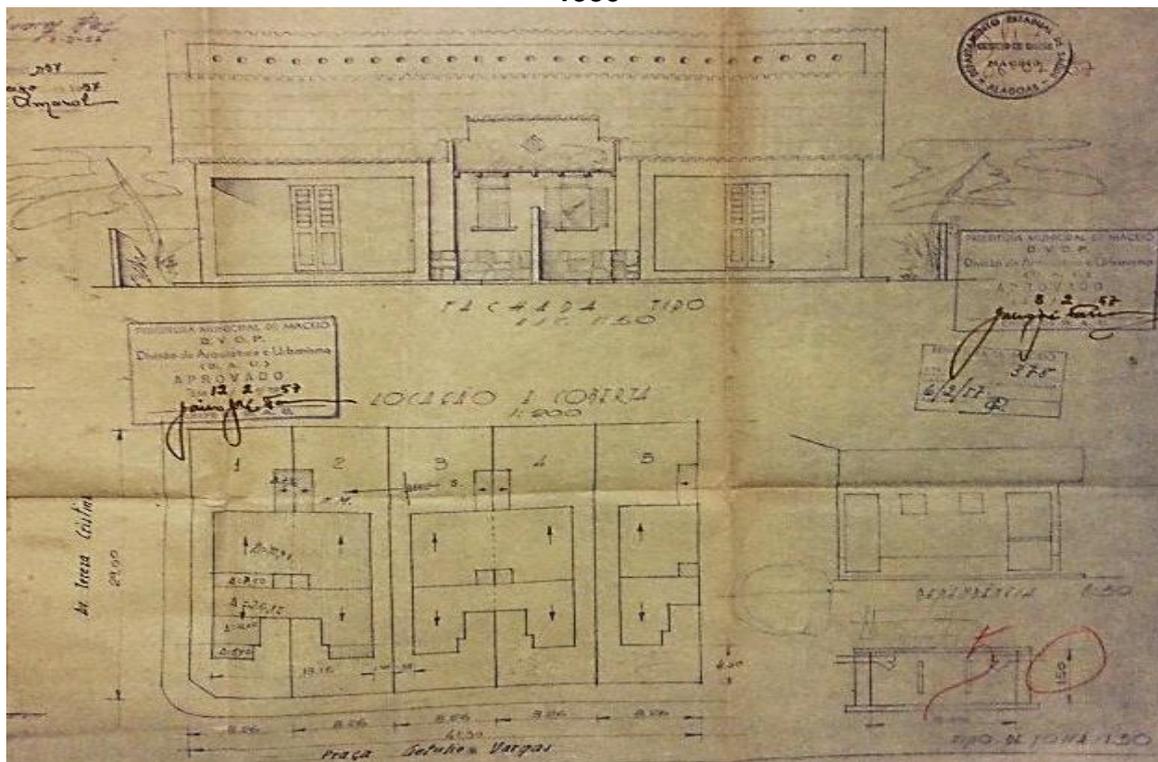
**Figura 085 – Cinco opções de fachada para bangalôs do conjunto do IPASE (1947) no bairro do Farol**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Constatou-se nos últimos anos da década de 1940 uma incidência considerável de obras residenciais individuais ou agrupadas em conjuntos, nos bairros da Levada, Centro e Poço, principalmente nas ruas Pedro Monteiro, Buarque de Macedo, França Morel e Comendador Leão. Alguns pequenos conjuntos de casas prontas, com repetição ou rebatimento de planta, surgiram também para atender a demanda da habitação partindo da iniciativa privada de proprietários de grandes terrenos particulares, que subdividindo em lotes, construía auxiliados por engenheiros autônomos.

**Figura 086 – Projeto para 05 casas a partir da subdivisão de terreno. Década de 1950**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Em maiores empreendimentos já atuavam empresas de engenharia e construção, das quais se destacavam a SICOL e a WALBREDA.

**Figura 087 – Carimbos indicando as novas construtoras mais atuantes**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Ainda no ano de 1958, as plantas técnicas começaram a nomear como local da obra, uma região denominada Tabuleiro dos Martins, localizada no prolongamento ao Norte da Avenida Fernandes Lima, confirmando uma direção de crescimento urbano que será plenamente referendada no futuro. Nos livros de registro constava esta região como ainda pertencente ao distrito do Farol. Nesta época tornaram-se abundantes as construções residenciais da firma SICOL no trecho do Tabuleiro,

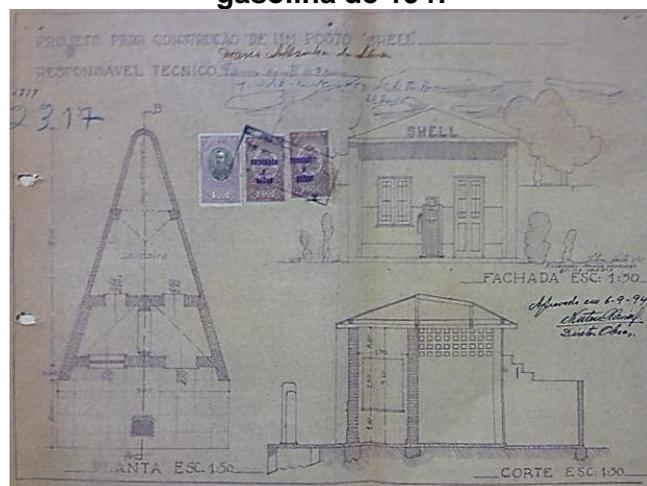
enquanto no trecho correspondente ao bairro Gruta de Lourdes atuava a empresa WALBREDA quase que exclusivamente.

No decorrer da investigação sobre a década de 1950, deparamo-nos com uma profusão de outros projetos residenciais em novos loteamentos, principalmente aqueles situados no bairro do Trapiche: o Jardim América e o da Caixa Econômica Federal.

A partir de 1953, observou-se o início da construção de moradias permanentes nos bairros de Pajuçara e Ponta da Terra, algumas bangalôs como os do Farol. A princípio, em ruas por trás da via à beira mar, já que as maiores e mais modernas apareceriam na orla litorânea após 1956 ou 1957, ocupando a Av. Dr. Antônio Gouveia. Apenas em 1954 pela primeira vez apareceu o nome do bairro do Trapiche para registro municipal de projetos de residências, no período da pesquisa. O Trapiche, conhecido como o “caminho da vila”, um dos bairros mais antigos da cidade, cujo nome significa armazém, nascera a partir de seu porto na Lagoa Mundaú onde recebia mercadorias e passageiros entre a antiga capital (atual Marechal Deodoro) e a Vila de Maceió, e manteve-se até a década de 1970 (PIMENTEL, 1996).

Mesmo numa zona prioritariamente residencial, como propunha ser o bairro do Farol, despertou-nos curiosidade a existência de um cinema, o Cine Pex, na Rua Miguel Palmeira, cujo projeto de reforma, no ano de 1959, deparamo-nos na pesquisa. Nesta época despontavam projetos de clubes recreativos, hospitais, colégios, pontos comerciais, indústrias e postos de gasolina (Figura 088) em diversos bairros como evidência do desenvolvimento da cidade.

**Figura 088 – Projeto de um pequeno posto de gasolina de 1947**

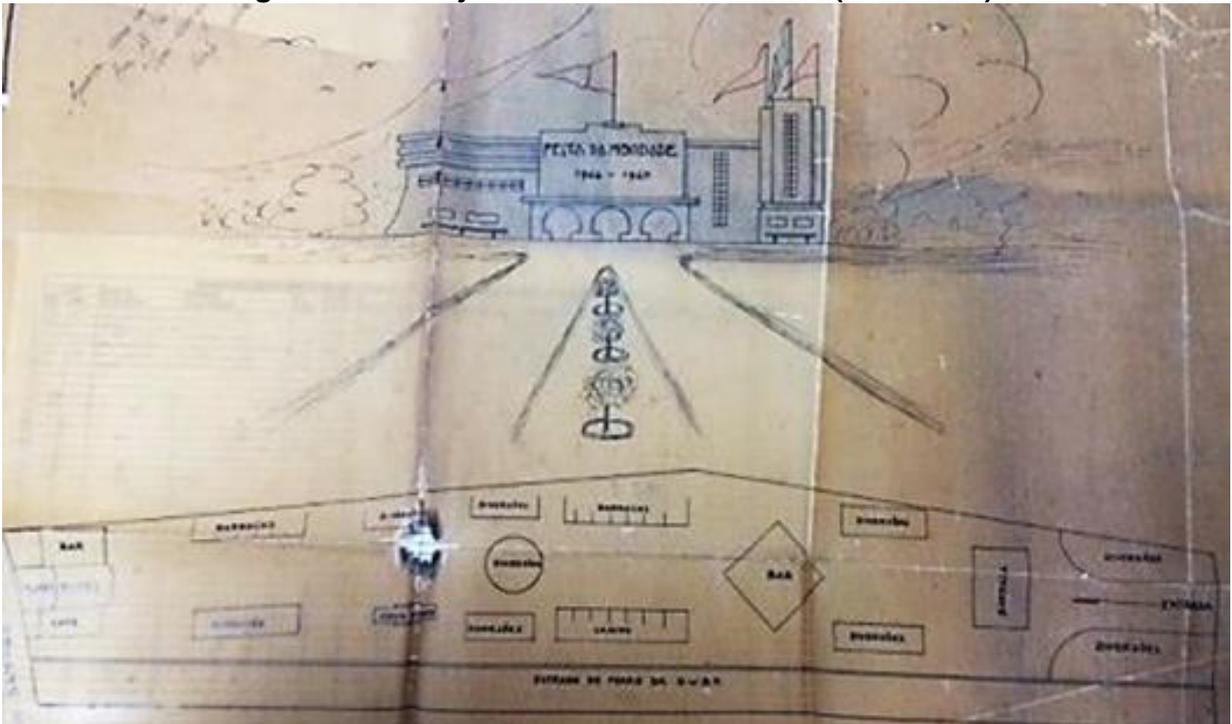


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Além de projetos de arquitetura permanente, residenciais e outros, foi encontrado um inusitado projeto datado de 1945 e sem indicação de autoria, para um evento temporário voltado para o lazer social coletivo – a já mencionada Feira da Mocidade, apresentado em planta baixa com layout posicionando barracas, bar, local de diversões constando de uma fachada em perspectiva (Figura 089). A referida feira havia sido citada por moradores da época como muito atrativa para a juventude, por promover apresentações de artistas famosos, inclusive de fora do estado.

**Figura 089 – Projeto da Festa da Mocidade (1944-1945)**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Várias referências elogiosas em relação à Festa da Mocidade foram encontradas quando da pesquisa aos jornais locais feita, posteriormente no Arquivo Público, revelando sua localização a variedade e êxito de suas atrações.

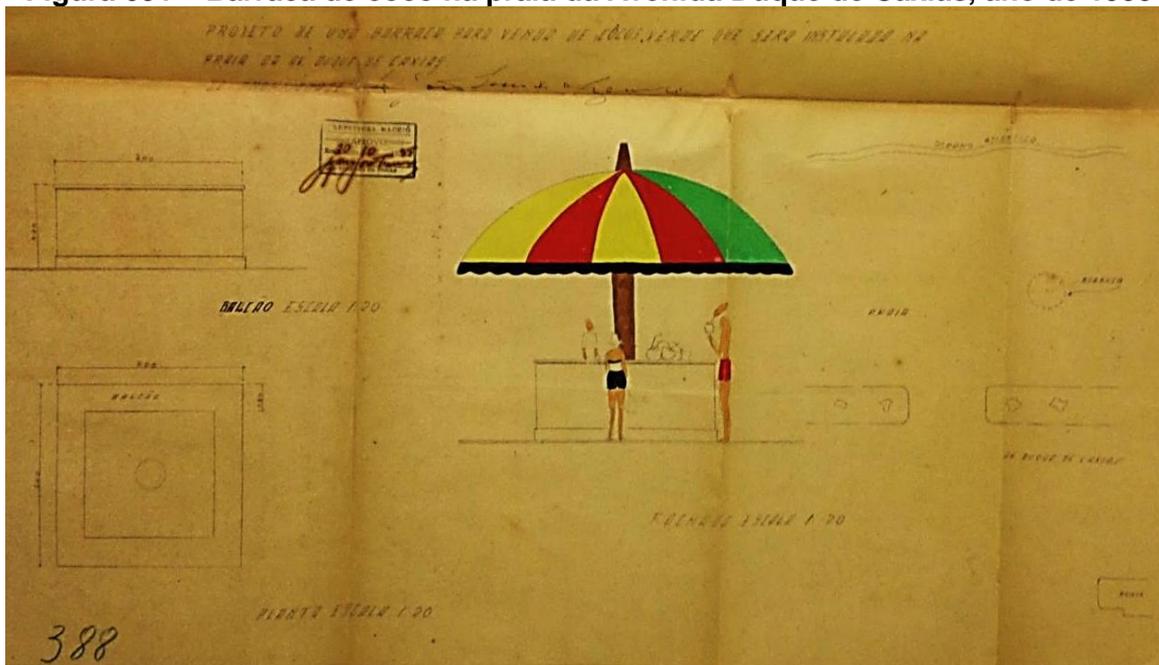
Figura 090 – Reportagem sobre A Festa da Mocidade



Fonte: Jornal de Alagoas (fev./1945).

Em 1955, um projeto com representação colorida retrataria um tipo inovador de equipamento urbanístico para a orla da cidade. Uma barraca rústica para venda de coco verde, de propriedade de um particular, que seria implantada nas areias da praia mais admirada e frequentada na época, a Praia da Avenida. A autoria do projeto e o material a ser utilizado na confecção não foram identificados na prancha. Este projeto encontrado nos arquivos sinalizaria o despertar da exploração das belezas naturais das praias urbanas de Maceió, antecipando a vocação turística da cidade relacionada à paisagem das águas litorâneas ou lacustres, e que teve seu impulso na década de 1960.

**Figura 091 – Barraca de coco na praia da Avenida Duque de Caxias, ano de 1955**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

### 3.1 A Casa dos Arquivos, um olhar amplo

Após uma exploração minuciosa sobre os registros gráficos da produção arquitetônica ocorrida na cidade durante as décadas de 1940-950, o próximo passo foi deter-se no foco gerador da pesquisa – a casa edificada no Farol. Sobre o tema, abarcou-se um vasto material volumoso em relação ao espaço e ao tempo, mas poroso em relação à identificação da delimitação puramente estilística. A menção ao estilo da casa teve sua importância como registro de dados que poderá ou não somar a outras perspectivas de análise do morar. Optou-se pela flexibilização das definições estilísticas, relativizadas por eventuais sombreamentos e composições entre suas manifestações formais.

O entendimento popular local instituiu chamar de bangalôs, as casas (apenas as térreas), soltas do lote, com pequeno terraço e de características pitorescas, embora sempre considerando que

as construções nem sempre se manifestam estilisticamente com a clareza dos manuais, mesmo quando a definição do elenco de características morfológicas identificadoras de cada tipo é resultado,

em grande parte, de observações empíricas [...] (CADASTRO DE IMÓVEIS<sup>11</sup>, p. 13).

o que se aplica ao caso das observações realizadas neste estudo.

Identificou-se quatro padrões estilísticos mais frequentes nos projetos cuja denominação foi assim convencionada: 1) Neocolonial: com elementos e materiais tradicionais da arquitetura colonial luso brasileira; 2) *Mission Style* – com predomínio de elementos e materiais da arquitetura das colônias espanholas no México e EUA; 3) Protomoderno – com linhas retas, sem decorativismo, ou com elementos estilizados e geométricos do *Art déco*, ou com elementos inovadores não eruditos encarados como “modernista inicial”; ou ainda as construções inexpressivas que não compactuaram com qualquer identidade arquitetônica; 4) Modernista ou moderna – de linhas puras e elementos próximos ao ideário internacional da arquitetura moderna.

Consultado o acervo local, deparou-se com um conjunto de plantas arquitetônicas que, em sua maioria, guardavam a particularidade de serem referentes a projetos unifamiliares encomendados e elaborados especificamente para determinada família, uma vez que era pouco frequente a elaboração de casas em nome de alguma construtora para posterior venda. Ainda que possa ter havido acesso a manuais ou a revistas como fonte de referência, a grande maioria dos projetos não foi pensada para um cliente padrão.

Quanto ao processo de representação, deparou-se nos arquivos técnicos com uma diversidade gráfica, alguns ricamente desenhados e coloridos, outros direcionados para a remodelação da popular casa de meia-morada pela substituição de elementos decorativos ecléticos por uma linguagem protomoderna, objetivando a atualização exclusivamente através da fachada. Resultavam em soluções construtivamente simples que transmitiam pouco a modernidade enaltecida pelos recursos do desenho (Figura 092).

---

<sup>11</sup> Classificação estilística do Cadastro de Imóveis da Ribeira para o Plano de reabilitação de áreas urbanas centrais, elaborado em Natal-RN.

**Figura 092 – Meia-morada com elementos protomodernos**

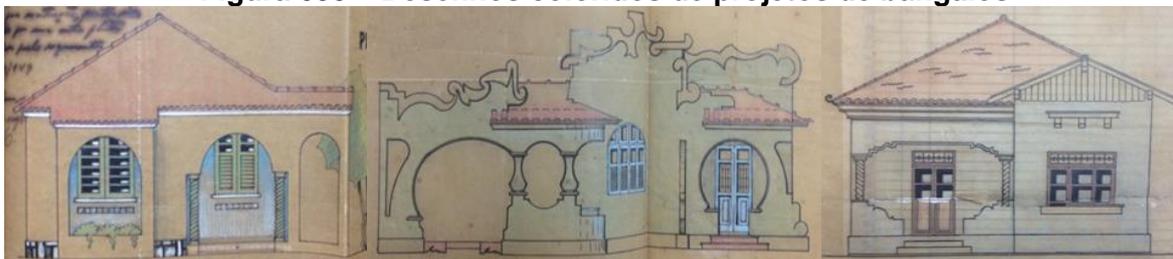


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Quando as pranchas arquivadas eram as originais, o papel vegetal permitia a visualização da representação colorida das fachadas, também estendida aos projetos dos bangalôs, cuja criação era valorizada através do esmero na pintura do desenho (Figura 093). Com a prática, ainda na década de 1940, de se arquivar apenas as cópias dos projetos, perdeu-se o acesso ao material original pintado a lápis de cor.

**Figura 093 – Desenhos coloridos de projetos de bangalôs**



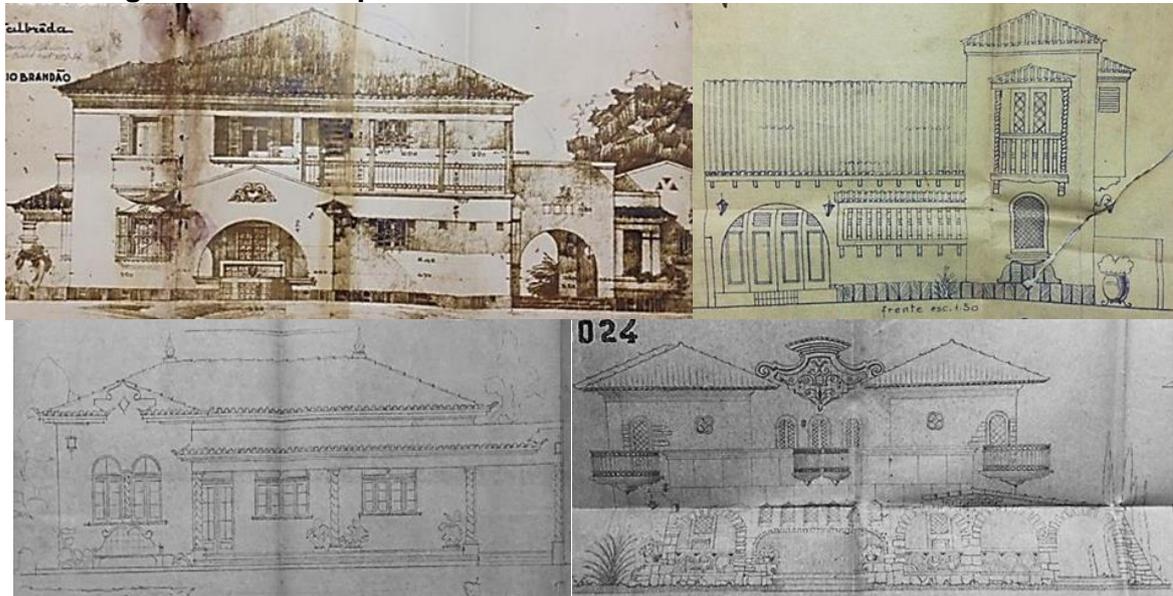
Fonte: Acervo SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Participaram também do registro da ocupação inicial do bairro, substituindo as antigas mansões de gosto eclético, os chamados “palacetes” de famílias tradicionais com elementos estilísticos do neocolonial, missões, chalé e até com rudimentos marajoara, de um único exemplar existente no bairro, já demolido e cuja planta não foi localizada no arquivo. Exemplos de variações do estilo neocolonial mantiveram-

se predominantes, talvez por carregarem relativa vinculação inconsciente com a fidalguia brasileira do século XIX e a manifestação alegórica de “nobreza”.

**Figura 094 – Exemplos de casarões de estética neocolonial no Farol**

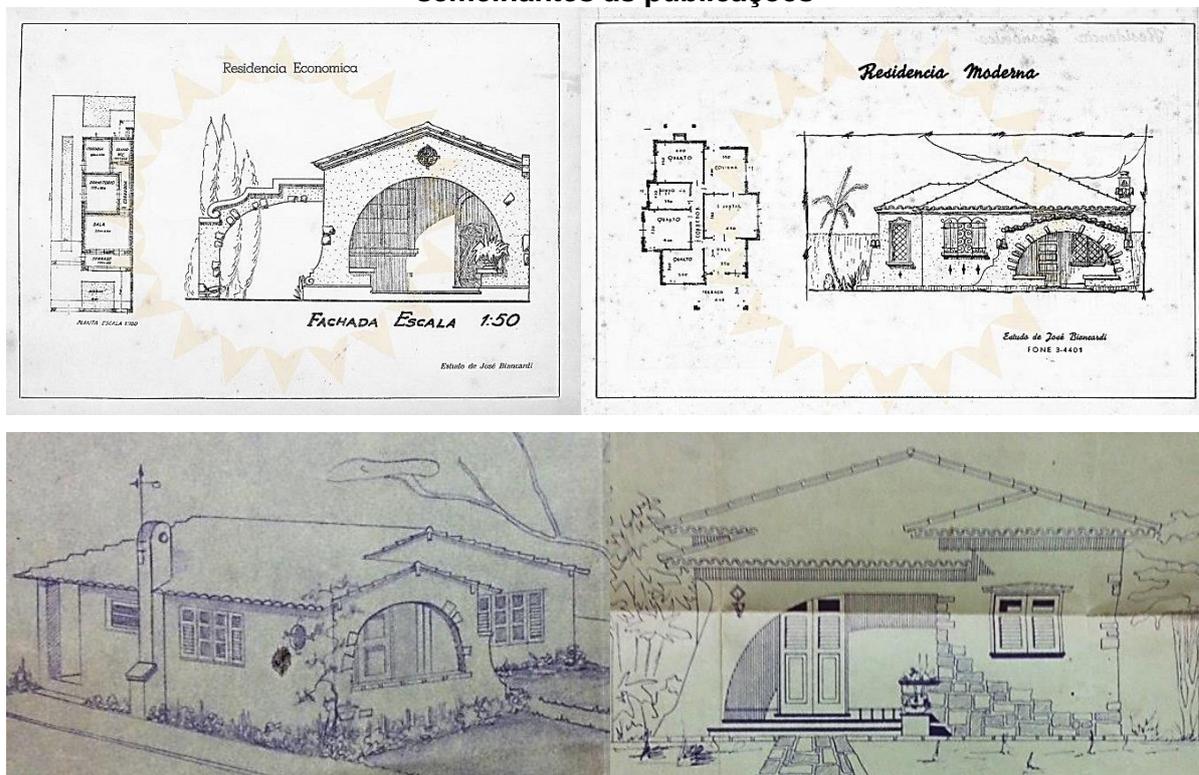


Fonte: Acervo SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

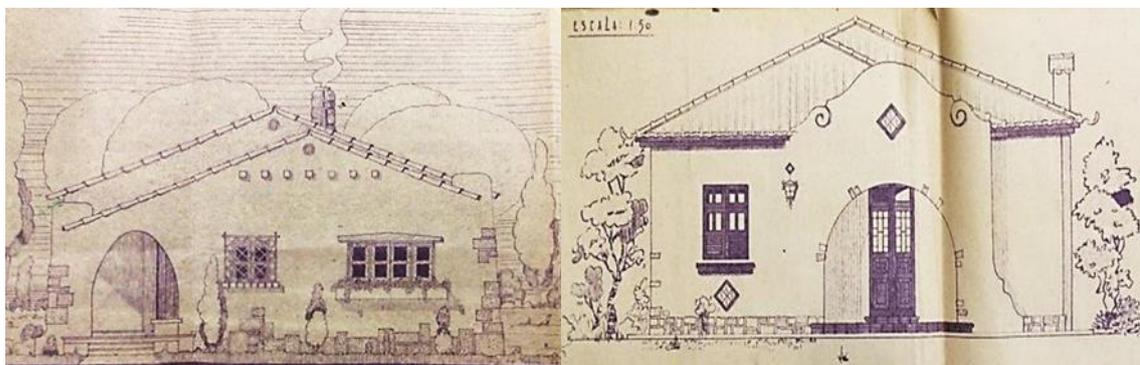
À criação arquitetônica agregava-se o caráter gráfico do desenho que, coerente com a proposta estilística, contribuía para a transmissão da imagem acolhedora e pitoresca pretendida nos projetos residenciais. Acredita-se que elementos diversos como lamparinas, vegetação e caminhos compondo o entorno jardinado e os padrões quase oníricos de representação do céu, presentes nos desenhos das fachadas poderiam aguçar a imaginação e o encantamento dos clientes. O clima de simplicidade e acolhimento intencionalmente sugerido nos desenhos completava-se com símbolos construtivos presentes no californiano *Mission Style* – arremates em pedra, painéis em azulejo que, juntamente com colunas torsas, torreões, frontões sinuosos, volutas, superfícies rugosas das paredes e falsas chaminés participavam de uma espécie de composição cenográfica capaz de evocar significativas referências, vistas nas revistas ou no cinema. A Revista Acrópole (1939; 1940) estampava modelos de bangalôs referenciados como “residências econômicas” ou “residências modernas”, que guardavam grande semelhança com o encontrado em Maceió nos arquivos técnicos (Figura 095).

**Figura 095 – Modelos de bangalôs térreos mostrados em revistas e projetos no Farol, semelhantes às publicações**



Fonte: Revista Acrópole (jul/1939; set/1940)<sup>12</sup> e acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

**Figura 096 – Exemplos de bangalôs com falsas chaminés**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br>>.

Figura 097 – Bangalôs e suas representações gráficas diversificadas



Fonte: Acervo técnico SMCCU Maceió.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Foi o bangalô a tipologia que apresentou maior heterogeneidade plástica, detalhes de ornamentos e diversidade de modelos em relação aos projetos dos arquivos. Mesmo assim, a das casas terminologia “bangalô” não apareceu escrita em nenhuma das pranchas técnicas pesquisadas. O bangalô trouxe características à arquitetura doméstica que alteraram a concepção de morar, numa fase de transição quando se abriu mão da privacidade hermética herdada dos tempos de colônia em troca do *status* que representava perante a cidade. A imagem estabelecida para a residência da época ficaria vinculada à prática da casa liberta dos limites laterais do lote, implantada com recuo frontal e dotada de terraço de entrada tornando-se parte expressiva da paisagem do bairro do Farol e que, aos poucos, influenciaria também os bairros mais periféricos. Essa denominação de residência, popular até entre os leigos permitia o desfrutar de jardins de entrada, laterais e dos quintais arborizados, recantos essenciais de integração da família em sua intimidade e sua visibilidade para o exterior. A casa expôs-se mais para a cidade que a convidava para uma interação mais íntima com a rua, inclusive por parte das mulheres, e abria-se aos olhares dos transeuntes que a observam com admiração, delineando uma fase significativa da modernização da cidade.

Vários projetos com essas mesmas características foram encontrados também relativos a casas conjugadas, inclusive em vias principais do Farol, que juntamente com os pequenos conjuntos, contribuiriam para a ocupação mais ágil do bairro e maior integração da vizinhança. A opção pela construção de residências compostas, que se tornam mais impactantes, abria mão de um dos recuos laterais dando continuidade à fachada frontal (Figura 098).

**Figura 098 – Casas conjugadas no Farol**



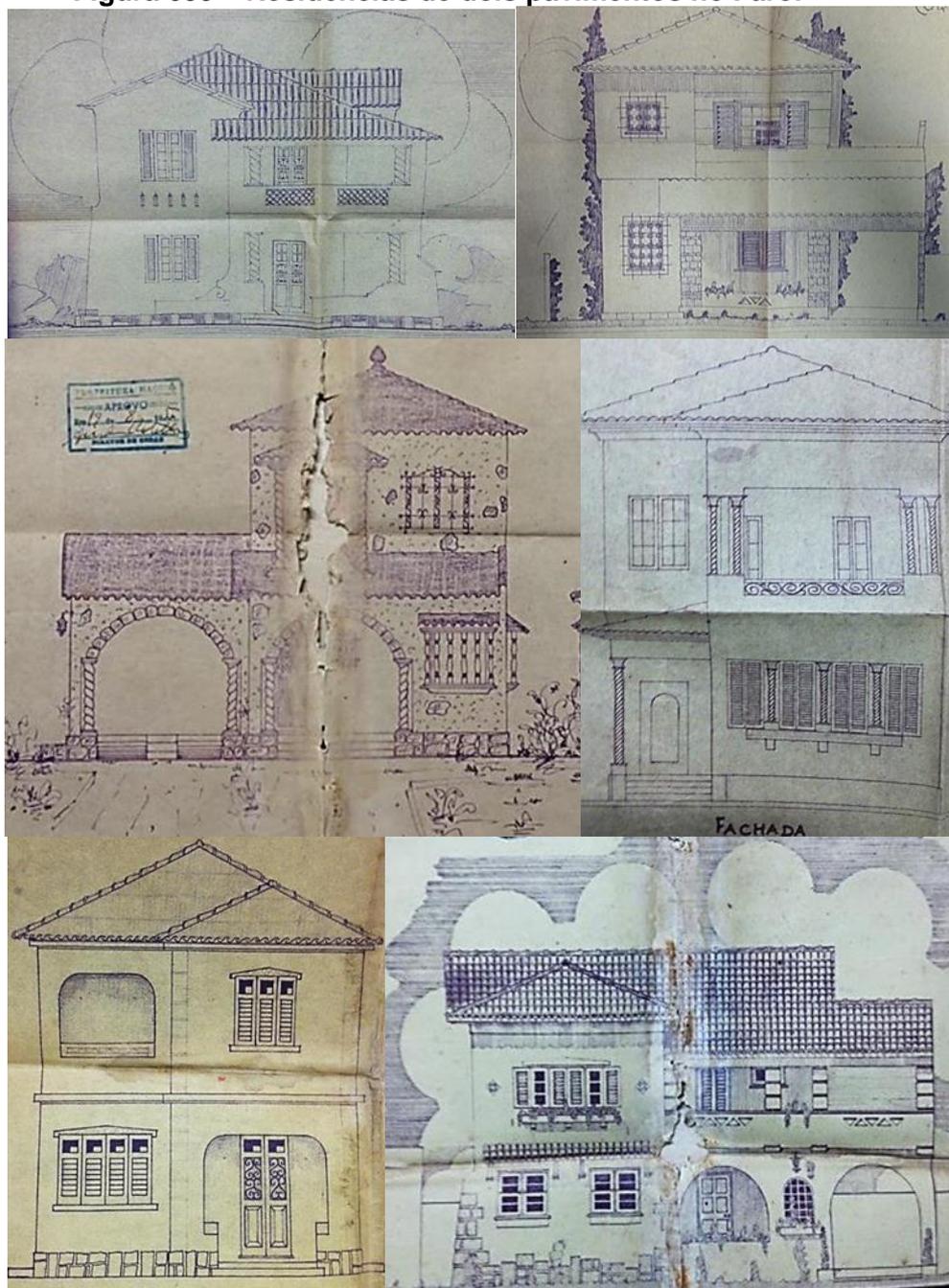
Fonte: Acervo SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Possivelmente, as famílias mais numerosas ou aquelas mais abastadas que se transferiram para o bairro foram as que construíram sua morada em dois pavimentos, ocupando suas mais largas avenidas: Dom Antônio Brandão, Tomás Espindola, Tereza Cristina, Aristeu de Andrade, Fernandes Lima e as principais ruas do núcleo inicial: Moreira e Silva, Comendador Palmeira, Prof. Ângelo Neto, Osvaldo Sarmento e as praças do Centenário e Sergipe.

Essas casas incorporaram o mesmo terraço de entrada do modelo bangalô térreo, emoldurado por um pórtico principal constituído ou não por um arco pleno. O hábito das áreas ajardinadas à frente e de amplos quintais foi mantido, além de acabamentos e detalhes característicos do Neocolonial, já referidos.

**Figura 099 – Residências de dois pavimentos no Farol**



Fonte: Acervo SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Observando as variações formais assumidas pelos bangalôs térreos e residências de dois pavimentos no Farol, percebeu-se a equivalência com o que era divulgado nas revistas especializadas da época pesquisadas pela internet ou diretamente fotografadas pela autora nos periódicos da Biblioteca Nacional. Para garantir o acesso ao ideal da habitação urbana para a época, periódicos foram por nós pessoalmente pesquisados na Biblioteca Nacional, como a Acrópole, a Revista da Directoria da Engenharia, a American Architect e as elaboradas pela diretoria da

ENBA. Algumas publicações como a revista Acrópole chegava praticamente a todo o território brasileiro, como mostra o anúncio com o mapa de distribuição da revista, indicando inclusive Maceió como capital comprovadamente atendida (Figura 100).

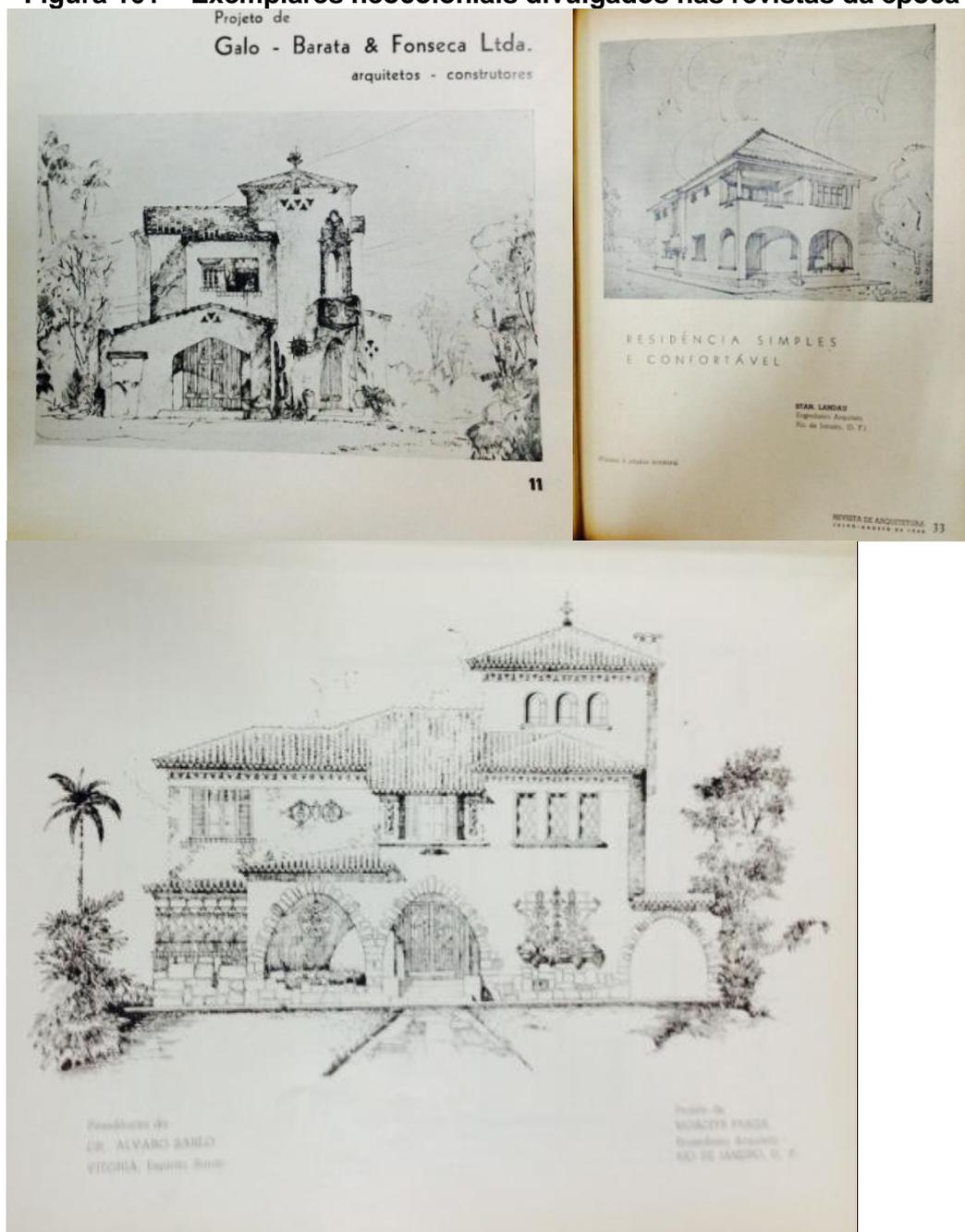
**Figura 100 – A abrangência nacional da revista Acrópole e Maceió como capital atendida**



Fonte: Revista Acrópole, década de 1940. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br>>.

Não há elementos para afirmar se apenas profissionais da prática projetual e construtiva com formação superior, mestres de obras ou leigos tinham acesso e faziam uso destas publicações que traziam a atualização da arquitetura residencial. Diversos elementos formais e decorativos e fenestraçãoes puderam ser reconhecidos nas obras de Maceió.

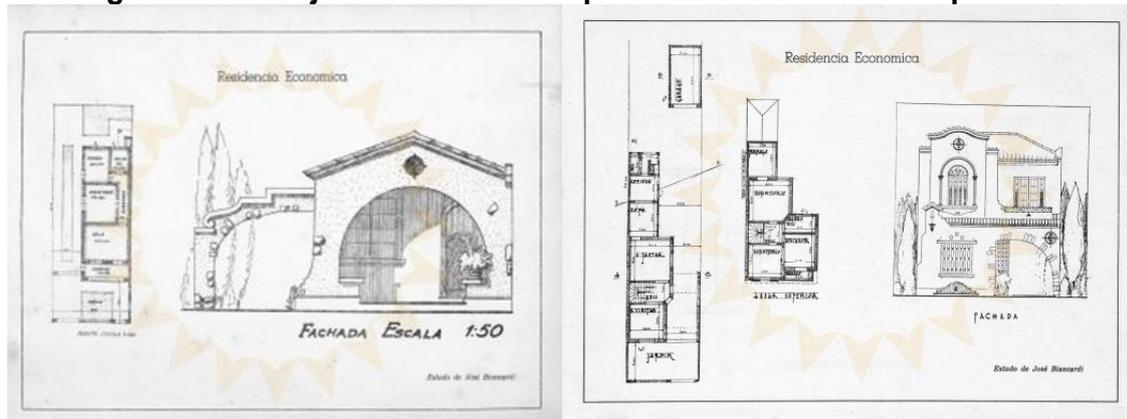
Figura 101 – Exemplos neocoloniais divulgados nas revistas da época



Fonte: Revista de Arquitetura da ENBA (abr. maio/1940).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

**Figura 102 – Projetos de residência publicados em revistas especializadas**



Fonte: Revista acrópole. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br>>. Década de 1940.

Tanto proprietários autoconstrutores como os que recorreram a profissionais qualificados para planejar suas residências, poderiam ter se reportado às referências advindas dos modelos de casas estampadas nas revistas especializadas de circulação nacional à época. As casas da região americana da Califórnia, influenciadas pelas missões espanholas que apareciam nos filmes do cinema hollywoodiano também funcionavam como fonte de desejo e inspiração. As fotografias de residências prontas e desenhos detalhados de seus projetos publicados nas revistas ditavam indiretamente os padrões em voga que poderiam ser seguidos por aqueles que intencionavam construir e estar em consonância com seu tempo.

A casa tida como moderna (Figura 103) corresponderia às novas práticas de consumo que transformavam a simplicidade da vida doméstica, adaptando-a a um novo modelo de vida, chamado genericamente de burguês, com novas necessidades e vontade de afirmação, enaltecendo o consumo privado e conspícuo para construir sua identidade e posição social (CARVALHO, 2011). Com a grande variedade na aparência externa da casa, o aspecto que constituiu uma unidade foi a forma moderna de morar, para a qual o bangalô era um dos modelos (JANJULIO, 2011).

Nas páginas das revistas, a referência de residência moderna poderia estar vinculada a modelos com manifestações estilísticas bem distintas.

**Figura 103 – Projetos residenciais publicados como “MODERNO”**



Fonte: Revista Acrópole de finais da década de 1930. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br>> .

Nas revistas editadas pela própria ENBA, existia uma seção dedicada aos trabalhos dos alunos dessa escola vista como referência para a arquitetura oficial brasileira. Esta foi a escola onde Messias de Gusmão faria sua formação como engenheiro arquiteto, título utilizado à época. Foi detectado inclusive que orientações ideológicas e estilísticas divergentes conviviam dentro dessa instituição, pela publicação de projetos acadêmicos que iam desde casas neocoloniais, interiores de linhas retas até arranha-céus, como o da disciplina “Grandes Composições” ministrada pelo professor Arquimedes Memória e apresentado na revista (Figura 104).

**Figura 104 – Trabalhos acadêmicos de alunos da ENBA “arquitetos de amanhã” eram publicados**



Fonte: Revistas da ENBA (1938; 1943).  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Um exemplar publicado em 1942 trazia orientações sobre como deveria ser a moradia, sendo ela de implantação isolada ou agrupada. Alertava-se sobre o

afastamento em relação à rua para dar lugar a um jardim que também protegeria da “poeira levantada pela passagem dos veículos”, quanto à locação centralizada no terreno para serem mais “arejadas e insoladas” e quanto a sua localização preferencial em bairros distantes de zonas insalubres “servidos de rede de água, esgoto e de eletricidade, facilidade de acesso, comunicações rápidas com centros comerciais ou de trabalho e de grande parte ajardinado e arborizado” (Revista de Arquitetura ENBA, n. 54, p. 22). E prosseguiu ditando as condições de planta a serem satisfeitas:

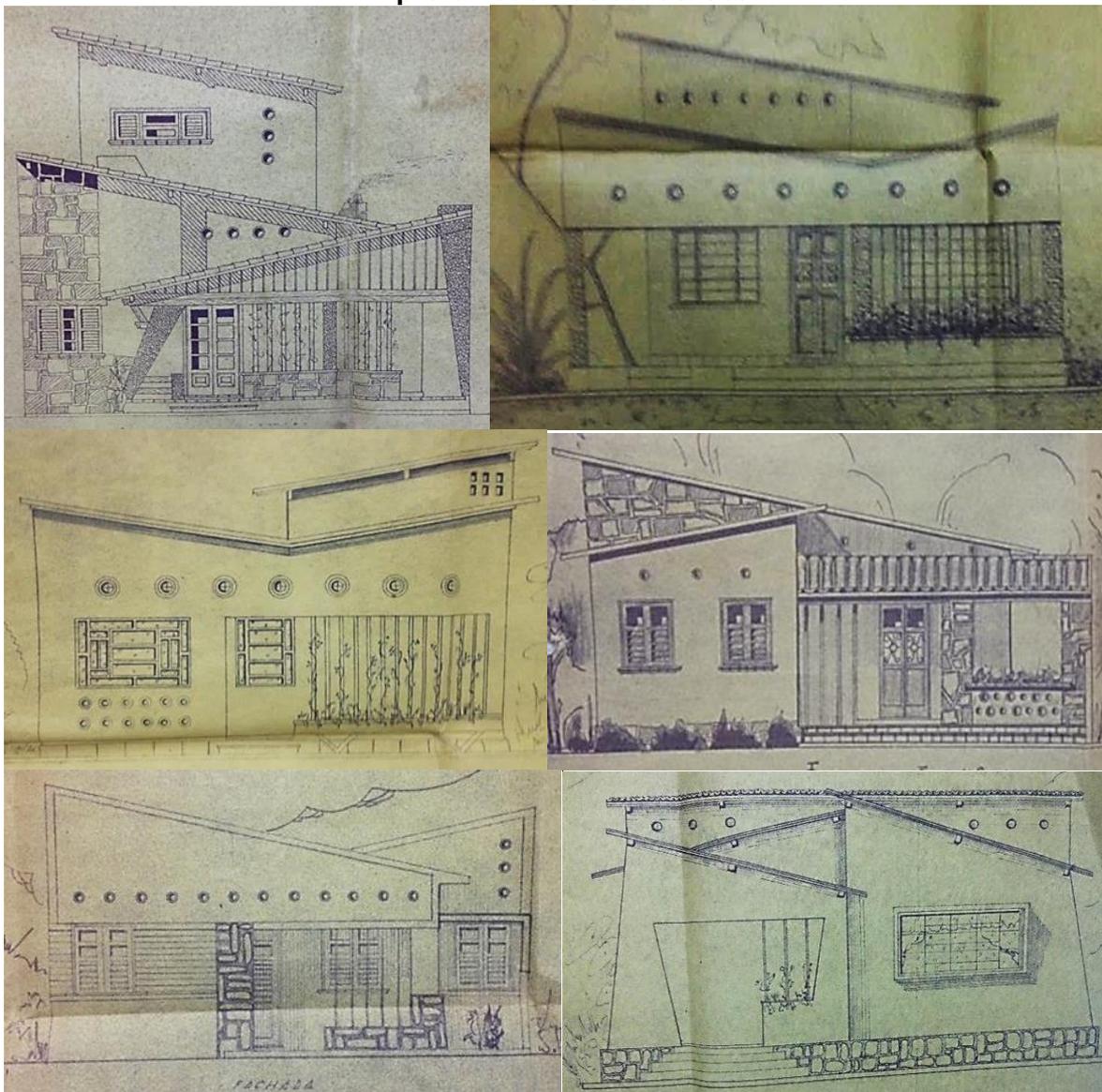
A sala de jantar deve estar próxima ou com boa comunicação com a sala de estar e com a sala de visitas; ao mesmo tempo deve ter acesso fácil da cozinha, [...] o salão deve ficar perto do vestibulo ou de uma ante-câmara; os quartos de vestir e o banheiro perto dos dormitórios, do guarda-roupa e da escada de serviço, etc. as salas de jantar, salas de visita e os quartos não devem servir de passagem. É preferível o emprego de corredores que devem dispor-se de maneira a tornarem as salas e os quartos independentes o mais possível, principalmente as de aplicação diversa; devem ser o mais curto possível para não se tornarem monótonos e tristes, fazendo também perder tempo útil em percorrê-los. As casas mais importantes devem ter duas instalações sanitárias, uma correspondendo às peças de serviço. [...] destina-se o rês-do-chão às salas de visita, de jantar, de estar, escritório e peças de serviço: copa, cozinha, dispensa; no piso superior os quartos de dormir e sala de banho. O saguão é uma peça de real importância pois serve de ponto de ligação às diversas divisões da moradia e é onde geralmente existe a escada principal (Revista de Arquitetura, n. 54, 1942, p. 23).

Em Maceió, os projetos do arquivo não cumpriram até a década de 1950, grande parte dessas recomendações, principalmente No que se refere a evitar a passagem por cômodos privados e sociais e quanto à presença do corredor para independência dos quartos. Houve certa semelhança em relação à distribuição dos ambientes nos andares, porém a função intermediadora do saguão era cumprida pelo próprio terraço de entrada, que quando fechado denominava-se pórtico. Também o gabinete, cômodo com possibilidade de abertura externa, auxiliava nessa função. O *hall* apareceu posteriormente entre os quartos de dormir ou no acesso à escada interna nas edificações de dois pavimentos.

Ainda na investigação do acervo municipal de projetos, acompanhamos a diluição, com o passar dos anos, das características particulares das residências foram-se pasteurizando e surgiu um estilo predominante nas edificações, até a substituição da tipologia típica do bairro – o bangalô - por outras formas menos

pitorescas e mais ortogonais sintetizadas na nomenclatura protomoderno. Estas corresponderam à fase anterior ao estabelecimento do modernismo nas residências da cidade. Com maior intensidade na década de 1950, conforme foi dito, incorporou-se à casa seu repertório composto pelo uso da platibanda, empenas e colunas inclinadas, formas limpas, retilíneas e introduzidos elementos funcionais-decorativos como os orifícios para ventilação nas paredes externas, os finos tubos metálicos cilíndricos e verticais no terraço frontal que, de tão recorrentes na cidade estabeleceram quase um modismo que marcaria fortemente a cidade nessa época (Figura 105) e anunciavam a adoção da linguagem modernista na arquitetura local. Convém ressaltar que os orifícios e tubos dessas fachadas não foram encontrados nos periódicos especializados, que se detinham em trazer a linguagem erudita transmitida no meio acadêmico.

**Figura 105 – Diversas casas das décadas de 1940 e 1950, com elementos protomodernos de fachada**

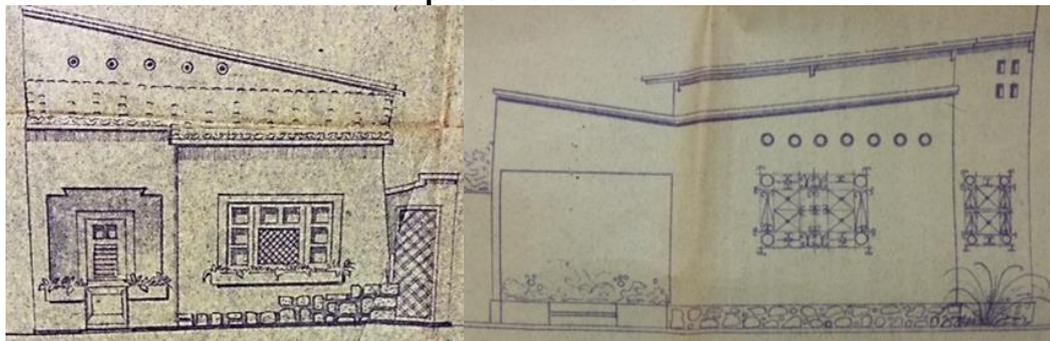


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A estas novas características incorporadas podiam estar também associadas a elementos do antigo vocabulário formal neocolonial de pórticos, treliças, gradis de ferro torcidos e arremates de pedra natural, que anteriormente predominava nos inúmeros projetos de bangalôs (Figura 106).

**Figura 106 – Residências com características mistas neocoloniais e protomodernas**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Alguns projetos arquitetônicos a partir de meados da década de 1950 apresentavam como ponto alto do desenho técnico, uma perspectiva da casa trazendo de forma mais efetiva a ambiência e a idealização da composição das áreas de jardim e agenciamento dos caminhos de pessoas e automóveis, que já ocupavam lugar de destaque nas concepções (Figura 107).

**Figura 107 – Perspectivas em projetos arquitetônicos registrados na década 1950**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

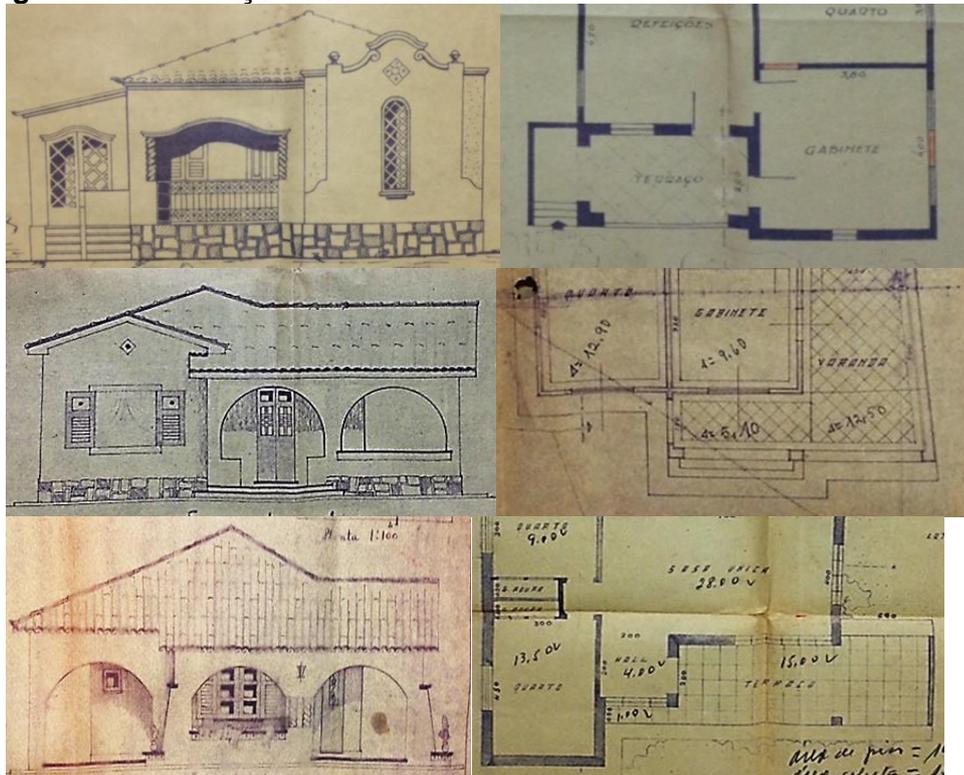
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Alguns aspectos pontuais presentes nos projetos arquitetônicos mereceram ser destacados do material do arquivo, como a diferenciação no arranjo espacial dos terraços principais de acordo com a opção estilística e algumas considerações sobre outros espaços fronteiros da casa como o jardim e muro frontais, e sobre a introdução de novos elementos compositivos de fachada.

Os terraços, de uma maneira geral, são locais abertos e adequados ao clima tropical, sombreavam as paredes externas cumprindo a importante tarefa de refrescar a construção. Posicionados na frente ou lateral da moradia, eram espaços fronteiros. A diversificação da aparência externa das residências propiciava também variar o seu desenho, formato, acabamento e sua localização que, ao invés de circundarem a casa, posicionavam-se, ora à direita ora à esquerda, ocupando geralmente metade da fachada frontal.

Conforme observado em alguns exemplos de trechos frontais de plantas baixas e fachadas, o terraço principal, nas casas de aparência neocolonial, maioria na década de 1940 e nas de feição protomoderna que se estenderam até a década de 1950, aparecia como embutido na fachada, mais protegido, por vezes elevado, e comumente semiescondido por pórticos, grandes arcos, colunas grossas, muretas, jardineiras ou elementos verticais tubulares, respectivamente.

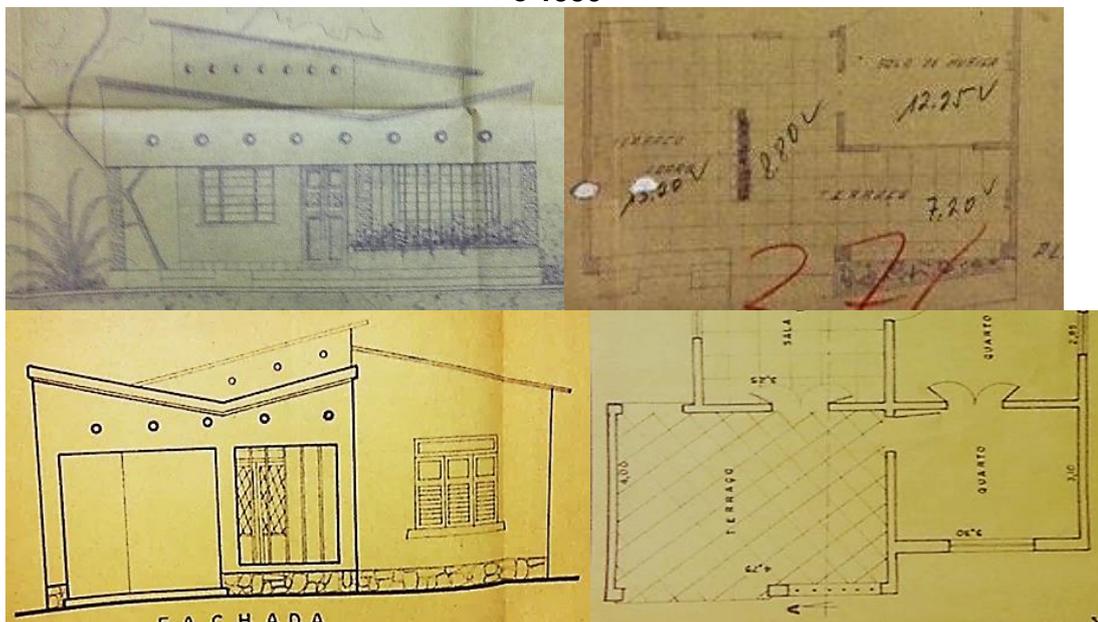
**Figura 108 – Terraços frontais nas casas neocoloniais da década de 1940**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

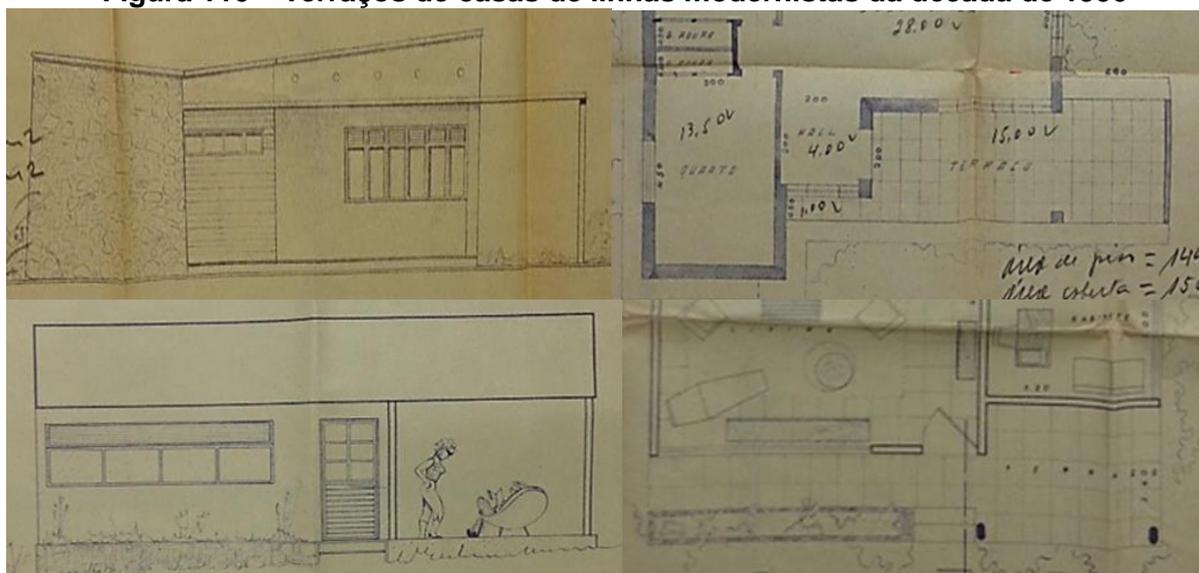
**Figura 109 – Terraços frontais nas casas protomodernas das décadas de 1940 e 1950**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Em casas com características modernistas presentes no Farol apenas a partir da década de 1950, o terraço principal apresentou maior variação formal e um aspecto mais aberto ao exterior, com a cobertura feita por uma platibanda, por uma laje delgada plana ou inclinada e sustentada por colunas mais esguias e em menor número. Possuíam, em geral, pouco desnível em relação ao terreno.

**Figura 110 – Terraços de casas de linhas modernistas da década de 1950**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Os desenhos também comprovam que, no decorrer do tempo, mais especificamente após a metade da década de 1950 quando o automóvel tornou-se mais presente na cidade, conforme já mencionado, este ganharia lugar de destaque nas casas da época ocupando grande parte do terraço social situado na frente da residência, antes dedicado apenas ao convívio dos moradores e ao atendimento às visitas. Símbolo de *status*, o abrigo, denominação do local para o automóvel, parece competir em importância com a demanda por um ambiente de convivência entre pessoas.

O jardim frontal constituiu um significativo ganho espacial na morada maceioense, quando se abandonou a implantação da casa rente à testada do lote. Complementados com bancos, passeios pavimentados, recantos, caramanchões, pérgolas e mais raramente pequenas fontes, lagos, chafarizes ou simulações de poços e chaminés e demais detalhes de fachada, formavam ambientes que remetiam ao pitoresco, apresentando-se quase como cênicos. Esse aspecto seria ratificado no artigo, não assinado, Uma residência confortável, da Revista Arquitetura e Urbanismo de 1939 (p. 499), sobre a importância do jardim: “a fim de gozarem os moradores de uma área ajardinada, a qual, na maioria dos casos é pitorescamente resolvida”. Até os anos 1950 esses traçados de agenciamento dos jardins quase nunca eram previstos nos desenhos dos projetos e só a partir daí apareceriam com formas mais angulosas ou retilíneas.

**Figura 111 – Trechos de projetos de residências e seus jardins frontais**



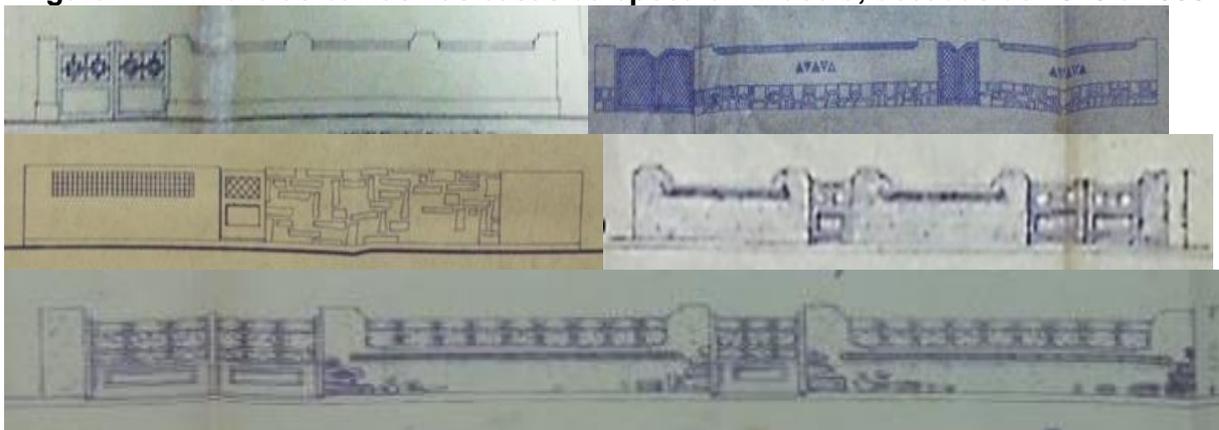
Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Os projetos do arquivo comprovaram que a arquitetura residencial maceioense nas décadas de 1940 e 1950 já não contava com amplos alpendres circundando a casa, mas mantinha terraço voltado a um primoroso jardim frontal, zona de transição e ponto de contato com o espaço público. A separação era feita através de muretas

baixas e balaustradas bastante elaboradas, que geralmente possuíam vazaduras garantindo ventilação, visão da paisagem e relativo resguardo da exposição direta à rua. Detalhes de revestimentos de pedras, contornos de formas diversas ou volutas em alto relevo, gradis rebuscados em ferro complementavam muros ou portões, obedecendo ao mesmo desenho presente nas grades “rendadas” usadas nas esquadrias da edificação.

**Figura 112 – Muretas baixas nas casas da época em Maceió, décadas de 1940 e 1950**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.

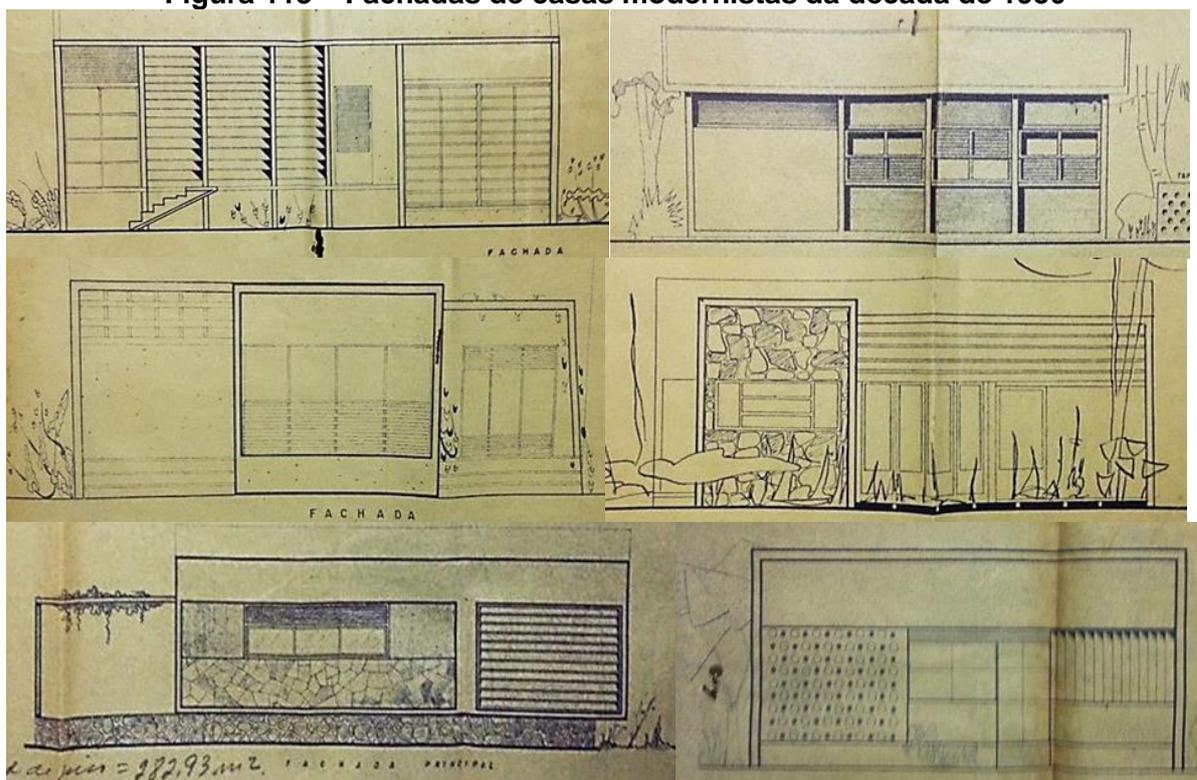
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Em meados da década de 1950, foram constatadas modificações estéticas bastante significativas no exterior das residências, cujas características – orifícios, tubos cilíndricos e lajes inclinadas na fachada, tornaram-se tão repetidas que nos permitiu caracterizá-las como um padrão na cidade. Estas edificações receberam no presente trabalho, por convenção, a classificação de “protomodernas” e foram encaradas como pré-modernistas.

A partir deste período, observou-se nos projetos a maior ocorrência da penetração de áreas verdes na edificação residencial com a introdução dos jardins internos ou “jardins de inverno”, cercados de brises de concreto, o “quebra-sol” ou de cobogós – elementos da estética modernista. Assim, as áreas de contato da família com a natureza passariam a não ser exclusivamente nos espaços externos próximos aos espaços públicos, mas também através desses elementos.

A estética modernista a partir da segunda metade dos anos 1950 já esboçava estabelecer-se como mais uma forte alternativa de estilo para a residência no Farol e com maior participação de profissionais arquitetos, como foi pouco a pouco notado no número crescente de projetos contabilizados na pesquisa no arquivo (Figura 113).

**Figura 113 – Fachadas de casas modernistas da década de 1950**

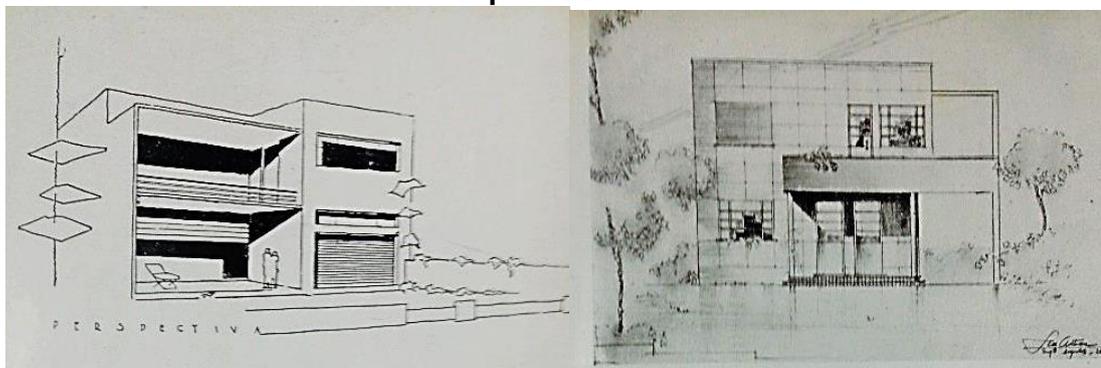


Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A nova tendência estilística em Maceió já obedecia a algumas características do ideário da arquitetura moderna quanto aos elementos formais: o tratamento volumétrico “em caixa”, platibanda plana, com jogo de cheios e vazios, beiral em pestana, janela em fita, além dos elementos vazados, brises verticais ou horizontais e jardins entremeados à planta baixa, como mencionado nos exemplares encontrados pela pesquisadora nos principais periódicos da época.

**Figura 114 – Edificações residenciais de estética modernista expostos em revistas especializadas**



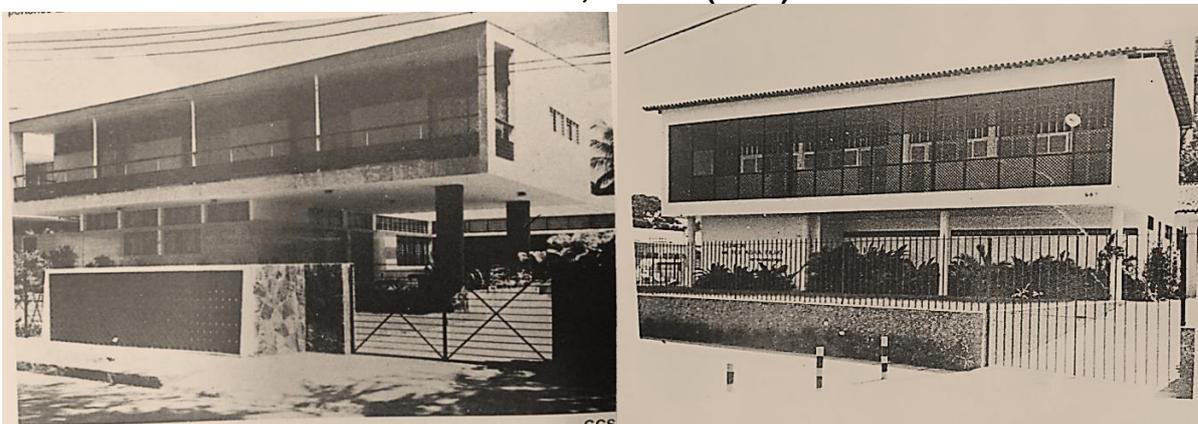
Fonte: Revista Arquitetura e Urbanismo (década de 1940).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A aparência externa das casas em Maceió apresentaria maior consonância com as manifestações formais modernistas da arquitetura de outras capitais do Nordeste, com o uso recorrente de brise-soleil, cobogós, treliças, esquadrias com venezianas de madeira e vidro e com alguma parede revestida de pedras irregulares ou painel de azulejos. Não distante da capital, a década de 1950 seria marcada pela modernização da prática e ensino de arquitetura em Pernambuco com a chegada do italiano Mário Russo (em 1949), o carioca Acácio Gil Borsoi (em 1951) e o português Delfim Amorim (em 1953), após as “experiências pioneiras de Luís Nunes, realizadas entre 1934 e 1937” (PEREIRA, 2009, p. 4). À contribuição da racionalidade de Russo acrescentou-se a valorização dos aspectos formais de Borsoi, influenciada pela arquitetura carioca de Niemeyer e Reidy, revisada pelo viés do regional e do artesanal, adaptando às condições nordestinas (PEREIRA, 2009). Delfim Amorim, prezando pelo conhecimento histórico, trabalharia com elementos tradicionais da arquitetura e com os condicionantes climáticos tratados dentro de uma linguagem contemporânea. Estes profissionais influenciariam gerações de estudantes, inclusive os provenientes de Maceió, principalmente a partir de 1956. Também próxima e influente, a capital baiana nessa década dominada pelas obras modernistas de Diógenes Rebouças formado na Bahia em 1952 e com claras influências da arquitetura carioca (SANTOS, 2006), não participaria, porém da formação de nossos arquitetos, embora se faça presente em Maceió com o projeto do CEPA.

Observou-se, que a linguagem erudita utilizada pelos mestres na fase inicial da arquitetura moderna pernambucana estava em conformidade com o produzido pela arquiteta Lygia Fernandes, formada pela escola carioca.

**Figura 115 - Respectivamente projeto de Delfim Amorim, Recife (1954) e de Lygia Fernandes, Maceió (1952)**



Fonte: Amorim et al. (1991, p. 76); Silva (1991, p. 91).

Constatou-se que a pesquisa dos projetos arquitetônicos concebidos na época para o bairro do Farol, mostrou-se bastante eficiente no sentido de confirmar a coerência e relevância do recorte espacial e desvendar aspectos da configuração física do cotidiano e morar urbano através da casa. De certa forma, o processo concedeu imagem e forma a conteúdos narrados em crônicas e livros de autores locais, trazendo informações e elementos para iniciar a compreensão da história do morar na antiga Maceió enquanto se modernizava.

Resultantes da investigação, os subsídios quanto ao número de construções residenciais obtidos primeiramente no livro de registro foram sistematizados, porém, com o contato com o acervo técnico, o mesmo procedimento foi feito, podendo os resultados das duas tabelas e gráficos serem comparados entre si.

**Tabela 1 – Quantidade de casas de acordo com o livro de registros de obras**

<b>DADOS OBTIDOS NOS LIVROS DE REGISTRO DE OBRAS – SMCCU</b>			
<b>décadas</b>	<b>quinquênios</b>	<b>nº de casas</b>	<b>total casas/décadas</b>
1940	1940-1944	64	267
	1945-1949	203	
1950	1950-1954	328	876
	1955-1959	548	
		<b>total</b>	1.143

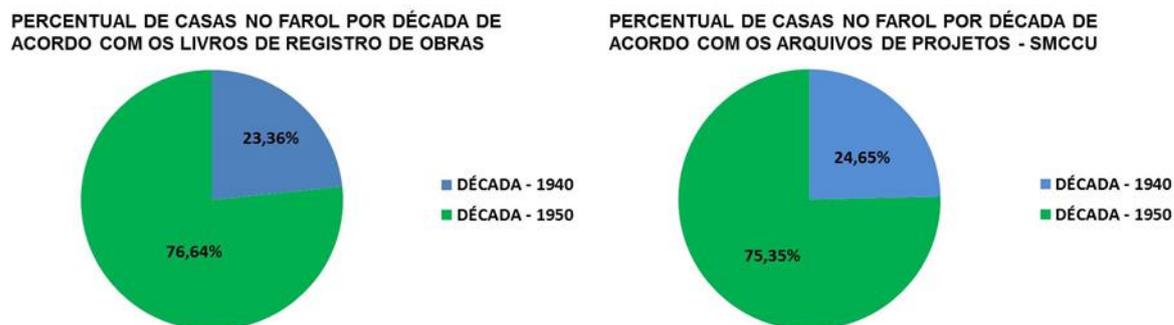
Fonte: Silva (2015).

**Tabela 2 – Casas de acordo com o arquivo técnico de projetos**

<b>DADOS APÓS PESQUISA NOS ARQUIVOS DE PROJETOS – SMCCU</b>			
<b>décadas</b>	<b>quinquênios</b>	<b>nº de casas</b>	<b>total casas/décadas</b>
1940	1940-1944	53	285
	1945-1949	232	
1950	1950-1954	350	871
	1955-1959	521	
		<b>total</b>	1.156

Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

**Figura 116 – Infográficos de acordo com livro de registro e com o acervo técnico**



Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

Notou-se a pequena divergência, conforme já comentado no início do capítulo, entre o notificado nos livros e o encontrado nas pastas do arquivo técnico. Os enganos na classificação de ruas como sendo pertencentes ao bairro foram também razão da exclusão posterior de alguns projetos, alterando a contagem anterior. Dos imóveis residenciais no Farol de 1940 a 1959, constando ou não do livro de registros da prefeitura, que somaram 1.184, foram encontrados nos arquivos 1.016 projetos arquitetônicos, correspondendo a aproximadamente 86% do montante. A imprecisão e desencontros nas informações trazidas nos livros de registro fez-nos acreditar que a investigação exclusiva diretamente junto aos arquivos de plantas técnicas tornaria a pesquisa mais ágil e objetiva. Os livros de registros apresentavam má conservação, denominações ultrapassadas ou divergentes dos logradouros, abreviações excessivas nos nomes dos profissionais e a existência do campo “construtor” apenas a partir de 1950. Por essa razão, optou-se doravante apenas pela sistematização dos resultados obtidos nos arquivos de projetos. Estes revelaram informações mais completas sobre localização, propriedade, autoria, tipo de edificação, estilo adotado, dimensões do lote, etc. As dúvidas quanto aos endereços informados e a confirmação dos bairros foram sanadas pela consulta ao livro “Memórias de minha rua”, específico sobre as ruas da cidade, do autor alagoano Félix Lima Júnior (1981) que inclusive serviu para descobrir que vários nomes de ruas registradas correspondiam a um único logradouro.

Voltando a abordar as particularidades da escala urbana, com o florescer do Farol, em meados dos anos 1940, quando novas ruas, avenidas e praças foram inauguradas expandindo e atualizando seu cenário, houve a perda da denominação informal de muitos logradouros públicos. Antes eram batizados empiricamente pelo

uso, característica física, presença de estabelecimento comercial ou de pessoa que habitava o local, e com que a comunidade se identificava: beco do Conforto, rua do Cajueiro, beco dos Cachorros, ladeira das Freiras, rua dos Tabaqueiros, rua das Vacas, rua do Zeiga, beco da Padaria, praça do Futebol. Dentro da proposta modernizadora para a cidade, as ruas passam a receber nomes de importantes figuras locais ou históricas, embora a população não abandonasse por completo seus antigos nomes, mais significativos para a memória coletiva. Essa mudança toponímica também dificultou a localização das obras registradas, agravada pela ausência de mapas atualizados da cidade, sendo o último datado de 1932, já que o mapa de 1942 mostra-se idêntico quanto ao traçado de ruas.

Com a captação dos dados nos projetos arquitetônicos foi concluída uma tabela composta pelos nomes de cada logradouro citado e com a quantidade biênio a biênio de casas nele construídas. Foi possível obter tanto o montante de obras por logradouro – rua, avenida ou praça – no decorrer dos biênios, como visto no final de cada linha (sentido horizontal) e quanto ao total de obras construídas em todos os logradouros do bairro por biênio, cujo somatório total (sentido vertical) aparece no trecho final da tabela seccionada. Oportunamente, na primeira coluna à esquerda foram apresentados todos os outros nomes antigos ou informais dos 90 logradouros citados nos projetos e, portanto, envolvidos na pesquisa. A tabela abaixo, apresentada seccionada, pode ser consultada na íntegra em folha constante do apêndice A.

**Tabela 3 – Trechos inicial e final do quadro de número de casas por logradouro por biênios**

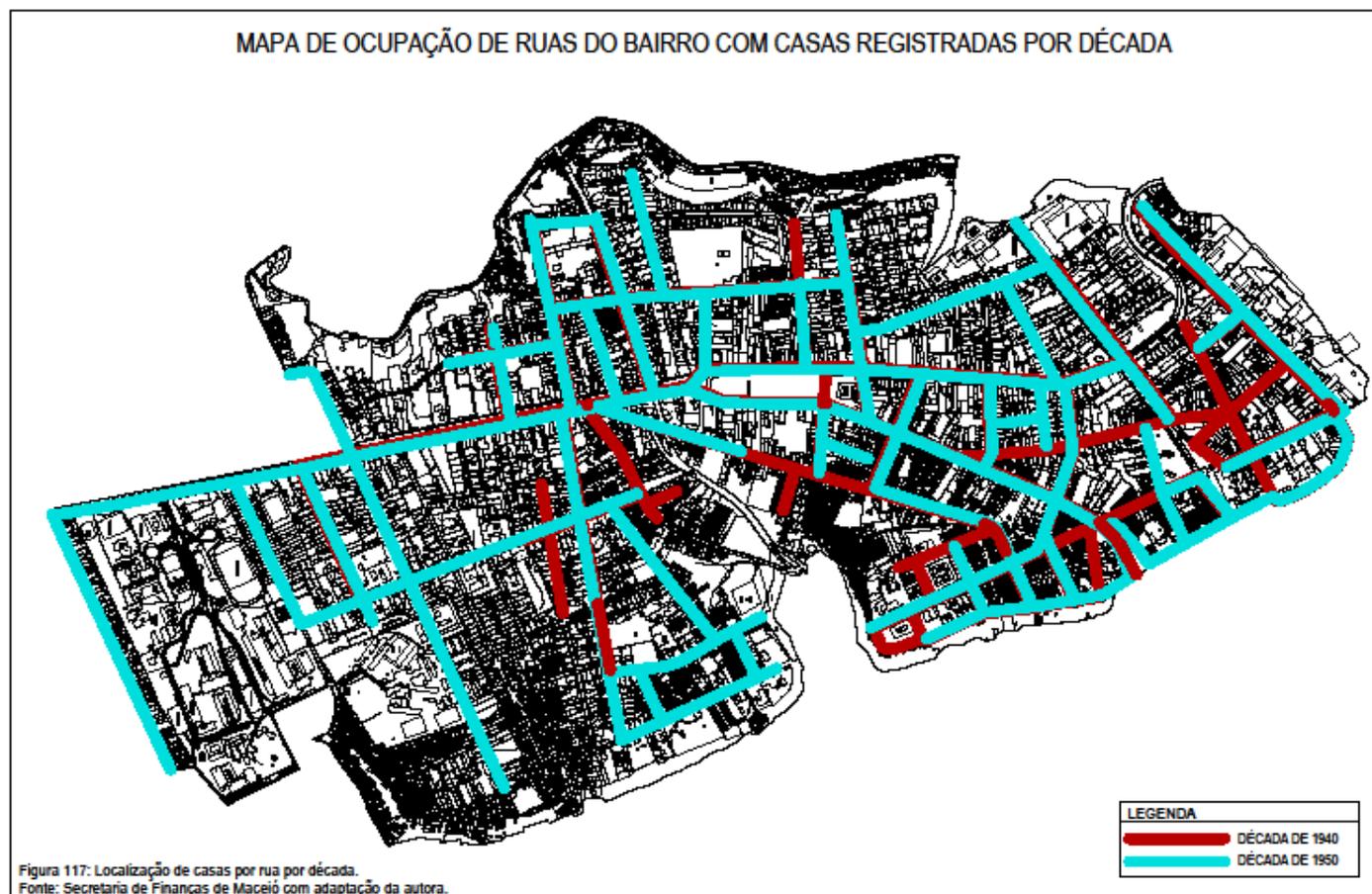
<b>LOGRADOUROS</b>	<b>40-41</b>	<b>42-43</b>	<b>44-45</b>	<b>46-47</b>	<b>48-49</b>	<b>50-51</b>	<b>52-53</b>	<b>54-55</b>	<b>56-57</b>	<b>58-59</b>	<b>TOTAL</b>
Adalberto Marroquim (Beco do Conforto)									1		1
Adolfo Guimarães (Ladeira do paraíso)							1			2	3
Afonso Pena	1				2	1	4	1			9
Afonso Viana										1	1
Albino Magalhães							4	3		2	9
Alcebiades Valente							2	6	3		11
Alexandre Nobre								2			2
Alfredo Oiticica, Dr.									1	1	2
Ambrósio Lira							1	2	2		5
Ângelo Neto (do Arame)			1		2	2			1	1	7
Antônio Brandão, Dom (do Seminário)		1		2	2		2	3	3	3	16
Antônio Guedes Nogueira (Vista Alegre)						2		1	4		7
Antônio Martins Murta, Cel.					1				1		2

Antônio Pedro de Mendonça										1	1
Aristeu de Andrade (do Zeiga – Seeger)	1	1	1		6		4	5	3	4	25
Arsênio Fortes (Areais)							1	1			2
Saldanha da Gama (Beco da Padaria)					2	5	1	4	4	2	18
Salgado Filho, Ministro										2	2
Samuel Lins, Cap. (Rua da Frente)			1	1		3	2	1		1	9
Santa Júlia						1				1	2
Santino Coutinho, Dom. (Pitanguinha)						2	1	3	3	4	13
Sergipe, Pça.					1						1
Teixeira de Freitas, Est.									1	2	3
Tenório, Desemb.					1		5		1		7
Tereza Cristina (Santa Rita de Cássia)			1		5	5	1	1	5	2	20
Tereza de Azevedo								2	1	2	5
Theotônio de Santa Cruz (Santa Cruz)			1		3	6	4		2	1	17
Tomás Espíndola		2	1		4	2	1		5	3	18
Vila Três Marias									2	1	3
25 de Julho (Manoel Maia Nobre)					9	4	2	1	1	2	19
Vital, Dom								1	3	1	5
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>25</b>	<b>51</b>	<b>36</b>	<b>129</b>	<b>132</b>	<b>115</b>	<b>136</b>	<b>167</b>	<b>214</b>	<b>1.017</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2015).

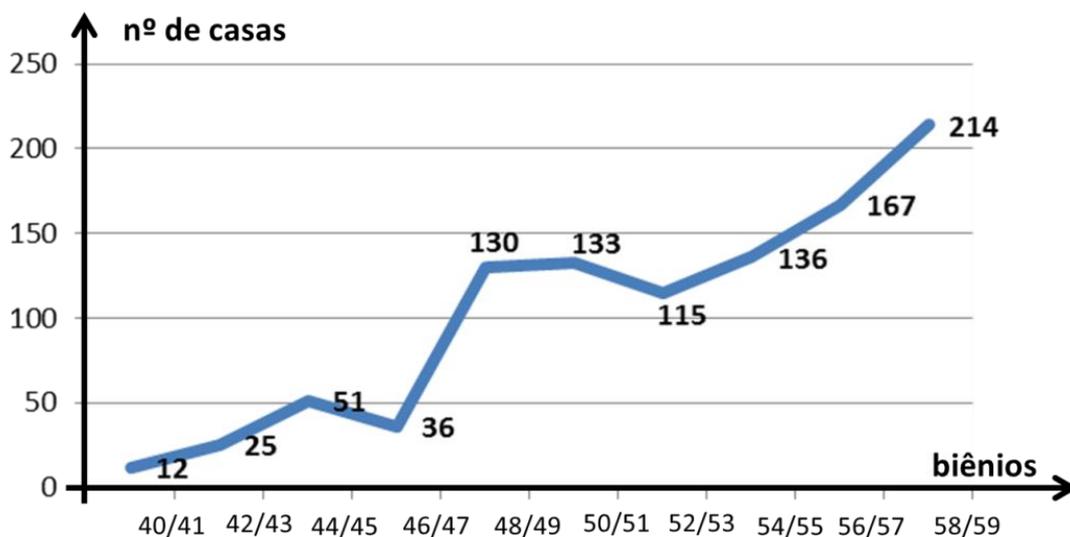
Os resultados qualitativos da tabela, ou seja, relativos aos logradouros indicados nos projetos, foram condensados por década – de 1940 e 1950 – e transpostos em forma de linha contínua, distinta por cores, e aplicado sobre o mapa atual do perímetro do bairro do Farol, traduzindo o trajeto de expansão de edificações residenciais no tempo e espaço. As casas cuja localização ultrapassava os limites atuais do bairro, apesar de computadas nos gráficos, não apareceram nesta representação gráfica (Ver Figura 117 no mapa em folha A3).

Figura 117 – Localização de casas por rua e por décadas



Com o resultado quantitativo de casas identificadas nos biênios, foi construído um gráfico que demonstrou a progressão da ocupação residencial no bairro do Farol (Figura 118).

**Figura 118 – Gráfico do número de casas construídas no Farol por biênio**



Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

Pôde-se observar, no gráfico de linha que, na década de 1940, o número de casas construídas ou reformadas passou de 12 a 130 unidades, equivalendo ao crescimento abissal de 983,33%. A década de 1950 encerrou-se atingindo a soma de 214 edificações, mostrando um aumento também significativo de aproximadamente 61% nas construções.

Quanto à identificação dos profissionais responsáveis, esta foi exclusivamente baseada nas informações explicitadas nas pranchas do desenho técnico, portanto sem a garantia quanto à legitimidade na autoria do projeto ou construção, devido à sabida prática de acordos por parte de profissionais, que assinavam trabalhos de desenhistas ou leigos práticos para regularização da obra perante a municipalidade. Por outro lado, os desenhistas que elaboravam projetos na época e mesmo que não oficialmente registrada, tiveram, importante participação na arquitetura residencial não puderam ter sua autoria reconhecida. As informações sobre a responsabilidade técnica no livro de registro da SMCCU apenas são apontadas a partir de 1950 dificultando a mensuração da participação efetiva dos profissionais. A tabulação completa da produção dentro das duas décadas seria, quando possível, com a conferência em relação a esse aspecto no carimbo das plantas do arquivo. A classificação profissional do responsável pelo projeto não foi representada na tabela pois a análise acerca da participação quantitativa de arquitetos e engenheiros na



SILVIO MÁRCIO PAIVA										3	3
TALVANES AUGUSTO DE BARROS						2			12	42	56
VINÍCIUS M. NOBRE									6	6	12
WALBREDA/IMOBIL. BREDA						2				9	11
WANDERLEY ALVES SILVA									1		1
ZÉLIA MAIA NOBRE									3	5	8
ZÉ NOIVO									1	1	2
<b>TOTAL</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>25</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>133</b>	<b>260</b>	<b>418</b>

Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

Os dados relativos à autoria de cada obra foram verificados meramente para delinear um panorama sobre os profissionais mencionados nos projetos registrados. Convém ressaltar que a coleta desses dados não pretendeu aprofundar-se nas contribuições individuais específicas de cada profissional, mas oferecer subsídios para análises mais globais.

Constatou-se que alguns profissionais dominavam a produção de projetos destinados a determinados trechos do bairro, de membros de uma mesma família ou para certo segmento social. Alguns projetos de casas mais simples traziam escrito uma observação próximo ao carimbo das pranchas: “gratuito”, o que sugeria que o profissional assinara penas para regulamentação da obra, sem necessariamente ter havido envolvimento técnico efetivo. Como informação complementar, constatamos que a grande maioria das residências teve projeto e construção assinados por um único profissional, geralmente um engenheiro civil, sendo que na década de 1950 a discrepância da década anterior caiu para praticamente a metade em relação à participação do arquiteto, conforme as seguintes proporções:

- Década de 1940 – 01 projeto de arquiteto *versus* 16 projetos de engenheiro;
- Década de 1950 – 01 projeto de arquiteto *versus* 8,5 projetos de engenheiro.

O aumento na atuação do arquiteto para a elaboração da casa, constatado na contagem dos registros pode-se explicar pela chegada a Maceió de novos profissionais, mas acredita-se numa maior compreensão sobre a efetiva função desse profissional. Os desenhistas que figuraram explicitamente como projetistas no período foram apenas dois, sendo um em cada década, conforme indicado na Tabela 5. Esses desenhistas foram: Silva Leite em 1944 e Ivo Lyra em 1959.

**Tabela 5 – Informações sobre os projetos arquitetônicos por ano, obtidas no acervo técnico da SMCCU**

PROJETOS ARQUITETÔNICOS NOS ARQUIVOS TÉCNICOS DA SMCCU – DÉCADAS DE 1940 E 1950													
TOTAL DOS	NATUREZA			PROFISSIONAL			ESTILO PREDOMINANTE				CASA	CASA	FOTO
PROJETOS/ANO	CONS	REFOR	FACH	DESEN	ENGº	ARQº	NEOCOLON.	MISSOES	PROTO	MODERNO	TERR	1º PAV	PROJ
1940	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	1
1941	1	1	3	0	6	0	2	1	4	0	5	1	4
1942	5	0	0	0	5	0	4	1	0	0	5		4
1943	8	6	4	0	18	0	7	1	7	0	16	2	8
1944	11	7	6	1	22	3	10	2	12	0	19	7	2
1945	17	6	14	0	29	3	10	2	19	0	31	2	1
1946	15	2	5	0	21	0	11	1	7	0	21	1	8
1947	22	3	6	0	28	1	13	3	15	0	23	6	3
1948	49	11	11	0	48	2	29	9	30	0	42	8	8
1949	55	6	10	0	58	6	45	5	19	0	48	17	9
DÉCADA DE 1940	<b>184</b>	<b>42</b>	<b>59</b>	<b>1</b>	<b>236</b>	<b>15</b>	<b>132</b>	<b>25</b>	<b>113</b>	<b>0</b>	<b>210</b>	<b>45</b>	<b>48</b>
1950	70	90	13	0	74	10	64	12	16	0	71	19	8
1951	44	8	15	0	51	5	24	5	30	0	58	0	6
1952	46	8	10	0	52	9	42	6	10	5	50	11	37
1953	45	4	6	0	48	6	39	4	15	0	43	9	32
1954	56	11	5	0	56	8	46	46	15	0	50	5	33
1955	60	11	5	0	62	5	36	0	23	4	61	6	31
1956	59	11	9	0	70	11	22	1	38	13	70	10	42
1957	90	12	11	0	85	9	22	2	50	18	83	11	54
1958	110	6	17	0	99	11	11	1	60	35	106	3	77
1959	96	7	17	1	81	6	2	0	66	14	82	3	54
DÉCADA DE 1950	<b>676</b>	<b>87</b>	<b>108</b>	<b>1</b>	<b>678</b>	<b>80</b>	<b>308</b>	<b>77</b>	<b>323</b>	<b>89</b>	<b>674</b>	<b>77</b>	<b>374</b>
DÉCADAS DE 1940/1950	<b>860</b>	<b>129</b>	<b>167</b>	<b>2</b>	<b>914</b>	<b>95</b>	<b>440</b>	<b>102</b>	<b>436</b>	<b>89</b>	<b>884</b>	<b>122</b>	<b>422</b>

Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

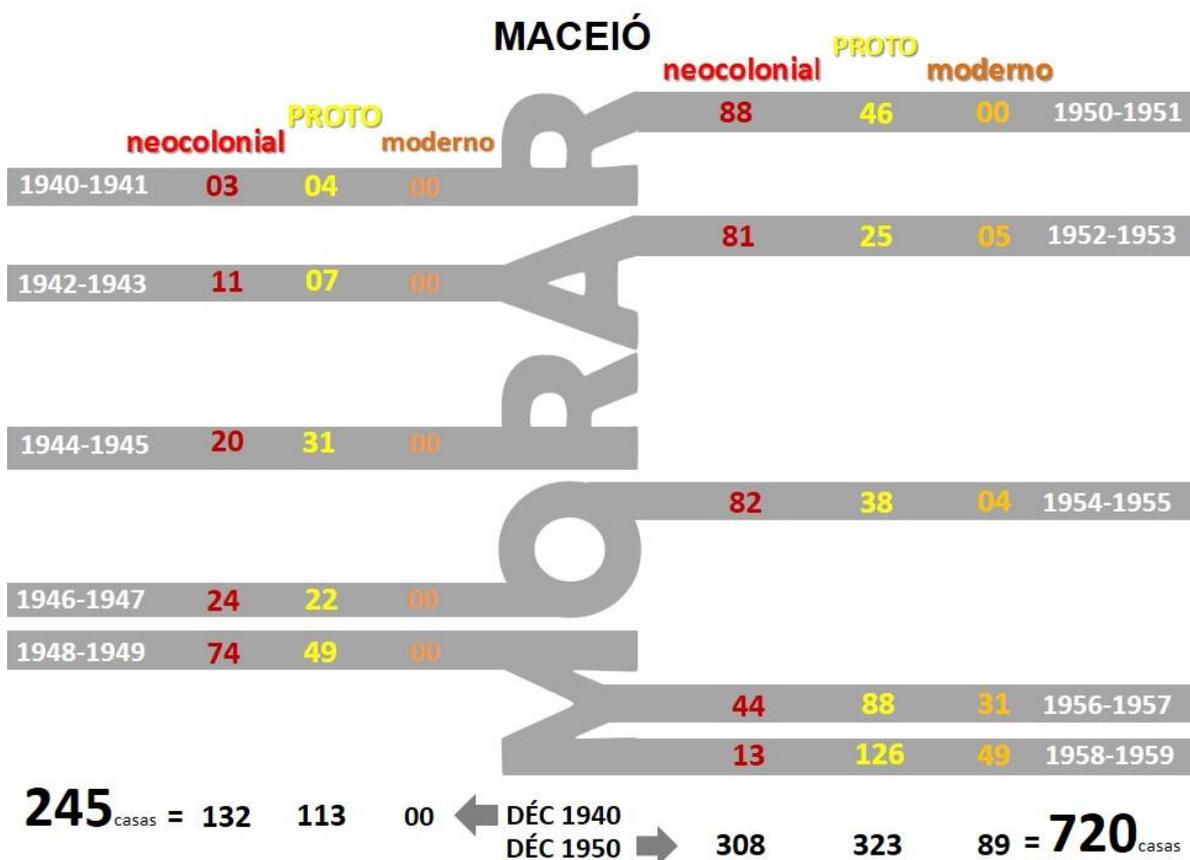
A tabela acima revelou, além da categoria profissional dos autores das residências, a natureza do projeto: se construção, reforma ou reformulação de fachada, se térrea ou com pavimento superior e quanto ao estilo adotado. Quanto aos projetos arquivados, a grande maioria foi voltada para a edificação de novas casas e em número bastante menor os projetos de fachada sendo seguidos em número decrescente pelos de reforma e/ou ampliação. Com o acesso às plantas técnicas pode-se constatar que apenas uma parte muito reduzida dos projetos foi assinada por arquitetos, apresentando-se como 7% dos atribuídos a engenheiros.

De maneira global observou-se que a maior incidência foi de adoção do neocolonial, seguido imediatamente pelo estilo protomoderno, sendo este quase que exclusivamente em casas de lotes estreitos e prioritariamente em projetos de fachada. As residências em estilo neocolonial somaram 440 nas duas décadas, sendo 70% delas na década de 1950. Dentre o total de casas neocoloniais, algumas possuíam fortes características do *Mission Style* satisfazendo ao índice de 19% na década de 1940 e acentuando-se levemente o uso dos elementos da arquitetura hispânica na década de 1950, para atingir 25% das casas. A arquitetura modernista manifesta-se apenas nos anos 50, a partir de 1952, finalizando a década com 89 exemplares dentre

um total de 720 casas em oposição a sua inexistência na década anterior. Importante salientar que apenas no biênio 1956-1957 a conformação das residências no Farol abandona o predomínio da linguagem neocolonial (44 casas) e o protomoderno aparece no dobro das construções (88 casas). Quando se detém no último biênio da década de 1950, percebe-se que foi o único que a estética modernista (49 casas) prevalece em relação ao neocolonial (13 casas), só perdendo para a indiscutível preponderância crescente do protomoderno (126 casas). Havia, portanto, mais do que uma convivência, mas uma permeabilidade entre essas expressões formais da residência.

A partir da Tabela 5, pôde-se elaborar um esquema ilustrativo específico para mostrar, a título de ilustração exclusivamente, a incidência estilística nas casas que compunham o bairro do Farol e poder acompanhar a dinâmica ocorrida no decorrer dos biênios. Apresentou-se também o total referente a cada estilo e o da produção geral de casas por década dentro dos 20 anos que compuseram o universo da pesquisa.

Figura 119 – Esquema de quantificação das casas por estilo

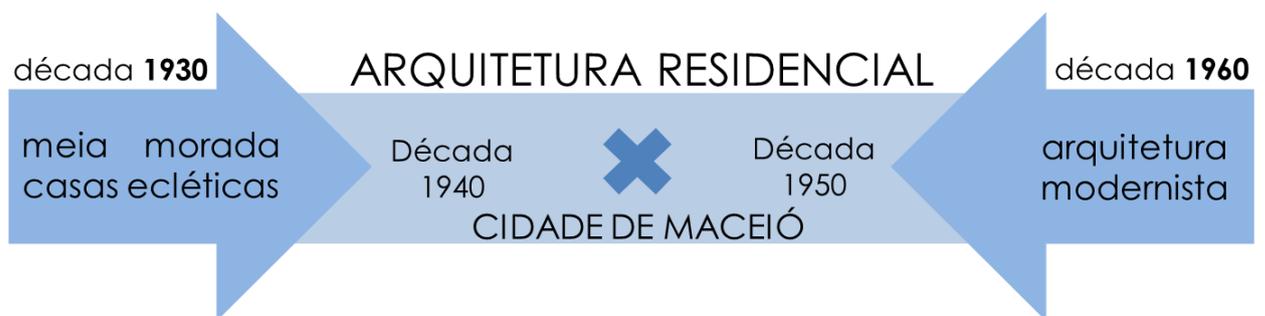


Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

Com a sistematização das informações coletadas e transporte para tabelas e gráficos pôde-se abarcar as totalidades, ler e interpretar a produção arquitetônica da época sob vários aspectos. A casa encontrada sob o prisma dessa representação imagética deu-nos indícios sobre a organização familiar, as noções de conforto e privacidade, a condição feminina, as relações econômicas, sociais e culturais que se entrelaçavam revelando particularidades do cotidiano da época. Validamos inclusive, com os achados dos arquivos, as soluções formais e espaciais de casas já desaparecidas.

Com casa e cidade reveladas primeiramente através da observação e dos livros e depois nos arquivos, tentou-se deduzir os princípios norteadores dos projetos dessas casas e construir um diagrama de análise e comparação entre as duas décadas em estudo e entre seu período antecessor – de residências ecléticas ou de meia-morada - e o posterior, a época da arquitetura modernista consolidada. Este diagrama mostra como a residência do período estudado coloca-se entre as tendências anterior e posterior a sua época.

**Figura 120 – Diagrama de tendências estilísticas por década**



Fonte: Elaborado pela a autora (2015).

A datação das obras foi trazida pelo confronto com o arquivo de projetos, porém convém reforçar a necessidade de flexibilização na delimitação das décadas e dessas tendências, que não ocorreram de modo estanque, tendo seu convívio perdurado no decorrer do tempo. A edificação eclética servia, na década de 1930, de referência estética para as residências da elite maceioense e quanto à imagem “não se caracterizava simplesmente por uma combinação de estilos do passado [...], mas também distinguia-se pela utilização de novos materiais e técnicas construtivas” (SCHETTINO, 2012, p.193), porém mesmo introdutora de inovações, foi aos poucos substituída por novos referenciais.

Em um último trabalho de análise com o material técnico, selecionou-se um conjunto reduzido, mas expressivo, de casas para propiciar um estudo mais detido de seus elementos. Após terem sido abordadas, com fundamento na literatura, as questões relevantes que repercutiam na produção residencial como o papel do feminino, o americanismo, a tecnologização, a funcionalidade, a relação interior/exterior e serviram de alicerces para a apreciação, algumas delas foram confirmadas pela imersão nos arquivos.

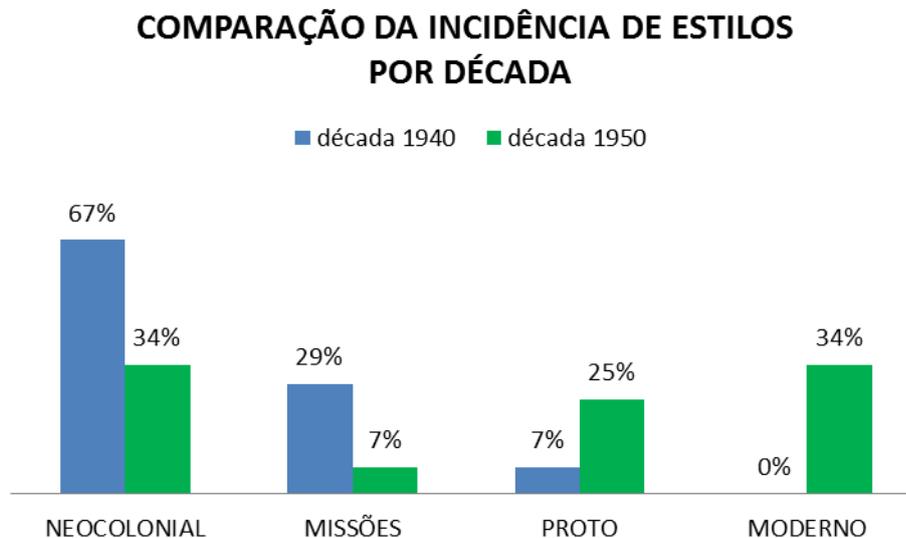
### **3.2 A Casa da Amostragem, um olhar apurado**

Objetivando otimizar a análise, quanto à alteração ou manutenção do programas de necessidades e a hierarquia e distribuição dos cômodos domésticos, assim como sua relação com o espaço exterior e interface com a cidade e população, buscou-se, junto às plantas fotografadas no arquivo técnico, selecionar um conjunto representativo de residências. Foram eleitas para amostragem 15 casas da década de 1940 e 44 casas da década de 1950. O critério quantitativo estabelecido obedeceu à mesma proporção encontrada entre a produção arquitetônica da primeira década com 285 casas (Tabela 2) em relação à segunda com 871 casas (Tabela 1), com uma proporção de 01: 2,933, ou seja, praticamente a terça parte. A escolha de plantas técnicas para compor o grupo de análise, chegou a um montante de 59 casas<sup>13</sup>. A seleção qualitativa baseou-se em três critérios: o do material gráfico estar em relativo bom estado e legível; conter planta de locação para avaliação das áreas de jardim/quintal, que explicaria a relação interior/exterior e o critério de contribuir para a diversidade formal do conjunto, com a inclusão de exemplares de padrões distintos: modestos, imponentes, térreos, de dois pavimentos, geminados, neocoloniais, protomodernos e modernistas. Numa análise geral da amostragem, dentre as 59 casas analisadas englobando as duas décadas, 32 casas (54%) correspondiam ao vocabulário neocolonial (incluídas as *Mission Style*) e 27 casas delas (46%) apresentavam características protomodernas ou modernistas, sendo estas quase todas registradas na década de 1950.

---

<sup>13</sup> Na impossibilidade de apresentar todas as pranchas de 59 casas no corpo do trabalho, seguem no apêndice.

**Figura 121 – Gráfico comparativo de estilos pela amostragem**



Fonte: Elaborado pela a autora (2016).

Dentre as casas selecionadas, pôde-se detectar a repetição de determinados arranjos espaciais e a presença de alguns cômodos tão recorrentes que deram indícios sobre alguns modos de morar naquelas habitações. As composições em relação às divisões internas eram geralmente coerentes com a escolha das características estilísticas das fachadas e ao que deveria corresponder ao comumente estabelecido como essencial para a família desse grupo social em cada década.

A década de 1950 trouxe várias contribuições inovadoras que geraram quase que uma cisão quanto à prática arquitetônica e o modo de morar da década de 1940, como pôde ser constatado no confronto entre os projetos selecionados na amostragem e expresso no desenvolver do trabalho.

Após o entabulamento dos dados explícitos nas plantas - ano, estilo, número de quartos, porcentagem entre jardim/quintal, localização e forma de apresentação de alguns cômodos como: sala de estar/jantar, corredor, gabinete, copa, terraços frontal e de fundos, garagem – pôde-se quantificar as incidências, sintetizar em dois infográficos e proceder à análise item a item, dos exemplares, de forma a possibilitar a comparação entre elas.

Alguns aspectos pesquisados da casa percorreram transversalmente as décadas de 1940 e 1950 no bairro do Farol, quase inalterados como a proporção da área reservada para o quintal, que era em sua maioria o dobro da estabelecida para o jardim frontal. A ocorrência só não se repetiu nas poucas casas geminadas do bairro,

que por também não possuírem recuo no limite frontal, possuíam apenas como área livre descoberta o quintal nos fundos do lote.

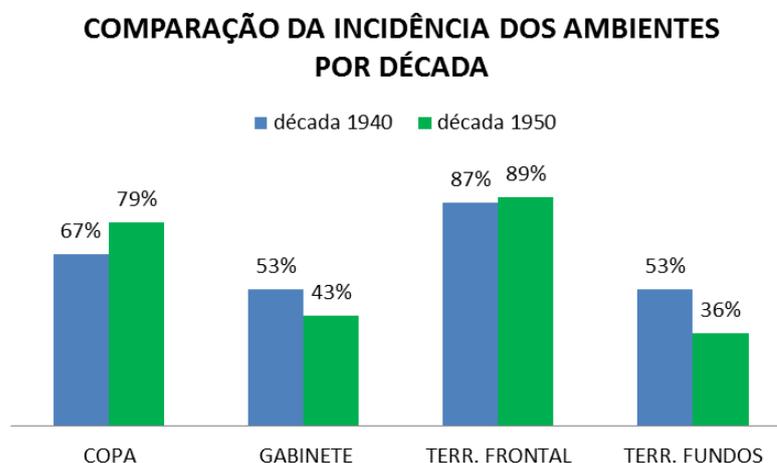
Dentre os componentes que se destacavam do programa de necessidades básico nas edificações domésticas de épocas anteriores e que se mantiveram sem mudanças significativas durante este período foram: a copa interligada à cozinha, o terraço de fundo, o terraço social e o gabinete, este último apresentando grande incidência (45%) e em sua maioria com acesso externo independente. A computação desses dados fora orientada pela denominação dos cômodos expressa em planta ou por detalhes revelados pela representação do mobiliário. Estas nomenclaturas intencionavam indicar os ambientes rotulando-os por suas funções prioritárias, porém o registro de sua terminologia na perspectiva histórica tornou-se fundamental.

Estes cômodos apresentam-se destacados nas fichas constantes nos apêndices B e C do trabalho, e delimitados por cores distintas de forma a facilitar sua identificação através de legenda.

Para uma melhor interpretação dos dois infográficos de colunas a seguir, optou-se pela indicação dos dados em seus valores relativos, ou seja, percentuais, ponderando-se em relação à quantidade total de casas por década no universo da amostragem, a saber, 15 casas (década 1940) e 44 casas (década 1950).

Avaliou-se primeiramente aqueles ambientes, sociais e de convívio, que sofreram mais alterações em relação à presença e posicionamento nos projetos: copa, gabinete, terraço frontal e terraço dos fundos. Portanto, no infográfico abaixo foi sintetizado o confronto quantitativo, em porcentagem, dos cômodos entre as duas décadas.

**Figura 122 – Gráfico comparativo dos referidos ambientes por década**

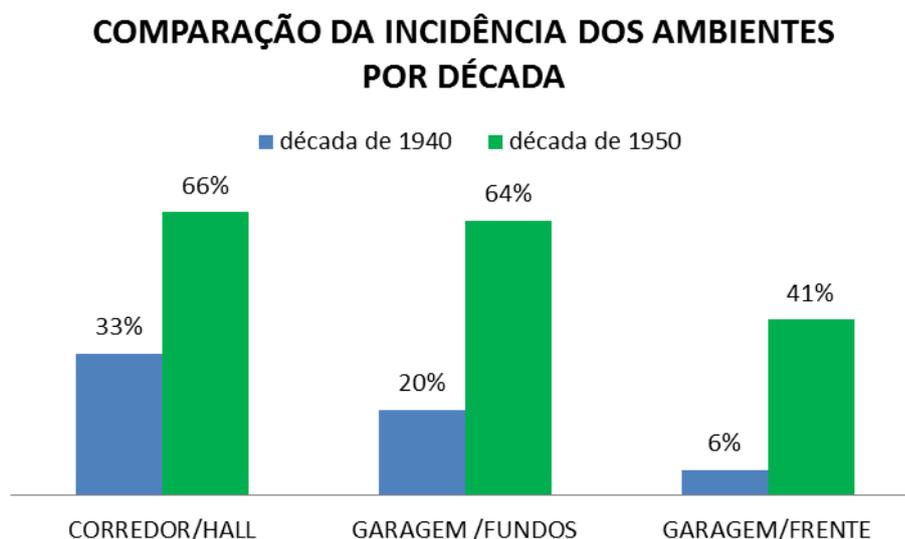


Fonte: Elaborado pela a autora (2016).

A copa, como ambiente de refeições vinculado à cozinha e ao mesmo tempo de convívio íntimo para a família teve sua existência reforçada, enquanto que o gabinete apresentou incidência reduzida no transcurso das décadas. O terraço social compondo um importante espaço na fachada principal da casa permaneceu, no período, com incidência praticamente inalterada, diferente das plantas com terraço de convívio dos fundos, que se mostram 20% diminuídas.

No infográfico seguinte foi sintetizado o confronto quantitativo, entre as décadas, abordando os ambientes de pouca permanência, mas com grande interferência na funcionalidade da casa e na sua relação com o exterior: corredor/hall íntimo; garagem/fundos e garagem/frente, também em números percentuais.

**Figura 123 – Gráfico comparativo por década dos referidos ambientes**

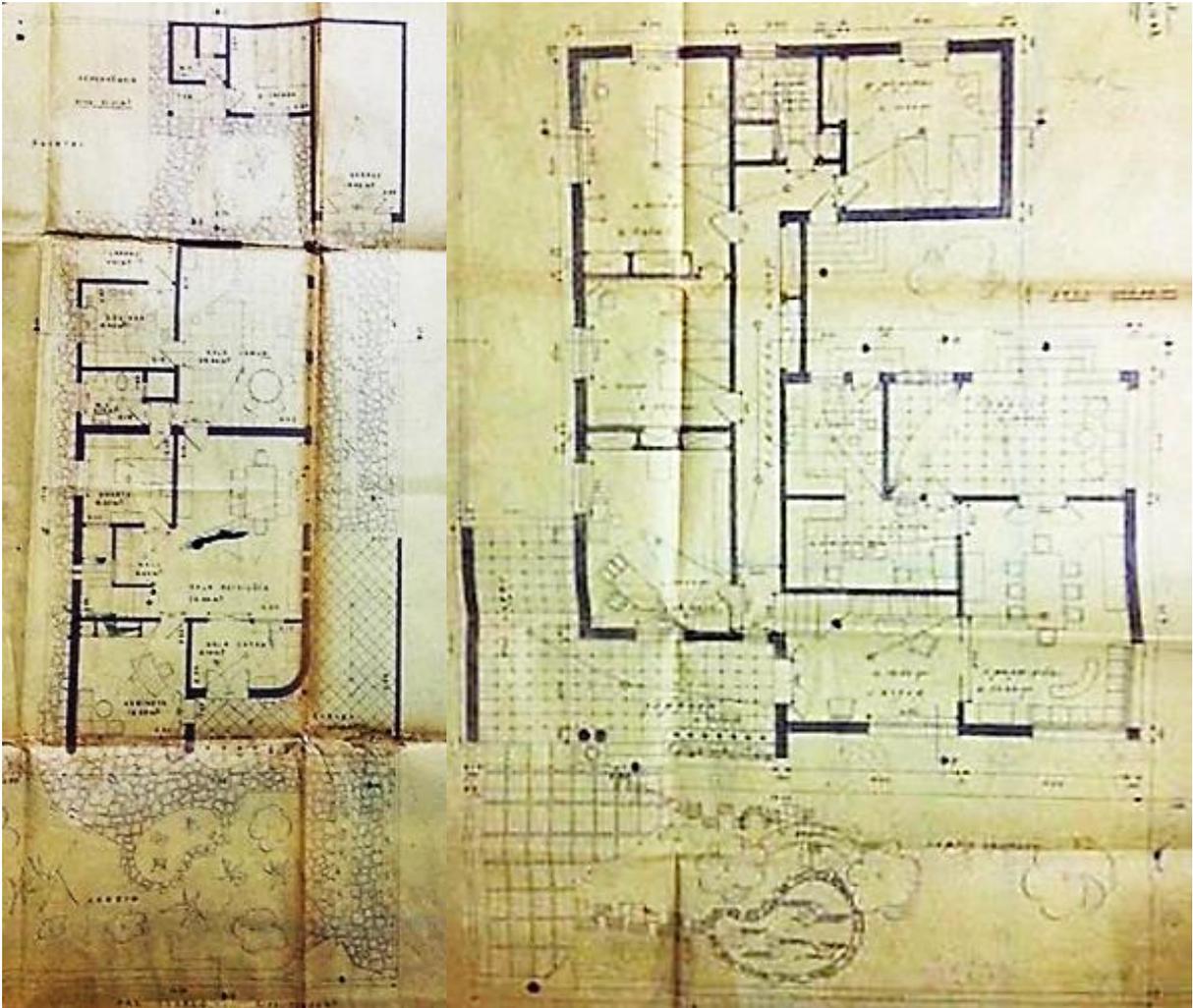


Fonte: Elaborado pela a autora (2016).

Analisando os dados apresentados pelo gráfico, viu-se maior preocupação com a privacidade da área íntima evidenciada pelo crescimento de 33% na incidência do corredor e hall íntimo, que resguardavam os quartos em relação à sala. O espaço reservado ao abrigo do automóvel manteve-se predominantemente na área dos fundos do terreno, porém na década de 1950, já ocupava a área frontal em 41% das residências diferente da porcentagem de 6% da década anterior.

Do conjunto foram selecionadas duas imagens demonstrativas para ilustrar a diferenciação no desenho das plantas pela presença ou não de corredor e hall íntimo e pela implantação da garagem lateralmente ou ao fundo.

**Figura 124 – Plantas baixas com variação na locação da garagem e existência de corredor**



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

As observações locais sobre as modificações ocorridas na casa no decorrer das décadas de 1940 e 1950, no universo deste grupo social reiteraram a afirmação feita por Ruth Sampaio que “a moradia da classe média é que apresenta maior soma de ocorrências quanto à evolução do programa nesses anos de modernidade” (SAMPAIO, 1990).

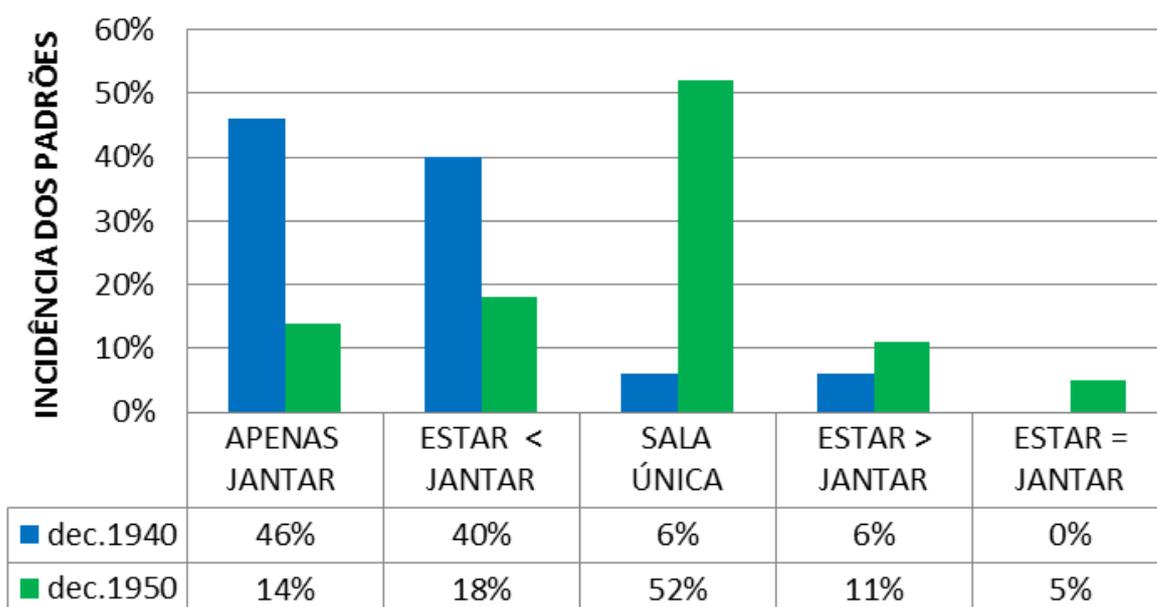
Quanto aos cômodos denominados banheiro ou WC (*water closet*) alocados na maioria das vezes próximos à cozinha, no caso de dois pavimentos, com a popularização da laje de concreto, puderam posicionar-se um sobre o outro, mantendo-se a economia nas instalações hidro-sanitárias. Essa fórmula de arranjo espacial foi repetida nas décadas de 1940 e 1950, em inúmeras residências de Maceió, nas quais se abstraía o padrão de planta modernista que aproximava ou

interligava o banheiro aos quartos. Esta inovação prática e econômica continuou sendo muito utilizada na arquitetura residencial até a atualidade.

Mas foi a sala de estar, o ambiente que mereceu maior destaque e particular análise por possivelmente ter sofrido maior número de transformações quanto aos aspectos de identificação nominal, de fluidez espacial e visibilidade ao público.

**Tabela 6 – Análise do espaço de estar/jantar**

### ANÁLISE DOS AMBIENTES DA ÁREA SOCIAL



Fonte: Elaborado pela a autora (2016).

Interpretou-se os dados apresentados no gráfico e tabela, concluindo que na década de 1940, houve pouca referência explícita ao ambiente de “estar” nas plantas baixas dos projetos. No que tange a representação aos cômodos destinados à área social nesta época evidenciou-se, em 46% das casas apenas a identificação da sala de jantar, sendo nomeada de formas diversas: “refeições”, “sala de refeições” ou simplesmente “jantar”. Esse predomínio levou-nos a crer que havia maior prestígio em relação ao convívio e reunião familiar em torno da mesa de refeições. Estar, por vezes, de acordo com os detalhes dos desenhos, estaria presente apenas no espaço da copa interligada à cozinha.

A sala de estar, nomeada nas plantas como “sala de visitas” ou apenas “visitas”, quando apresentada nas plantas como um espaço bem definido, aparece curiosamente em 40% dos exemplares com menores dimensões que a área destinada às refeições. A sala de estar, além de reduzida, sugere ser restrita aos mais íntimos,

pois não tendo corredor, o acesso a quartos e WC era visto da sala, podendo comprometer a privacidade familiar.

Este desenho de planta estava, quase em sua maioria, vinculado à linguagem formal da arquitetura neocolonial, enquanto que as de estética protomoderna ou modernista, iniciadas na década de 1950, mostraram-se setORIZADAS, com corredor íntimo ou hall de distribuição na área íntima e independência da área social. Sabe-se que a divisão em zonas não fora particular dos princípios modernistas, e sim procedimento associado à maneira pela qual os grupos sociais impedem ou facilitam a presença/ausência de determinadas pessoas obedecendo a uma hierarquia de valoração. Cristiana Griz, afirma que a habitação moderna brasileira tendo sido regida por regras socioculturais (modos de habitar) mais flexíveis, propiciou um uso menos segmentado dos espaços. O ambiente de convívio familiar, que no sobrado colonial ficava na área privada, começou a dividir o mesmo espaço reservado para receber os visitantes (GRIZ, 2012).

A determinação, na arquitetura doméstica da classe média e alta, dos limites entre estranhos e a família e na parte interna entre seus distintos moradores, foi possivelmente mais balizada pela adoção de tendências vindas de manuais exógenos e propostas modernizadoras ou de equiparação social, do que pelo modo de morar local, fato recorrente na maioria das cidades do país.

A historiadora Vânia Carneiro de Carvalho, referindo-se a constituição dos lares paulistanos no início do século XX, afirmava que os segmentos médios da sociedade, já eram o “público-alvo predileto nas campanhas publicitárias que previam o enfraquecimento da sala de visitas como zona de representação social e o seu fortalecimento como área de convívio familiar, íntimo e confortável, segundo o modelo inglês do *living room*” (CARVALHO, 2008, p. 165). A preocupação em passar para os visitantes uma boa imagem pública da família torna-se menos importante que a intenção de proporcionar aos moradores conforto e privacidade no convívio íntimo, o que levou à unificação entre os dois espaços.

A referência cultural norte-americana, já mencionada, também sentida no material do arquivo, mostrava-se presente desde a absorção da nomenclatura em inglês dos ambientes (*living-room*, *WC - water closet*, *hall*, etc) até a interferência na concepção do espaço residencial trazendo a popularização da comunicação entre sala de jantar e serviço e entre *living* e jantar, obtida com abertura de um amplo arco. Este tipo de integração entre salas foi utilizada em muitas casas maceioenses no

período de estudo, principalmente nos anos 1940, por vezes alterado para um desenho trapezoidal. Fato semelhante foi constatado por Maristela Janjulio em sua pesquisa sobre os bangalôs da cidade de Fortaleza: “a sala de estar, ligada por um arco à sala de jantar, substituiu a antiga e enclausurada sala de visitas, como também ocorrera nos Estados Unidos” (JANJULIO, 2011).

**Figura 125 – Arco divisor de ambientes no interior das residências – foto em revista nacional e em planta de casa na década de 1950 em Maceió**



Fonte: Revista da ENBA (década de 1940) e Arquivo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Essa influência, no decorrer da década de 1950, mantém-se quanto ao aspecto da ordenação espacial, que passou a adotar uma distribuição mais organizada com área íntima compacta composta de quartos e banheiro e relativa independência do setor social. A tentativa de incorporar sala e cozinha, como exibido nos filmes de Hollywood e frustrada no contexto brasileiro (MACHADO, 2011), também se comprova em Maceió, nas fontes nas quais este capítulo baseou-se. Não foi encontrado nos arquivos técnicos a representação de nenhuma planta contendo “cozinhas americanas”, ou seja, ambientes de serviço abertos para a área social, o que seria explicado pelo costume local da empregada doméstica ou mesmo das “crias da casa” que serviam nos lares mais prósperos.

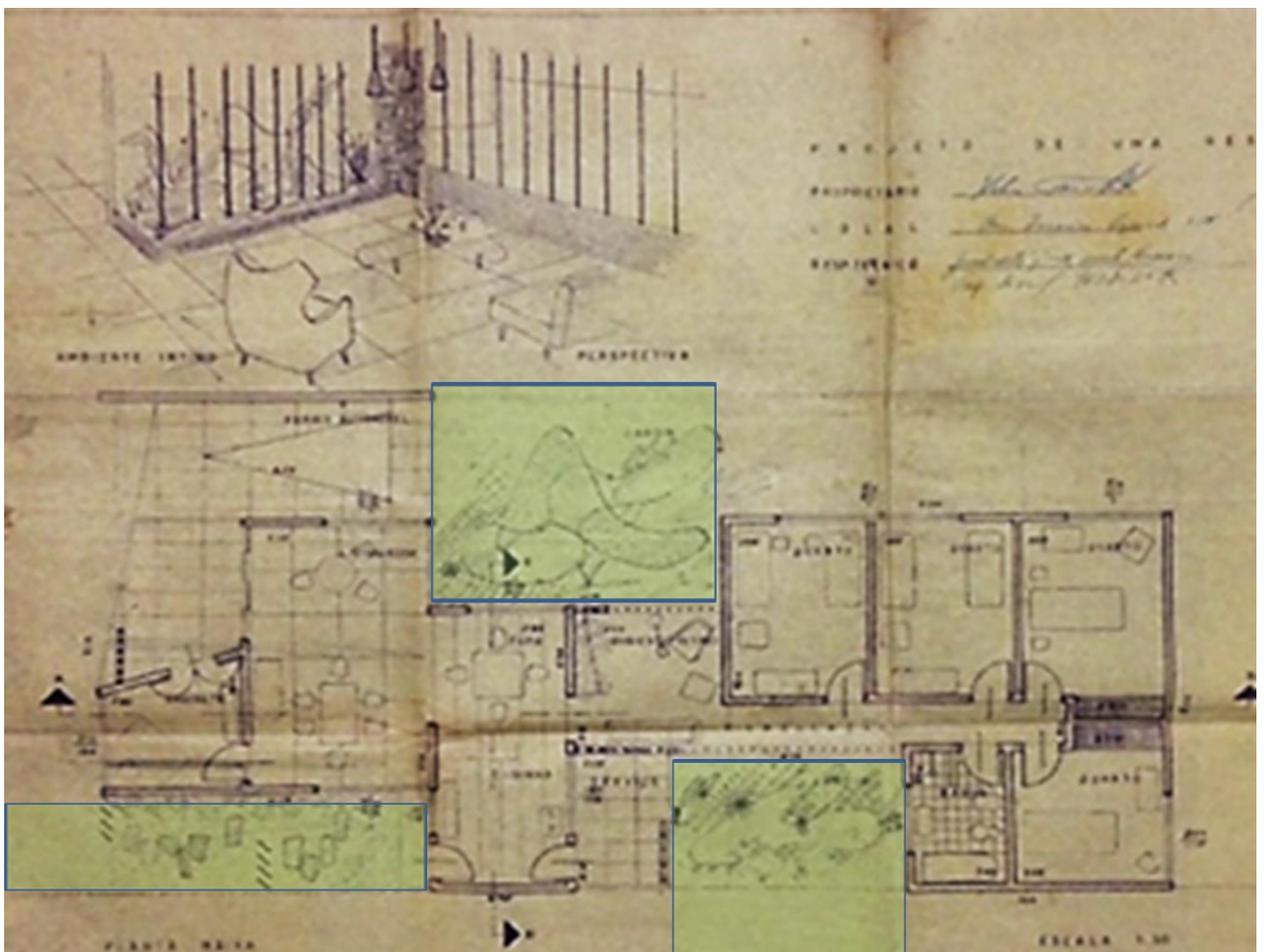
Após as mudanças no arranjo espacial das casas da década de 1950 percebeu-se a tendência modernista de ambientes sociais mais fluidos e contínuos, integrando estar e jantar em uma sala única (52%), mais aberta e privilegiada ganhando transparência com amplas portas de vidro. Esta alteração possibilitou maior visibilidade para jardins e terraços e através destes para a rua (Figura 126). A

valorização dessas áreas contíguas à casa comprova-se num texto publicado em 1936 que afirmaria:

Mais do que os estrangeiros – pois vivemos em um paiz tropical – deveríamos cuidar do jardim com muito carinho, tornando-o um local aprazível, para o qual tivessem vista e acesso direto as principais peças de estar e onde passássemos, com a família e os amigos, a maior parte das horas livres (BRUNS, 1936, p. 31).

Essa iniciativa de trazer o jardim entremeado com a área construída da casa denota a adoção de mais uma tendência modernista. Aqui, pelo menos assegura Bruns, mais adequada ao contexto tropical.

**Figura 126 – Planta baixa residencial permeada por jardins**



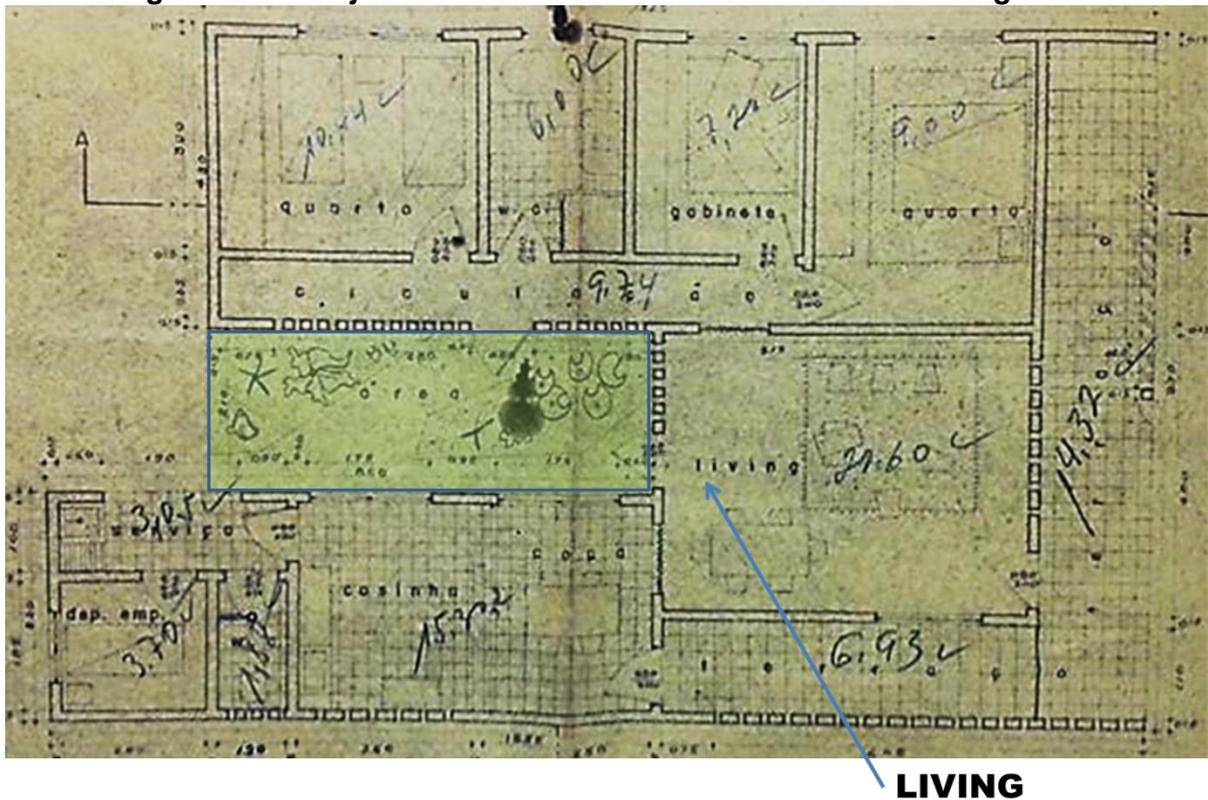
Fonte: Acervo técnico SMCCU.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

O cômodo denominado de estar, quando separado do jantar, apresentou-se ainda, nas plantas da amostragem referente à década de 1950, com área inferior a este em apenas 18% das casas. Porém, houve um evidente abandono gradual dessa desproporção até o completo estabelecimento e emergência do *living* como sendo o

ambiente social maior e principal, talvez o mais incluído no trato social, e que tenha sua inclusão facilitada nas atividades de convívio e lazer da família. O *living-room* dos anos 1950 tornar-se-ia o espaço multiuso equivalente à sala de fundo nas casas de meia-morada, que poderia ser chamada de terraço ou varanda da família. Provavelmente a mulher, cada vez mais frequente na vida social, necessitava de espaço para mostrar sua performance como anfitriã, em um ambiente geralmente único, com mobiliários e equipamentos modernos.

**Figura 127 – Projetos da década de 1940 /1950 trazendo o *living-room***



Fonte: Acervo técnico SMCCU.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A casa, a partir do acervo, pareceu após 1955, estar mais receptiva, mais aberta, evidenciando em planta um menor número de divisões internas e maior permeabilidade entre os espaços interiores e com o espaço externo. A garagem, que deixou o fundo do lote, pois o automóvel, reflexo da valorização da tecnologia, passou a compartilhar com a família e os visitantes do terraço principal situado na área frontal da casa, privilégio que a literatura já indicara:

os serviços domésticos, esses sim, podem ser colocados lateralmente, e a garage – nos lotes pequenos – deve mesmo ficar à frente, o que oferece grande vantagem para as manobras de automóvel (BRUNS, 1936, p. 30).

Sob essa justificativa, o automóvel apresenta-se no ambiente fronteiro com o espaço público, que tem no jardim frontal apenas um filtro para a plena visibilidade.

A constatação da correspondência existente entre o abandono do vocabulário formal que dominava os bangalôs da década de 1940 para adoção da linguagem mais arrojada, mesmo incipiente na década de 1950, e as inovações encontradas nos arranjos compositivos de planta, mostrou-se uma descoberta determinante na avaliação dos projetos dessas residências. Essa compartimentalização do espaço doméstico no século XX denunciaria inclusive o desejo de usufruto da intimidade e de emancipação psicológica dos indivíduos (SEVCENKO, 2002), no momento que favorece o conforto do indivíduo, a privacidade e a prática de atividades de deleite pessoal. Sinônimo de comodidade, novo vigor e consolação, de acordo com o dicionário Aurélio, a ideia de conforto é geralmente associada ao bem-estar e à forma de recobrar energias, restabelecer a vitalidade humana, corporal e mental. Esta visão que atravessara os tempos fora encontrada nos anos 1940 em trecho do artigo do pintor e historiador paraense Theodoro Braga encontrado na revista Acrópole (jan./1940, p. 25-26): “O lar tem a finalidade diuturna, íntima e confortável da vida que se fadiga na eterna luta fora dele”. A casa deveria ser encarada, portanto, como um local revigorante para o homem que retornava do trabalho no meio público. Em Maceió, essa função restauradora pode ter sido perseguida nas casas que apresentaram maior preocupação com o conforto ambiental, apesar da satisfação interior dos moradores, alheia ao ambiente físico, poder inclusive revelar-se nas casas de meia-morada, predominantes na década anterior. Ambientes dedicados a práticas específicas e individuais – sala de leitura, sala de música, sala de costura, gabinete, etc – que surgiram nas casas maceioenses estudadas e o mobiliário e adornos que os compunham possivelmente adquiriram da mesma forma, valorização diferenciada e *status* para o morador que estaria demonstrando seus bons hábitos. Reforçou-se uma espécie de culto à individualidade e a preocupação com a projeção da autoimagem também por meio dos móveis e objetos decorativos e tantos outros até a manifestação do desejo de personificação ao ponto de marcar com monogramas peças ou roupas de cama e banho (MACHADO, 2011).

As modificações perceptivas por parte das pessoas, não corresponderam apenas às experiências subjetivas de satisfação e vivência pessoais, mas ao juízo de normas coletivas e amplas, que obedeciam a um consenso ou grau de exigência,

consciente ou inconsciente, existente em cada época. O desenvolvimento tecnológico já estabelecera uma mudança no senso de conforto quando não mais bastava o encanto visual dos ambientes e o bem-estar físico para o usuário, mas agregava símbolos do progresso tecnológico: a luz artificial, a água encanada, o gás para cozinhar, a energia para os aparelhos elétricos e a variedade dos novos e duráveis materiais de construção e acabamento para os espaços residenciais. Ao conceito de conforto, antes associado ao aspecto formal da casa, atrelou-se também o conceito de eficiência doméstica valorizando a utilidade exclusiva para cada cômodo e seu atributo térmico específico. Em Maceió, foram os bangalôs que primeiro responderam a essas expectativas estabelecendo-se como representação importante de uma fase da transição que anunciaria a futura visão da casa como “máquina de morar”.

As alterações de planta e fachada de fato trouxeram novas soluções para os espaços dessas residências, o que nos dá uma aceno de que o modo de vida dos moradores não se manteve como antes e que os velhos costumes poderiam estar sendo esquecidos ou havia esse desejo. Foi na relação entre eles e com o exterior que se verificou nos espaços funcionais os traços de mudança e de continuidade nos modos domésticos de vida (TRIGUEIROS, 2012).

Mas a uma feição estilística semelhante corresponderia a uma configuração espacial semelhante? Utilizando-se da definição trazida por Edja Trigueiros (2012), o termo “configuração” entendida não como formato, composição ou arranjo de determinado conjunto de espaços, mas como “estrutura”, ou seja, como um todo, resultante de partes que se relacionam entre si e cuja relação não pode ser alterada sem que se altere o todo, uma vez que é esse sistema de relações que determina a natureza do todo.

Além da divergência quanto à linguagem formal predominante, algumas modificações expressivas ganharam evidência a partir da década de 1950, como pode ser visto nas plantas do Apêndice C em anexo:

- 1) a maior setorização<sup>14</sup> inclusive de áreas restritas ao convívio privado e introdução de corredor íntimo e hall de distribuição (espaços de transição)

---

<sup>14</sup> Agrupamento de atividades afins em setores funcionais estabelece procedimentos projetivos que definem a ordenação do plano, e em alguns casos sua expressão volumétrica (AMORIM, 2001). Cristiana Griz classificou os setores domésticos que se incorporaram definitivamente ao modo moderno de habitar: “social (formado pelos espaços que geram a interface entre os habitantes e entre os habitantes e os visitantes), o íntimo ou privado (o que proporciona privacidade aos membros da família) e o de serviço (aquele que abriga as atividades de manutenção do dia-a-dia da habitação)” (GRIZ, 2012, p. 30).

- 2) a incorporação de novos cômodos: o closet, o lavabo e o aparecimento da suíte;
- 3) a existência do abrigo de automóvel participando da frente da casa ou lateral da casa.
- 4) a maior visibilidade da casa, que se mostrava mais à rua, expondo-se aos observadores.

A configuração espacial da casa dava resposta a modos distintos de interface entre moradores e entre estes e visitantes gerando relações distintas de encontro e esquiva (TRIGUEIROS, 2012).

Estes quatro itens levaram-nos à conjectura de uma transformação no modo de compreender o ambiente doméstico e sua interação entre moradores e com o exterior interferindo na fronteira público x privado, mesmo que fosse necessário abrir mão, um pouco, da privacidade. A este aspecto agregou-se a descompactação observada no partido formal das plantas intermediadas por áreas verdes ou ambientes abrindo-se para os jardins, internos ou integrados à casa por elementos vazados que auxiliaram e reforçaram esta permeabilidade,

Essas constatações morfológicas do novo morar guardavam uma questão que se estabelecia de forma implícita: o desejo dos moradores de manifestar modernidade como símbolo de *status* de bem-viver. Isso se relacionava à imagem coletiva e idealizada que a cidade mantinha em relação ao bairro do Farol e suas casas na época.



Costa	R. Com. Palmeira	Comercial	Não	Original	Não	Não	3	Não
Lyra Costa	R. Sta. Cruz	Comercial	Não	Reformada	Sim	Não	2	Não
Almeida	R. Alcebíades Valente	Residencial	Não	Reformada	Sim	Não	Não	8

Fonte: Elaborado pela a autora (2016).

Mesmo tendo encontrado na pesquisa outras manifestações arquitetônicas tomou-se o bangalô como síntese do novo modo de morar, assim buscou-se na literatura, nos periódicos e depois através das imagens fotográficas, compreender seu significado simbólico para moradores e habitantes em geral e como resposta às transformações que vinham ocorrendo na cidade nessas décadas.

#### 4.1 Bangalô: o pitoresco e o moderno

Os bangalôs, assim como os chalés foram um tipo de arquitetura que se apresentou associado ao adjetivo pitoresco, *a priori*, pela recorrente referência, provavelmente despretensiosa em relação às raízes do termo, feita pelos habitantes locais que tentavam descrevê-lo. Essa razão justificou que se buscasse a significação histórica do termo. A rigor, o “pitoresco” provém do vocábulo italiano *pittresco* que significa “similar à pintura”, à maneira do pintor, e em dicionários é definido como algo digno de ser pintado, de ser representado numa obra de arte por suas qualidades, beleza ou singularidade. A migração do nome para o contexto local das casas, sem correspondência histórica com sua origem, deu-se por lembrar do ocorrido na virada do século XVIII para XIX na Inglaterra e revivido na Europa depois da exaustão da guerra: o pitoresco. No caso em estudo, relaciona-se à arquitetura residencial investigada, provavelmente, por incitar no imaginário coletivo uma visão romântica de acentuação das qualidades visuais de uma paisagem idealizada, o que não requeria conhecimento ou lógica, e sim, despertar sensações como acontecia numa pintura artística (HUSSEY, 1983). Em Maceió, a versão térrea do bangalô, dominante, tornava a paisagem formada por seu conjunto ainda mais agradável. Nessa nova ocupação espacial, a vizinhança composta exclusivamente por estes, entremeados por árvores e arbustos, oferecia mais integração e privacidade do que as residências com andares ou geminadas. A tipologia conhecida localmente como “chalé” apareceu, em menor escala, nas residências de maior porte, ocupando áreas de maior evidência e valorização no bairro. Inspiravam-se, de certo modo, nas residências rurais das regiões montanhosas europeias, com telhados em duas águas bem inclinadas

dispostas no sentido oposto ao da tradição luso-brasileira, com estreitos beirais afastados das laterais do lote (REIS FILHO, 1970).

Nas imagens de casas reconhecidas como pitorescas no livro *The picturesque*, traziam elementos que pudemos associar à arquitetura praticada na Maceió da década de 1940, como o telhado de telha francesa, de cumeeira perpendicular à rua e de inclinação mais acentuada; pequeno terraço como pórtico de entrada frontal deslocado na fachada, a semelhança na implantação das janelas, o envolvimento com a vegetação e os eventuais simulacros de chaminés (Figura 129).

**Figura 128 – Casa de 1942 no Farol em estilo chalé com chaminé e casa em artigo de revista americana, que trazia a tecnologia do telefone prevista no projeto da casa**



Fonte: Acervo técnico SMCCU e *The American Architect* (jan./1931, p. 97).

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Alguns poucos bangalôs apresentavam elementos referenciais do vernacular europeu nas fachadas, como a simulação em argamassa da estrutura em madeira aparente, típica dos chalés (Figura 130).

**Figura 129 – Foto atual de bangalô da década de 1940, na rua Princesa Isabel - Farol, com elementos da arquitetura vernacular europeia**



Fonte: Acervo da autora.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Nas revistas especializadas, além de projetos, discutia-se sobre os princípios da arquitetura moderna e a cópia da arquitetura estrangeira: “*No importa que lleguemos a las mismas conclusiones y formas que en otros países, lo importante es que lleguemos a ellas por nuestro pié, tras personal combate com la cuestión substantiva misma*” (ACEVEDO, 1934, p. 3). Nessa mesma revista os arquitetos Raul Mello e Gerson Pinheiro criticaram as fórmulas preestabelecidas que desvirtuavam grotescamente a nova arquitetura que respeitava

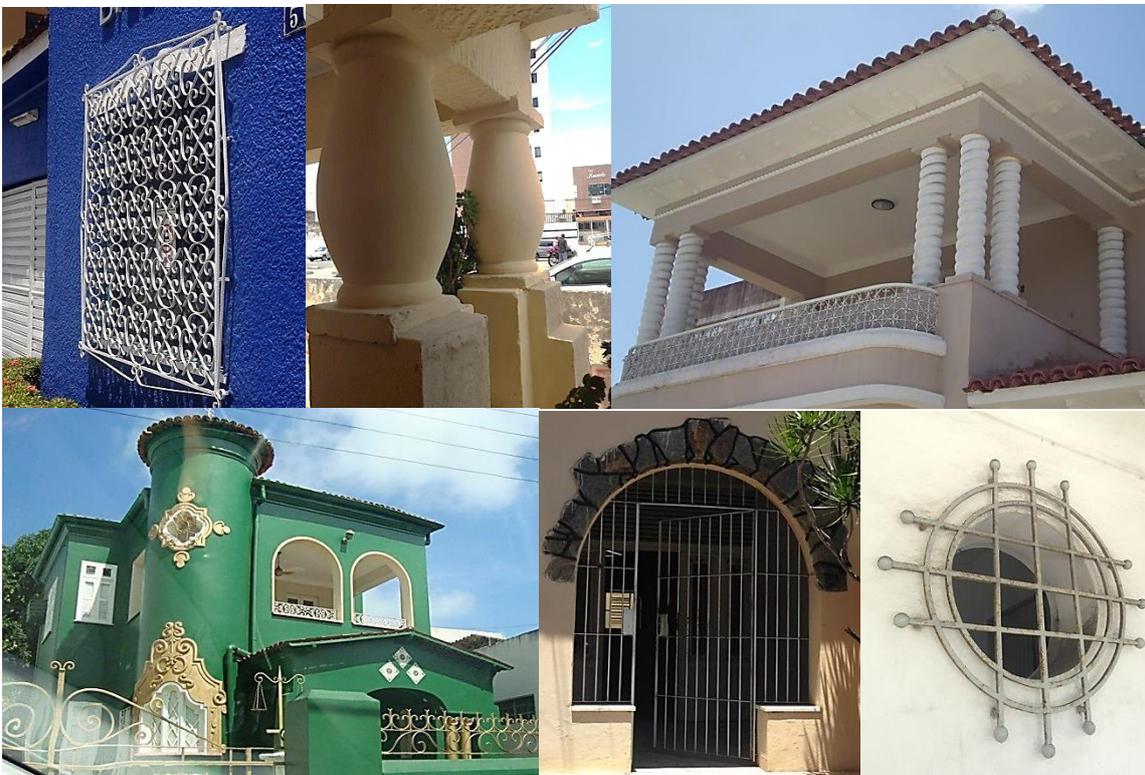
tão somente as razões primárias da arquitetura, isto é, à lógica, à economia, à solidez [...] “Não fora assim, melhor seria continuarmos no pedantismo dos “*Louises*” ou no romantismo piégas do “*missões*” [...] que faz bem ao coração emotivo do brasileiro (MELLO; PINHEIRO, 1934, p. 34).

No artigo *Razões da nova architectura*, Lúcio Costa (1936, p. 7) justificou a estandardização muito questionada na época: “Os estylos se formam e apuram, precisamente, à custa dessa repetição – que perdura enquanto se mantêm as razões profundas que lhe deram origem”.

O referido ar pitoresco que poderia estimular a imaginação e o encantamento pela referência às pinturas de paisagens históricas ou de época e lugares distantes, foi identificado nos cenários formados pelos bangalôs, pelo emolduramento de jardins, sua diversidade de contornos, contrastes de luz e sombra e efeitos de composição, características pictóricas. Recorrendo aos textos de época, da Inglaterra de 1927, viu-

se a manifestação do pitoresco na arquitetura, que como arte tridimensional requeria complexidade, variedade, irregularidade, mistério, “romance”, textura (HUSSEY, 1983, p. 186). Apoiando-se em Price, quando este refere-se a Vanburgh, Hussey identifica “como mais pitoresco o contraste no tratamento dos telhados com a linha do horizonte e a atenção para chaminés, urnas, vasos, arcos e obeliscos que poderiam ser empregados na proposta [...]”<sup>15</sup> (HUSSEY, 1983, p. 203). Nos exemplares observados ainda hoje em Maceió, esses elementos formais recriados a partir da década de 1940, alimentaram uma nova concepção e deu suporte simbólico a um novo cenário do morar, o que nos instigou a descobrir o caminho que trouxe o bangalô para nossa cidade e em especial para o bairro do Farol. A preferência pelo frontão paralelo à rua, preponderante nessas residências, era acrescido de composições com jogos de telhados e elementos como torreões cilíndricos, arcos, falsas chaminés, detalhes variados em pedra, gradis de ferro, madeiras torneadas, além de variadas texturas, outras colunas e peças em concreto ou estuque (Figura 131).

**Figura 130 – Elementos compositivos recorrentes em residências da década de 1940 no Farol, nas ruas Desembargador Amorim Lima, Comendador Palmeira, Praças Sergipe e Centenário**



Fonte: acervo da autora.

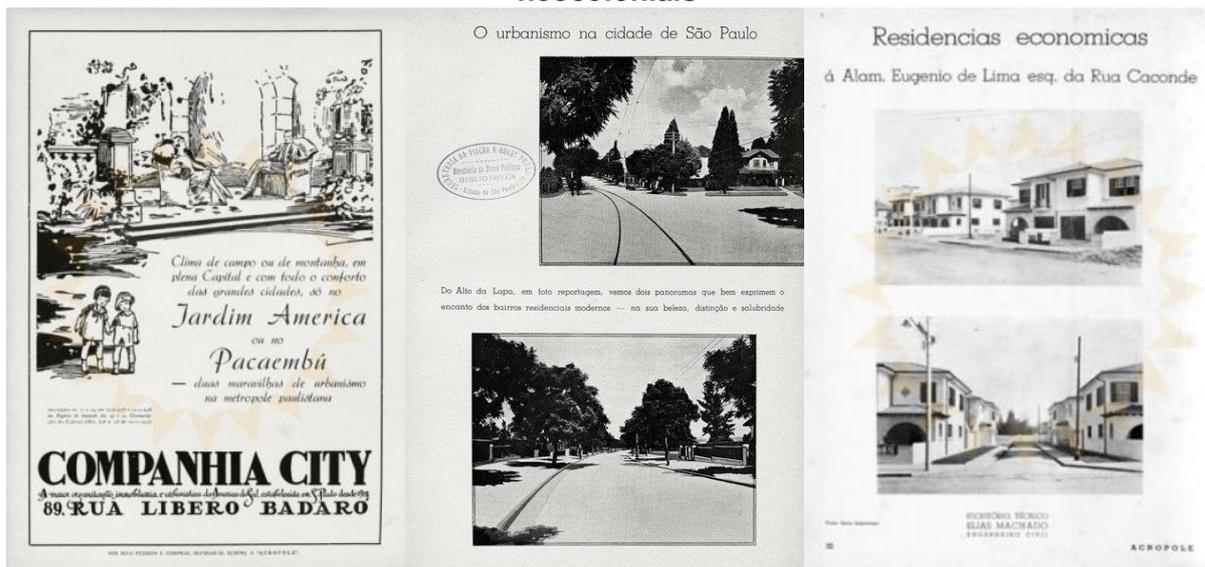
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

<sup>15</sup> Na impossibilidade de apresentar todas as pranchas de 59 casas no texto, seguem no apêndice.

Historicamente, a estética do pitoresco estabeleceu-se na Inglaterra do século XVIII reagindo às intensas transformações urbanas estabelece uma procura nostálgica pela integração com o meio natural, construído ou histórico, valorizando arquitetura vernacular do passado pré-industrial. Os princípios harmônicos do pitoresco também disseminaram-se na nova proposta urbana de morar: os loteamentos tipo cidade-jardim, intensamente ocupados nos anos 1930 e 1940 (PINHEIRO, 1998). Nas revistas especializadas vários anúncios de conjuntos de casas para a classe média e de loteamentos-jardim implantados em São Paulo pela empresa Companhia City, destacavam as qualidades pitorescas do empreendimento de proximidade com a natureza, o “clima de campo ou de montanha em plena capital com todo o conforto das grandes cidades” ou “o encanto dos bairros residenciais modernos na sua beleza, distinção e salubridade” (Figura 132). Referindo-se a São Paulo, Correia (2014) afirma:

Nesse novo cenário urbano, a estética do pitoresco encontrou amplo campo de manifestação. Expressões arquitetônicas desta estética foram os chalés, bangalôs e cottages, tipologias inspiradas em modelos campestres de habitação, [...] com fortes apelos ao rústico e ao bucólico. O complemento dessa arquitetura pitoresca é a vegetação profusa compondo, muitas vezes com alto grau de rigor e esmero, o cenário "natural" que lhe serve de moldura.

**Figura 131 – Anúncio de loteamentos-jardim e conjuntos residenciais com casas neocoloniais**



Fonte: Revistas da década de 1940: Revista Acrópole. Disponível em: <[www.acropole.fau.usp.br](http://www.acropole.fau.usp.br)> e Arquitetura e urbanismo.

O bangalô além de atraente artisticamente aos observadores, adequava-se aos interesses econômicos de investidores e proprietários e à qualidade de vida dos bairros. A simplificação das plantas e fachadas em relação às residências ecléticas e maior rusticidade nos acabamentos barateava seu custo, o que comungava com o conceito de pitoresco de contornos menos precisos. Usando materiais de construção rústicos e de expressão estética "honestas", teve grande divulgação no Brasil através da imigração e notável aceitação como arquitetura de "entretenimento" da nossa burguesia (PINHEIRO, 1998, p. 1).

Não haveria incoerência na associação entre os bangalôs e o pitoresco, referida também nas crônicas de escritores locais, quando se pondera sobre as aspirações e as casas no sudeste do Brasil a partir da década de 1930, associadas à busca ao retorno ao convívio com a natureza, perdido após o período de intensa industrialização e padronização (Revista de Arquitetura, n. 54, 1942, p. 22). Fenômeno equivalente ocorrera nos Estados Unidos, no início do século XX, com o *revival* em relação à colonização espanhola do Novo México que se alastrou pela Califórnia, marcado pelo *Mission Style* ou *Spanish Revival*, também chamado estilo mexicano ou californiano. Artistas de Hollywood adeririam ao estilo em suas residências, como a emblemática Carmem Miranda que, posando em frente a ela, reforçava o envolvimento feminino com a nova casa.

**Figura 132 – Carmen Miranda em sua casa em Hollywood. E exemplares do estilo na Austrália acima e em Maceió**



Fonte: <perfilaplantablogspot.com> e foto de acervo particular do morador.

A arquitetura de características pitorescas desenvolvida nos Estados Unidos encontrou grande respaldo no Brasil pela influência da cultura *yankee* e popularização do *american-way-of-life* pelos meios de comunicação em massa (PINHEIRO, 1998). À essa estética incorporou-se o repertório do colonial brasileiro. A própria adoção do neocolonial na arquitetura brasileira proposta por José Mariano, como resposta ao legítimo sentimento nacionalista, apresentava pontos de contato com o pitoresco, quando sugeria a harmonia com o meio natural pela adoção das espécies vegetais nativas e regionais e uso dos materiais tradicionais. Los Rios Filho, arquiteto espanhol diplomado pela ENBA no texto “Arquitetura não é standard” exaltava os EUA por “criar uma arquitetura simples, espontânea, calma” na “costa do pacífico, onde o espírito espanhol e lusitano não desapareceu, onde os sobrenomes ilustres e a heráldica recordam aos presentes, aqueles que outrora perlustraram a região, onde abundam os edifícios das “missões” espanholas dos séculos XVII e XVIII, verdadeiros núcleos arquitetônicos – a arquitetura é autora” (LOS RIOS, 1937, p. 11). No artigo *Picturesque Spain is worth any architect’s time*, da revista *The American Architect*, Birge Clark, de Palo Alto California, afirma que a arquitetura espanhola adaptada ao subúrbio norte-

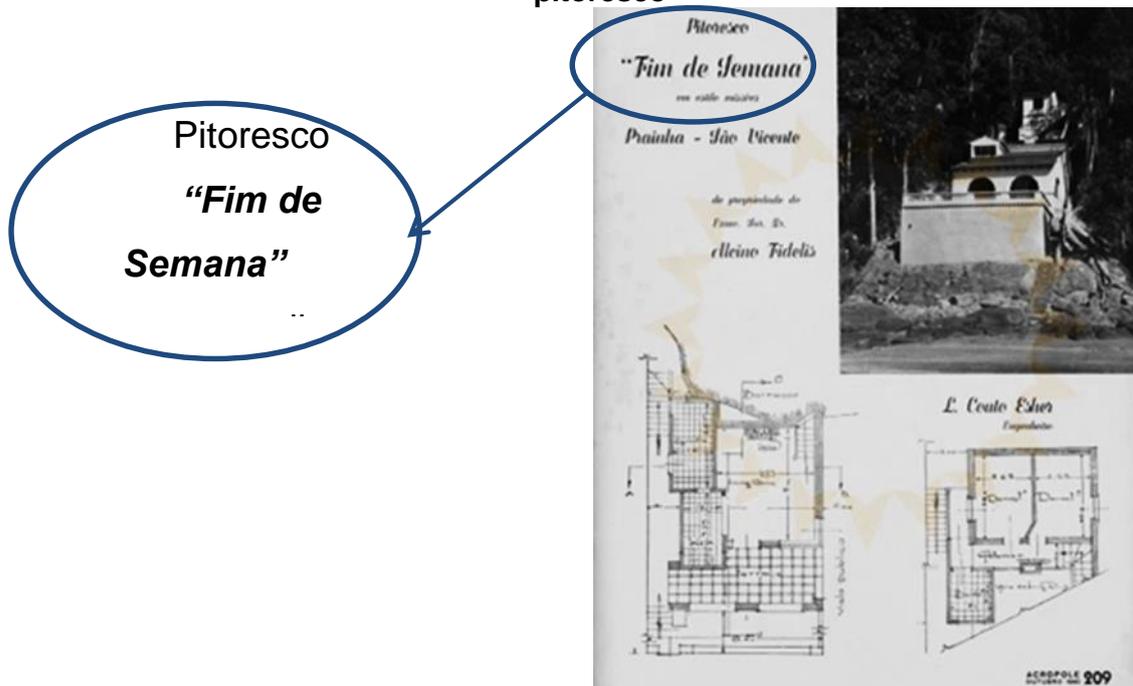
americano era a do rancho típico rural espanhol (CLARK,1931). Esses textos aproximaram a estética e pensamento pitorescos ao bangalô e à vertente hispânica do neocolonial (muito presente na arquitetura residencial do Farol), pela vinculação com o campo, diversidade criativa e oposição à standardização.

A idealização para com o mito americano de êxito e progresso estabeleceu-se igualmente no Brasil como nos países da América Latina e ficaria impregnado na arquitetura residencial, que por seu grande número, pôde comunicar valores e significados, mesmo que exógenos. Waissman (2013) explica como os mitos sociais podem influenciar a adoção de tipologias e linguagens:

O significado socialmente atribuído às formas arquitetônicas, às vezes, não está apoiado em bases reais, mas em aspirações não muito claras, ou não muito explícitas é o que ocorre com os neocolonialismo que, repetidamente aparecem na América latina, às vezes inspirados em estilos que nunca existiram no local onde são revividos [...] as vezes diretamente recebido do exterior, como o chalé californiano. Mais que uma ideologia do habitar o que se evidencia é uma ideologia cultural, um anseio de pertencer a uma história, um complexo de falta de raízes que impulsiona a buscá-la além da imigração multiforme do século XX (WAISSMAN, 2013, p. 157).

Colaborando com esse contexto, o impedimento causado pela Segunda Guerra às típicas viagens da elite brasileira à Europa incrementaria mais a ascendência do padrão cultural norte-americano como referência. Essa dificuldade provocaria um incentivo ao turismo interno e a construção de casas de campo, de veraneio, clubes recreativos e similares, geralmente reproduzindo modelos do *Mission Style*. As ilustrações dessas casas de “fim de semana” encontradas nos periódicos pesquisados (Figura 134) quase sempre eram acompanhadas do termo pitoresco:

**Figura 133 – Projeto publicado para casa de veraneio, citando a referência ao pitoresco**



Fonte: Revista Acrópole, out/1940. Disponível em: <[www.acropole.fau.usp.br](http://www.acropole.fau.usp.br)>.

Independente do conhecimento sobre debates a respeito de princípios do pitoresco ou estandardização, na década de 1950 em Maceió, as obras residenciais ganharam novo impulso e arrojo e os conceitos e valores a respeito do bem-estar, privacidade, visibilidade e impermeabilidade da casa foram paulatinamente alterados, sugerindo que a relação com a casa sofreria modificações. Fazendo um paralelo com o pitoresco notou-se, pelas imagens fotográficas dos moradores do Farol, bairro que vivia uma nova experiência de morar e uma nova relação entre casa e jardim, sem a negação do público e trazendo a natureza como contemplação. Alguns proprietários afastados das vivências anteriores no meio rural, deseja-o no entorno ajardinado de sua residência, com a natureza requalificada e romantizada, distante do campo que fora geometrizado pela monocultura. A própria integração interior/externo e a porosidade entre público e privado sinalizava o germinar de uma tendência essencialmente modernista.

#### 4.2 As pessoas e as casas nas imagens

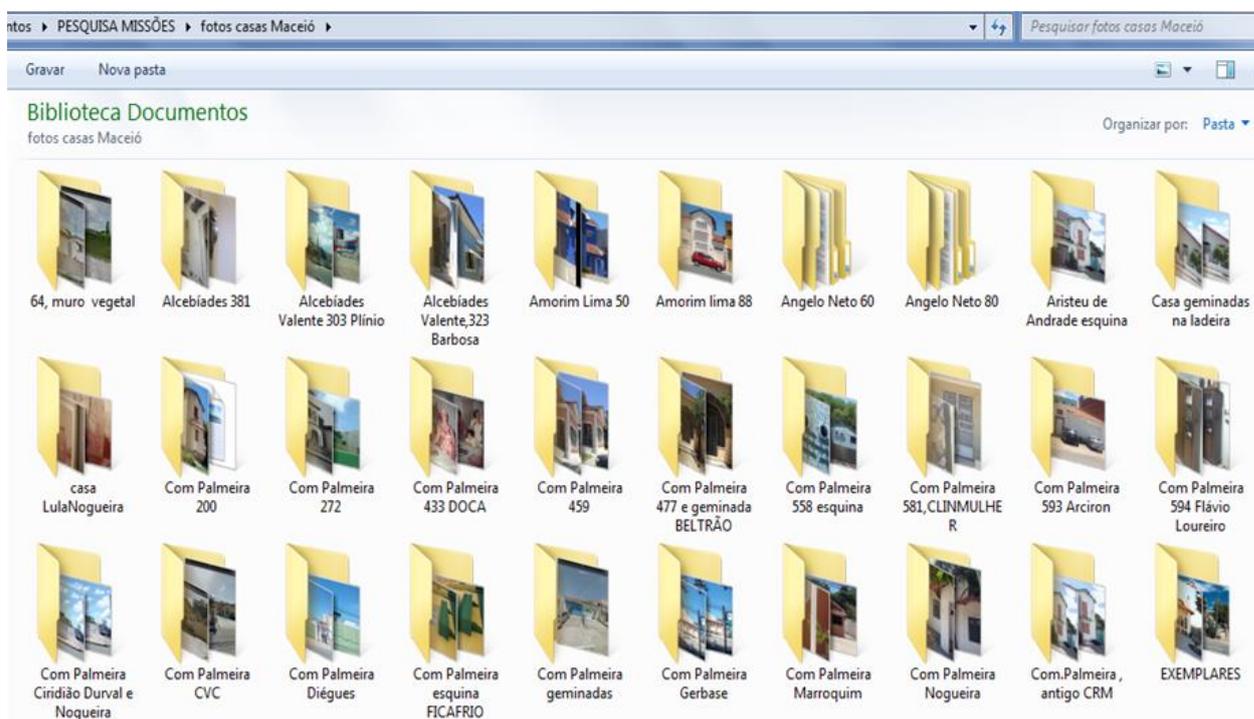
Na apreensão da casa no contexto das edificações domésticas do Farol optou-se por fazê-lo especialmente quanto à sua interface com a cidade. Em termos metodológicos deu-se primazia ao trabalho com imagens, iniciado pelas imagens

técnicas, a complementação por imagens fotográficas atuais e por último, as carregadas de memórias e afetividade, encontradas nos chamados “álbuns de retratos” das famílias dos moradores. Após proceder à análise dos ambientes domésticos internos mais envolvidos no convívio e interação familiar, dedicou-se atenção exclusiva àqueles espaços que poderiam dizer mais sobre a imagem do bairro construída nessas décadas, ou seja, aos que colaboravam para compor a feição exterior da casa. Portanto, neste capítulo retomou-se através do acesso a universos particulares e sob um olhar mais subjetivo, os ambientes já tratados nos capítulos anteriores, com destaque à amostragem e de espaços com atributos fronteiros como o terraço, o muro/jardim e o quintal.

Priorizando neste capítulo a visualidade presente nas fotografias agregou-se por vezes a verbalidade de alguns depoimentos espontâneos de moradores, estimulados pelos campos de lembranças acionados ao rever e manusear de suas próprias imagens “fixadas e desdobradas na memória” (LEITE, 2005, p. 34). Esses relatos pessoais foram por vezes pincelados com passagens textuais da literatura alagoana que tratavam da ambiência da época, revelando aspectos das relações sociais domésticas, nem sempre perceptíveis nas representações convencionais de plantas baixas, cortes e fachadas (TRIGUEIROS, 2012). Outras contribuições trazidas por leituras como “A boa vida”, “A casa nossa de cada dia” e a “Poética do Espaço” assumiram importância quando contribuíram nas apreciações que se afastavam dos aspectos mais técnicos e objetivos. Quando possível, buscou-se o contraste, trazendo também as fotografias das casas e ruas na atualidade, objetivando sinalizar, na cidade, vestígios mais duradouros da conformação do bairro.

As imagens dos exemplares mais conservados foram por mim fotografadas e armazenadas em pastas virtuais arquivadas e nomeadas por residência.

**Figura 134 – Pastas com registros fotográficos atuais de casas no Farol**



Fonte: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

Esta etapa de investigação contou com a contribuição de leituras iniciais sobre fotografia, memória, imagem e retratos de família encontradas no livro “Como pensam as imagens” (2012), que reúne textos de Etienne Samain, Fabiana Bruno, Eduardo Cañizal, Ronaldo Entler, Kati Caetano, assim como acessou-se os textos de Boris Kossoy, Mírian Moreira Leite, Olga von Simson organizados no livro “O fotográfico” (2005).

A obtenção dessas fontes imagéticas familiares foi facilitada pelo fato de minha família nuclear ter morado no bairro desde 1954, portanto muitos dos antigos moradores procurados eram pessoas conhecidas. A importância em armazenar esse acervo fotográfico familiar se deu pelo seu potencial como documento e pelo risco eminente de perda antes de seu compartilhamento. A fragilidade na conservação do suporte físico, comparável a dos arquivos municipais, e a idade avançada de quem o possui, são fatores que contribuíram para dar valor e urgência ao processo. Entler observa que alguns arquivos podem tornar-se cárceres das imagens quando impedidas de circular: “a saturação da memória é uma forma de esquecimento” (ENTLER, 2012, p. 141).

Analisando a contribuição da fotografia, a princípio, esta poderia trazer uma perda em relação à realidade por apresentar-se em apenas duas dimensões, pela

ausência de elementos sensoriais - cheiro, temperatura e texturas - e das circunstâncias do momento fotografado, que levariam associações com outras imagens armazenadas na memória (LEITE, 2005). Porém, sua riqueza comunicacional está além de sua “força testemunhal” que liga a imagem a um evento singular e real, mas liga-se às diversas referências que se justapõem na fotografia: “autores, uma sociedade, um momento histórico, uma técnica, o objeto da representação e tantos outros olhares” (ENTLER, 2012, p. 133, 138). Provocam diferentes visões, por carregar “um conteúdo manifesto e outro latente” (LEITE, 2005, p. 34), cuja “ânima”, recuperada por referências e lembranças pessoais, tenta-se resgatar e devolver aos cenários e personagens (KOSSOY, 2005). Na produção e na recepção das imagens, as condutas culturais e a visão de mundo participam do produto construído pelo autor da fotografia e desconstruído pelo espectador que a interpreta, afastando-se de constituir-se como mero “efeito do real”. Portanto, o pesquisador também não escaparia à recepção das imagens em conformidade com seus filtros culturais (SAMAIN, 2012; KOSSOY, 2005).

Nas classes mais abastadas, a fotografia é resultado da idealização ou vontade imposta pelo fotografado, enquanto que nos grupos sociais que não detém o equipamento fotográfico, suas imagens pertencem ao fotógrafo (LEITE, 2005), que determina a mensagem fotográfica pretendida, por meio da composição, enquadramento ou pose, colocando em perspectiva o que ele quer captar (CAÑIZOL, 2012). Quanto aos tipos de fotografias de família observam-se as formais, posadas, de momentos de celebração onde as pessoas assumem seu papel social abstraíndo-se da realidade e as informais, em momentos ociosos e de descontração, sendo que em ambas encobrem-se os conflitos e as transgressões (LEITE, 2005). Por sua credibilidade como “prova irrefutável da realidade”, a fotografia pode prestar-se a interesses e não se perceber ser “uma representação elaborada cultural, estética e tecnicamente” (KOSSOY, 2005, p. 41). As imagens de família podem, inclusive, adotar padrões, ou seja, configurações repetidas mostrando-se como uma “espécie de caligrafia típica dos retratos de família da época” (BRUNO, 2012, p. 92), ou de determinado grupo social, funcionando como um discurso silencioso de transmissão de uma ideia.

Desta forma, as fotografias dos álbuns de família, como documentação do universo familiar, envolvem mecanismos inconscientes que colaboram na formação da autoimagem do sujeito rememorando histórias próprias da família ou funcionando

como gatilho para despertar imagens e histórias pessoais no observador, pois o indivíduo carente de identificação procura estabelecer uma relação com a imagem, tornando-a múltipla e maleável (LEITE, 2005). Fabiana Bruno refere-se aos álbuns de família como fotobiografia, pensando as imagens como acontecimentos e como meio de preservação e veiculação da memória e transferência para novas gerações da “nossa versão dos acontecimentos já vivenciados” (BRUNO, 2012, p. 91-92; SIMSON, 2005, p. 20).

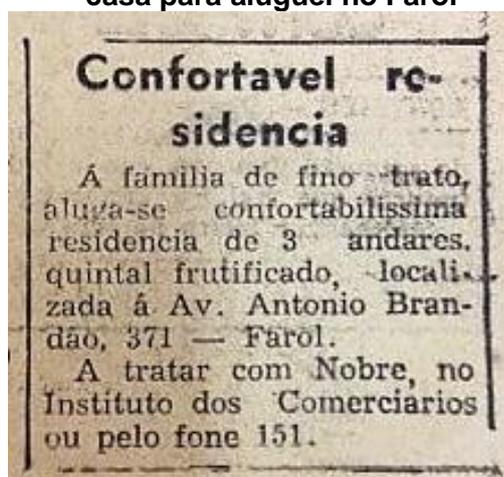
A mensagem passada nas imagens fotográficas familiares pode ser avaliada como um reflexo da preocupação existente na época em relação à imagem da família perante a cidade, manifesta pelo zelo quanto à conduta social, aparência pessoal e demonstração de posses, mormente quanto ao tipo e local da moradia. A posição de determinada classe poderia ser expressa pelo seu ambiente doméstico, fonte de informações sobre o modo de viver, cultura e distinção social da família, pois certos grupos sociais apegam-se a símbolos materiais para diferenciá-los. Estes símbolos constituem-se por suas propriedades espaciais, mas também pelas impressões geradas que podem dizer mais que sua morfologia como elemento diferenciador de *status*. Segundo Griz (2012), a parte mais externa e pública da habitação devia ser imponente, transmitindo para a sociedade valores de uma respeitada família enquanto que a parte interna e privada refletia a organização social da vida doméstica, de interação desejada entre os moradores. Mas, mais que isso, a casa, portanto, promove “interações sociais, programadas e não programadas, variáveis no tempo, de acordo com os desejos individuais e coletivos” (AMORIM, 2007, p. 110).

A imagem da casa forma-se também para o morador quando ele elege o estilo de vida de seu morar, que depende da “propensão e aptidão à apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos pela sua condição signífica” (GRIZ, 2012, p. 77). É o caso da escolha por morar num bangalô no Farol, que além de oferecer o conforto da edificação para satisfação pessoal e da família, era símbolo modernizante para um certo grupo de pessoas perante a sociedade.

Sabe-se que os modos de habitar são peculiares a determinado grupo social e, como ocorre até hoje, era mais suscetível aos apelos de adoção de modelos, gostos, consumo e comportamentos mais padronizados para afirmar-se no que a sociedade instituíra como ideal divulgado pelas mídias – rádio, jornais e cinema – e que podiam direcionar inclusive a organização espacial da casa.

Nesse espaço doméstico conectado a seu entorno e baseadas em valores ditados pelo contexto cultural, as pessoas almejavam reconhecerem-se como partícipes de seu grupo social, por seus iguais e pela coletividade alheia ao bairro. A valorização do bairro como local seletivo foi evidenciada em anúncio jornalístico de aluguel de uma “confortabilíssima residência de 3 andares, quintal frutificado” no Farol, porém feito de forma restritiva e explícita, destinada apenas “à família de fino trato”, supostamente submetida a julgamento e critérios do proprietário (Figura 136).

**Figura 135 – Anúncio restritivo de casa para aluguel no Farol**



Fonte: Jornal de Alagoas (jun./1950).  
Acervo do Arquivo Público de Alagoas.  
Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2016)

A casa para o morador, segundo Bachelard, seria o espaço de posse, de proteção, porém um espaço amado, “um espaço vivido não em suas positivities, mas em todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1989, p. 19), que a história pessoal, percepções, sensações, e sentimentos do sujeito permitem. A compreensão em relação à visão da casa pelos próprios moradores pode, portanto, mostrar-se sujeita à influência de falas e silêncios convenientes, de emoções pessoais e de recordações afetivas que, de certo, interferem na imagem da casa que é transmitida nos depoimentos, até porque “toda grande imagem tem um fundo onírico, e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca cores particulares” (ROUANET, 2007, p. 50).

A imagem de morar no Farol, construída pelo observador distante do bairro foi buscada na pesquisa através de crônicas e escritos da época, que percorrendo o campo da contemplação, também imaginário, possivelmente aferiu engrandecimento em torno de sua significação. “Toda imagem tem um destino do engrandecimento. E a contemplação é um valor humano tão grande que confere imensidão a uma

impressão [...] efêmera e particular” (BACHELARD, 1989, p. 214). Esse pensamento ou impressão positiva sobre a chegada dos bangalôs que ocupavam predominantemente o Farol, parecia uníssono entre os habitantes da cidade, porém também teve seus críticos. Em texto publicado na revista *Alagoas* de 1938, o autor criticava o que rompia com o tradicional na cidade:

O bangalô está tomando conta de Maceió. A fisionomia urbana vai se transformando a olhos vistos, e não para melhor: vai se transformando do simples que é o tradicional, para o arrebicado do exótico. Ventos não sei de onde trouxeram estes figurinos de casas como a última novidade da civilização. Não há só um arrebalde que não ostente seus bangalôs de classe. Os ricos não querem mais saber de conversa: se o *chic* é o bangalô, se é o modelo mais em voga nas grandes cidades, toca a fazer bangalô, em sistema suíço, holandês, britânico, escandinavo, sei lá. [...] sei de uma que possui uma longa chaminé londrina, provavelmente chaminé de lareira. [...] É o que há de mais moderno, este tipo novo de casa que já se alastra assustadoramente pela cidade (CAVALCANTI, 1938).

Os escritores Valdemar Cavalcanti juntamente com Alberto Passos Guimarães já se manifestavam contrários à essa manifestação de modernidade em publicações anteriores como a revista “*Novidade*”, que circulou apenas em 1931 e foi o veículo oficial dos intelectuais de vanguarda em Maceió. Este semanário cultural dava voz à corrente regionalista do Nordeste propagada por Gilberto Freyre e, pregando a atualização sem estrangeirismos ou rupturas drásticas com a tradição, funcionou como reação ao Modernismo em sua fase histórica (Jornal *O Estadão*, 2001). A publicação, porém, admitia ser “o que há de mais moderno, este tipo novo de casa”, quando se referia ao bangalô.

Deixando a literatura e voltando às imagens afetivas em torno dos bangalôs, foram selecionadas as fotografias familiares cujas observações foram respaldadas nas quais a condição *sine qua non* foi que o objeto construído e o elemento humano estivessem presentes. Tal prerrogativa é justificada por se acreditar que “a arquitetura só se realiza no espaço que inclui o humano, donde se apreende a sua dimensão subjetiva, marcada pela experiência, sempre singular, de usufruir o espaço edificado” (LEITÃO, 2007, p. 63). Os desenhos técnicos já haviam tentado simular o aspecto humanizado da casa, circundando-a por *entourages*: pessoas mesmo que apresentadas rígidas e marcas de vegetação estilizadas compondo o entorno gráfico da casa.

As imagens familiares, num total de 48 unidades, foram selecionadas de forma a formarem três grandes grupos de imagens que correspondiam aos ambientes anteriormente pontuados – **muro/jardim, terraço e quintal**. Alguns aspectos percebidos foram merecedores de maior atenção e trabalhados de forma não compartimentada dentro de cada grupo: formalidade X casualidade; exposição X privacidade; evidência na pessoa X evidência no objeto arquitetônico.

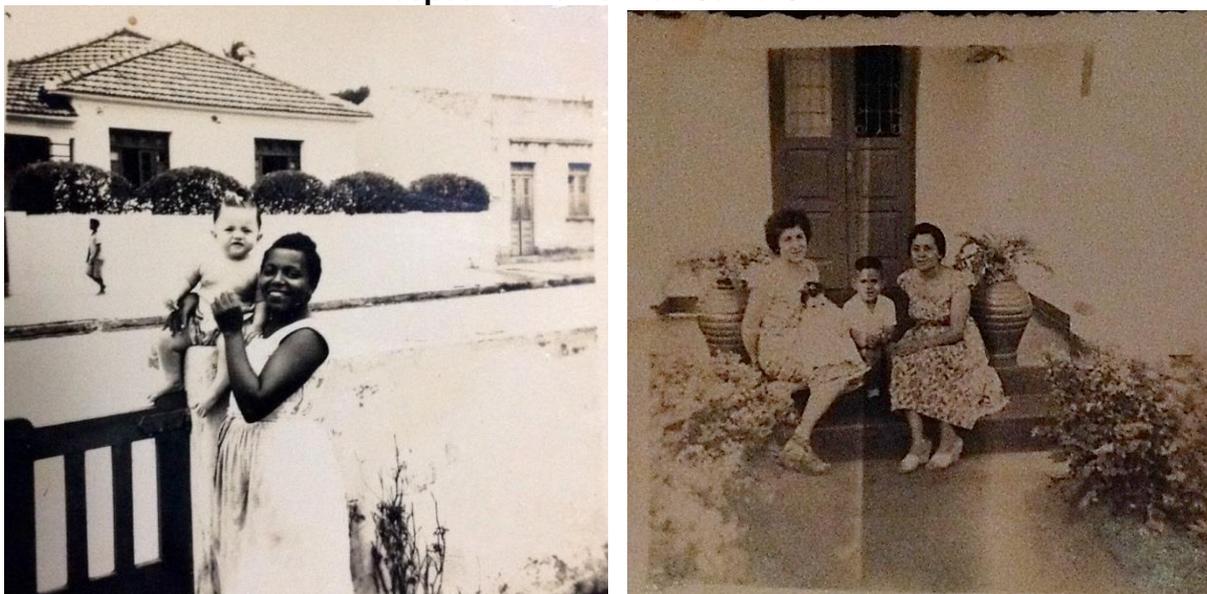
A observância dos ambientes de interface com a cidade, mais fotografados pelas famílias iniciou-se a partir do espaço mais limítrofe, para em seguida adentrar no espaço intermediário e depois atingir o espaço mais ao fundo e de maior privacidade.

O muro e o jardim frontal, novidades trazidas pelo novo modo de morar, compõem como um conjunto, o ambiente de maior confronto entre intimidade X exposição fazendo parte, junto com o quintal, espaço externo mais privativo da edificação, dos arranjos espaciais domésticos que promovem ocupações e encontros, fatos cotidianos ou excepcionais (AMORIM, 2007).

O muro, cujos depoimentos e minha própria memória sinaliza como um elemento muito frequentado, que favorecia a visão da rua, por ser além de baixo, espesso, o que permitia sentar-se para apreciar o movimento da vizinhança. É destacado ao mesmo tempo o fato do muro poder limitar o privado, junto com o jardim frontal, tornando-o local protegido e seguro.

Essa qualidade atraía a presença de crianças acompanhadas dos cuidados de suas mães ou da criada responsável, que pelas imagens parecia ser uma cena corriqueira. Havia o hábito de documentar com fotografias a evolução e o crescimento dos filhos, inclusive para enviar para parentes que moravam distante. Aqui, nem a preocupação com privacidade ou em dar evidência à casa construída foram observadas mas, ao contrário, percebeu-se a intenção em retratar momentos do cotidiano, convívio e espontaneidade como a conversa entre a proprietária e vizinha com os filhos sentados nos degraus da casa que avistam o jardim e a rua (Figura 137).

**Figura 136 – Crianças na casa Lyra Costa, no muro e área de jardim frontal, respectivamente. Rua Santa Cruz**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

O bangalô do lado oposto da rua que era avistado pelo muro e jardim da casa Lyra Costa (Figura 137), pertencente a um parente do proprietário, foi localizado e fotografado na atualidade. Sua imagem atual parece praticamente inalterada, não fosse a elevação do muro e criação de portão de acesso ao automóvel (Figura 138), que aniquilou a atmosfera que as fotografias antigas demonstraram.

**Figura 137 – Imagem atual da mesma casa que se avistava pelo muro da casa Lyra Costa, na Rua Santa Cruz**



Fonte: Acervo da autora.

Foto: Denise Lages Vieira da Silva (2015).

A fotografia da casa da família Pinto Costa, confirmaria o encontrado nas fotografias da casa Lyra Costa, quando revelou a permeabilidade entre interior/externo, reforçada na segunda imagem pela presença do transeunte que observava da rua, uma área privada da casa – o jardim.

**Figura 138 – O jardim exposto, característico dos bangalôs. Casa Pinto Costa, Parque Gonçalves Ledo**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

As imagens dos álbuns de família, somadas a algumas capturas congeladas a partir da filmagem<sup>16</sup> do morador J.A, denominadas *frames*, revelaram momentos de recreação dos membros da família aparecendo o antigo velocípede e as antigas brincadeiras de roda. Nessa mesma imagem pôde-se ver um elemento da modernidade – o raro automóvel, um *Ford* em segundo plano. Essas imagens trouxeram muitas vezes a presença de jovens mocinhas empregadas, chamadas “crias de casa”, que cuidavam dos filhos das famílias mais abastadas (Figura 140). Na segunda imagem abaixo, vê-se a interferência no recuo do jardim, da rampa para o automóvel e a garagem posicionada em edícula no fundo do terreno.

<sup>16</sup> Não se propôs realizar neste trabalho a análise do filme em super oito, gravado por J.A., um morador do bairro e cedido para a pesquisa, de onde foram extraídos *frames*, mas que esses também contribuísem na apreensão da vivência da casa nessa época.

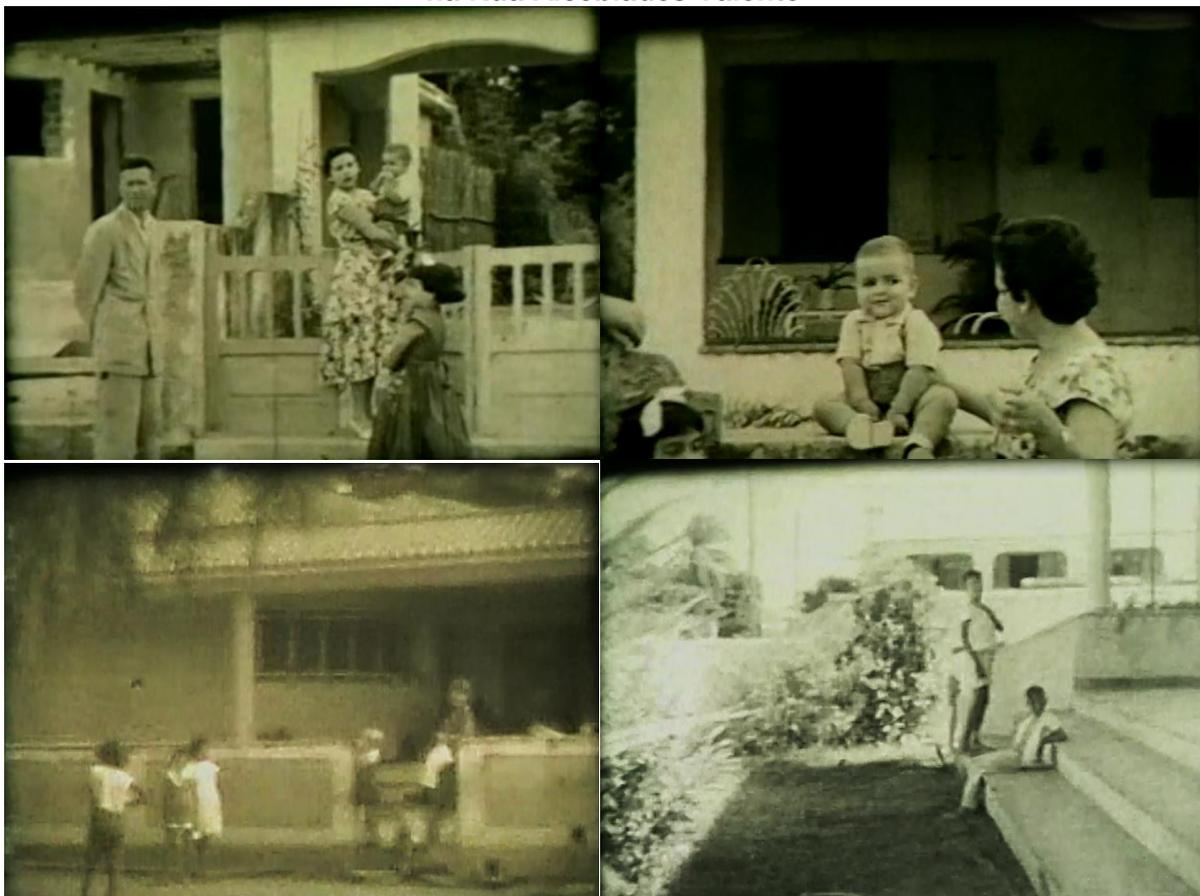
**Figura 139 – Frames de brincadeiras no jardim da casa Almeida, Rua Alcebíades Valente**



Fonte: Filme amador do morador J.A.

As imagens que traziam o espaço de maior contato com o público – o muro – mostraram também a fragilidade da separação lateral entre quintais feita por cerca de finas ripas de madeira ou varetas de bambu (Figura 140), iguais as vistas nos *frames* de imagens da informalidade com moradores no quintal (Figura 161).

**Figura 140 – Frames de convívio no muro e jardim da casa Almeida e da casa Fonseca na Rua Alcebíades Valente**



Fonte: Filme amador do morador J.A.

Os frames, mais do que as imagens fotografadas, puderam revelar a intimidade e o cotidiano, por permitir uma sequência de comportamentos e posturas, onde se pode melhor intuir a ambiência do bairro. Assim sendo, percebeu-se a informalidade nas relações entre vizinhos e a facilidade de se transpor o público e o privado.

Algumas imagens puderam transmitir a espontaneidade dos moradores e a mansidão do viver no bairro evidenciaram o contato íntimo com a rua, ainda de barro, e com a vizinhança. As fotos indicaram uma vida mais livre para a infância e uma grande interação entre os adultos, que conversavam nos portões. A primeira imagem da Figura 141, mostrou uma criança da casa Fonseca debruçada no portão à rua e a seguinte, o mesmo portão do muro da casa hoje abandonada, e que obviamente, registra a pavimentação asfáltica e o movimento do trânsito de veículos.

**Figura 141 – *Frame* de criança no muro da casa Fonseca em fins da década de 1950 e foto da situação atual, na Rua Alcebiádes Valente**



Fonte: Filme amador do morador J.A. e foto de Denise Lages Vieira da Silva (2016).

**Figura 142 – *Frames* do cotidiano no jardim frontal e jardim lateral da casa Almeida, na Rua Alcebiádes Valente**



Fonte: Filme amador do proprietário.

Observou-se nas fotografias o muro como enquadramento de cenas de exposição, podendo retratar um clima de casualidade como a de crianças em trajes informais em *flashes* do cotidiano – o regar as plantas do jardim, as brincadeiras de correr pelas laterais da casa até o quintal – ou os de mais formalidade quando se reuniam os parentes em visita para compor uma “foto para a posteridade”, obedecendo quase a um padrão usual de retrato da época, como visto na casa Salles (Figura 143). Percebe-se num pequeno deslize de composição, quando pessoas bem trajadas aparecem ao fundo, indicando ser um evento de encontro fora do cotidiano.

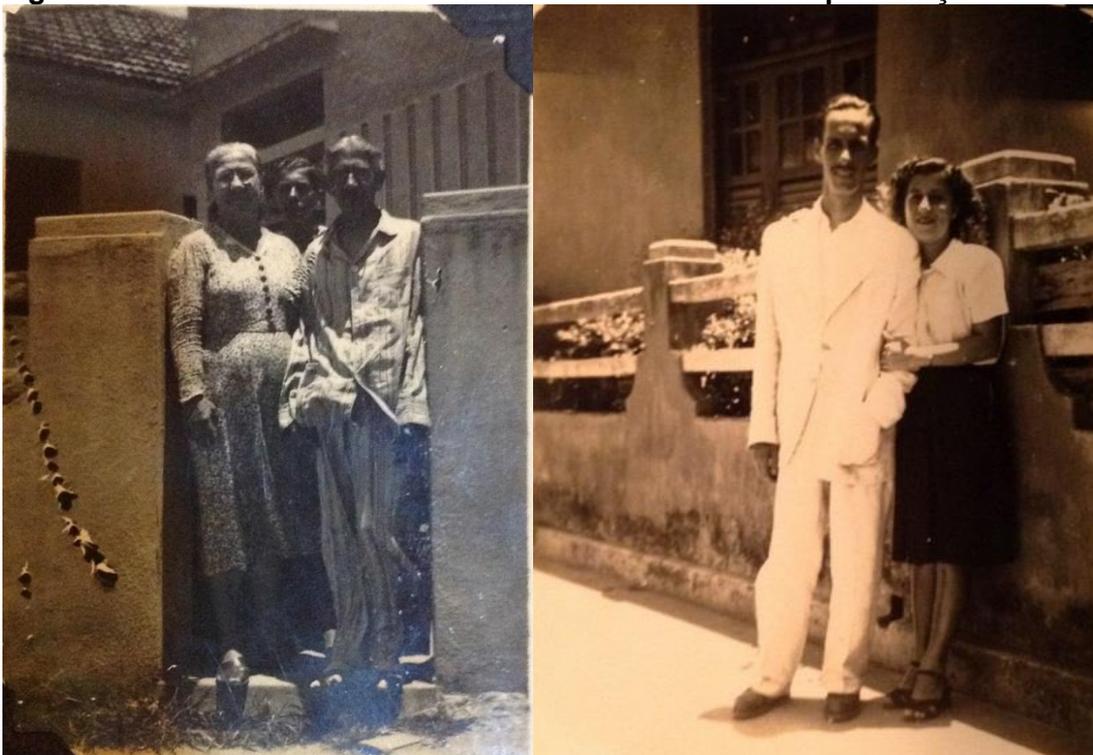
**Figura 143 – Foto posada em encontro familiar. Casa Salles, na Rua Aristeu de Andrade**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

A família Pinto Costa deteve-se em retratar-se enfatizando os personagens moradores e o filho visitante (informação dada pela dona das fotos), em detrimento da arquitetura da casa, que fazia parte do conjunto de bangalôs térreos e idênticos voltados para o Parque Gonçalves Ledo. A informalidade predominou nas imagens das pessoas, posicionadas no espaço limítrofe do muro, mostrando naturalidade nas poses e sem preocupação com privacidade, como se para alguns fosse permitido revelá-la. Na foto os donos da residência apareceram serenos, no portão, com suas roupas de dormir ou de ficar à vontade em casa. No segundo caso, a pose do jovem casal visitante é mais posada e formal (Figura 144).

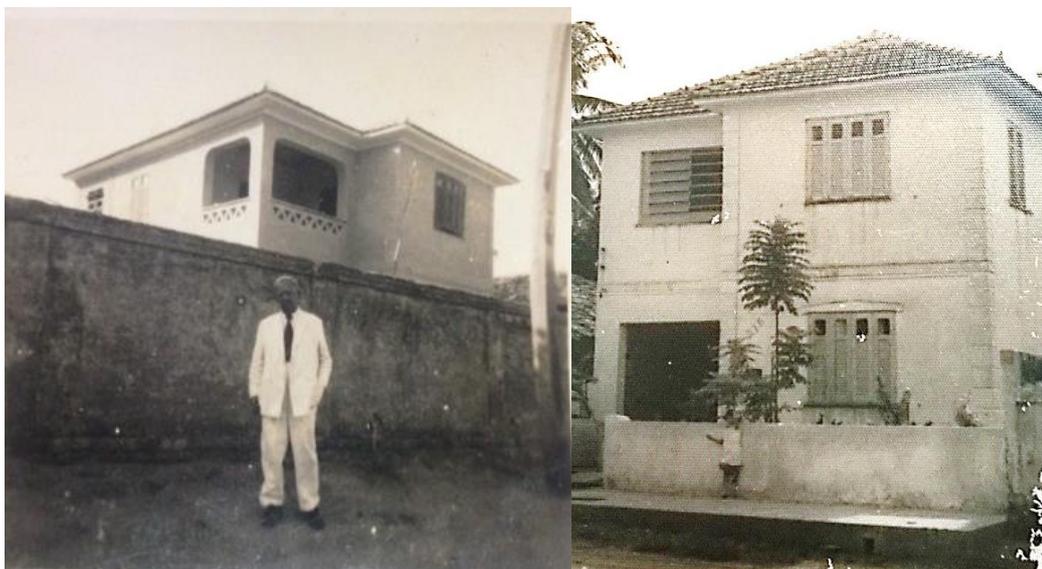
**Figura 144 – Pessoas ao muro da casa Pinto Costa no Parque Gonçalves Ledo**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

Em relação à casa Salles, o proprietário, patriarca da família, posicionou-se frente à casa parecendo querer vinculá-lo à posse da edificação, visualizada por trás do muro alto do terreno vizinho. Noutra a ênfase voltou-se para a casa propriamente dita, tomada por inteiro, apenas emprestando seu muro para a figura posada de uma criança, quase imperceptível.

**Figura 145 – Imagens da Casa Salles, na Rua Aristeu de Andrade, na década de 1950**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

Nas reproduções fotográficas da casa Salles, vê-se duas fases da residência, ambas na década de 1950 e em rua sem calçamento: a primeira quando ainda recém-construída e a segunda já com a varanda superior fechada com basculante de ferro (Figura 146). O registro atual da casa apresentou dentre outros detalhes, mudanças no telhado e a já aguardada elevação do muro e portão (Figura 147).

**Figura 146 – Casa Salles na Rua Aristeu de Andrade, em seu estado atual**



Fonte: Google maps, 2015.

A casa Costa, na Rua Comendador Palmeira, foi pouco evidenciada enquanto objeto arquitetônico dominando a fotografia como a maior parte do conjunto fotográfico selecionado. A ênfase recaiu no registro dos moradores e visitantes reunidos. Contudo, sendo a intenção buscar evidências arquitetônicas. Foi possível identificá-las, por vezes, nos fundos e bordas das imagens. No caso, esses elementos foram o gradil trabalhado da porta de entrada e o óculo também gradeado. Viu-se que a mesma postura de exposição assumida na década de 1950 nos degraus que limitavam o jardim, repetiu-se na década de 1970, agregando mais parentes da família para formar uma cena convencional de registro familiar. A aproximação entre as cenas deu-se através do clima de convívio e alegria daquele momento, afeto transmitido, sem declinar das diferenças observadas, seja na possibilidade do registro colorido, seja no caráter de formalidade da primeira fotografia e de descontração e improvisação presente na segunda.

**Figura 147 – Casa Costa na Rua Comendador Palmeira, fotos nas décadas de 1950 e 1970**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

As imagens em seus detalhes permitem observar que o jardim frontal exibia espécimes florais variadas, arbustos exuberantes ou plantas graciosas que valorizavam a edificação, mas que não a obliteravam totalmente.

As várias fotografias informais que compunham esses álbuns de recordação, trouxeram a percepção de uma experiência de morar descontraída e alegre, onde os moradores apresentam-se à vontade na área de jardim e sentados nos degraus ou chão de suas passarelas de acesso.

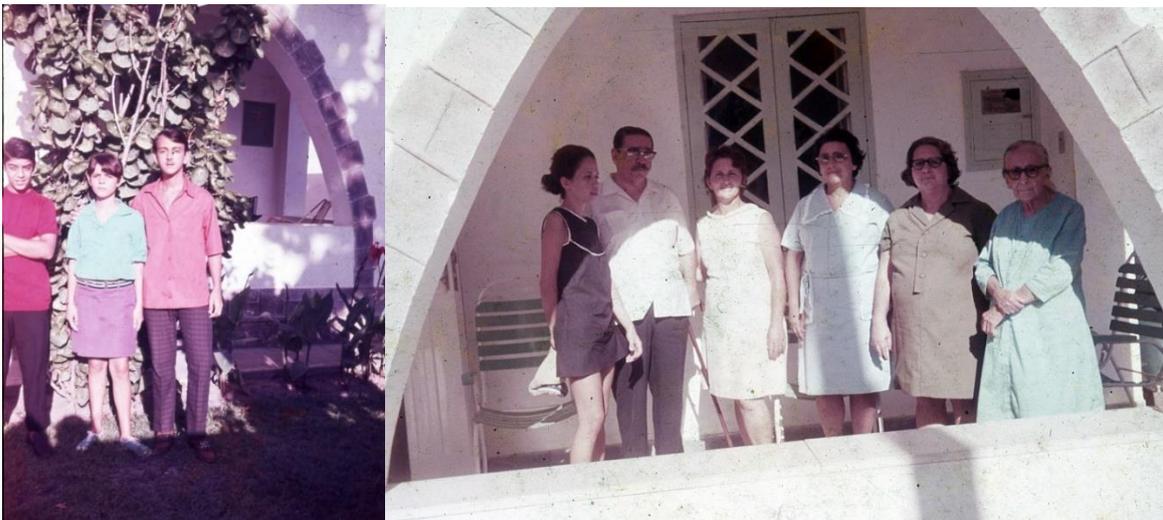
**Figura 148 – Imagens da casa Brandão com pessoas fotografadas sob os arcos da fachada. Fins da década de 1950**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

Fotografias encontradas nos álbuns da família Brandão também dos anos de 1960, sinalizaram para a manutenção do costume de membros da família posarem formalmente no jardim com a fachada principal da casa como cenário de fundo, repetindo o padrão usual para retratos de família na época, já comentada na casa Salles. Mantiveram a preferência de posicionarem-se para a foto, próximo aos arcos que marcavam a aparência externa da casa, detalhe este que ajudava o enquadramento da foto.

**Figura 149 – Fotografia posada na década de 1960. Casa Brandão, na Praça Sergipe.**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

A casa Costa apresentou-se na imagem registrada na década de 1970, dando evidência ao corpo da edificação, talvez com a intenção de mostrar o anúncio de venda de “fatia de pizza” na casa (Figura 151). Mesmo assim, as pessoas colocaram-se posando a frente do muro para a foto. Em registro mais atual, a casa mostrou-se quase com o aspecto original, diferindo pela grade na varanda superior e a retirada do muro para acomodar estacionamento devido a mudança de uso para comercial.

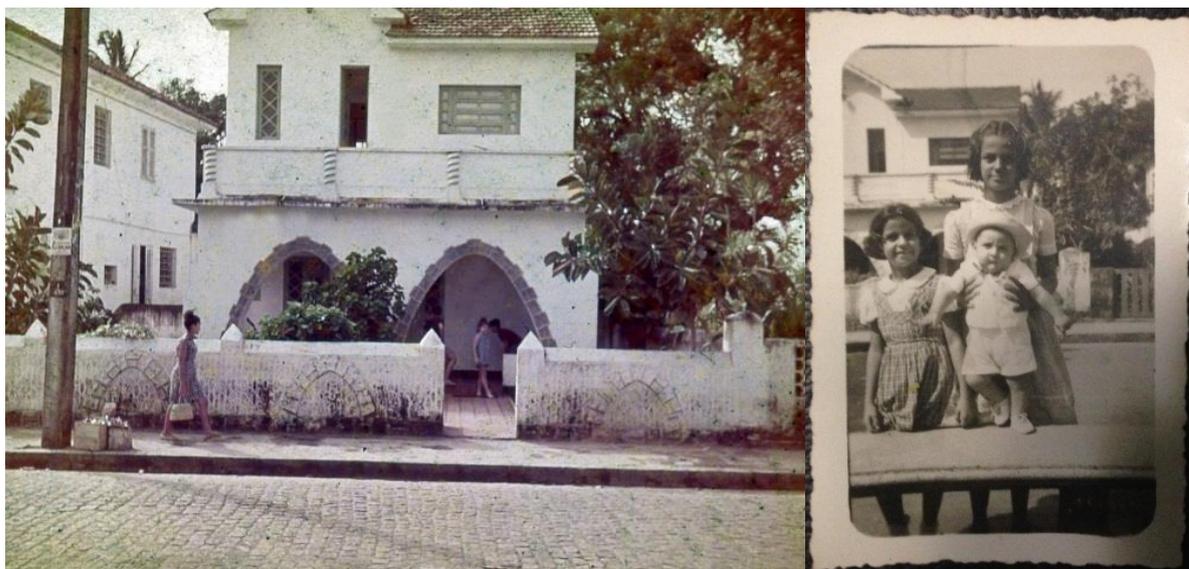
**Figura 150 – Casa Costa, na Rua Comendador Palmeira, na década de 1970 e foto atual**



Fonte: Acervo particular do proprietário e Silva (2015).

Os registros de época referentes à casa Brandão assinalaram imagens também feitas a partir dos espaços públicos adjacentes - a rua e a Praça Sergipe. Pode-se ver a vegetação generosa da casa em questão unindo-se a do lote vizinho.

**Figura 151 – Imagem de fins da década de 1950 da casa Brandão, Praça Sergipe. Vista da rua e vista a partir do espaço público**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

A casa Brandão foi registrada no início da pesquisa já tendo sofrido a ampliação do terreno e a supressão do muro para atender as necessidades de ponto comercial, possibilitando o acesso para automóvel. Atualmente está ainda mais desfigurada em relação a proposta original sobretudo quanto à ausência dos arcos que marcavam sua fachada.

**Figura 152 – Foto da casa Brandão no ano de 2013 e registrada atualmente**



Fonte: Acervo da autora e Google Maps (2016).

O próprio jardim apresentava equipamentos para favorecer a permanência, constituindo-se em um ambiente onde a família se reunia (JANGLIO, 2011). Os equipamentos mais recorrentes eram os bancos de concreto que formavam recantos

aprazíveis juntos a canteiros de vários contornos e formatos, vasos de tipos diversos ou pérgolas e caramanchões de ferro. O jardim como barreira permitia o morador estar no terraço, estando resguardado. O jardim à vista, aberto aos elogios dos observadores, revelava o zelo e bom gosto da dona-de-casa orgulhosa do seu capricho em conservá-lo ou, simplesmente por revelar que se poderia manter serviços para esse fim. Certo é que suas pequenas árvores ornamentais, arbustos, roseiras, camélias e jasmims perfumados além de presenciarem encontros amorosos e amigáveis, colaboravam para trazer a natureza ao bairro e atrair a presença humana para próximo da rua, dando-lhe vida – eram os “jardins das flores”.

**Figura 153 – Imagens na casa Salles, na Rua Aristeu de Andrade, no jardim de flores e sob o caramanchão**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

O conjunto de fotografias analisadas mostra que atrelados, muro e jardim estabeleciam-se como local de convívio bastante explorado onde se dava a maior comunicação com vizinhos e transeuntes, seja no regar das plantas ou simplesmente quando se debruçava ao muro para apreciar a rua. Assim a antiga atitude de estar à janela, comum nas casas de testada rede à rua, foi sendo substituída pela prática de encostar-se e, no caso de crianças, sentar-se no muro ou colocar cadeiras na calçada à frente dele para conversar, como na narrativa do escritor antropólogo Diéguas Júnior:

A rua é mais para chamada ralé: os moleques. Em Maceió só nos fins do século XIX é que começa a rua a armar-se de mais importância. É quando já se põem cadeiras nas calçadas, conversa-se do cair da tarde até as 8 ou 9 horas (DIÉGUES JR, 1939, p. 67).

O costume das cadeiras na calçada como um prolongamento da casa era uma forma de passar o tempo e também de mostrar-se ou revelar o quanto as crianças estavam bem criadas e se perpetuou por muitas décadas em Maceió, podendo ser ainda visto hoje nos bairros mais simples, inclusive favorecendo a integração da vizinhança.

**Figura 154 – Cadeira na calçada da casa Pinto Costa, no Parque Gonçalves Ledo**



Fonte: Arquivo particular do proprietário.

Muitas vezes o automóvel, posicionado frente à calçada da residência de seu proprietário, ganhou destaque nos registros fotográficos, salientando sua importância para a composição da imagem exteriorizada pela família que se deixava fotografar encostada no bem que lhe conferia *status* corroborando o que se detectou na análise dos desenhos gráficos.

**Figura 155 – O automóvel nas imagens da casa Pinto Costa, esquina voltada para o Parque Gonçalves Ledo**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

O terraço, ambiente de intermediação com o espaço público, que desde o Brasil colonial fora utilizado para barrar pessoas estranhas à família, adquirira importância pelo valor dado ao recato e isolamento feminino, que permitia só a alguns ultrapassar e adentrar até a área privada da moradia.

Nos dias quentes, o terraço peculiar nos bangalôs atuava também como ambiente de convívio íntimo e de estar para os visitantes e vizinhos, como para um contato rápido ou mais formal, conforme descrito ironicamente por Waldemar Correia na revista Alagoas:

o distinto avaliam que está na entrada em forma de saleta de espera, onde em geral se localiza um grupo de vime, com um jarro de flores artificiais na mesa (CAVALCANTE, 2016).

Era no terraço social que os membros da família refrescavam-se antes de entrar na residência quando chegavam da rua. Normalmente era composto por mobiliário característico: um jogo de cadeiras de vime natural, cadeiras de balanço ou conjunto de cadeiras e mesa, peças vazadas em réguas ferro ou torcido formando volutas, pintadas na cor branca. Chamou a atenção a incidência dos mesmos modelos de móveis de terraço nas residências fotografadas.

Nas imagens constata-se o clima de descontração que esses espaços permitiam, dissolvendo a suposta rigidez no papel de barreira em relação com a rua.

**Figura 156 – Imagem de descanso nos terraço frontal da casa Brandão, na Praça Sergipe**



Fonte: Acervo particular dos proprietários.

O terraço era um local não só de conversação, mas de atividades de entretenimento como a interação com crianças – que apreciavam os atributos do piso frio - e para realizar o costumeiro bordado das donas-de-casa prendadas da época. A vegetação, plantada ou em vasos, mostrou-se presente compondo todas as imagens.

**Figura 157 – *Frame* do relaxamento e o bordado no terraço frontal da casa Almeida**



Fonte: Filme amador do proprietário J.A..

**Figura 158 – Imagens de descontração no terraço da casa Gama, na Rua Angelo Neto**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

Este cenário convidativo e de acolhimento e frescor manteve-se presente, nas recordações fotográficas dos moradores, tanto em bangalôs, quanto nas casas de linhas mais limpas, mostrando o velho hábito das prosas no terraço e do contato discreto com a rua, essencial no convívio urbano.

Finalmente, o quintal, a última fronteira a ser analisada. A princípio, a busca por fotografias de quintais parecia impossível pois, como comentado, o quintal carregava uma carga de privacidade bem maior que a do jardim. Este seria o espaço menos fotografado, o que menos interferiria no contato com a esfera pública e que pouco exibiria a posição da família perante a sociedade. Era onde aconteciam as atividades domésticas coletivas ou individuais mais exclusivas dos membros da família podendo ocorrer interações reservadas entre moradores e vizinhos próximos, eventualmente pelos limites laterais.

Mesmo com poucos recintos nobres voltados para os fundos do lote – geralmente apenas o terraço íntimo, era a casa em si que compunha a ambiência do quintal dando-lhe um anteparo visual com suas formas, detalhes e texturas. Os quintais também relacionavam-se com a residência, muitas vezes, através da copa-cozinha, que era local de refeições, de convívio e descanso que, posicionada ao fundo da casa, poderia integrar-se ao terraço posterior ou funcionar como tal, um local de intimidade familiar voltado para o quintal, e longe dos olhares indesejados.

Na casa Gama, os registros fotográficos de ângulos distintos, trouxeram atitudes diferenciadas em relação ao mesmo quintal: a feminina, atenta ao zelo com as plantas do jardim e a masculina, de deleite e desatenção ao ambiente pela leitura

de um jornal, incorporada pelo chefe da família que pela vestimenta, retornava do trabalho. Na primeira foto, vê-se a edícula do abrigo de automóvel acessado pelo fundo do lote, o traçado dos caminhos pelo jardim e a variedade de espécies vegetais, inclusive a trepadeira de jasmim que enroscava no telhado aparente do terraço do fundo perfumando-o, como aparece na segunda foto.

**Figura 15 9– Quintal da casa Gama, na Rua Angelo Neto: vista da edícula para carro e do terraço posterior**



Fonte: Acervo pessoal do proprietário.

Novamente as pessoas posam e a natureza agora assume o papel principal de enquadramento. O mesmo quintal da família Gama, em imagens da casa já reformada na linguagem modernista na década de 1960, continuou muito utilizado como recanto de lazer e descontração com terraço íntimo voltado para trás (Figura 161). Mesmo exibindo as facilidades da vida moderna pelos novos eletrodomésticos (máquina de lavar roupas), ainda manteve sua função de cenário fotográfico - antes usado por meus pais e depois para o registro da minha infância.

**Figura 160 – Aspectos do mesmo quintal da casa Gama reformada na década de 1960, na Rua Angelo Neto**



Fonte: Acervo pessoal do proprietário.

Assim, de acordo com moradores do bairro à época, os amplos quintais sombreados e com ares de sítio, que também possuíam canteiros de vegetação compostos de gêneros cultivados para consumo como a horta, plantações de ervas para chás e grandes árvores frutíferas - mangueiras, goiabeiras, abacateiros, etc – e criatórios de pequenos animais, principalmente galinhas, tornaram-se também áreas de contemplação para os moradores.

Como o convívio cordial e amistoso com a vizinhança era cultivado, o quintal propiciava as trocas de amabilidade e quitutes, feitas por cima do muro, entre as prendadas donas de casa vizinhas. Essa conduta era facilitada porque era comum morar próximo a familiares, que muitas vezes construíram suas casas num mesmo momento, com um mesmo profissional (fato comprovado nos arquivos técnicos), aumentando os laços de afinidade. Em trecho do livro *Angústia*, Graciliano Ramos, narrando uma história passada precisamente na Maceió em fins da década de 1930, mesmo descrevendo um quintal fora do Farol, trouxe a permeabilidade visual existente entre os quintais da vizinhança, onde se pode praticamente acompanhar o cotidiano da vida alheia, às vezes invadindo e participando de momentos da privacidade adjacente:

[...] percebi um vulto mexendo-se no quintal da casa vizinha. Como já disse existe apenas uma cerca separando os dois quintais. Do lado esquerdo há um muro e ignoro completamente o que se passa além dele. Mas daquela banda o que temos é a cerca baixa que Vitória conserta sempre por causa das galinhas [...]. Para lá dessa linha de demarcação tudo me era familiar: o banheiro as paredes-meias com o meu, algumas roseiras, um monte de lixo que a inquilina, senhora idosa sempre queimava (RAMOS, 2012, p. 39).

O quintal poderia ser delimitado apenas por cercas de estaca e arame permitindo o franco contato com os arredores e entre os quintais. Esse espaço, que mesmo sendo compartilhado por olhares vizinhos, inspirava liberdade para práticas triviais comumente escondidas e possibilitava ao morador agir a seu bel-prazer, sem preocupações em satisfazer a moral vigente e a conduta esperada por seu grupo social. Nas imagens do filme de J.A., pode-se observar as atividades informais, a roupa estendida no varal, o corte de cabelo, o animal de estimação e um ambiente praticamente rural do quintal da casa Barbosa.

**Figura 161 – Frames de atividades informais no quintal da casa Barbosa, na Rua Alcebíades Valente**



Fonte: Filme amador do morador J.A.

Em relação ao quintal, Graciliano Ramos quando novamente retrata a Maceió, no livro “Angústia”, nos tempos que precederam a década de 1940, deixa transparecer a importância deste espaço reservado para entender os valores do morar:

Afinal, para a minha história, o quintal vale mais que a casa. Era ali, debaixo da mangueira, que, de volta da repartição, me sentava todas as tardes com um livro (RAMOS, 2012, p. 47).

Não participando diretamente do contato da casa com a rua, o quintal, um ambiente pouco revelado e situado ao fundo do lote, ainda colaborava com a construção da imagem coletiva da residência perante a cidade, justamente por incitar o imaginário e guardar um mundo desconhecido. Era espaço de interação com alguns, mas de muitas vivências e palco de atividades prazerosas e de saudosas recordações de brincadeiras infantis. O morador da casa Gama, lembra que guardara na lembrança o enorme quintal de sua infância, onde corria e se divertia num balanço de árvore improvisado até que, retornando ao local quando adulto, constatou que era

diminuto e que a imagem era fruto da idealização movida pela memória afetiva, e que ganhara dimensão juntamente com a nostalgia.

Retomando as cenas do filme amador de J.A. que registra a ocupação da Rua Alcebíades Valente durante a década de 1950, três das famílias moradoras – Fonseca, Barbosa, Almeida - participam com suas imagens da análise proposta neste capítulo. Através das imagens filmadas quando congeladas, foi possível captar a ambiência desse espaço público e compará-lo com sua conformação atual. A rua acenada, tomada aqui como referência, fazia parte do parcelamento dos terrenos pertencente ao Seminário da Arquidiocese de Maceió, encontrava-se em plena estruturação, como as demais vias públicas, bem precárias. Na década de 1950, estava iniciando construção da maioria das casas da rua, com proprietários quase da mesma idade e começando a vida conjugal. Os moradores costumavam acompanhar o andamento das obras de seus vizinhos, pois “pouco havia para se fazer naquela época”, disse a moradora M.J.B. e assim interessavam-se mais pela vida do outro e criavam estreitos laços de amizade. Portanto, conforme já colocado anteriormente, para além da simples divisão público e privado, corporificada na casa e a rua e estendida para o bairro e cidade, no Farol estavam constantemente a dialogar nos anos 1940/1950. A rua era também local de lazer, envolvimento e ampliação do morar. As pessoas podiam andar de bicicleta, jogar bola livremente na faixa central da rua e muitas vezes comemoravam as datas festivas em conjunto. Na primeira imagem abaixo vê-se a pilha de madeiras para a fogueira de São João dos moradores da rua, cuja geração mais jovem, segundo M.J.B., até hoje se reúne.

Figura 162 – Imagens do início da ocupação da Rua Alcebiades Valente na década de 1950



Fonte: *Frames* do filme amador do morador J.A.

A rua da informalidade, do convívio fraterno e do olhar de contemplação, passadas sete décadas, é vista como o espaço do automóvel, da pressa e do alheio.

**Figura 163 – Aspectos da Rua Alcebiádes Valente, na década de 1950 e hoje em dia**



Fonte: *Frame* do filme amador do morador J.A. e acervo pessoal da autora.

Documentada pelo filme no período de sua construção em 1955, a casa Fonseca foi a única que manteve a mureta baixa, tendo alteração no telhado e no acréscimo para a garagem, cuja rampa interrompe o passeio público que antes servia de local de encontros para os moradores.

**Figura 164 – Casa Fonseca, na Rua Alcebiádes Valente, em construção (1955) e em foto atual**



Fonte: *Frame* do filme amador do morador J.A. e acervo particular da autora.

**Figura 165 – Casa Barbosa, na Rua Alcebíades Valente, na década de 1955 e em foto atual**



Fonte: *Frame* do filme do morador J.A. e acervo particular da autora.

A moradora M.J.B., da casa Barbosa é uma das poucas pessoas da época que acompanhou a ocupação da rua e que aos noventa anos, viúva, ainda reside lá e gentilmente participou da pesquisa como depoente. Sua casa – um bangalô – mantém-se muito bem cuidada e pouco alterada, apenas pela elevação do muro e colocação de grade para segurança. Ela, conhecida como Dona Zezé, recordando as relações de amizade com os outros moradores, afirmou: “era como se fosse uma família”.

**Figura 166 – Casa Barbosa na Rua Alcebíades Valente e a depoente M.J.A. em sua casa**



Fonte: Acervo particular da autora.

O material obtido – entre fotografias dos álbuns de família e frames - refletiu não só o sentimento afetivo particular, mas atrelou aspectos que comprovam o valor da história familiar para a construção da história urbana. Mesmo que os recintos

analisados sejam de relativa limitação para oferecer uma maior percepção da vida e do morar familiar, foram eleitos por serem os mais fotografados possivelmente pela facilidade da luz natural. Eles trouxeram uma presença mais marcante da casa edificada na cidade por emprestar suas paredes envoltórias como pano de fundo para compor a cena onde a família posava para a vida urbana, vinculação já abordada em outras partes da dissertação.

A aparência externa destas edificações conferia-lhes uma particularidade que ultrapassava os limites privados do lote, interferindo na ambiência do bairro e reforçando sua conotação de inovação ou de estranheza perante o imaginário coletivo e diante do olhar mais crítico da intelectualidade local.

Visando compreender como se processa o estabelecimento da imagem da casa para seus moradores e para os habitantes da cidade percebeu-se que é a casa que detém a lógica estruturadora do arranjo espacial e das barreiras e permeabilidades que compõem seus vazios, ou seja, “os componentes materiais que ordenam os nossos movimentos e o nosso olhar, por onde ir e como apreender o ambiente que nos rodeia” (AMORIM, 2007, p. 87). A casa pode, determinar em seu interior a conduta de moradores ou favorecer, pela visibilidade, comportamentos adequados ao convívio público, nos ambientes mais expostos, onde se dá a formalidade e que é fonte de impressões impregnadas no observador. Essas percepções e a imaginação, unidas ou não a fatos, formam a imagem - coletiva ou pessoal - que se carrega sobre um determinado local. Os movimentos e o olhar, sobre o bairro dos que usufruíam do “morar no Farol” seriam diferentes daqueles que apenas de longe percebiam o bairro. O Farol tendo sua paisagem estritamente dominada por residências, tem sua imagem concentrada em torno das casas que o compuseram. Esse olhar sobre o objeto arquitetônico pode ir além do fisiológico, o ver, mas ser perceptivo, “algo carregado de subjetividade na satisfação do ato de olhar que nos leva a sensações, novas expressões, tensões” (CARVALHO, 2007, p. 139).

O ambiente do alto do Farol, até por sua posição à borda do tabuleiro, elevada e dominante em relação aos demais bairros da cidade e pelo histórico de sua formação que conduziu para lá uma parcela seleta da sociedade, guardava em si a referência de modernidade conferindo-lhe *status*. Essa modernidade desprende-se de sua definição como descontinuidade da ordem tradicional ou de limite da atualidade histórica, para incorporar apenas a visão que dela o maceioense das décadas de 1940 e 1950 possuía. A população de Maceió desejava sair do atraso e se aproximar da

paisagem urbana das capitais mais desenvolvidas ou ainda das cenas hollywoodianas. Portanto ser moderno seria incorporar algo novo, algo bom, algo que poderia trazer melhorias de alguma forma a sua vida. A referência ao termo moderno era recorrente em anúncios e artigos de jornais da época relacionados tanto à imagem do novo homem, de um salão masculino de estética ou com à imagem do novo ambiente residencial pela decoração de cômodos, ambos trazidos pelo suplemento feminino do Jornal de Alagoas (jan./1955), que reproduzia as novidades do Jornal Feminino do Rio de Janeiro, demonstrando a importância dada à questão.

**Figura 167 – Anúncio e artigo referenciando o “moderno”**

**O homem se conhece pelo seu penteado!**  
O Homem penteado é reconhecido como gentleman! — E para Você ser reconhecido como tal, procure o **“SALÃO MODERNO”**, que está aparelhado com Oficiais especializados em: — CORTES DE CABELO — LAVAGEM DE CABEÇA — MASSAGEM ELETRICA, etc.  
Serviço exclusivo e reservado de Manicure, a cargo de profissional competente  
**“Salão Moderno”**  
o mais bem organizado da Cidade!  
que oferece ao cliente: — CONFORTO — ATENÇÃO — HIGIENE!  
( )  
**“SALÃO MODERNO” de José Lucas de Souza Filho**  
RUA SENADOR MENDONÇA, 38 — MACEIÓ

**MODERNO DORMITÓRIO**  
Eis um dormitório de linhas modernas, sobrio e muito confortável. Os móveis são de madeira clara com rodapés num tom mais escuro. As portas da penteadeira (que tem gavetas para guardar roupas), do banquinho redondo e do banco que fica aos pés da cama, são de metal laqueado da mesma cor dos rodapés dos móveis. A coberta da cama é de algodão azul com pastilhas em rosa sêco, e esta mesma fazenda foi empregada para cobrir o painel colocado acima da cabeceira da cama. No painel que serve de cabeceira, saem duas lâmpadas movimentáveis para iluminar diversos ângulos, uma estante para livros, ou objetos decorativos e o rádio. O tapete é cêr de rosa, da mesma cor das pastilhas da colcha. A iluminação geral parte de um artefato embutido no teto.

A “laine” em florentinhas poderá “ressair” grandemente um homem. O cabelo é lavado de percalina rosa sêca. A coberta é trabalhada com moquette branca francesa. Na “laine” certo dadas linhas para se habitar, e mais alta vai da borda da cama de rodapés, e entre da borda da cama a coberta de primário para que se deite habitar tenham um bom descanso, devem ter todo o tipo de lâmpada de borda que habitar. Os banhos são terminados com uma lava e a cabeça de florentinhas rosa: um habitar muito bonito, de “laine”, e aplicado à cabeça. As bordas desta e de todo da recobertas com seralina rosa, bem francesa.

Fonte: Jornal de Alagoas (jan./1955). Acervo do Arquivo Público de Alagoas.

As imagens da casa guardariam também valores imaginados e idealizados que, muitas vezes se tornariam predominantes e que poderiam pertencer, de forma distinta aos moradores e a observadores que nunca viveram no bairro ou experimentaram o afastamento involuntário deste lugar. A imagem simbólica que acompanhava o morar no Farol fora reforçada por recordações como de J.P.F<sup>17</sup>: “minha mãe nos vestia para passear, para ver os bangalôs do Farol” quando não mais morava no bairro, e a fazia lamentar: “eu perdi o meu Farol”, como se sair do bairro fosse, para ela, um retrocesso”. O sonho contém o desejo, que tenta abolir uma realidade penosa, idealizando o ambiente vivido ou simplesmente desejado, pois a imaginação aumenta os valores da realidade (BACHELARD, 1989). Portanto, ficou na memória de quem viveu e cultivava seu passado ou na imaginação de quem desejava viver a idealização de morar no Farol.

<sup>17</sup> Arqta Josemary Ferrare Passos, professora doutora do Programa de Pós-graduação da FAU-UFAL, que manifestou com emoção sua experiência no bairro, durante participação da banca de qualificação desta dissertação.

Apesar da valorização dada à imagem do passado do bairro e tomando como ilustração a casa Diégues no Farol, acompanhou-se, através de fotografias antigas e atuais, as interferências ocorridas no decorrer do tempo: a ampliação e mudança estilística na década de 1940, com criação de terraço frontal e pavimento superior, depois a criação de portão de acesso para automóvel e substituição por muro alto e portão “cego” e, finalmente, sua maior descaracterização, com retirada do torreão e fechamento da varanda superior. Um processo que comprovou a inevitável dinâmica dos espaços residenciais, em especial os urbanos.

**Figura 168 – Casa da família Diégues, na Rua Comendador Palmeira, nas décadas de 1930 e 1940**



Fonte: Acervo particular do proprietário.

**Figura 169 – Transformação na casa da família Diégues, na Rua Comendador Palmeira. Uso como escritório de advocacia**



Fonte: Acervo pessoal da autora (2015)

**Figura 170 – Situação atual da casa da família Diégues, na Rua Comendador Palmeira. Uso como clínica odontológica**



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

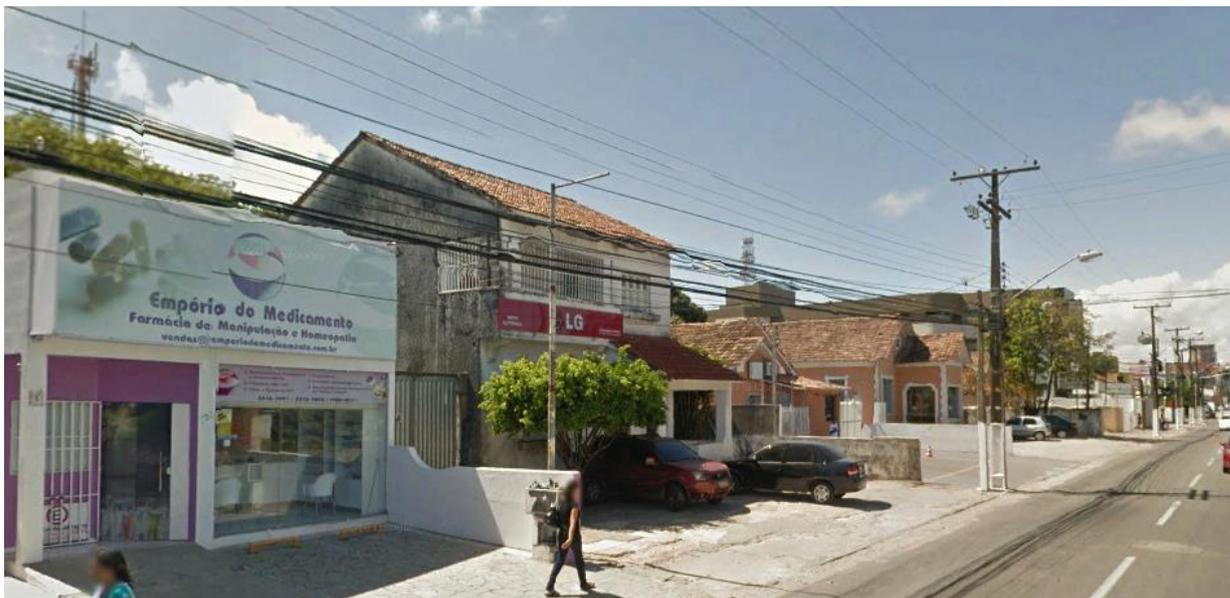
Observou-se, portanto, o enfraquecimento e a supressão paulatina dos modos de convivialidade, que antes prevaleciam no local. As relações de vizinhança foram sendo extintas pela chegada de novas atividades – comerciais e de serviço - e o inevitável abandono de atividades e comportamentos agregadores que existiam naquele bairro. Estas edificações foram esvaziadas e atualmente poucos exemplares sobreviveram para contar sobre a história de épocas passadas.

**Figura 171 – O estado atual das moradias da década 1940/1950. Nas ruas Comendador Palmeira, Gonçalves Dias, Amorim Lima e Praça do Centenário**



Fonte: Acervo pessoal da autora (2014).

**Figura 172 – Exemplares ao longo da Rua Comendador Palmeira - Farol**



Fonte: Google Street View, 2016.

Uma história de vida pessoal nesta região aliada à importância em registrar esta conformação do morar, significativa para a memória da formação da Maceió de hoje e a constatação de seu antevisto desaparecimento, motivaram a busca por documentar como eram vivenciadas casa e cidade e suas conexões, na metade do século XX em nossa capital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se ter disponibilizado e analisado material inédito de pesquisa, transitando entre o contexto histórico local, os arquivos de projetos arquitetônicos e as fotografias de família para conhecer mais a fundo a arquitetura residencial das décadas de 1940 e 1950, que ocupara o bairro do Farol, em particular a tipologia arquitetônica bangalô. Ao analisar o bangalô como manifestação fortemente identitária do Farol, ele também revelou, para além da esfera estilística, ser visto de maneira simbólica como a entrada da modernidade em Maceió. Chamar de moderno a adoção do bangalô na cidade significaria, a despeito de contrariar a intelectualidade local, estar em consonância com as inovações e os padrões de consumo que as grandes metrópoles do país já haviam avalizado.

Essas exigências eram mais evidentes em camadas da sociedade urbana cientes de um conforto já experimentado e capazes de custeá-lo. Somado a isso, historicamente o ambiente doméstico da classe privilegiada era o que mantinha a figura feminina sempre mais reclusa e assumindo o papel de “rainha do lar”, fato que fez a mulher burguesa talvez a mais presente e capaz de exercer uma influência mais marcante na disposição dos espaços internos e na escolha da aparência exterior das residências.

A grande incidência de bangalôs construídos no Farol pôde evidenciar como a tipologia adquiriu caráter de inovação e status. Essa constatação decorrida do trabalho com os desenhos gráficos, foi respaldada na fala do personagem de Graciliano Ramos, no livro *Angústia*, que retrata bem a Maceió da época:

Cem contos de réis, dinheiro bastante para Marina. Se eu possuísse aquilo, construiria um bangalô no alto do Farol, um bangalô com vista para a lagoa. Sentar-me-ia ali, de volta da repartição à tarde [...], contaria histórias à minha mulher olhando os coqueiros, as canoas dos pescadores (RAMOS, 2012, p. 88).

Graciliano Ramos, que neste período morava na capital, revelou sua visão astuta e crítica sobre a cidade. Escritor realista, trouxe, através deste personagem de contornos ingênuos, a idealização do morar num bangalô, porquanto o protagonista de *Angústia* da história tinha-o como inacessível. Pôde-se ver que o autor utiliza-se da nomenclatura “bangalô”, sabendo bem ao que se refere e seu significado para a sociedade maceioense: possuir um bangalô no Farol tornara-se símbolo de morar

bem e pressupunha, pelo texto, que o proprietário teria além de um bom emprego, uma esposa dedicada que o acompanharia na contemplação da vista do entardecer na lagoa. O bangalô, que na literatura, é o tipo de habitação originária do leste da colônia britânica na Índia, migrou para a Inglaterra (*bungalow*) onde até início do século XX ocupava a área rural. No Brasil, de forma geral, os bangalôs nutriram a necessidade da classe média que, querendo impor-se perante a sociedade tentava incorporar para si tradições que não possuíam. Talvez por isso a opção por estilos que remetessem a uma relativa solidez histórica, como o do passado colonial ou do vernacular europeu, representado pelos chalés, atenderiam a essa expectativa.

A experiência do habitar sempre assumiu particularidades que diferiam essencialmente em seus códigos mesmo que latentes, mas interfere também na esfera pública pela transmissão interpessoal e intergrupos de costumes e comportamentos. As próprias noções de privacidade e conforto, inerentes a este universo, foram sendo relativizadas pelas novas possibilidades oferecidas desde o início do século XX. A partir dessas inovações criaram-se novas necessidades de consumo, novos anseios de satisfação pessoal e novos valores para a vida social nos bairros e para a cidade. Foi coerente com o que ocorreu na consolidação do bairro do Farol, quando novos imperativos e valores da modernidade e a manutenção das raízes tradicionais travavam batalhas no íntimo das famílias e na consequente aparência das moradias que davam feitiço ao novo. Tanto o gosto tradicional, mais coesivo com a herança rural e com a aristocracia açucareira de algumas famílias era abafado, ou às vezes era pactuado, pelo desejo de mostrar-se moderno. Isso ocorrera com profissionais e comerciantes locais que cresceram financeiramente e, não pertencendo a ascendências tradicionais, aspiravam por um destaque que a referência à memória da herança colonial poderia conceder. Assim, o desenho da casa, observado através da variação nos projetos registrados na época, oscilou entre vários modelos que eram frutos do desejo de simbolizar por um lado avanço e modernidade, mas também tradição e solidez.

Junto ao estilo eleito para a moradia oscilava a maneira de lidar com a privacidade. O mostrar-se ao público na prática de tarefas cotidianas, de convívio e lazer, consideradas privadas, permitia revelar hábitos e ser instrumento de inclusão na sociedade. A experiência do morar pôde prestar-se, inclusive, a mera representação, no selecionar atitudes, posições espaciais, gestos e comportamentos

adequados a cada participante do trato social. As fotografias posadas puderam evidenciar bem essa questão.

Certo grupo de atuantes do habitar se artificializam, jogam de serem outros - transformando -se em personagens – e então reiteram comportamentos em cada representação, como se cada vez fossem originais; repetem discursos e simulam sofrimentos, surpresas ou prazeres, simulando não ser observados por outro grupo cujos integrantes, por detrás do simbólico ocultamento, observam essa representação de um particular habitar, concordando expressamente em não interferir nesses comportamentos (DOBERTI, 2014, p. 129-130).

Isso era visto em sociedades pautadas na tradição ou nas mais libertas de convenções, mas que a aceitação pelo outro adquire grande importância, ao ponto de instigar a artificialidade, a simulação ou encenação nas condutas familiares, quando observados. Os anseios de equiparação, os preconceitos, vaidades e preocupações poderiam alterar a finalidade da casa como abrigo. Foi dentro desse processo de conflito e convivência das heranças da tradição e da modernidade, como num jogo de recordações e esquecimentos, que ocorreram as mudanças espaciais no ambiente doméstico e no morar cotidiano do bairro do Farol, influenciando a delimitação do espaço privado e sendo condicionado por ele. Visto que “a arquitetura, ou a casa não é um cenário passivo que assiste ao desenrolar das nossas vidas e o enquadra, mas é co-autora [...]” (AMORIM, 2007, p. 89).

O espaço doméstico, sempre esteve relacionado à intimidade e à privação de acesso por parte de alguns a determinados momentos e ambientes. O termo privado é compreendido como aquilo que deve ocorrer em espaços reservados, por isso está vinculado à ideia de família, de casa e de interior. Mesmo ciente que “a vida privada não é sinônimo de vida familiar e que dentro do grupo familiar, o indivíduo continua a possuir um universo próprio” (LEVEAU; SHNAPPER, 2009, p. 456), ela era assim considerada nas décadas em estudo. Acredita-se que o estudo do bairro do Farol trouxe à tona o viver das camadas mais prósperas da sociedade maceioense para as quais a conduta e a imagem familiar possuíram um peso tão significativo como o sobrenome pelo qual deveriam prezar. Elegiam o que deveria ser mascarado, ocultado, exposto ou enaltecido publicamente conforme suas conveniências até mesmo em relação à vida pessoal e ao modo de convívio com o espaço da casa e da vizinhança. Ruth Sampaio afirma, que “a moradia da classe média é que apresenta maior soma de ocorrências quanto à evolução do programa nesses anos de

modernidade” (SAMPAIO, 1990, p. 113), o que corroborou com o valor desse estudo que se detém nas classes privilegiadas que ocuparam nessas décadas o Farol.

Quanto às obras protomodernas e às modernistas construídas no Farol, menos evidenciadas no trabalho, expandiram-se principalmente pelas novas ruas que se abriram no interior do bairro, onde antes existiram as grandes áreas de sítios. Neste período, este padrão já era bastante recorrente nas residências de praticamente todos os bairros da cidade, inclusive ocupando terrenos privilegiados da faixa à beira mar dos bairros litorâneos. Apesar da introdução em Maceió da arquitetura erudita, o estilo “moderno” na cidade, seria mais fortemente marcado por outra linguagem formal predominante, que aqui convencionamos chamar protomoderna ou modernista inicial, não encontrada nas revistas especializadas da época, o que evidencia as diversas modernidades, que Hugo Segawa (2010) referia-se. Talvez por essa disseminação na cidade, a linguagem afastado da do bangalô, mesmo predominante a partir da década de 1950 no Farol e firmada na década de 1960, não foi capaz de marcar visualmente de forma intensa a ponto de conectar sua imagem ao bairro. Isso ocorreu possivelmente porque nas ruas mais transitadas, notadas ou mesmo referenciadas em escritos da época foram as mais antigas e centrais, portanto, as que já possuíam a peculiaridade trazida pelos bangalôs na década de 1940 que determinara de forma duradoura sua identidade.

Enfim, após o movimento literário da década de 1930, constatou-se que Maceió reingressara na modernidade pela arquitetura, legitimada pela vinculação da imagem dos bangalôs do Farol, como símbolo de posição cultural e financeira, que assume a função de signo de uma superioridade social obtida através da distinção espacial da edificação e de sua localização em bairro privilegiado da cidade. A despeito desses privilégios, compreendeu-se que sobressaíam a informalidade no morar e a naturalidade nas relações com a vizinhança e com o espaço público, melhor reveladas nos *frames* retirados da sequência de momentos do cotidiano familiar.

O concreto e o simbólico entrelaçaram-se na percepção do viver e sentir a casa, o bairro e a cidade, por meio de fatos, memórias, imagens e projeções, e sugerindo que sejam compreendidos por novos aspectos de apreensão aqui não aprofundados.

## REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Raul. La unificación de la arquitetura. In: **Revista da Directoria de Engenharia**, ano II, n. 9, mar. 1934.

ACRÓPOLE: Arquitetura, Urbanismo e Decoração. São Paulo: Edições Técnicas Brasileiras, ano II, n. 15, jul. 1939.

\_\_\_\_\_. São Paulo: Edições Técnicas, ano III, n. 29, set. 1940.

ALMEIDA, Japson (Produtor). Filme particular, sem título. Maceió, 1955.

AGENDA A. **Areal na Pajuçara?** Livro resgata imagens de Maceió do anos 1960 e 1970. Maceió, 5 out. 2015. Disponível em: <<http://agendaa.com.br/vida/gente/4421/2015/10/05/areal-na-pajucara-livro-resgata-imagens-de-maceio-dos-anos-1960-e-1970>>.

AMARAL, Vanine Borges. **Expressões arquitetônicas de modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação.** 2009. 174f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2009.

AMORIM, Luiz Manuel do Eirado et al. **Delfim Amorim arquiteto.** 2.ed. Recife: Instituto dos arquitetos do Brasil, Departamento de Pernambuco, 1991.

\_\_\_\_\_. A casa – espaços e narrativas. In: LEITÃO, Lúcia; AMORIM, Luiz (organizadores). **Casa nossa de cada dia.** Recife: UFPE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos.** Arqtextos, ano 01, maio/ 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/01.012/889>>. Acesso em: 13 out. 2016.

AMORIM, Vânia Luiza Barreiros. **Luigi Lucarini: vida e obra.** Maceió: Grafimarques, 2010.

BARROS, Luiz Nogueira. **Prazer em conhecê-la, Maceió!** As cigarras estão em minha vida desde os mais tenros anos. out. 2011. Disponível em: <[www.luiznogueira.com.br/noticiasluiz2](http://www.luiznogueira.com.br/noticiasluiz2)>. Acesso em: 13 abr. 2015.

BIOMA. **Tabuleiro.** 2017. Disponível em: <<http://www.biomania.com.br/bio/?pg=artigo&cod=2397>>.

BITTAR, W. **Formação da arquitetura moderna no Brasil (1920-1940).** Rio de Janeiro, nov. 2013. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/formacao-da-arquitetura-moderna-no-brasil-1920-1940-569afd4d2471b.html>>.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das “supervivências: as fotografias. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

BRUNS, Angelo. Casa e jardim. In: **Revista Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro, jul/ago de 1936.

CABRAL, André. **História de Alagoas**. 2011. Disponível em: <<http://andrecabralhistoria.blogspot.com.br/2011>>.

CAETANO, Kati E. O espectador integrado: modos de figuração da fotografia. In: **O fotográfico**. São Paulo: Senac, 2005.

CAÑIZAL, Eduardo. Uma foto familiar: aprisco de emoções e pensamentos (anotações delirantes sobre [a] sombrografia). In: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

CARVALHO, João Alberto. Espaço de ideias: o que pode um psicanalista falar para arquitetos? In: LEITÃO, Lúcia; AMORIM Luiz (Orgs.). **Casa nossa de cada dia**. Recife: UFPE, 2007.

CAVALCANTE, Toni. **Máquina do tempo**, 2012. Disponível em: <<http://alagoasbytonicavalcante.blogspot.com.br/2012/12/maquina-do-tempo.html>>.

CAVALCANTE, Waldemar. A invasão do bangalô. In: **Casa Ramalho**: textos sobre Maceió, 1938. Publicado em 4 de julho de 2016. Disponível em: <<http://luizsaviodealmeida.blogspot.com.br/search?q=bangal%C3%B4>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

CAVALCANTI, Verônica Robalinho. La production de l'espace à Maceió (1800-1930). 1998. 430f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Sociologia) –Institut d'étude du développement économique et social – Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne, 1998, Paris.

CARVALHO, Vânia Carneiro. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material — São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Fapesp, 2008.

CLARK, Birge M. The land of Don Quixote - Picturesque Spain is worth any architect's time. In: **Revista American Architecture**, Califórnia, nov. 1931.

CORREIA, Telma de Barros. A cidade-jardim: os conjuntos residenciais de fábricas (Brasil, 1918-1953). In: **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material. São Paulo: Anais museu paulista, v.22, n. 1, jan/jun. 2014.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2.ed. Maceió: Sergasa, 1991.

COSTA, Craveiro; CABRAL, Torquato. **Indicador geral do estado de Alagoas**. Maceió: Typographia Comercial M. J. Ramalho & Murta, 1902.

COSTA, Lúcio. Razões da nova architectura. In: **Revista da Directoria de engenharia**, v. III, n. II, mar. 1936.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Evolução urbana e social da Maceió no período republicano. In: COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2. ed. Maceió: SERGASA, 1939.

DOBERTI, Roberto. **Habitar**. Porto Alegre: Maisquatro Nobuko, 2014.

ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas sobreposições e silêncios. In: SAMAIN, Etienne (Org). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

FORTES, Cyntia N. R. **Para além do guia dos navegantes**: o Farol de Maceió (1827-1951). 2011. 134f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2011.

G1 ALAGOAS. **Fotos**: Maceió de ontem e de hoje. Maceió, TV Gazeta, 23 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/fotos/2013/03/fotos-maceio-de-ontem-e-de-hoje.html>>.

GAMA, Sylvio von Shöhsten. **II Grande Guerra**: eu acuso os Estados Unidos pelo torpedeamento de 5 navios brasileiros. Recife: do autor, 2001.

\_\_\_\_\_. **O oficial do exército 1G-199249**. Maceió: do autor, 2006.

GRIZ, Cristiana Maria Sobral. **Quando o luxo é necessário**: sobre projetos de apartamentos em Recife. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HUSSEY, Christopher. **The picturesque**: studies in a point of view. 3.ed. London: Frank Cass & Co Ltda, 983.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tendências demográficas**: uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2007. (Estudos & Pesquisas. Informação Geográfica e Socioeconômica, 20).

IHGAL. Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. **Memória de Alagoas**. Maceió: Governo de Alagoas, 2009. (Coleção do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas).

IVO, Lêdo. **Ninho de cobras**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2005.

JANJULIO, Maristela da Silva. Bangalô – subúrbio: a circulação internacional de uma cultura da habitação no início do século XX. **Oculum Ensaios 13**, Campinas, jan./jun. 2011. Disponível em: <[periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/download/140/127](http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/download/140/127)>. Acesso em: 04 maio 2015.

JORNAL O ESTADÃO. **Literatura reunia mestres em Maceió. Seção Cultura.** 14 out. 2001. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,literatura-reunia-mestres-em-maceio,20011014p4482de 22>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

KORNIS, Mônica Almeida. **O Brasil de JK: sociedade e cultura nos anos 1950.** 2015 Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: **O fotográfico.** São Paulo: Senac, 2005.

LEITE, Mírian L. Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: **O fotográfico.** São Paulo: Senac, 2005.

LESSA, Golbery. Maceió: entre a estátua da Liberdade e o Zeppelin. **Repórter Alagoas,** 2011. Disponível em: <[http://www.reporteralagoas.com.br/blog\\_golbery\\_lessa.php](http://www.reporteralagoas.com.br/blog_golbery_lessa.php)>.

LEVEAU, Rémi; SHNAPPER, Dominique. As diversidades culturais História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias. In: LEVEAU, Rémi; SHNAPPER, Dominique. **Ser imigrante na França.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, v. 5.

LIMA, Alba Alves de Lima. **Photos by Alba Alves de Lima,** Maceió, 14 abr. 2014. Disponível em: <[http://www.panoramio.com/user/3192126?with\\_photo\\_id=55882093](http://www.panoramio.com/user/3192126?with_photo_id=55882093)>.

LIMA, Carlito. **UCPM.** Crônicas, 28 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.maltanet.com.br/literatura/exibe.php?id=1667>>.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Recordações da velha Maceió.** Maceió: Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura – Arquivo Público de Alagoas, 1966.

\_\_\_\_\_. **Memórias de minha rua.** Maceió: Grafitex, 1981.

\_\_\_\_\_. O natal em Bebedouro. In: **Festejos populares em Maceió.** Maceió, 1956. Disponível em: <[www.culturaeviagem.wordpress.com](http://www.culturaeviagem.wordpress.com)>. Acesso em: 06 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Maceió de outrora. Maceió: Edufal, 1976.

\_\_\_\_\_. Um natal antigo em Maceió. In: AGENDA A. 25 dez. 2014. Disponível em: <<http://agendaa.com.br/vida/gente/2947/2014/12/25/um-natal-antigo-em-maceio-por-felix-lima-junior>>.

LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da província: estudo da cultura alagoana.** 2.ed. Maceió: Edufal, 2005.

LIRA, Elza Maria Rabelo. **Por uma significação da moradia...** um estudo de caso em Maceió-AL. 179f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas

do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2009.

LOS RIOS, Adolfo Morales. Arquitetura não é standard. In: **Revista de arquitetura**, 1937.

MACHADO, Maria Lúcia. **Interiores do Brasil**: a influência portuguesa no espaço doméstico. São Paulo: Olhares, 2011.

MELLO, Raul; PINHEIRO, Gerson. Desfazendo um equívoco. In: **Revista da Directoria de Engenharia**, ano II, n. 9, mar. 1934.

MELO, Juliana Duarte de. **Caracterização climática da cidade de Maceió como subsídio a decisões de planejamento**. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Dinâmica do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas – Maceió, 2009a.

MOREIRA, Fernando Otávio Fiúza. **Alagoado**. Belo Horizonte: Sografe, 2008.

NOBRE, Vinícius Maia. **Paixão incalculável- memórias de um engenheiro**. Maceió: Edufal, 2015.

NORMANDE, Larissa. **Do lado de cá**: memórias de Maceió durante a Segunda Guerra Mundial. Maceió, 2015.

MARQUES, Danilo Luiz. Escravidão, cotidiano e gênero na emergente capital alagoana (1849-1888). In: **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, ano VI, n. XI, ago./2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/viewFile/88912/91777>>. Acesso em: 29 out. 2016.

MATOS, Grazielle Soares. **Ai que saudade do céu, do sal, do sol de Maceió**. 2015. Disponível em: <<http://www.blogavontade.com/2015/03/ai-que-saudades-do-ceu-do-sal-do-sol-de.html>>.

PEREIRA, Fúlvio Teixeira de Barros. Três arquitetos, três processos de ensino: Mario Russo, Borsoi, Delfim Amorim. **IV PROJETAR 2009**. Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática- FAU-UPM São Paulo - Outubro 2009. Disponível em <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PIMENTEL, Jair Barbosa. Trapiche: antiga porta de entrada de Maceió. In: **O Jornal**, ago. 1996. Disponível em: <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Bairros&Id=42>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Uma cidade pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. In: **Revista do SHCU 1990**. Seminário de História da cidade e do urbanismo. v. 5, n. 3, 1998.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 67.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

REIS FILHO, Nestor. O Neoclássico da academia Imperial. In: **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

REPÓRTER MACEIÓ. **Expectativa de vida do brasileiro sobe e chega a 72,86 anos, aponta IBGE**. 2016. Disponível em: <<http://www.reportermaceio.com.br/antigo-farol>>.

REVISTA ARQUITETURA E URBANISMO. Rio de Janeiro. Uma residência confortável, maio/jun. 1939.

REVISTA DE ARQUITETURA. Rio de Janeiro: ENBA, ano 8, n. 54, jan./mar. 1942.

REVISTA DE ARQUITETURA. Rio de Janeiro: ENBA, n. 55, abr./maio 1942.

REVISTA DE ARQUITETURA. Rio de Janeiro: ENBA, maio/jun. 1937.

ROUANET, Sérgio Paulo. Aspectos subjetivos da cidade. In: LEITÃO, Lúcia; AMORIM, Luiz (Orgs.). **Casa nossa de cada dia**. Recife: UFPE, 2007.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-)>. Acesso em: 16 maio 2015.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. In: SAMAIN, Etienne (Org). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

SAMPAIO, Maria Ruth A. A casa brasileira. In: **Revista USP**, São Paulo. mar/abr/maio, 1990. Disponível em: <[www.revistas.usp.br](http://www.revistas.usp.br)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SANTOS, Maria da Graça. Arquitetura moderna brasileira, dos pioneiros a Brasília (1925-1960). In: **Da Vinci**, Curitiba, v. 3, n. 1, 2006, p. 37-56. Disponível em: <[http://www.up.edu.br/davinci/3/304\\_arquitetura\\_moderna\\_brasileira.pdf](http://www.up.edu.br/davinci/3/304_arquitetura_moderna_brasileira.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2015.

SCHETTINO, Patrícia T. J. **A mulher e a casa**. 2012. 322f – Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SCHUMAHER, Schuma. **Gogó de Emas**: a participação das mulheres na história do Estado do Alagoas. Rio de Janeiro: REDEH, 2004. Disponível em <<http://www.redeh.org.br/biblioteca/publicacoes/gogo-de-emas.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SILVA, Maria Angélica. **Arquitetura moderna**: a atitude alagoana 1950-1964. Maceió: Sergasa, 1991.

SIMSON, Olga R. M. Von. Imagem e memória. In: **O fotográfico**. São Paulo: Senac, 2005.

SOALAGOAS. **Estátua da liberdade em Maceió onde funcionava o antigo cais de Jaraguá em Maceió.** 20 nov. 2010. Disponível em: <<http://acervoalagoano.blogspot.com.br/2010/11/estatua-da-liberdade-em-jaragua.html>>.

THE AMERICAN ARCHITECT. Nova Iorque, jan/1931, p.97.

TICIANELI, Edberto. **A defesa de Alagoas na Segunda Guerra Mundial.** Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/a-defesa-de-alagoas-na-2a-guerra-mundial.html>> - Acesso em: 4 jul. 2015c.

\_\_\_\_\_. **O centenário de Maceió em 1939.** Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br>>. Acesso em: 30 out. 2015d.

\_\_\_\_\_. Gogó da ema: o coqueiro símbolo de Maceió. **Jornal Extra**, n. 836, 2 set. 2015b. Disponível em: <<http://novoextra.com.br/outras-edicoes/2015/836/18707/gogo-da-ema-o-coqueiro-simbolo-de-maceio>>.

\_\_\_\_\_. O cientista social Manuel Diégues Júnior. **História de Alagoas**, 21 out. 2015a. Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/o-cientista-social-manuel-diegues-junior.html>>

TORRES, Hugo. Especial do 193º aniversário de Maceió: a evolução urbana ao longo do tempo de uma das mais belas cidades brasileiras. Maceió, set. 2007. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=761636>>

TRIGUEIROS, Edja Bezerra Faria. Sobrados coloniais: um tipo só? In: **Cadernos PROARQ**, n. 19, dez 2012, p. 194-210. Disponível em: <[www.proarq.fau.ufrj.br/revista](http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista)>. Acesso em: 20 out. 2016.

VELOSO, Mariza. Gilberto Freyre e o horizonte do modernismo. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 15, n. 2, jun./dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_)>. Acesso em: 05 jul. 2015.

SANT'ANNA, Márcia. Tombamento: eleição de uma história - entrevista com Lúcio Costa. In: **Revista Arquitetura e Urbanismo**, v. 5, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3140>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

SANTOS, Maria da Graça. Arquitetura moderna brasileira, dos pioneiros a Brasília (1925-1960). **Da Vinci**, Curitiba, v. 3, n. 1, 2006, p. 37-56. Disponível em: <[http://www.up.edu.br/davinci/3/304\\_arquitetura\\_moderna\\_brasileira.pdf](http://www.up.edu.br/davinci/3/304_arquitetura_moderna_brasileira.pdf)>. Acesso em: dez. 2013.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2010.

SILVA, Simone. A roda de Maceió e o projeto regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas ocorridas no mundo do livro dos anos 1930. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 2, jul/dez, 2011, p. 91-107. Disponível em: <[http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v42n2/rcs\\_v42n2a6.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v42n2/rcs_v42n2a6.pdf)>.

SKULL, Sana. **1940**: militarismo, new look e Carmem Miranda. 28 maio 2013. Disponível em: <[http://modahistorica.blogspot.com.br/2013/05/1940-militarismo-new-look-e-carmen\\_28.html](http://modahistorica.blogspot.com.br/2013/05/1940-militarismo-new-look-e-carmen_28.html)>.

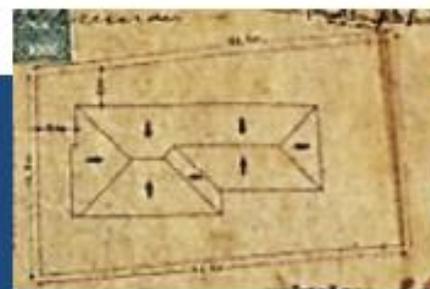
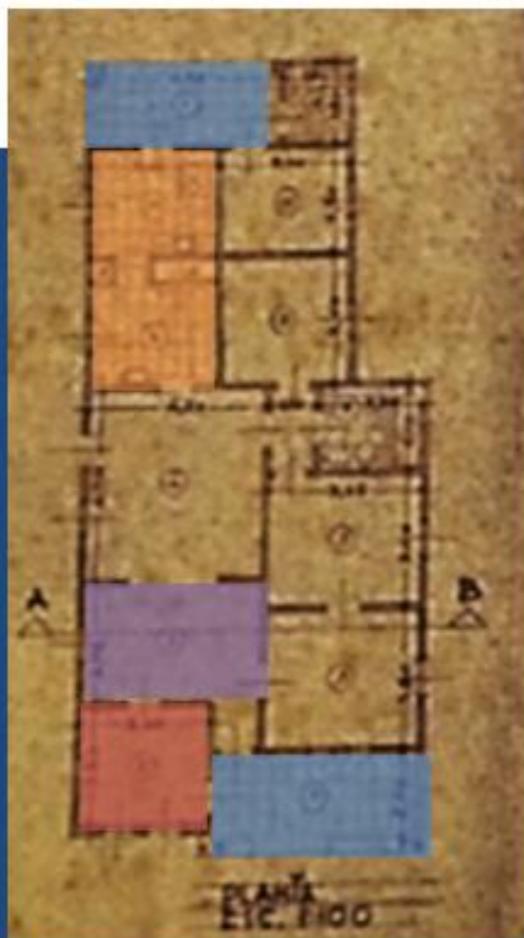
SORÁ, Gustavo. Trecho de entrevista de Rachel de Queiroz, 25 fev. 1997. In: SILVA, Simone. A roda de Maceió e o projeto regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas ocorridas no mundo do livro dos anos 1930. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 2, jul/dez, 2011, p. 91-107. Disponível em: <[http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v42n2/rcs\\_v42n2a6.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v42n2/rcs_v42n2a6.pdf)>.

**APÊNDICE A – Tabela de número de casas por biênio nas ruas do bairro do  
Farol**

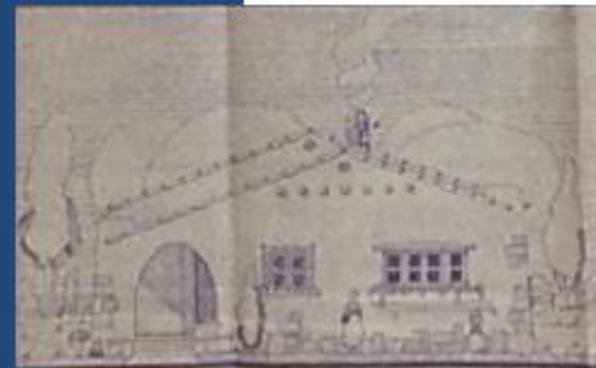
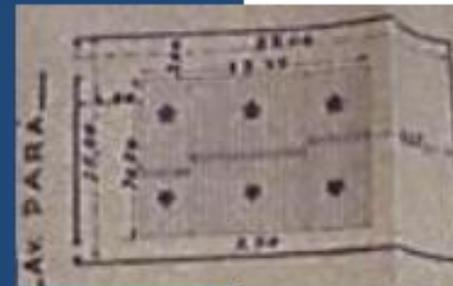
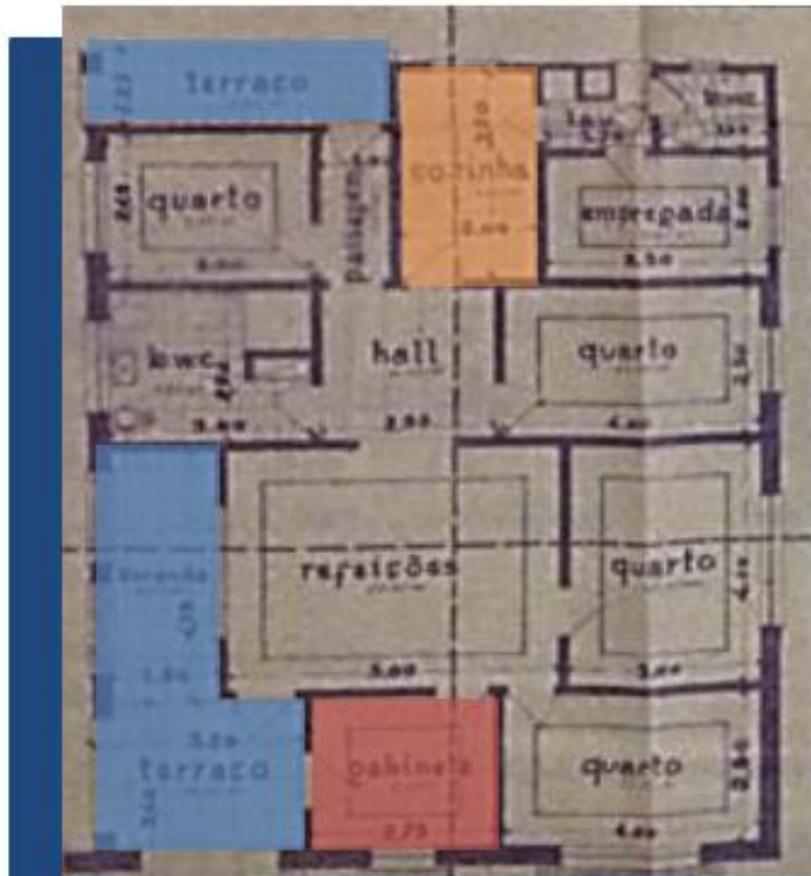
LOGRADOUROS (RUAS, PRAÇAS, AVENIDAS)	40 - 41	42 - 43	44 - 45	46 - 47	48 - 49	50 - 51	52 - 53	54 - 55	56 - 57	58 - 59	TOTAL
ADALBERTO MARROQUIM = Beco do Conforto/ Munguba									1		1
ADOLFO GUIMARAES, LADEIRA = do Paraíso, da Madame Eva							1			2	3
AFONSO PENA	1				2	1	4	1			9
AFONSO VIANA										1	1
ALBINO MAGALHÃES							4	3		2	9
ALCEBIADES VALENTE							2	6	3		11
ALEXANDRE NOBRE								2			2
ALFREDO OITICICA, DR									1	1	2
AMBROSIO LIRA							1	2	2		5
ANGELO NETO = do Arame			1		2	2			1	1	7
ANTONIO BRANDÃO, DOM = Rua do Camelo/Brennand/dó Seminário		1		2	2		2	3	3	3	16
ANTONIO GUEDES NOGUEIRA=Lad. Vista Alegre/do Cortiço/Francisco Polito						2		1	4		7
ANTONIO MARTINS MURTA, CEL					1				1		2
ANTONIO PEDRO DE MENDONÇA										1	1
ARISTEU DE ANDRADE = Jacutinsense/do Farol/do Zeiga (Seeger)	1	1	1		6		4	5	3	4	25
ARSENIO FORTES = Areais							1	1			2
AURINO MACIEL										1	1
AURORA = Beco Novo, Bela Aurora/ Tamandaré/Aldair Lima Peixoto			1	1	1						3
BELO HORIZONTE = José da Silveira Camerino									2	2	4
CIRIDIAO DURVAL = do Cajueiro						2					2
CLEMENTINO DO MONTE (Pinheiro)							3	3	4	2	12
CLODOALDO DA FONSECA = Ladeira do Brto	1	2	1		1	1			1	1	8
COSTA JUNIOR							1				1
DA CONQUISTA (Pinheiro)										1	1
DA HARMONIA = Beco do Abacaxi/ Odete Pacheco, Radialista	1		1		2	3		1	1		9
DA PARAIBA = Virgínio de Campos				1		1		4	2	3	11
DEZ DE NOVENBRO							1	3	6	5	15
DO CENTENARIO, PÇA = Góis Monteiro, /do Futebol/J. Montenegro/Getúlio Vargas	1	2	2	1	1	1			2		10
DO PROGRESSO = José Lúcio de Melo, Deputado							2				2
DOS BANDEIRANTES		1	1	3	1	1	4	3			14
DURVAL DE GOIS MONTEIRO (Tabuleiro)						1					1
FERNANDES LIMA = Estrada do automóvel/Estrada do Jacutinga	3		6	9	9	13	11	10	21	13	95
FIRMO LOPES, COMENDADOR = Ipiranga			1		11		2	2	6	5	27
FREI CANECA = São Luiz/do cabelo de milho					3	4	4	2	2	2	17
GAZETA DE ALAGOAS = José Duarte, Dr./Trav. do Zeiga/Matheus Albuquerque			1			1	1			1	4
GOIAS = São José/Antônio Oliveira, Tenente/Olemburgo da Silva Paranhos			1		1	7	5	6	5	2	27
GONÇALVES DIAS = Beco dos Cachorros/Beco da Ingazeira			4	1	5	4	2	3	3	4	26
GONÇALVES LEDO, PO = Rodrigues de Melo/Alto do Brito/ 11 de junho, Pça	2		1	1	6			3	2	1	16
GRUTA DE LOURDES (Loteamento)										36	36
HUGO JOBIM DE OLIVEIRA = Porto Juniro (Pitanguinha)							2		2	1	5
HUMAITA = Alto da Conceição			1		1		1	1	2	1	7
IPANEMA (Tabuleiro)										1	1
IRIS ALAGOENSE = Tibiriçá					2	3	4	16	7	2	34
ITATIAIA					1			1	3	1	6
JOANA D'ARC = Waldomiro Breda, Empresário			1	1	1			1	1	1	6
JOAQUIM NABUÇO = Santa Rita, Travessa			1		5	8	6	8	8	8	44
JOSÉ BENTO JUNIOR			1					2			3
JOSÉ FRANCISCO SILVA, CEL (Pinheiro)						1			2	1	4
JOSÉ MALTA DE ALENCAR = Santo Antônio					2	6	1	4	1	1	15
JOSÉ MARIA CORREIA DAS NEVES								2	2	1	5
JOSÉ MIGUEL, BARÃO					1			1	2	1	5
LIMA ROCHA, CEL = Santa Amélia									2	2	4
LOT. NUPORANGA (TABULEIRO)										1	1
LUIS DE MASCARENHAS, DR = São Paulo						2	1	2	1	9	15
LUIZ AMORIM LIMA, DESEMBARGADOR = das Barracas						3		2	1	1	7
MACHADO, CONEGO = Espírito Santo		5	3	5	1	4	2	4	2	1	27
MANOEL DE MENEZES, DR								1			1
MANOEL LEAL = Cel Lucena, Travessa										3	3
MANOEL MOREIRA E SILVA = da Santa Cruz	4	2	8	6	11	4	6	4	8	3	56
MARIO LOBO, DR								1			1
MARQUES DO HERVAL = Alto da Conceição					1	1		2		5	9
MIGUEL PALMEIRA (Pinheiro)				1	1			1	1	7	11
NATAL = Fausto C. Wanderley (Pinheiro)								1		3	4
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA = Luis Campos Teixeira, Dr								1			1
OSVALDO SARMENTO = São Gonçalo						1	2		1		4
OURO PRETO = Sebastião Granjeiro	1		5		3				2	1	12
PACHECO RAMALHO, CEL = Manoel Ramalho							1			3	4
PALMEIRA, COMENDADOR/da Vacaria	2	3	3	1	8	11	5		5	2	40
PARA = Afrânio Lages/ João Paulo IV/ Luis T. Cavalcante			1		7	9	6		6	8	37
PARAGUASSU = José Paulino, Professor						1				22	23
PORTO ALEGRE								1		1	2
PRINCESA ISABEL = São Cristóvão	1	1	1	1	5	6	5	3	3	2	27
ROSALVO RIBEIRO, LADEIRA/ do Comandante			1				1		1	1	4
ROTARY										2	2
SALDANHA DA GAMA = beco da padaria					2	5	1	4	4	2	18
SALGADO FILHO, MINISTRO										2	2
SAMUEL LINS, CAPITÃO = Rua da Frente			1	1		3	2	1		1	9
SANTA JULIA						1				1	2
SANTINO COUTINHO, DOM (Pitanguinha)						2	1	3	3	4	13
SERGIPE, PÇA					1						1
TEIXEIRA DE FREITAS, ESTATÍSTICO									1	2	3
TENÓRIO, DESEMBARGADOR					1		5		1		7
TEREZA CRISTINA = Santa Rita de Cássia				1	5	5	1	1	5	2	20
TEREZA DE AZEVEDO								2	1	2	5
THEOTÔNIO DE SANTA CRUZ = Santa Cruz			1		3	6	4		2	1	17
TOMAS ESPINDOLA	2		1		4	2	1		5	3	18
VILA TRÊS MARIAS									2	1	3
VINTE E CINCO DE JULHO = Manoel Maia Nobre					9	4	2	1	1	2	19
VITAL, DOM								1	3	1	5
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>25</b>	<b>51</b>	<b>36</b>	<b>129</b>	<b>132</b>	<b>115</b>	<b>136</b>	<b>167</b>	<b>214</b>	<b>1017</b>

**APÊNDICE B – Ficha da amostragem de casas – década de 1940**

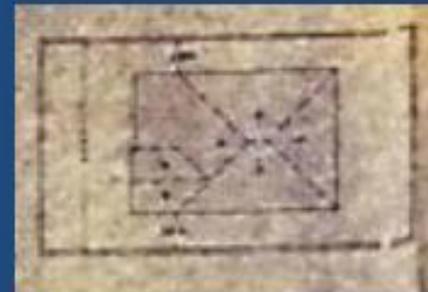
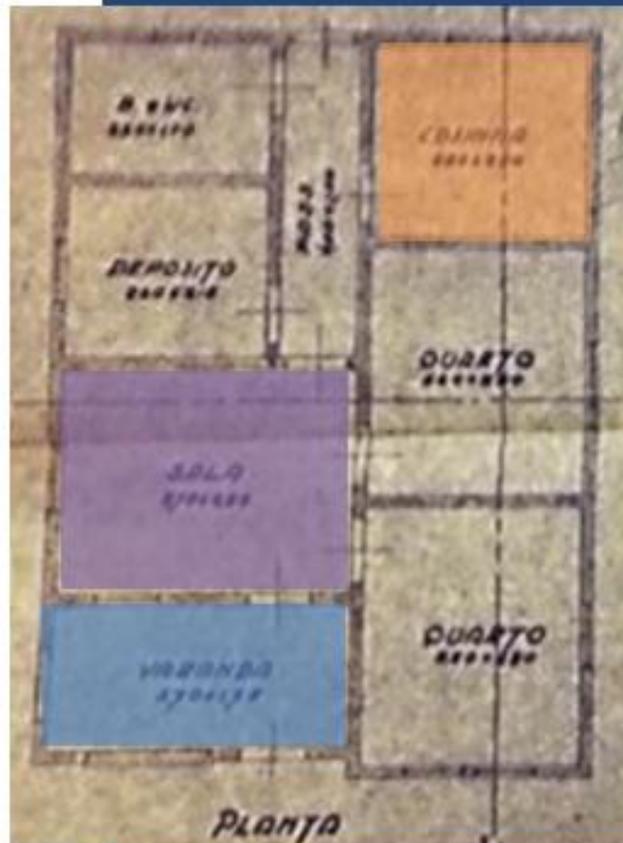
ANO: 1948	LOCAL: AVENIDA ARISTEU DE ANDRADE	PROJETO: ENG. FLÁVIO ROCHA	01		
PROC N° 2578	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA	ESTAR GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



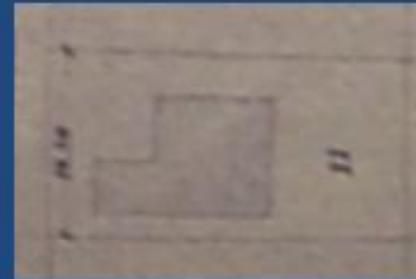
ANO: 1940	LOCAL: AVENIDA PARÁ	PROJETO: ENG. JOAQUIM PINHEIRO	02
PROC N° 3045	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



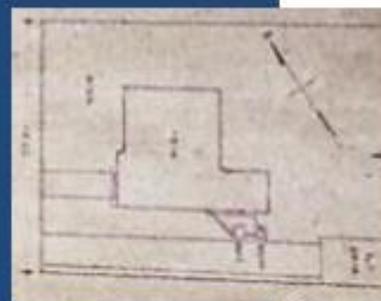
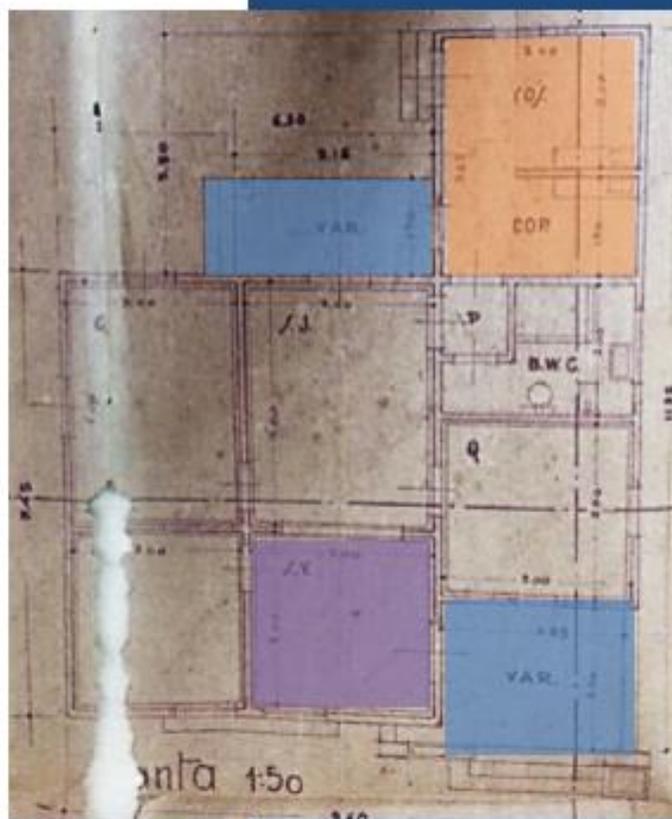
ANO: 1947	LOCAL: RUA ARISTEU DE ANDRADE	PROJETO: ENG. FLÁVIO ROCHA	03
PROC Nº2402	LEGENDA:	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #ADD8E6; border: 1px solid black;"></span> TERRAÇO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #FFDAB9; border: 1px solid black;"></span> COZINHA/COPA <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #9370DB; border: 1px solid black;"></span> ESTAR <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #C06060; border: 1px solid black;"></span> GABINETE <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #FFFF00; border: 1px solid black;"></span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 10px; background-color: #90EE90; border: 1px solid black;"></span> JARDIM	



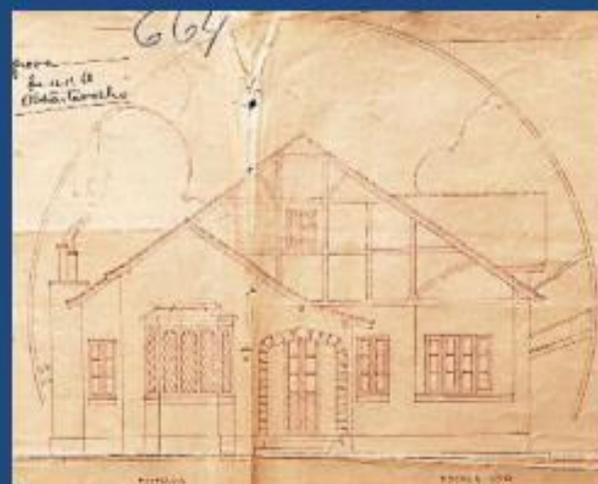
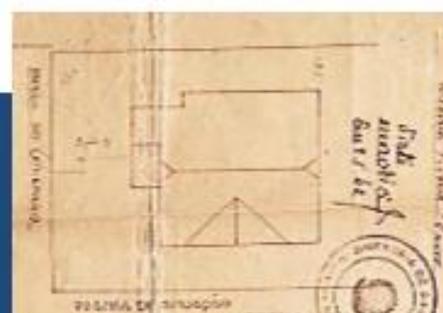
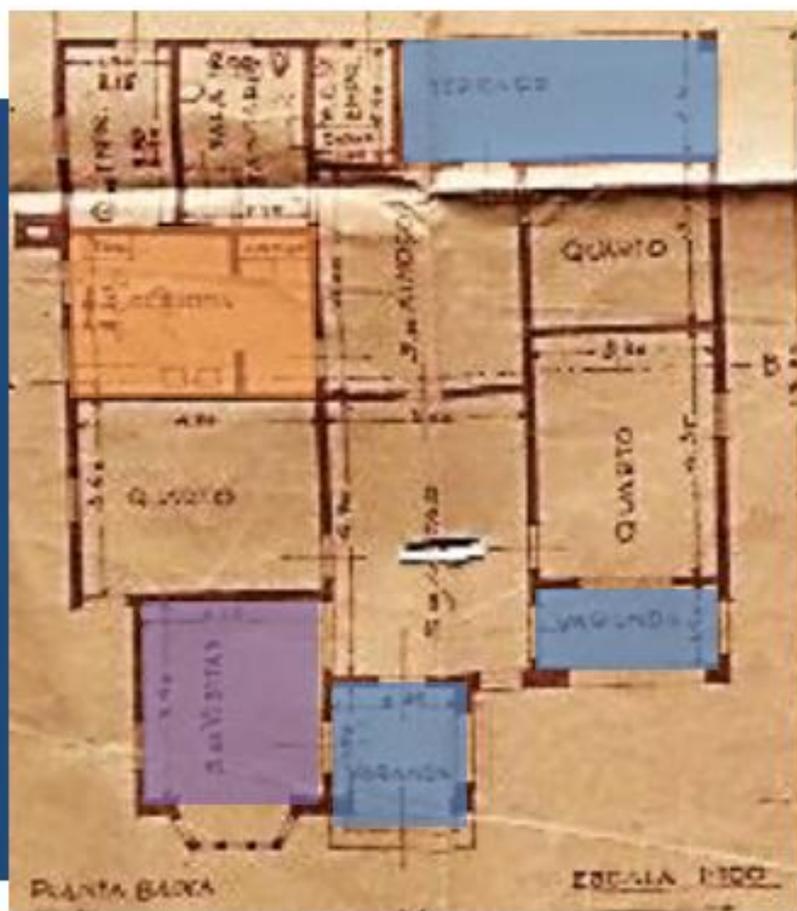
ANO: 1949	LOCAL: RUA AMORIM LIMA	PROJETO: ENG. FLÁVIO ROCHA	04
PROC N° 2978	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



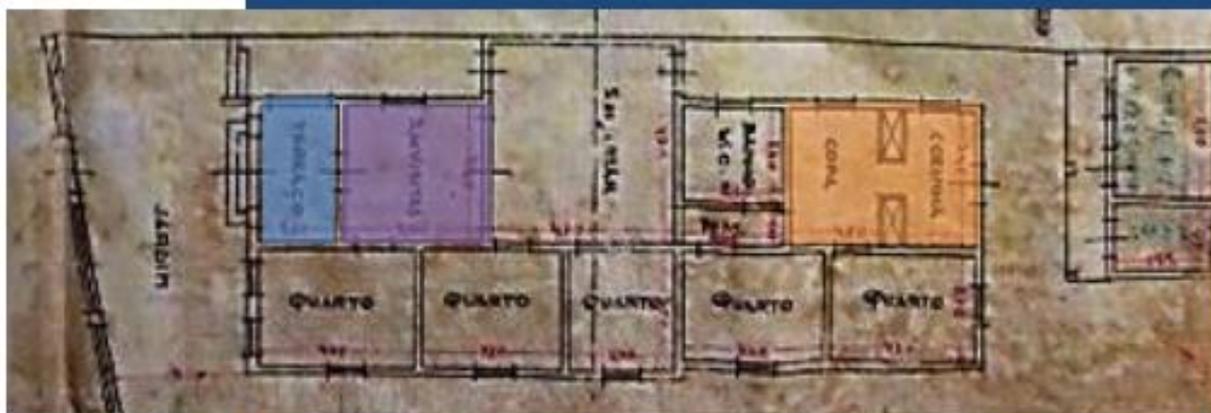
ANO:1945	LOCAL: AVENIDA PARÁ	PROJETO: ENG. ALOÍSIO FREITAS MELRO	05
PROC Nº: 1641	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



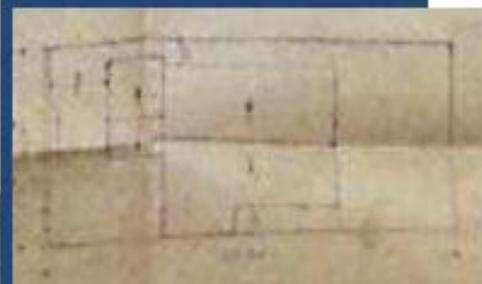
ANO: 1942	LOCAL: PRAÇA DO CENTENÁRIO	PROJETO: ENG. JOAQUIM PINHEIRO	06
PROC Nº 664	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



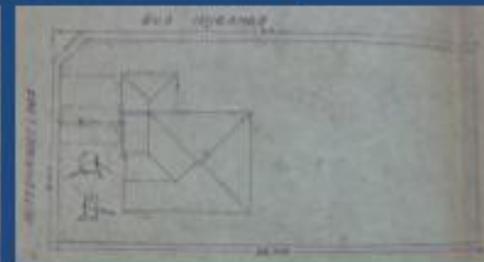
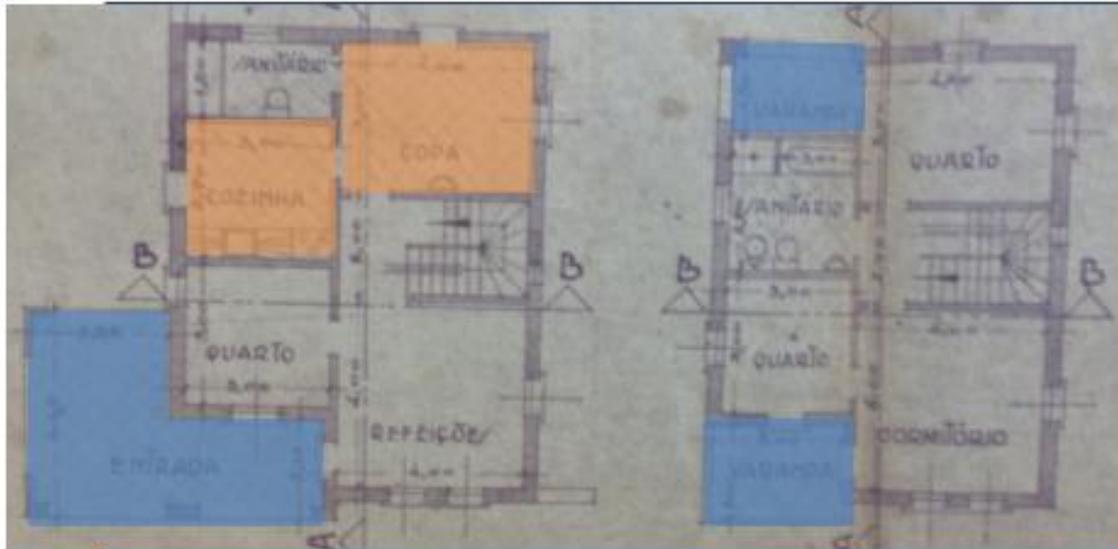
ANO: 1942	LOCAL: RUA COMENDADOR PALMEIRA	PROJETO: ENG. TALVANES BARROS	07
PROC Nº 756	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



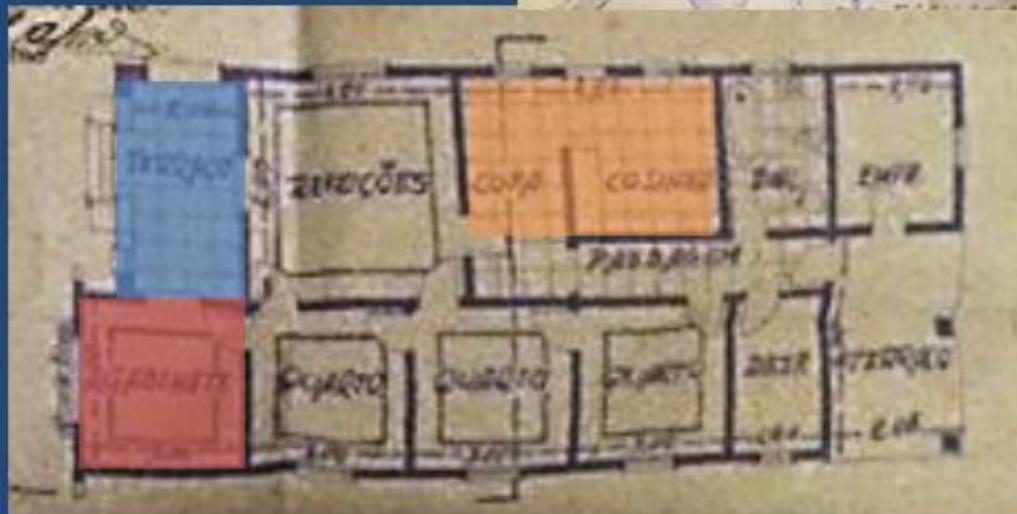
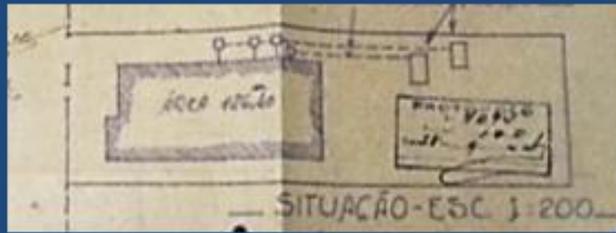
ANO: 1949	LOCAL: AVENIDA TOMÁS ESPÍNDOLA	PROJETO: ENG. ODILON LEÃO	08				
PROC N° 3038	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



ANO:1948	LOCAL: AVENIDA FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. CREA 1107	09
PROC N° 2648	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



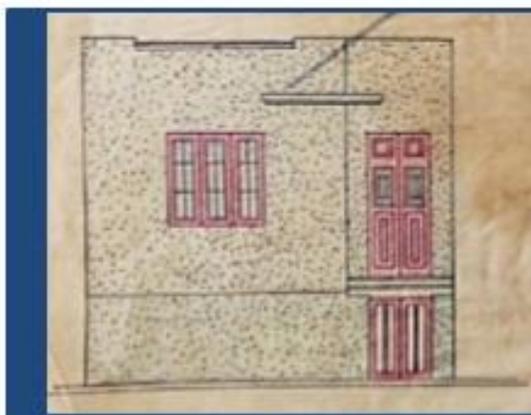
ANO: 1946	LOCAL: AV. FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. TALVANES BARROS	10
PROC N° 2026	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



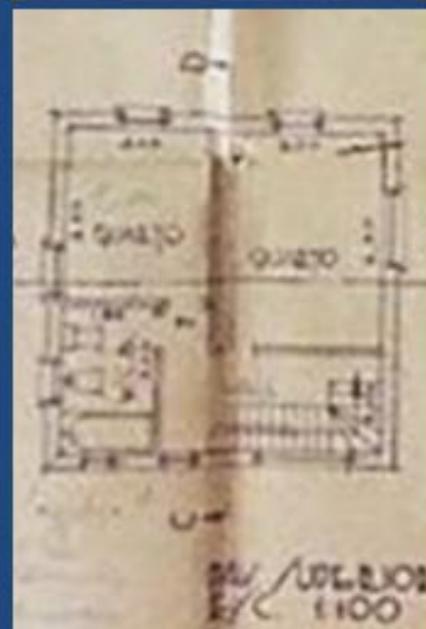
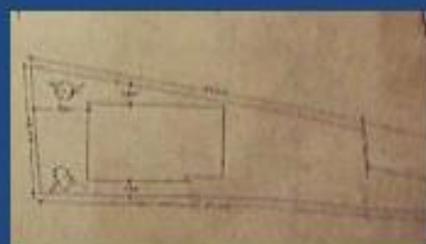
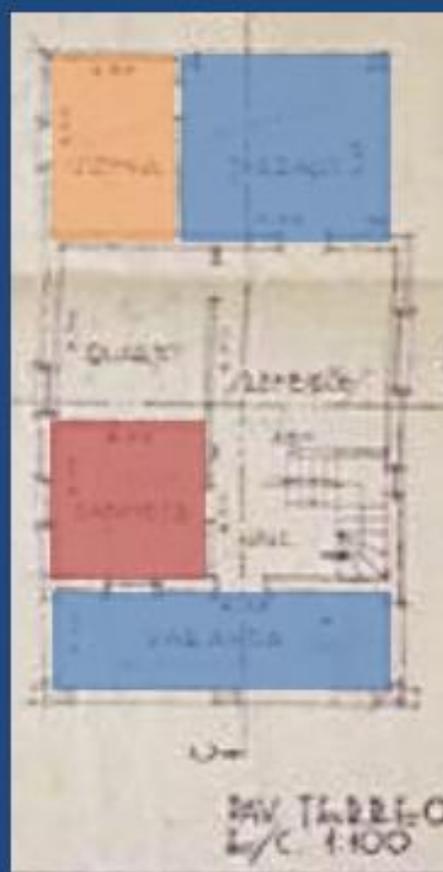
ANO: 1948	LOCAL: RUA JOAQUIM NABUCO	PROJETO: ENG. JOAQUIM DIÉGUES JÚNIOR	11				
PROC N°2551	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



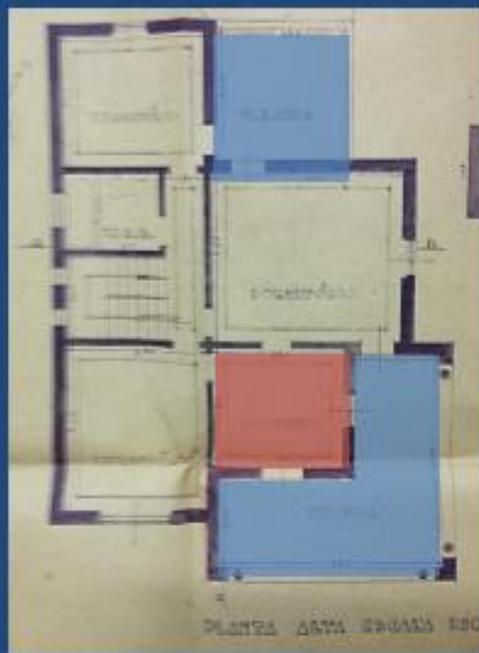
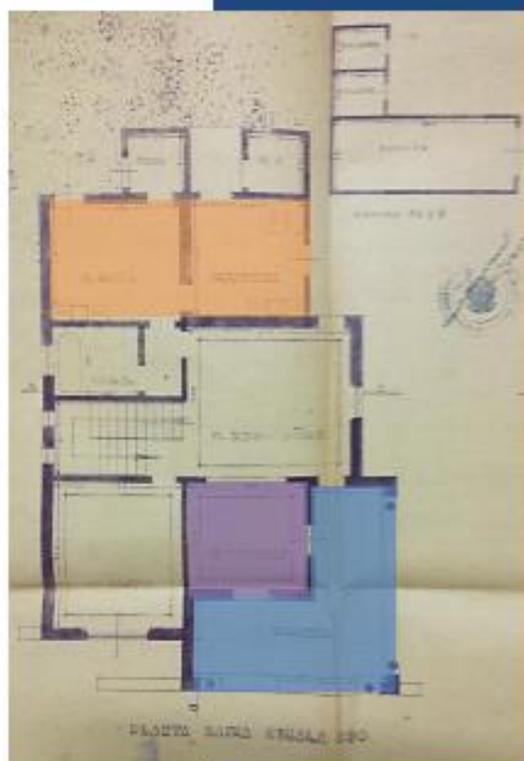
ANO: 1941	LOCAL: AV. MOREIRA E SILVA	PROJETO: ENG. JOAQUIM DIÉGUES JÚNIOR	12
PROC N° 725	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



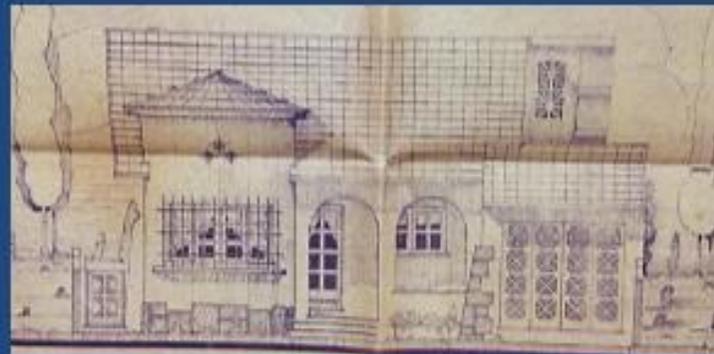
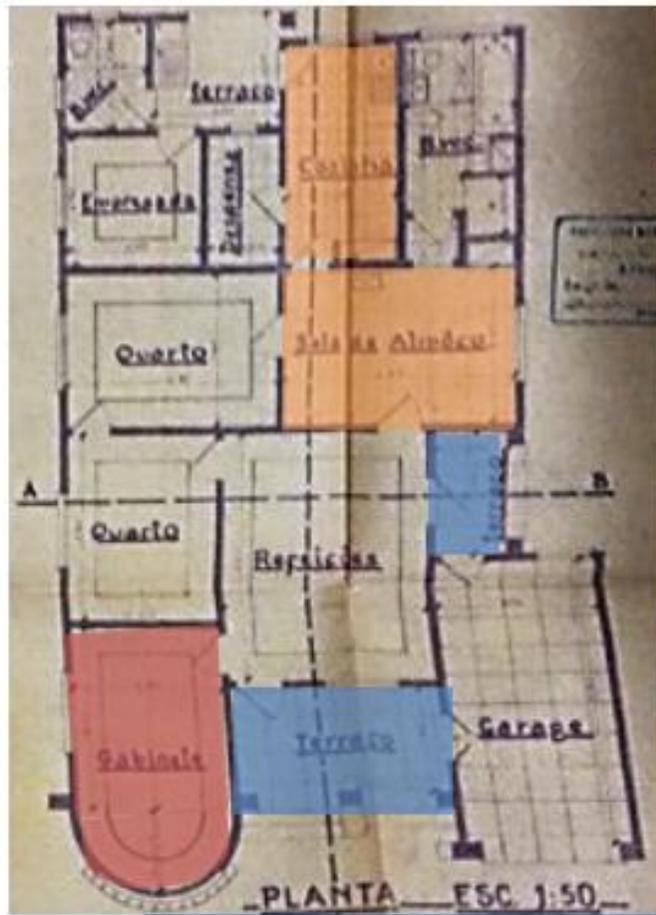
ANO: 1949	LOCAL: PRAÇA SERGIPE	PROJETO: ENG. CREA 1107	13
PROC N° 2882	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



ANO: 1949	LOCAL: PRAÇA SERGIPE	PROJETO: ENG. EVERALDO CASTRO	14				
PROC n° :2906	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM

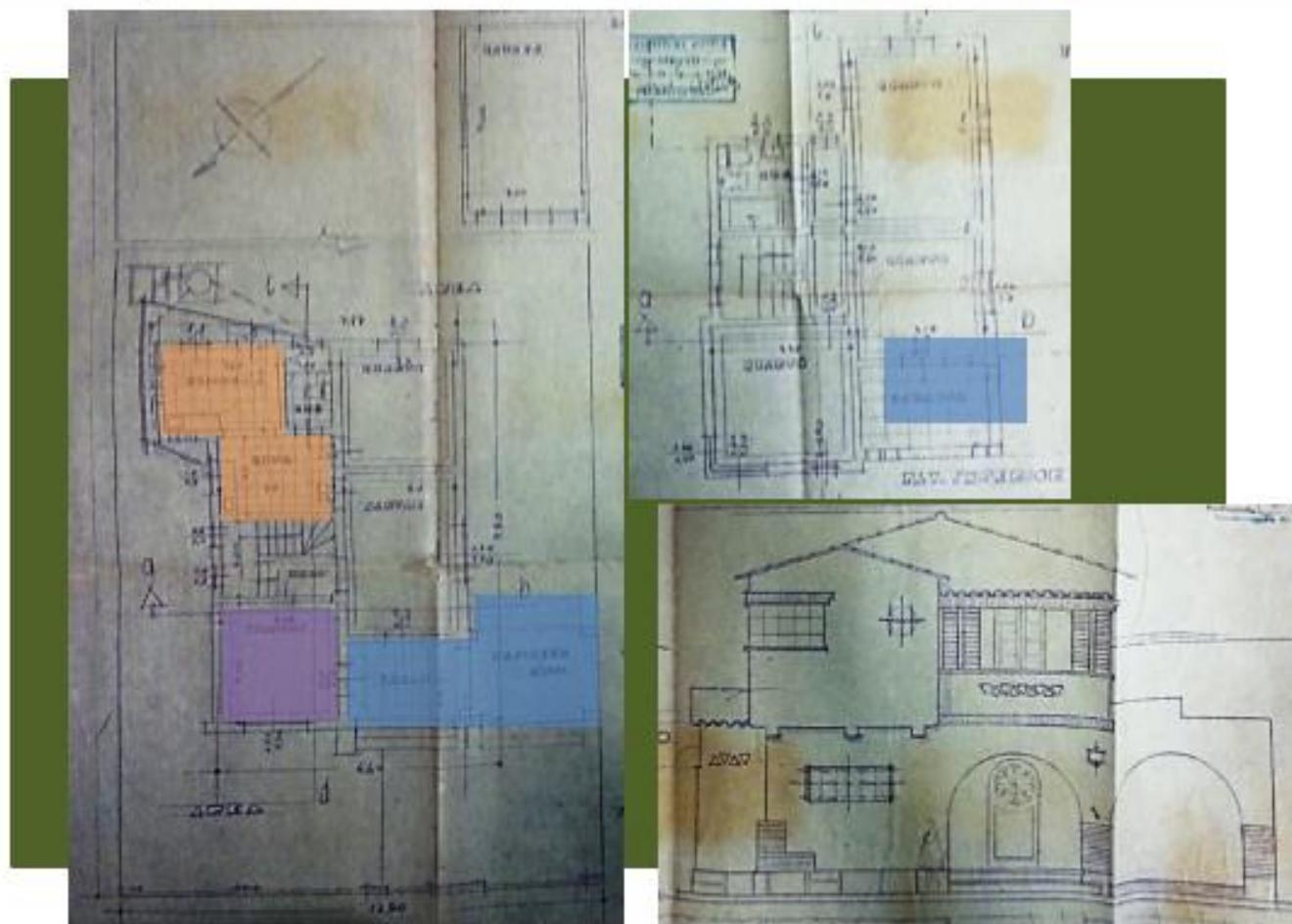


ANO: 1949	LOCAL: AV. TEREZA CRISTINA	PROJETO: ENG. JARBAS DA SILVA	15
PROC N° 2981	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	

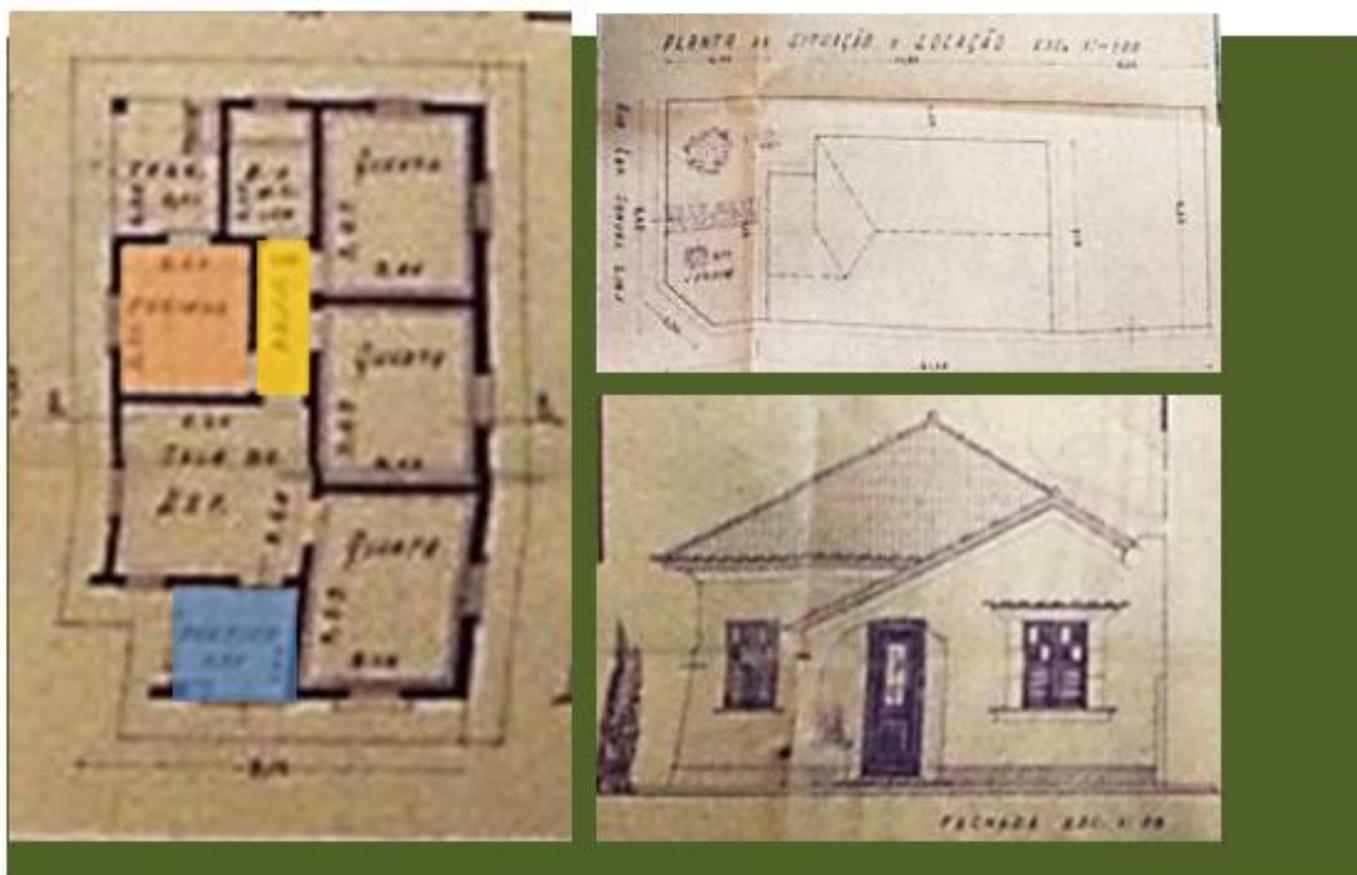


**APÊNDICE C – Ficha da amostragem de casas – década de 1950**

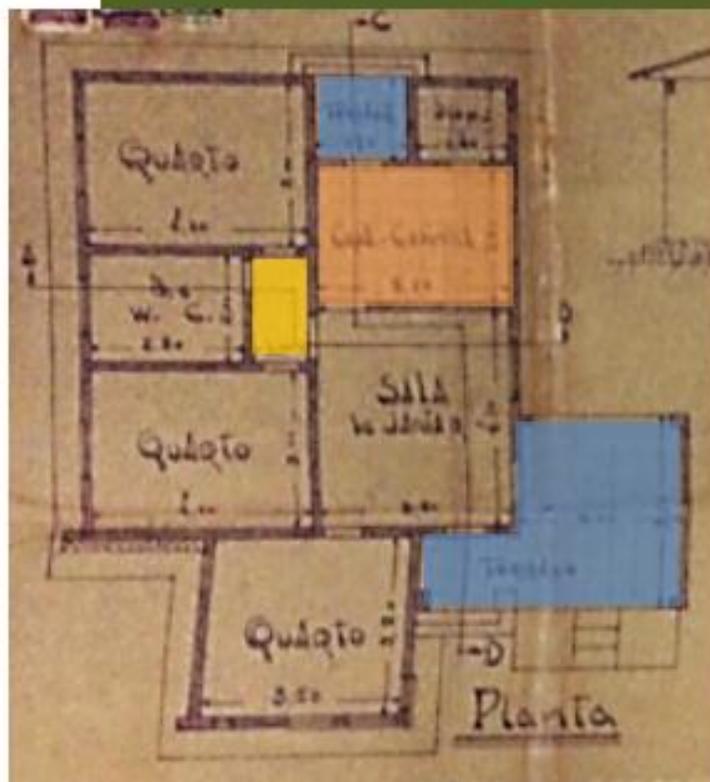
ANO: 1950	LOCAL: AVENIDA PARÁ	PROJETO: ENG. ALOÍSIO FREITAS MELRO	16				
PROC N° 5004	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO	<span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA	<span style="color: purple;">■</span> ESTAR	<span style="color: red;">■</span> GABINETE	<span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO	<span style="color: green;">■</span> JARDIM



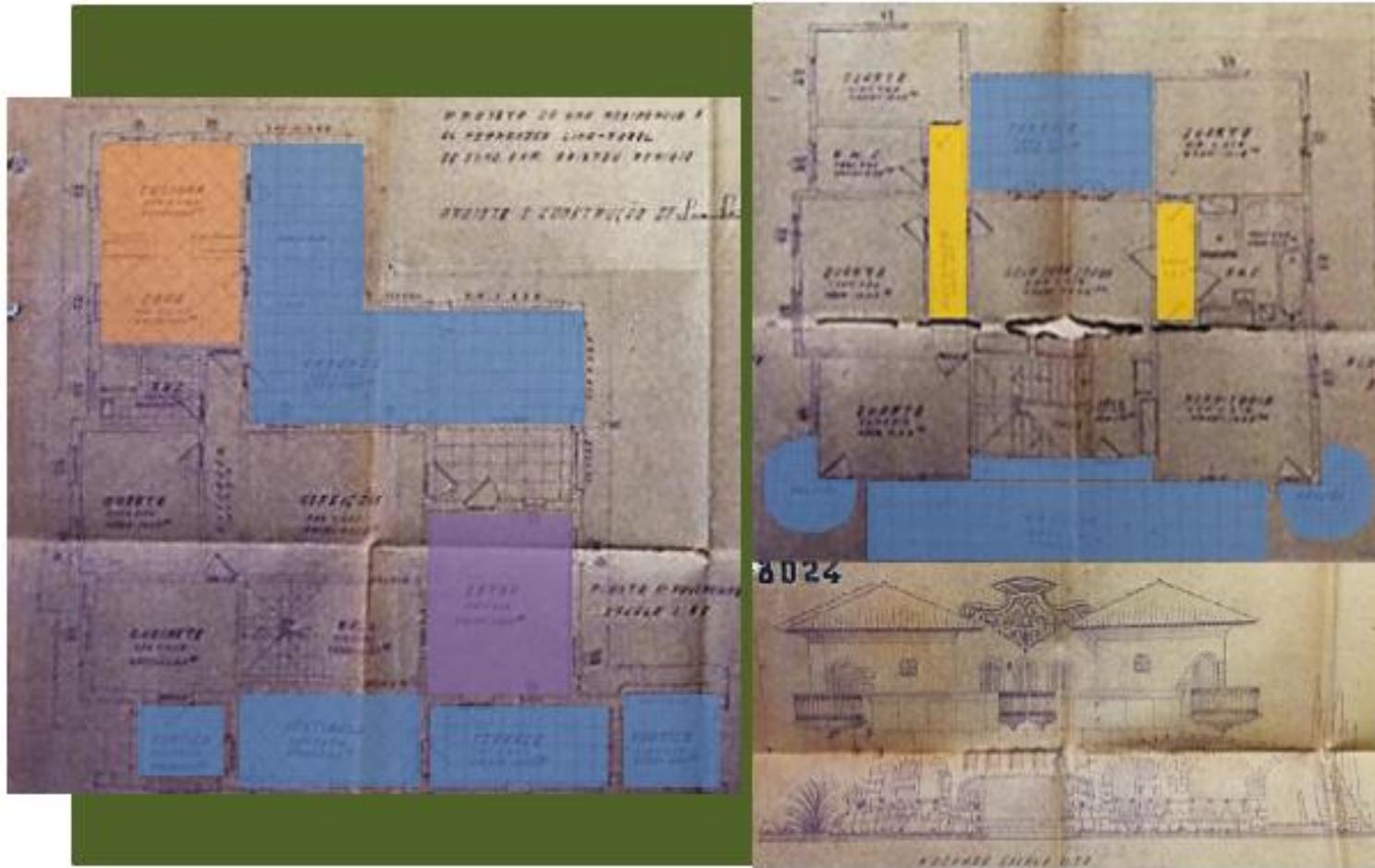
ANO: 1950	LOCAL: RUA CAP. SAMUEL LINS	PROJETO: ENG. LUIS OITICICA	17
PROC N° 6047	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



ANO: 1950	LOCAL: RUA JOAQUIM NABUCO	PROJETO: ENG. TALVANES BARROS	18
PROC N° 7082	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	

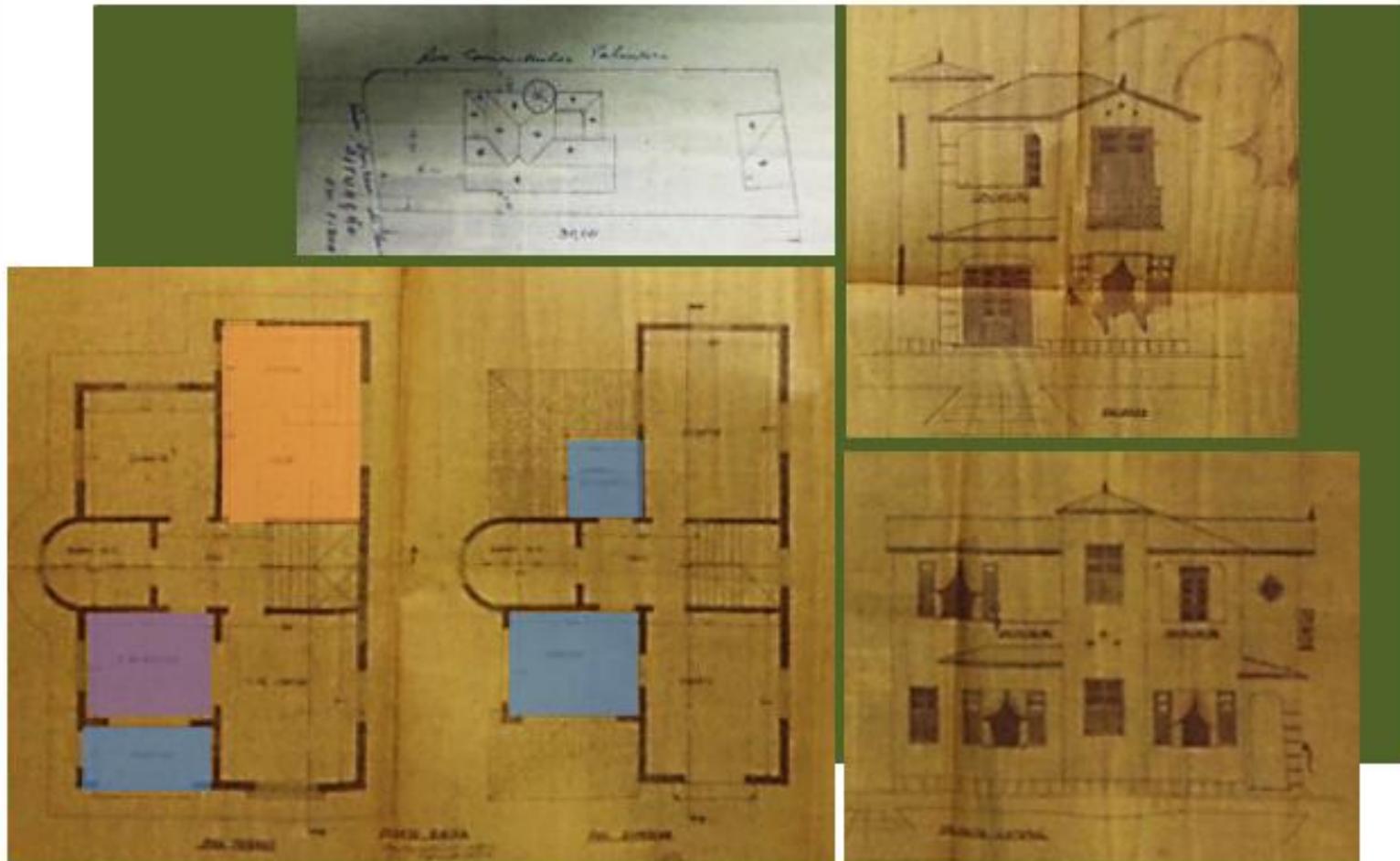


ANO: 1951	LOCAL: AVENIDA FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. LUIS OITICICA	19
PROC N° 8024	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	

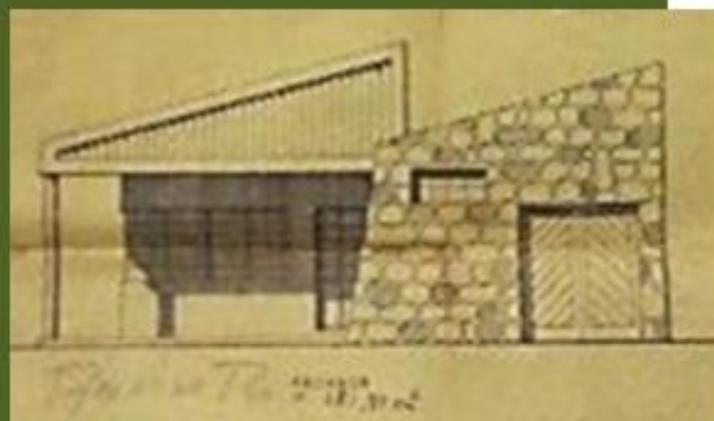
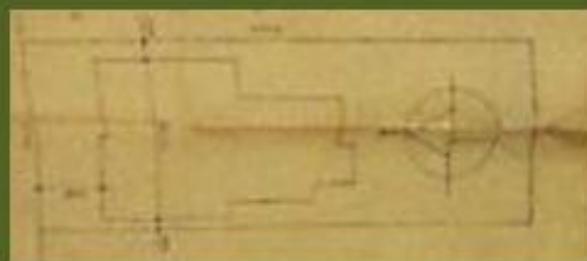
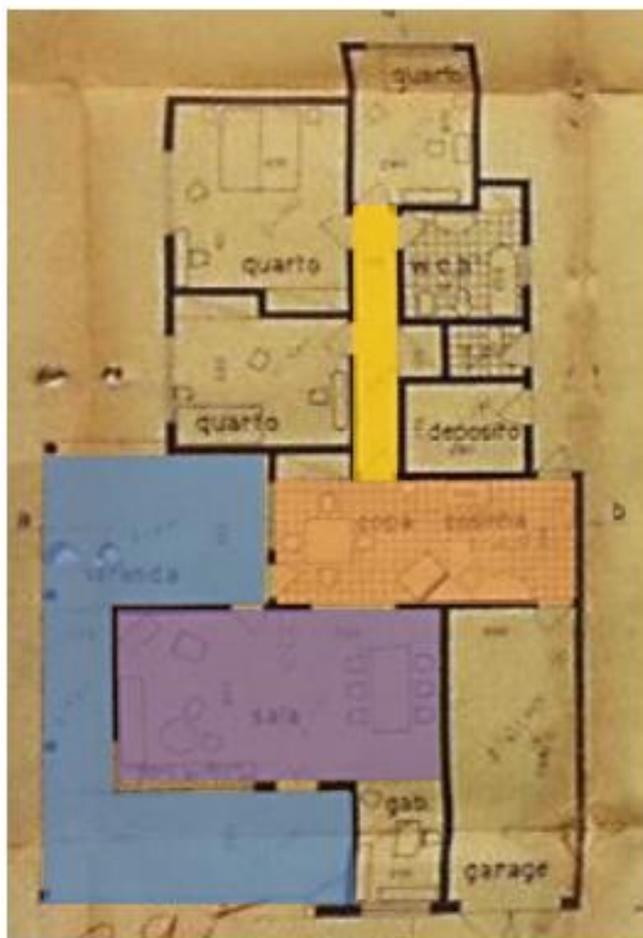




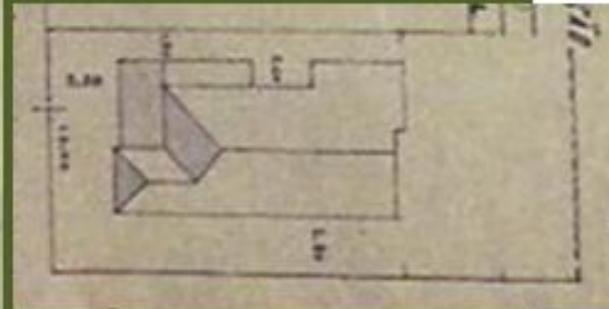
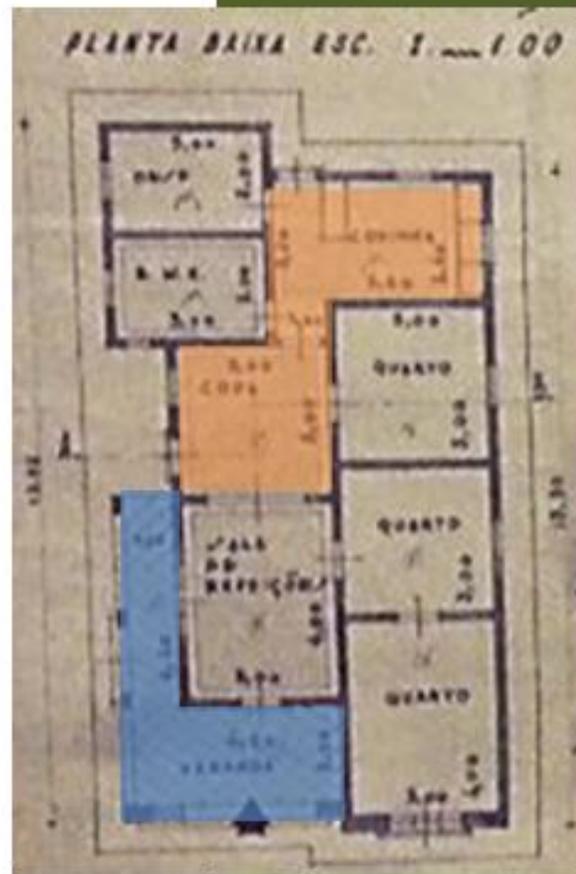
ANO: 1953	LOCAL: RUA ARISTEU DE ANDRADE	PROJETO: ENG. EVERALDO CASTRO	21
PROC N° 84	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



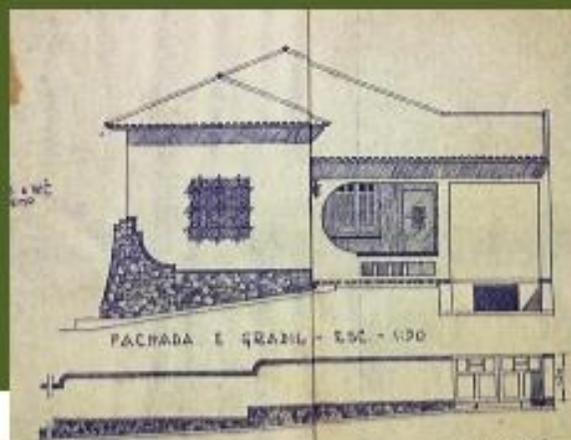
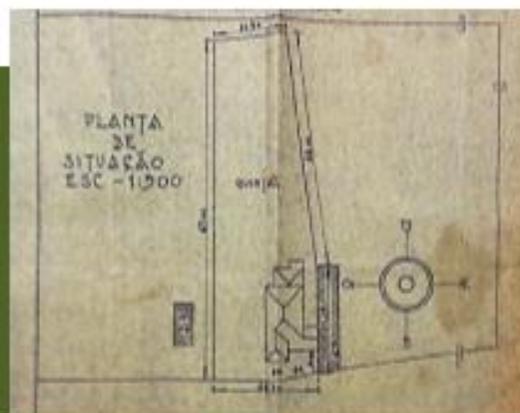
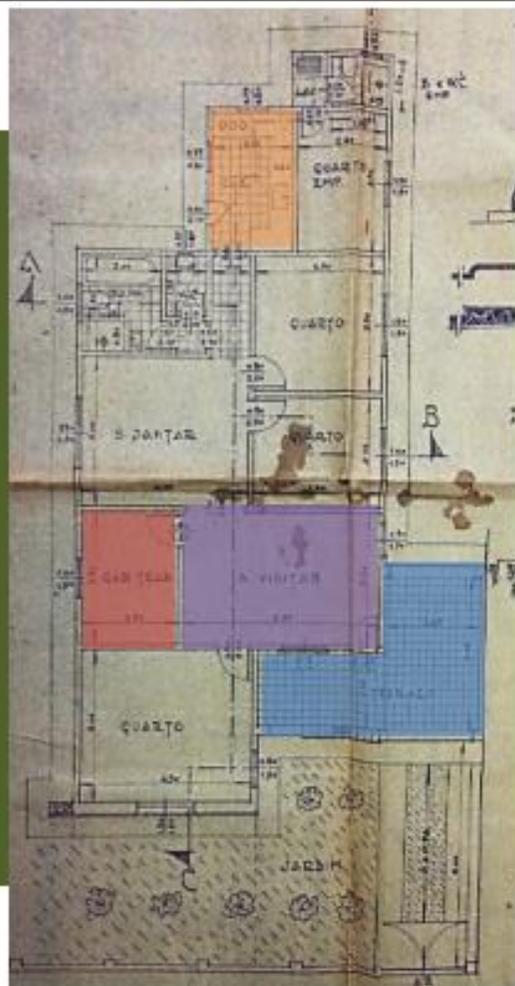
ANO: 1953	LOCAL: RUA JOAQUIM NABUCO	PROJETO: ARQ. ANSELMO BOTELHO	22
PROC N° 293	LEGENDA: <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #4a86e8; border: 1px solid black; margin-right: 5px;"></span> TERRAÇO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #f4a460; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> COZINHA/COPA <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #8e7cc3; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> ESTAR <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #e74c3c; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> GABINETE <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #f1c40f; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #8bc34a; border: 1px solid black; margin-left: 10px;"></span> JARDIM		



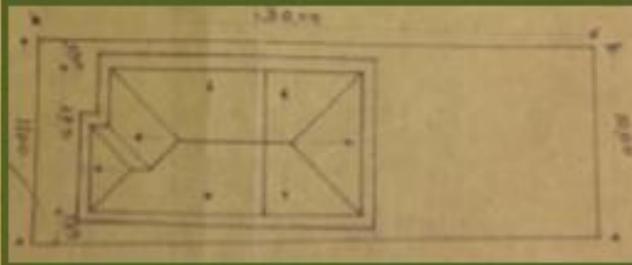
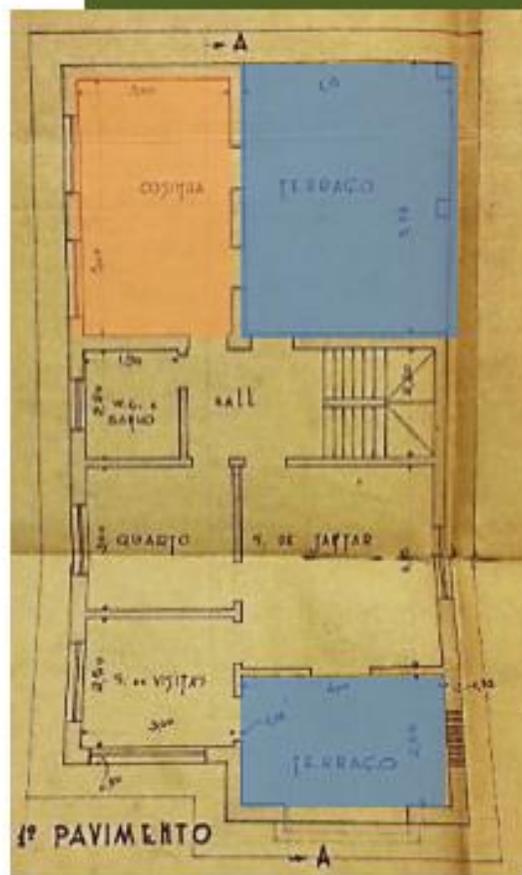
ANO: 1953	LOCAL: TRAVESSA FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. LUIS OITICICA	23
PROC Nº: 24	LEGENDA: <span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #ADD8E6; border: 1px solid black; margin-right: 5px;"></span> TERRAÇO <span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #FFDAB9; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> COZINHA/COPA <span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #9370DB; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> ESTAR <span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #DC143C; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> GABINETE <span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #FFFF00; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="display: inline-block; width: 10px; height: 10px; background-color: #90EE90; border: 1px solid black; margin-left: 10px;"></span> JARDIM		



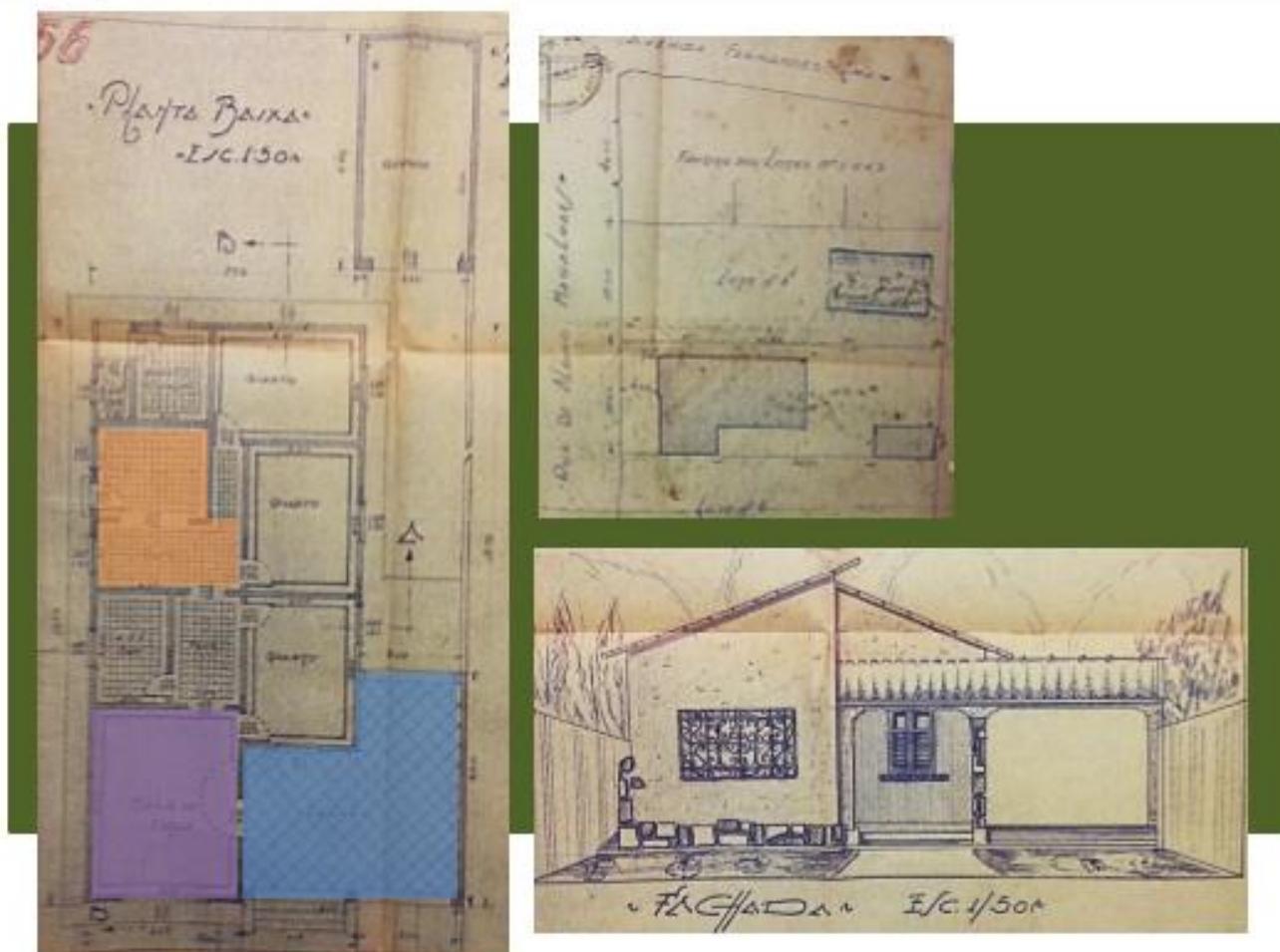
ANO: 1952	LOCAL: RUA FREI CANECA	PROJETO: ENG. ARQ. MANOEL MESSIAS DE GUSMÃO	24				
PROC. Nº 270	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO	<span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA	<span style="color: purple;">■</span> ESTAR	<span style="color: red;">■</span> GABINETE	<span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO	<span style="color: green;">■</span> JARDIM



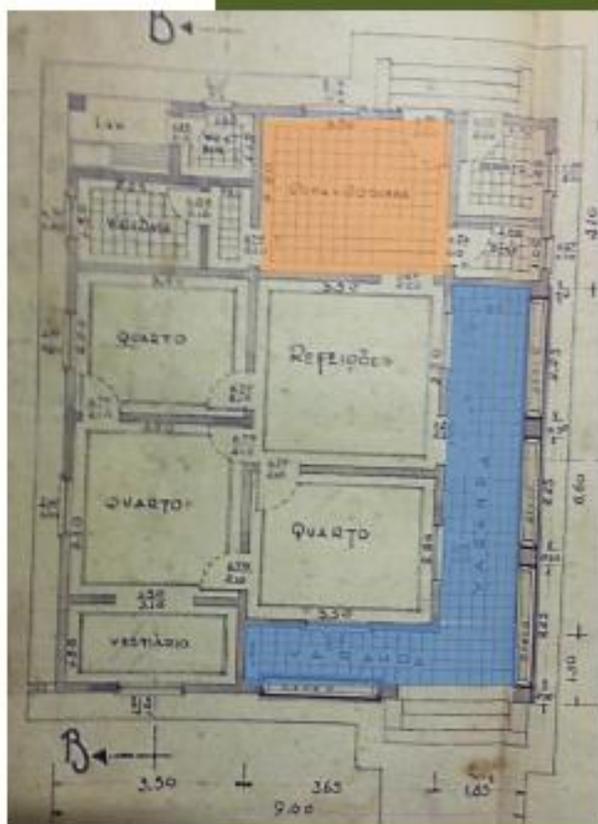
ANO: 1952	LOCAL: RUA ARISTEU DE ANDRADE	PROJETO: ENG. EVERALDO CASTRO	25
PROC N°261	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



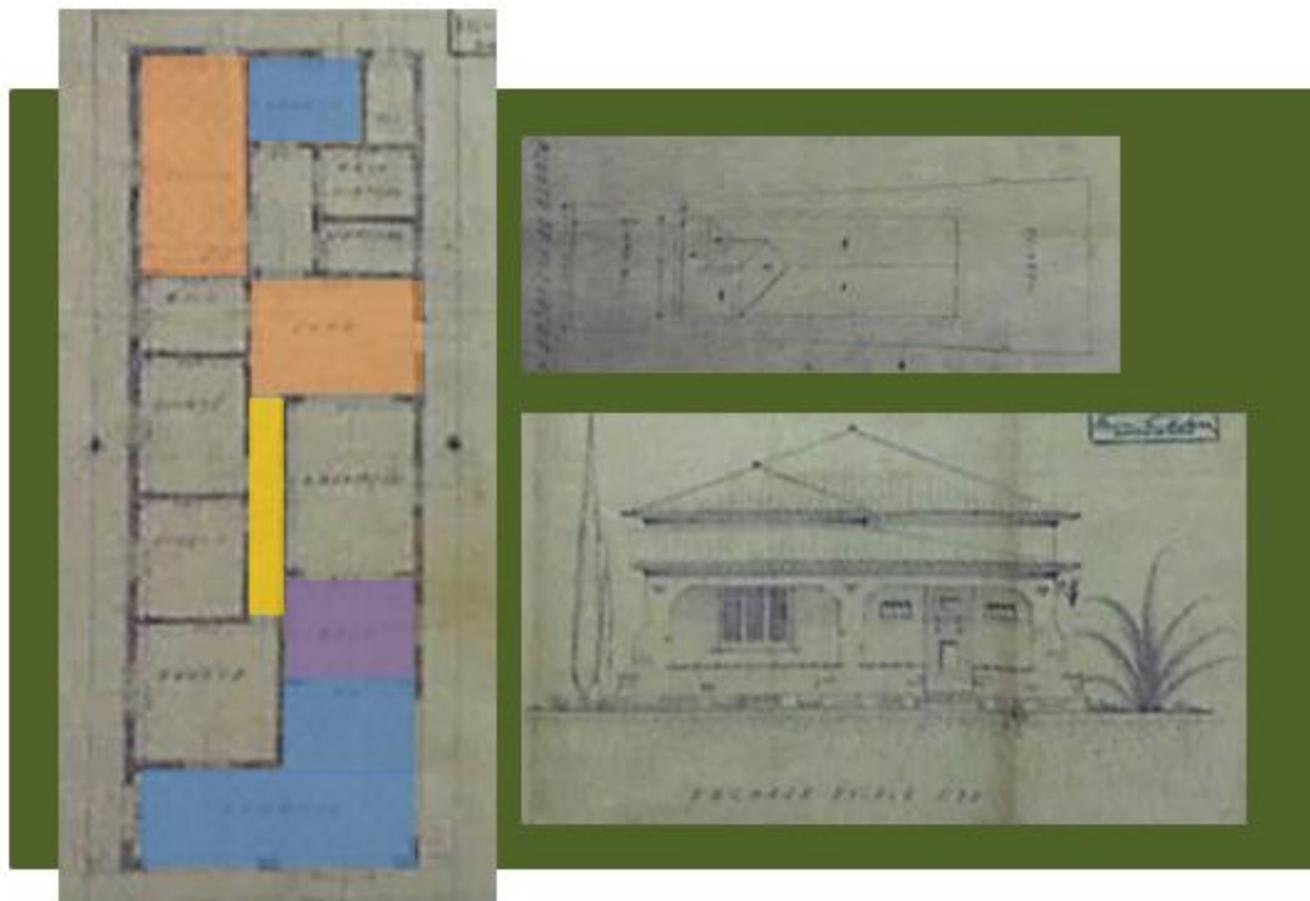
ANO: 1954	LOCAL: RUA ALBINO MAGALHÃES	PROJETO: ENG. M. MOURÃO	26
PROC N° 158	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



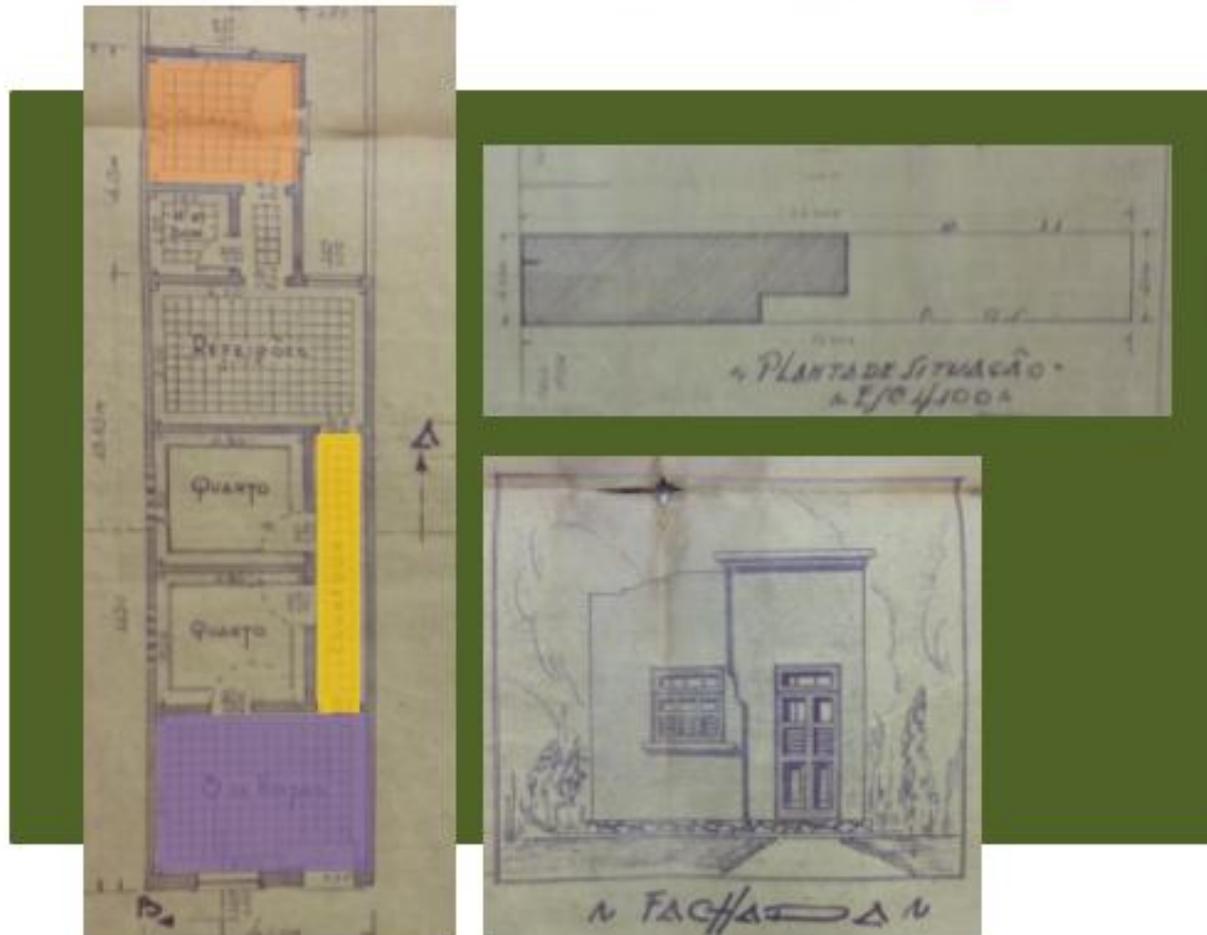
ANO: 1953	LOCAL: RUA MIGUEL PALMEIRA	PROJETO: ENG. DEMÓCRITO BARROCA	27
PROC N° 297	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



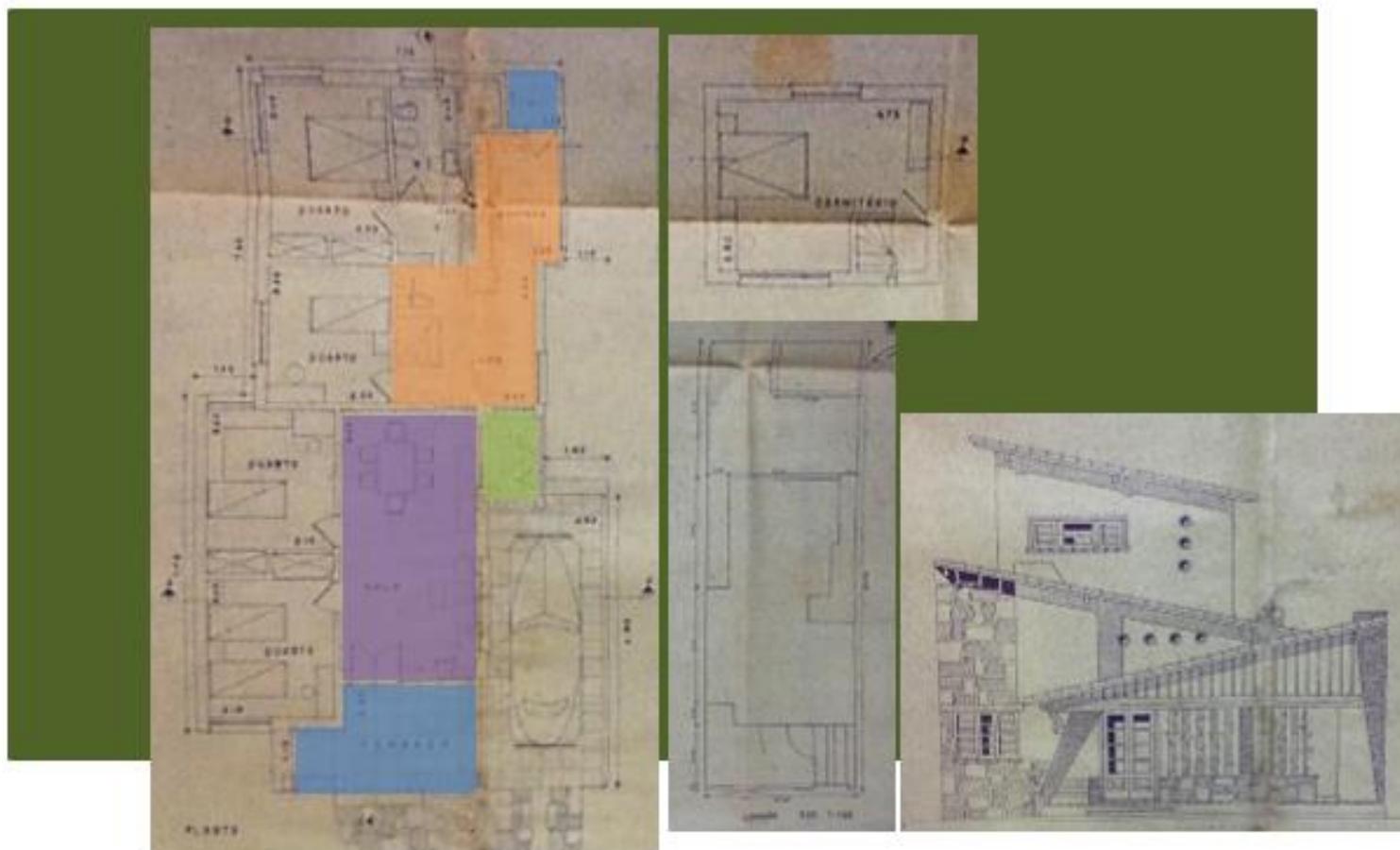
ANO: 1953	LOCAL: RUA PRINCESA ISABEL	PROJETO: ENG. TALVANES BARROS	28
PROC Nº 278	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



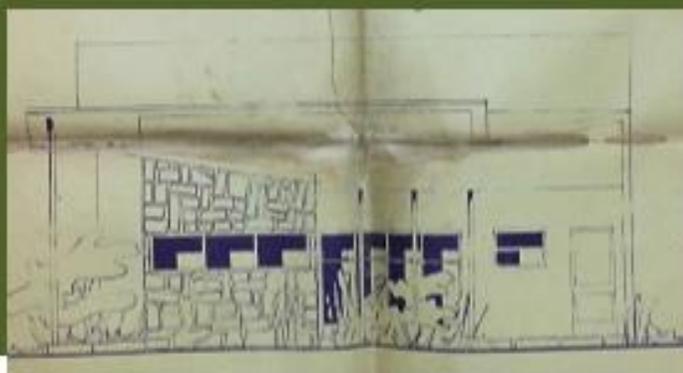
ANO: 1953	LOCAL: RUA AMBRÓSIO LIRA	PROJETO: ENG. DINÉSIO CHAGAS	29
PROC Nº 117	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



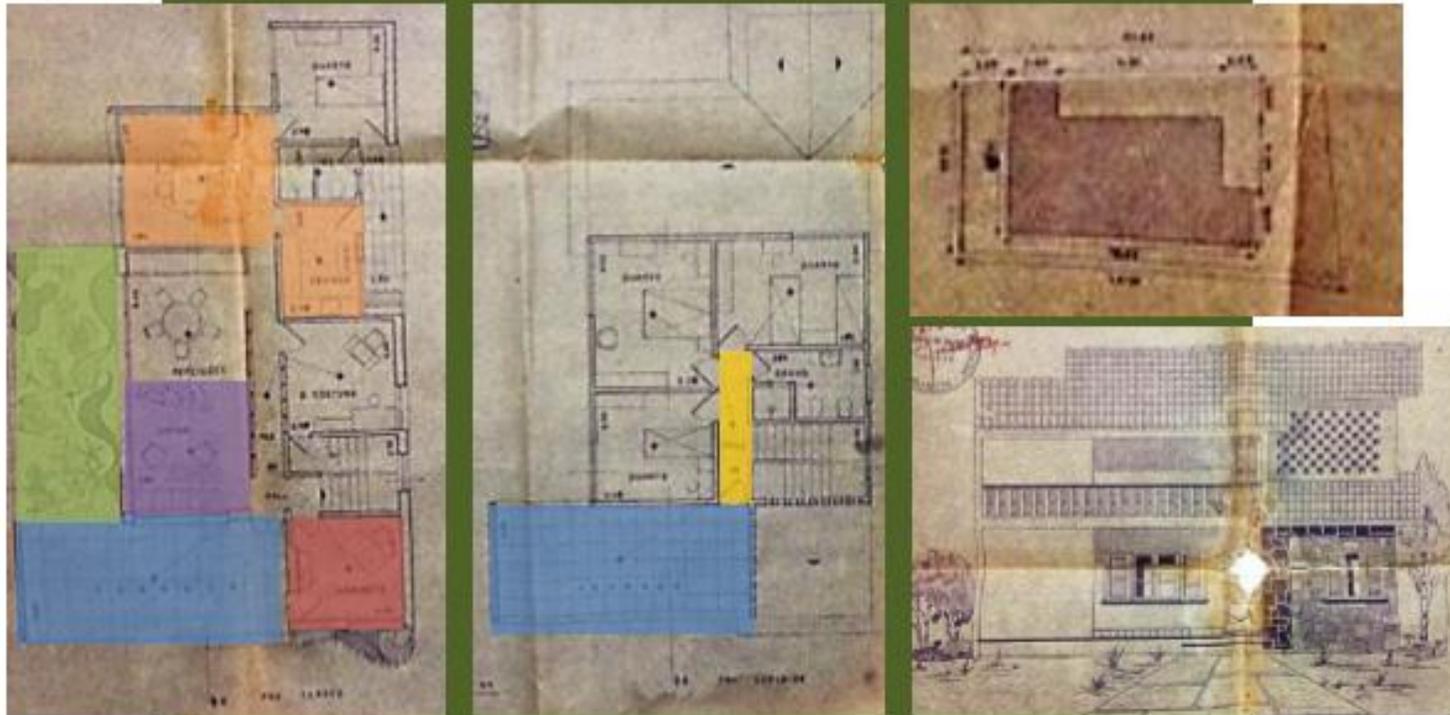
ANO: 1953	LOCAL: RUA IPIRANGA	PROJETO: ENG. MANFREDO PERDIGÃO	30				
PROC N° 218	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



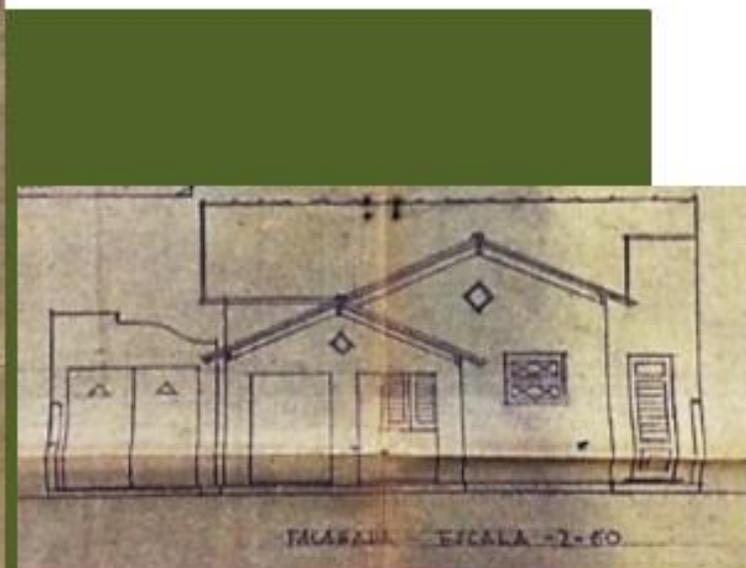
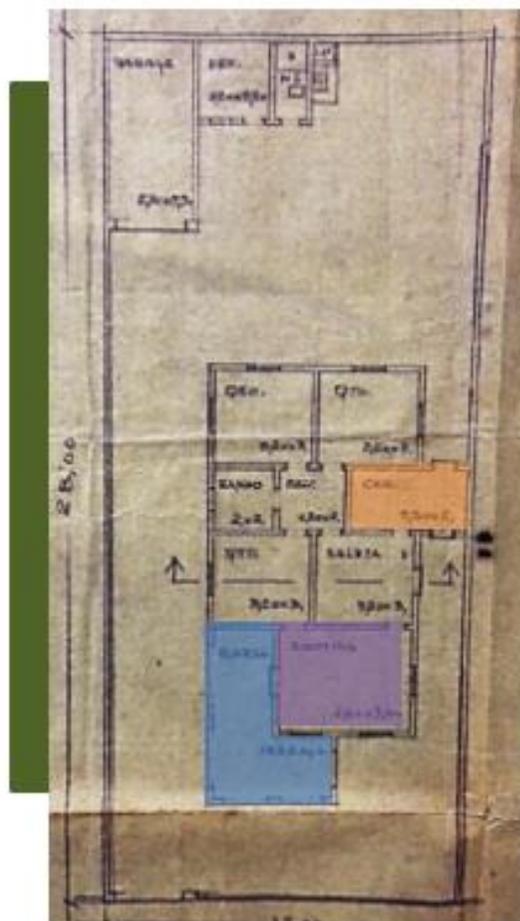
ANO: 1954	LOCAL: RUA ALBINO MAGALHÃES	PROJETO: ENG. CLÓVIS CALHEIROS/PROJ. JOSÉ NOBRE 31
PROC N° 119	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



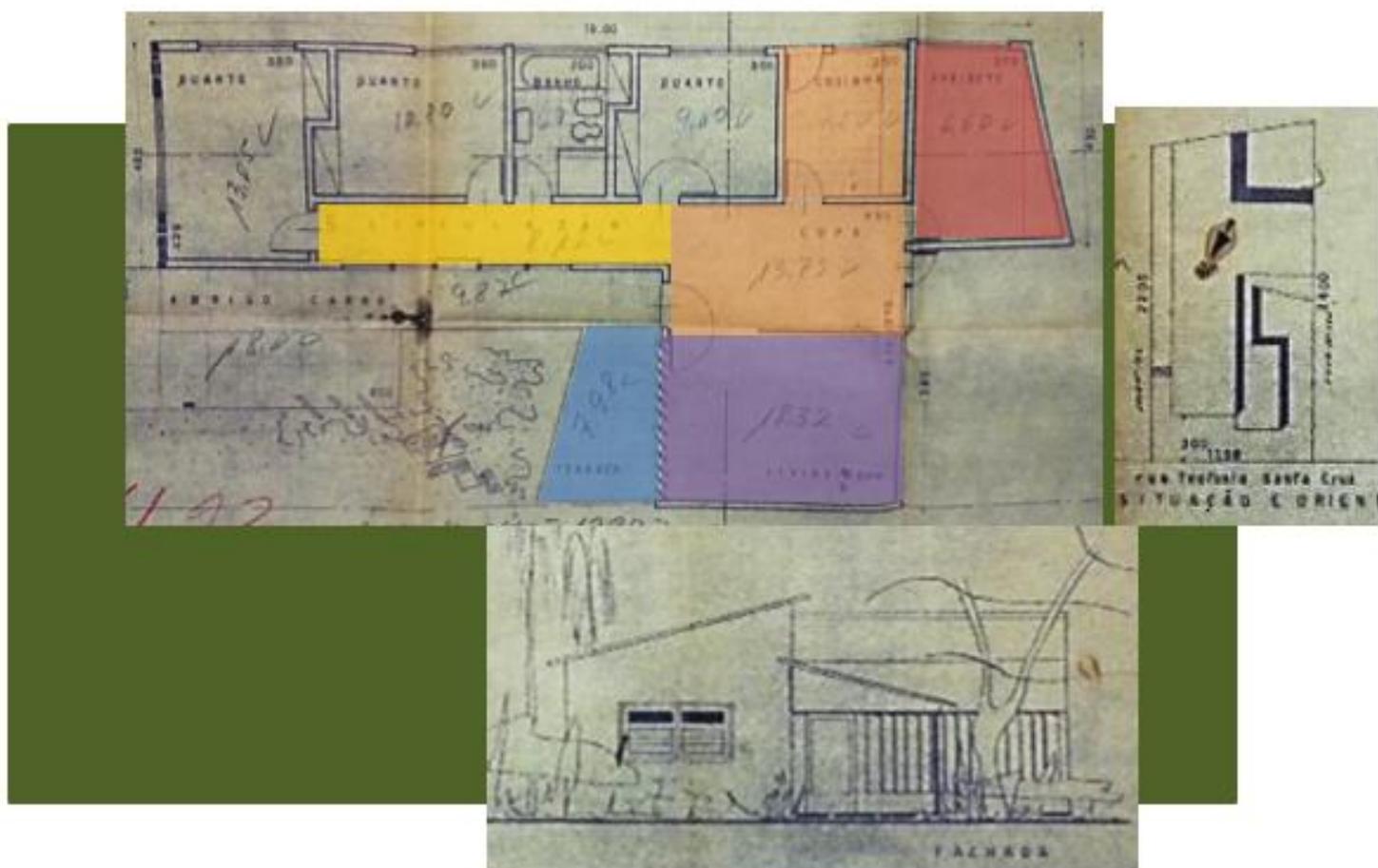
ANO: 1954	LOCAL: RUA SANTA CRUZ	PROJETO: ENG. LUIS WANDERLEY ALVES	32				
PROC N° 99	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



ANO: 1952	LOCAL: RUA DESEMBARGADOR TENÓRIO	PROJETO: ENG. MANFREDO PERDIGÃO / WALBREDA	33
PROC N° 155	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



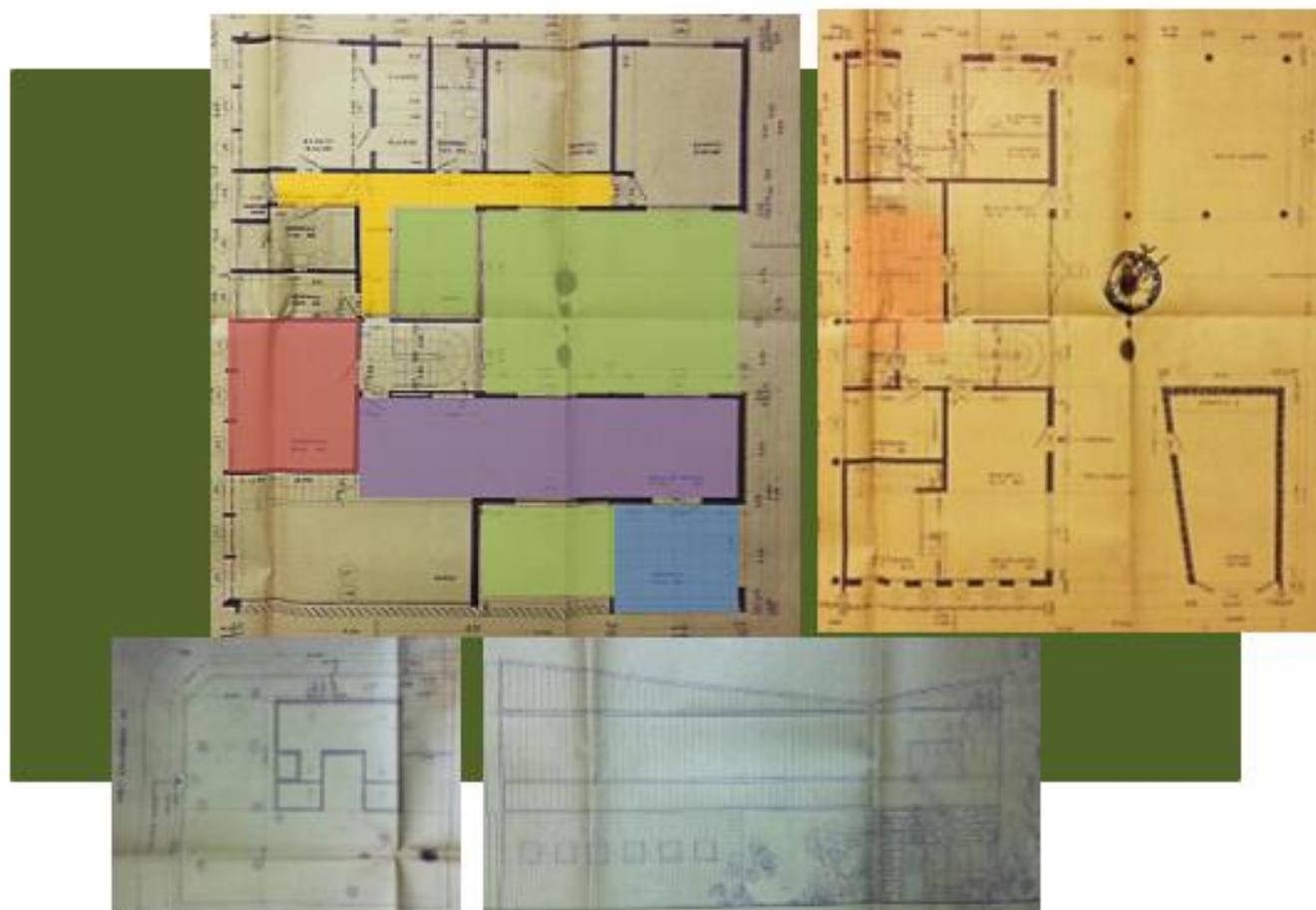
ANO: 1958	LOCAL: RUA SANTA CRUZ	PROJETO: ENG. DEMÓCRITO BARROCA	34
PROC Nº: 423	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



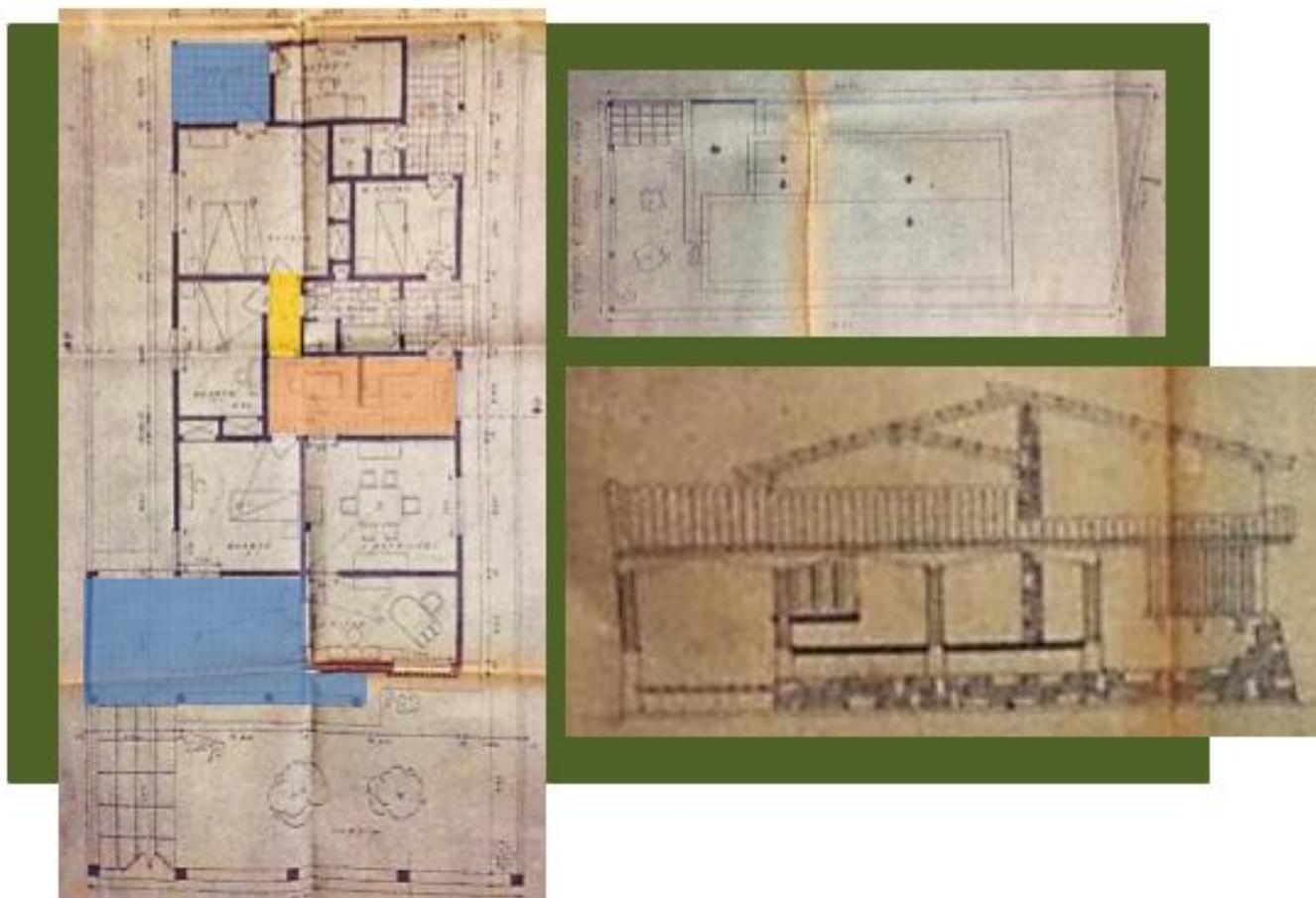
ANO: 1952	LOCAL: TRAVESSA FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. LUIS OITICICA	35
PROC N° 199	LEGENDA:	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #ADD8E6; border: 1px solid black;"></span> TERRAÇO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #FFDAB9; border: 1px solid black;"></span> COZINHA/COPA <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #9370DB; border: 1px solid black;"></span> ESTAR <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #F08080; border: 1px solid black;"></span> GABINETE <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #FFFF00; border: 1px solid black;"></span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #90EE90; border: 1px solid black;"></span> JARDIM	



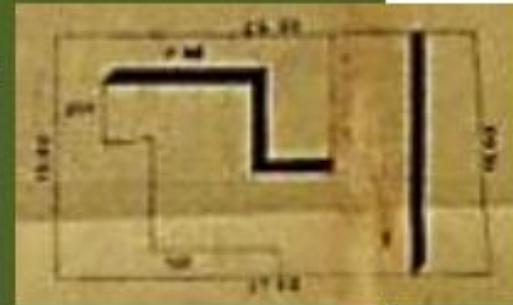
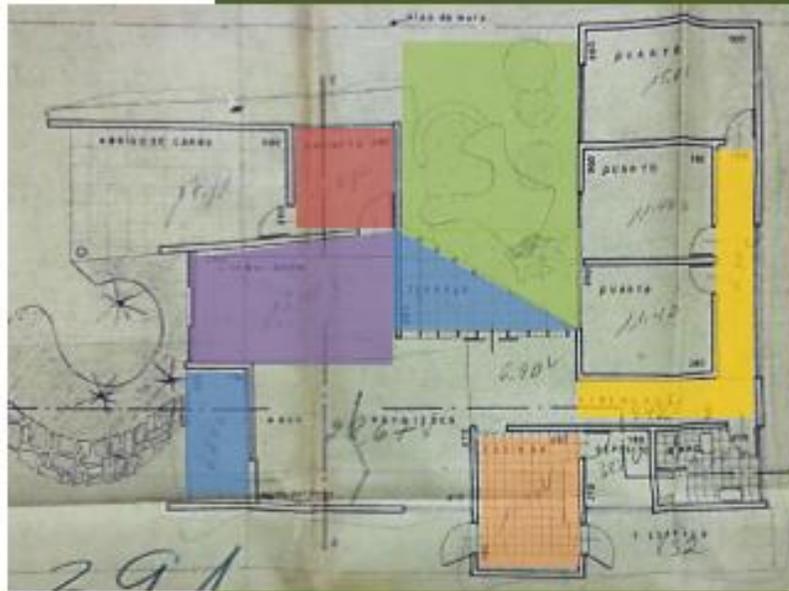
ANO: 1952	LOCAL: AV. FERNANDES LIMA	PROJETO: ARQ. LYGIA FERNANDES	36
PROC N° 168	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



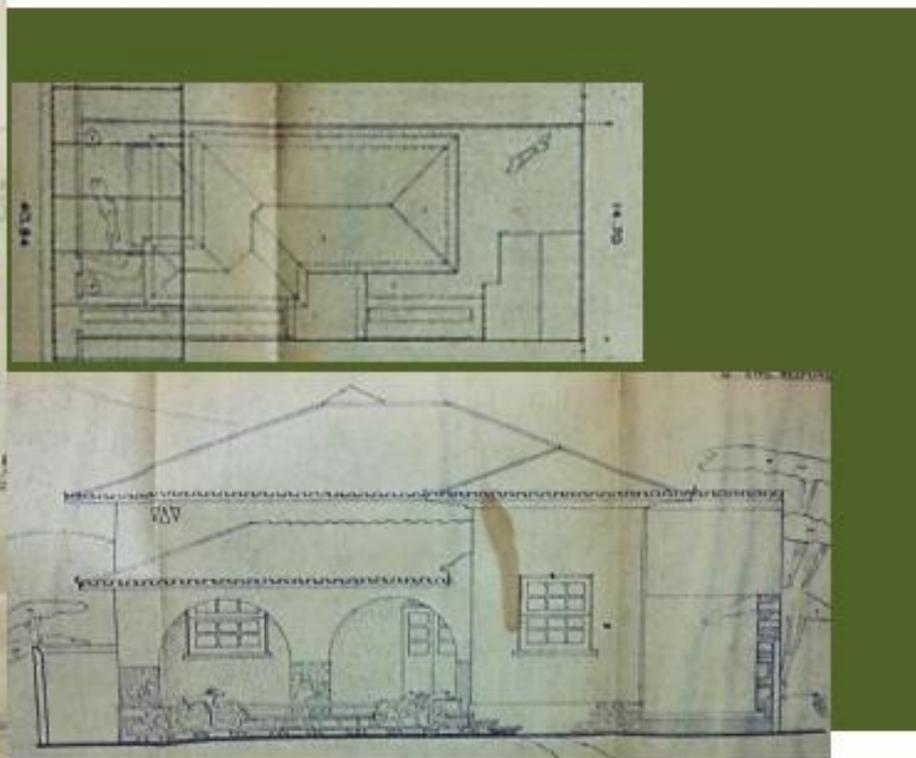
ANO: 1952	LOCAL: RUA ALCEBIÁDES VALENTE	PROJETO: ENG. TALVANES BARROS	37				
PROC Nº 178	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



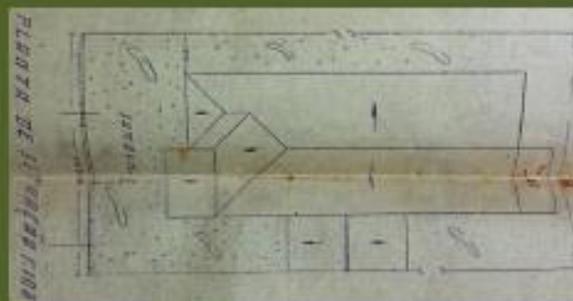
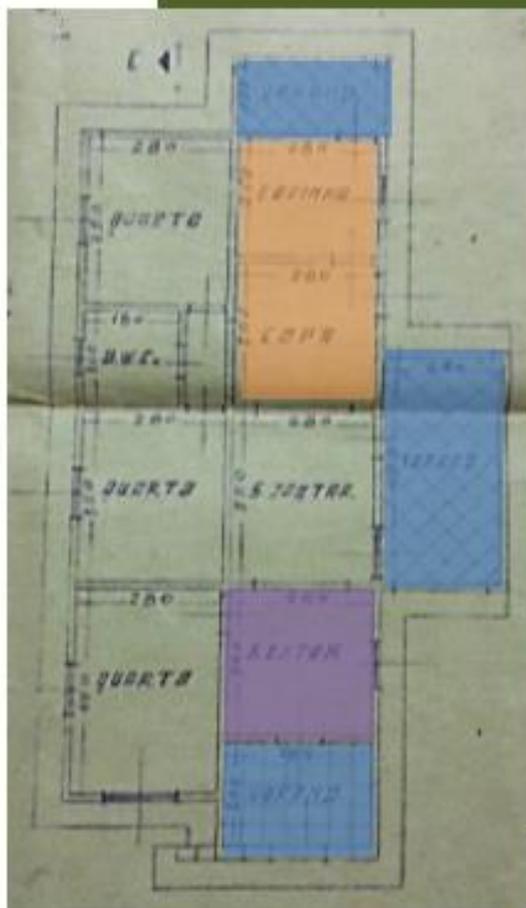
ANO: 1958	LOCAL: AVENIDA TOMÁS ESPÍNDOLA	PROJETO: ENG. ESDRAS SURUAGY	38
PROC N° 391	LEGENDA: <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #4a86e8; border: 1px solid black; margin-right: 5px;"></span> TERRAÇO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #ff9966; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> COZINHA/COPA <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #8e7cc3; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> ESTAR <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #e74c3c; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> GABINETE <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #f1c40f; border: 1px solid black; margin-right: 5px; margin-left: 10px;"></span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #90ee90; border: 1px solid black; margin-left: 10px;"></span> JARDIM		



ANO: 1952	LOCAL: AVENIDA PARÁ	PROJETO: ENG. ARQ. MESSIAS DE GUSMÃO	39
PROC N° 112	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



ANO: 1958	LOCAL: RUA PARAGUASSÚ	PROJETO: ENG. ANTÔNIO ARAÚJO SILVA	40
PROC N°: 146	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



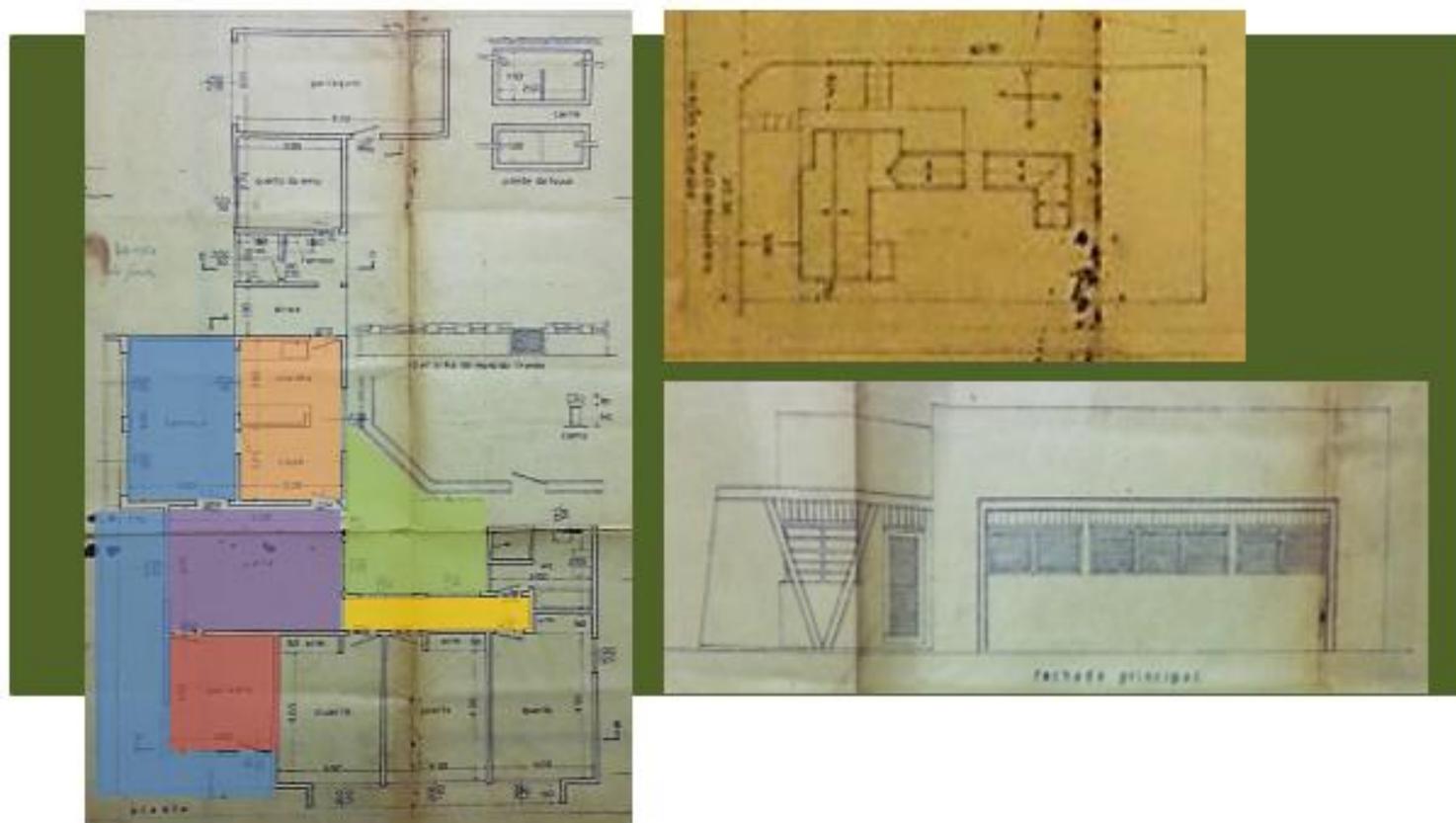
ANO: 1955	LOCAL: RUA SANTA RITA	PROJETO: ENG. CARLOS ALBERTO P. DE FIGUEREDO	41				
PROC N° 481	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



ANO: 1957	LOCAL: RUA ALCEBIADES VALENTE	PROJETO: ENG. ALOÍSIO FREITAS MELRO	42
PROC N° 217	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



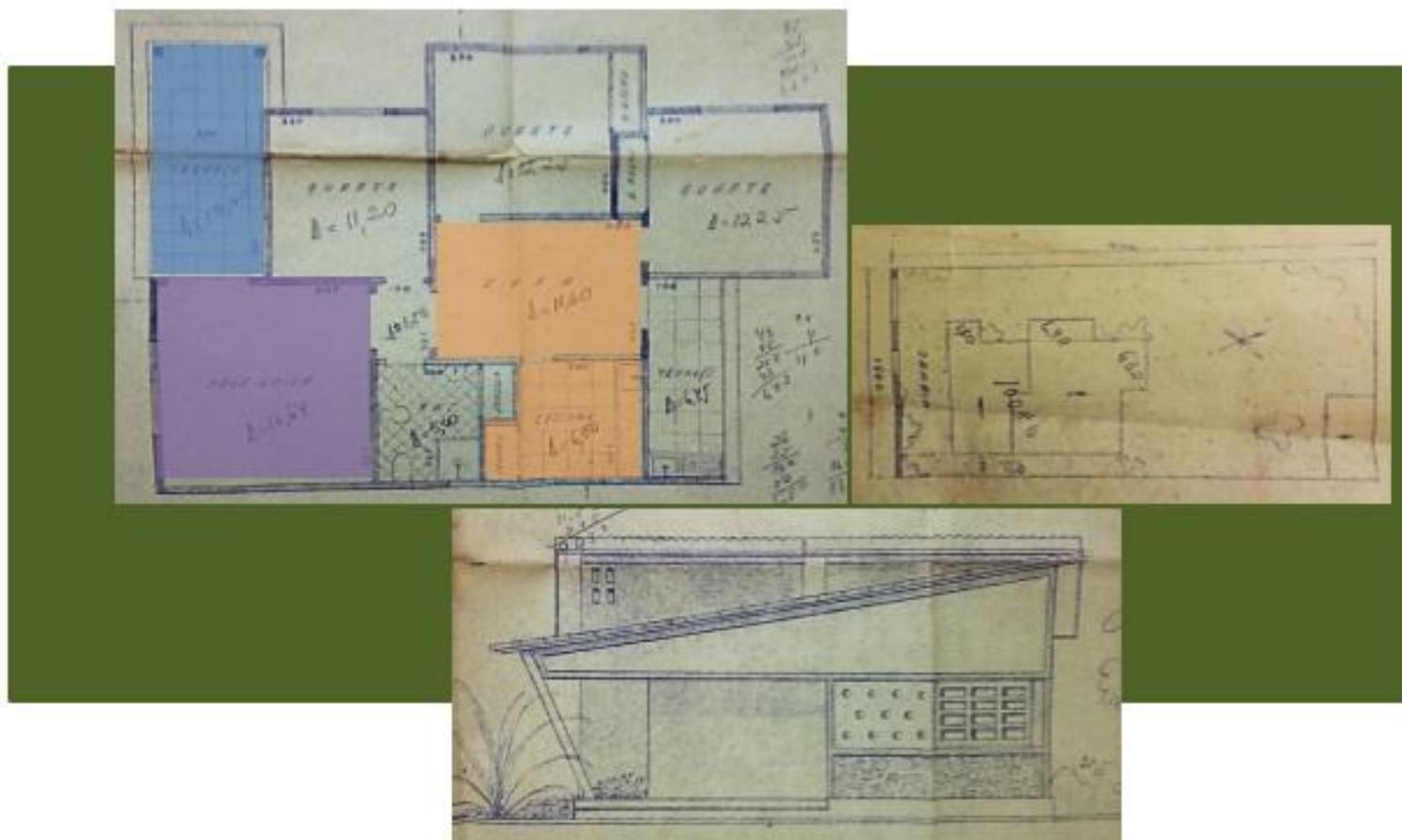
ANO: 1957	LOCAL: RUA 10 DE NOVEMBRO	PROJETO: ENG. OTHELO ARANHA	43
PROC N° 447	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



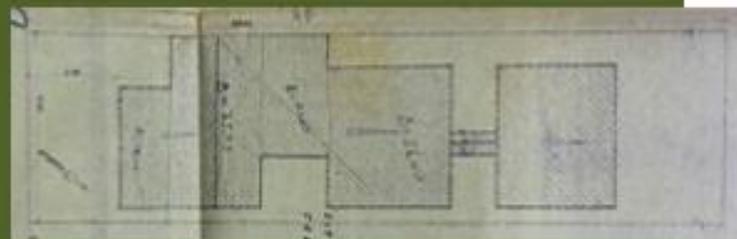
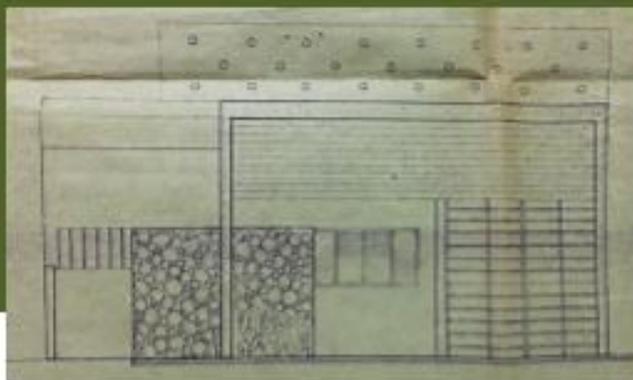
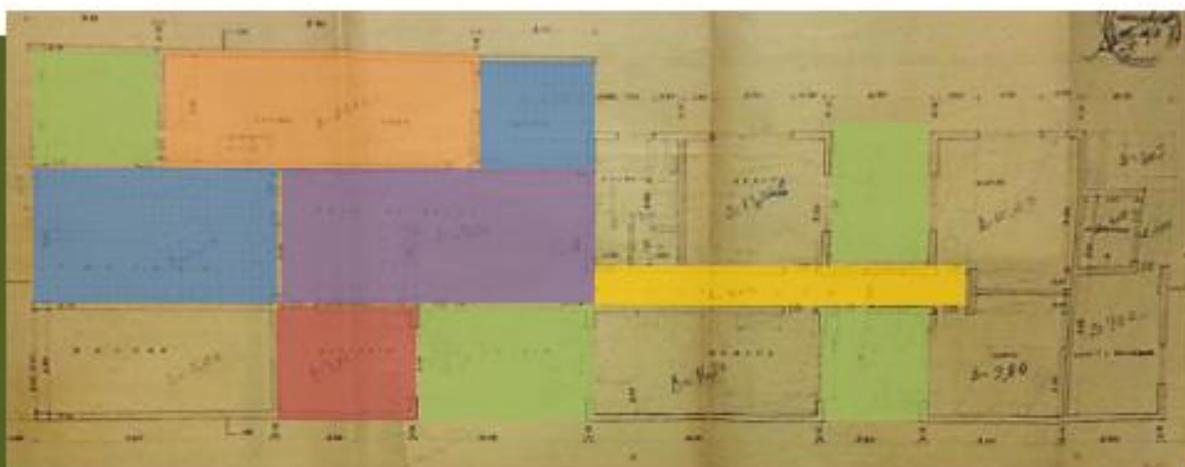
ANO: 1957	LOCAL: RUA BARÃO JOSÉ MIGUEL	PROJETO: ENG. LENINE MELO MOTA	44
PROC N° 489	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



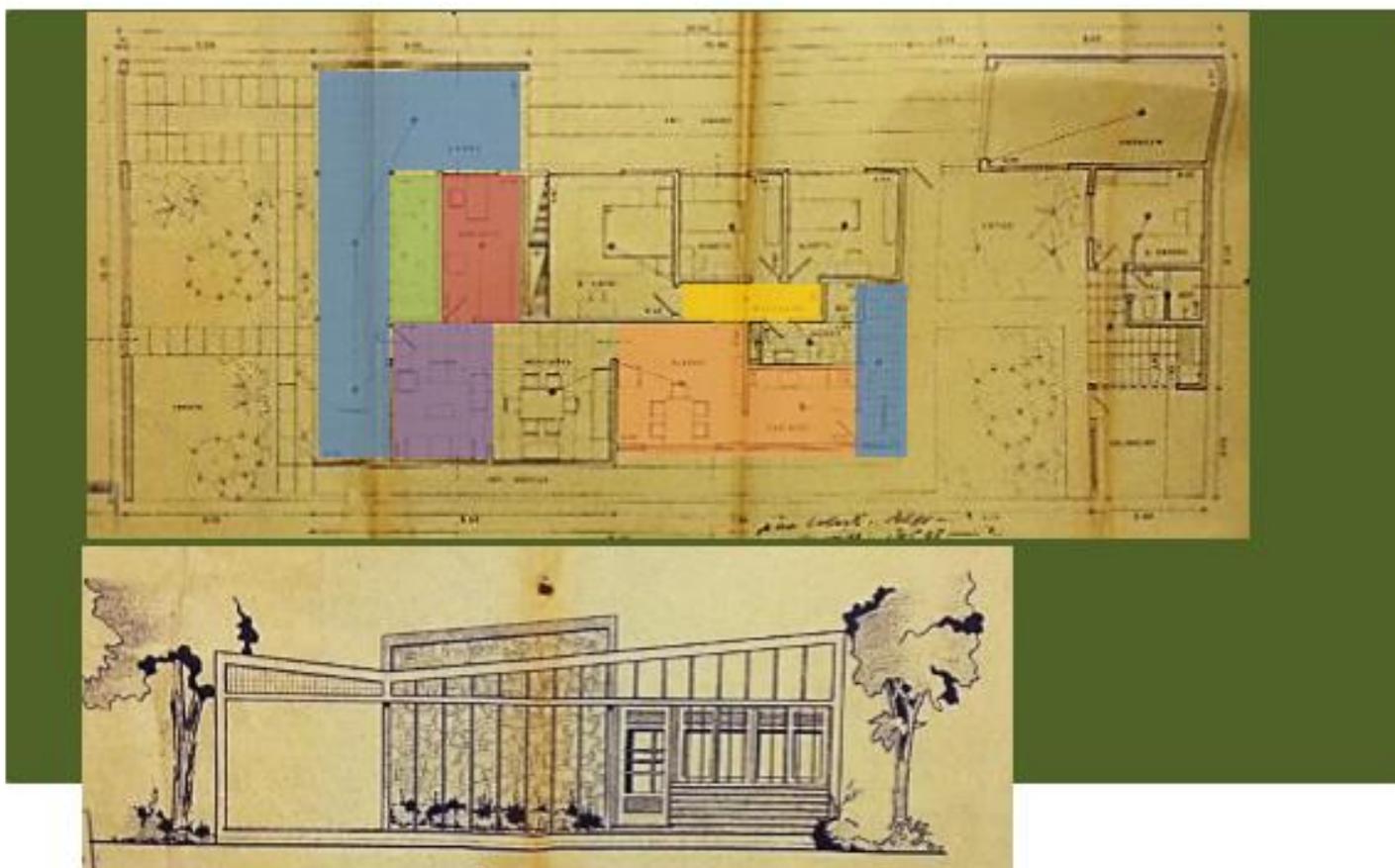
ANO: 1957	LOCAL: RUA BELO HORIZONTE	PROJETO: ENG. JORGE ARBAGE	45
PROC N° 512	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



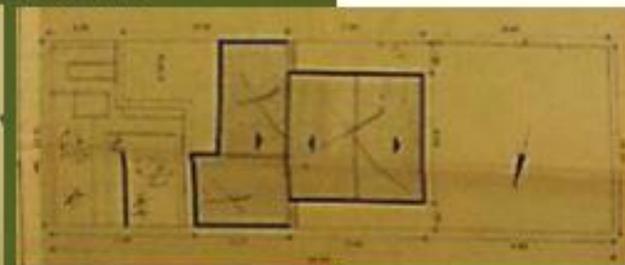
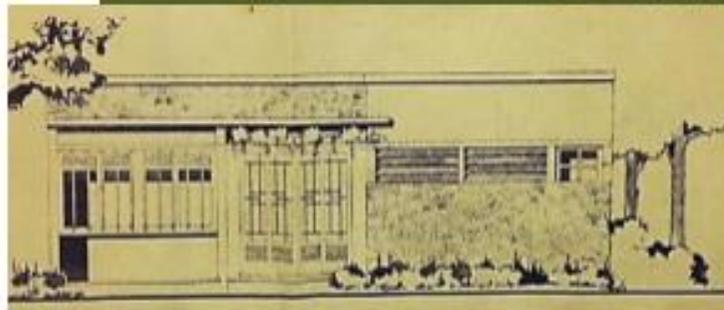
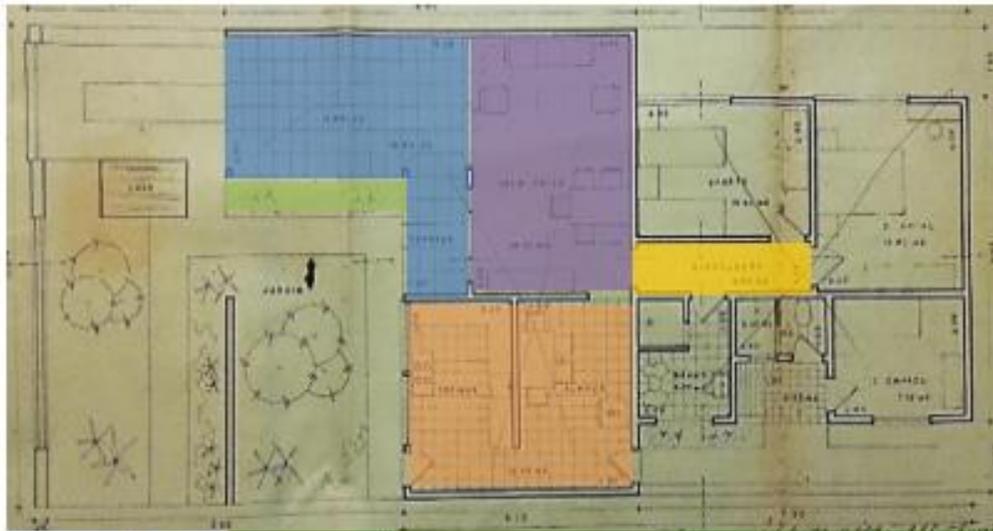
ANO: 1957	LOCAL: RUA IPIRANGA	PROJETO: ARQ. ZÉLIA MAIA NOBRE	46
PROC N° 218	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



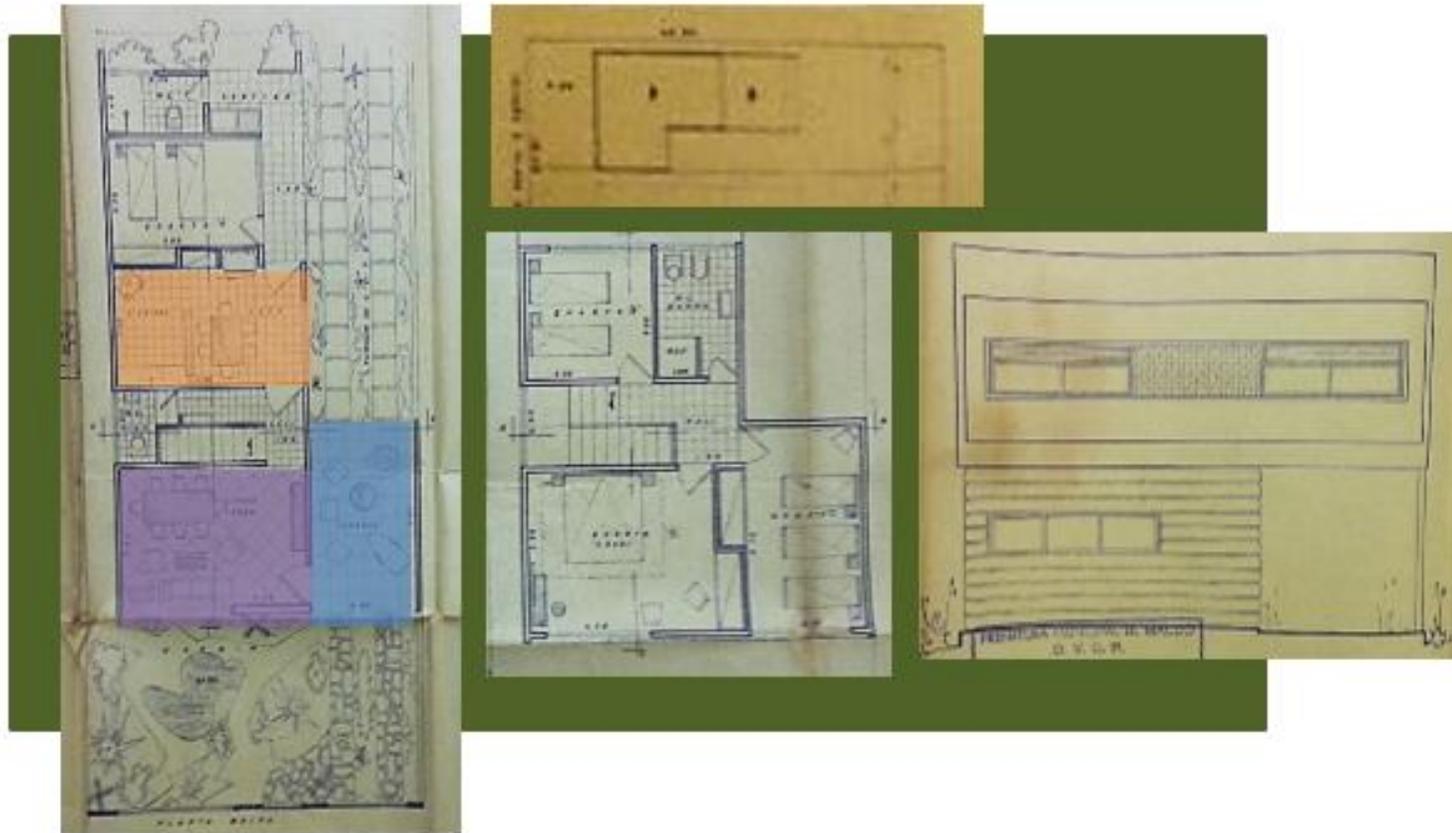
ANO: 1958	LOCAL: RUA SANTINO COUTINHO	PROJETO: ENG. MANOEL M. RAMALHO	47
PROC N° 602	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



ANO: 1958	LOCAL: RUA 25 DE JULHO	PROJETO: ENG. JALBAS TAVARES LIRA	48				
PROC N° 261	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



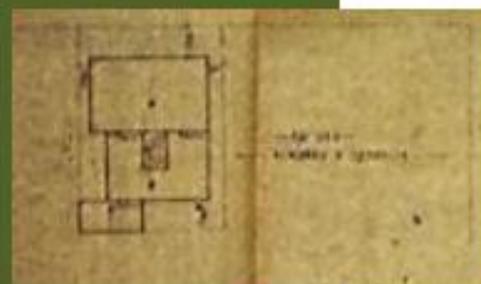
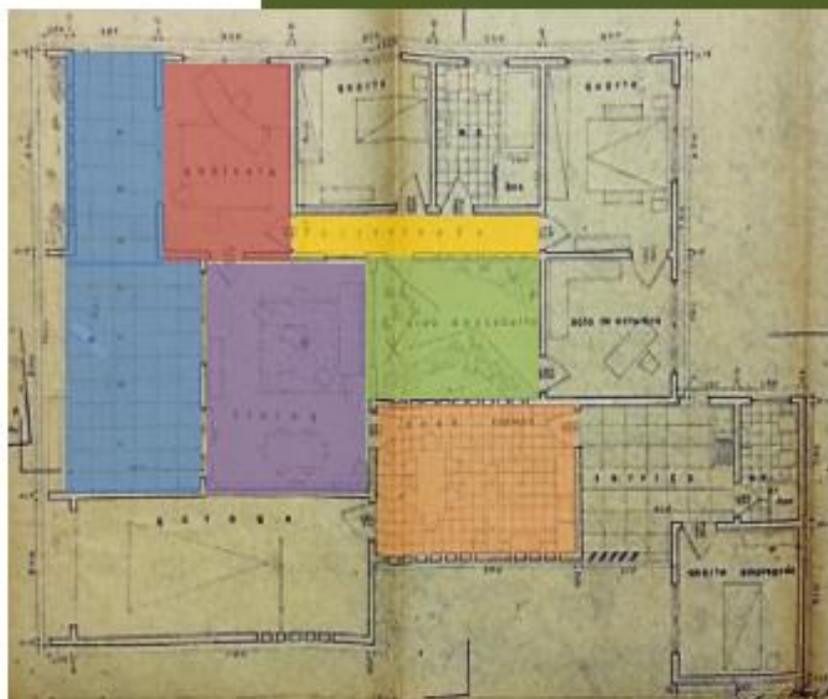
ANO: 1958	LOCAL: LOT. PACHECO RAMALHO	PROJETO: ENG. CARLOS GILBERTO ANDRADE LYRA	49
PROC N° 313	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



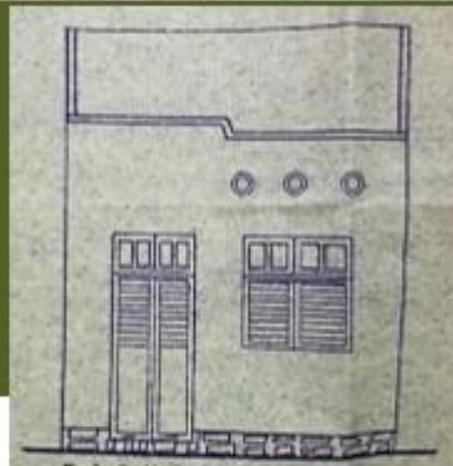
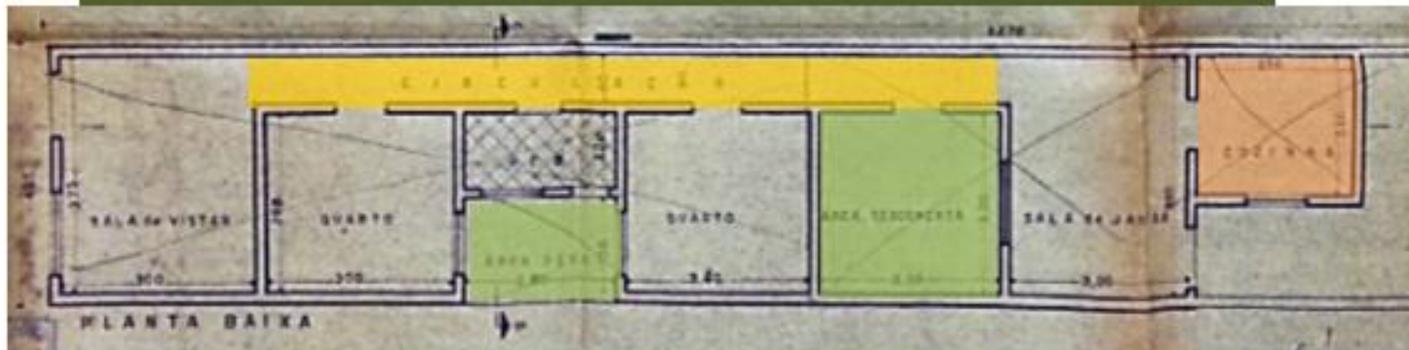
ANO: 1958	LOCAL: RUA SANTINO COUTINHO	PROJETO: ENG. CARLOS G. ANDRADE LYRA / EMACOL	50				
PROC N° 465	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



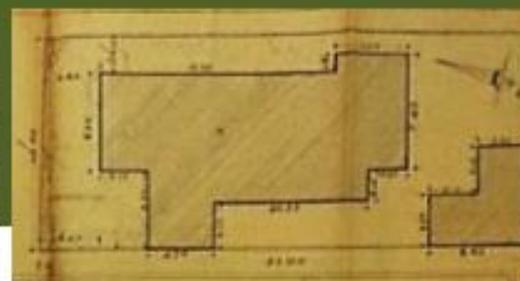
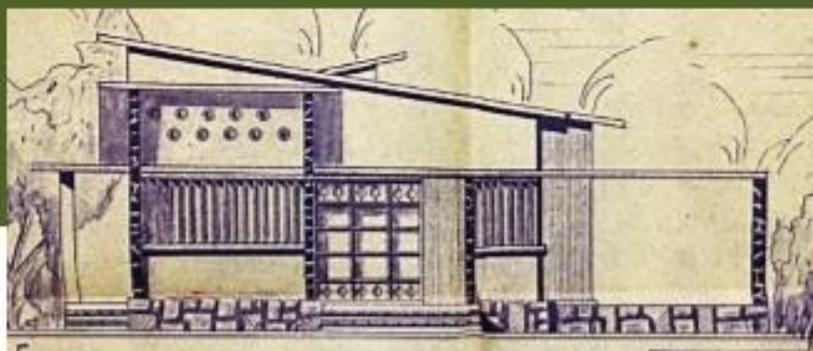
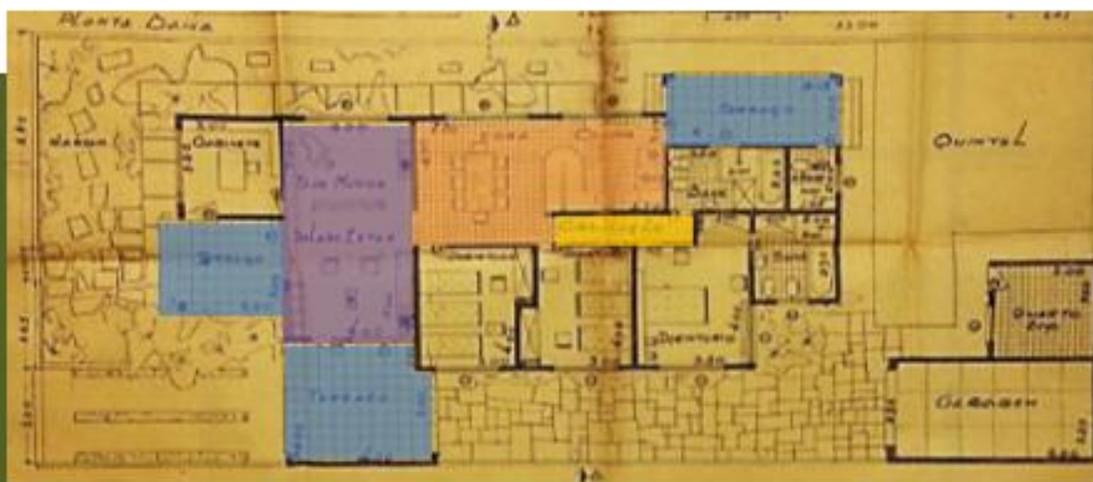
ANO: 1958	LOCAL: TRAVESSA FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. MANOEL M. RAMALHO	51		
PROC N° 603	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM				



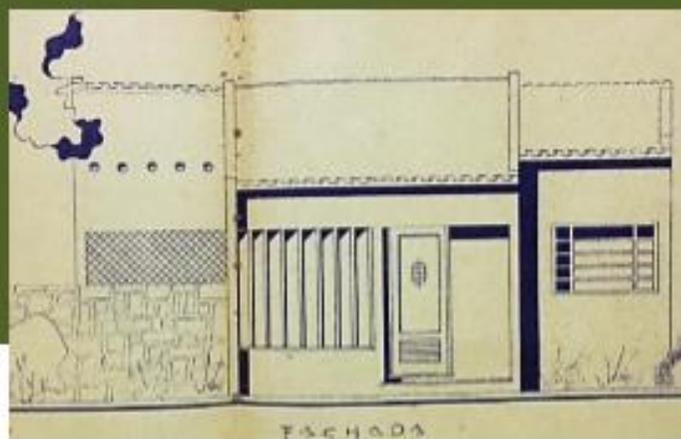
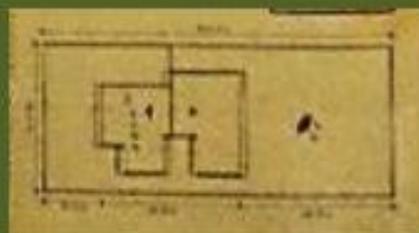
ANO: 1958	LOCAL: RUA OURO PRETO	PROJETO: ENG. IRMÃOS BARRETO	52
PROC Nº 47	LEGENDA:	<span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM	



ANO: 1959	LOCAL: TRAV. ANTÔNIO BRANDÃO	PROJETO: ARQ. JOFFRE SAINT-YVES SIMON	53
PROC N° 111	LEGENDA:  TERRAÇO  COZINHA/COPA  ESTAR  GABINETE  CORREDOR ÍNTIMO  JARDIM		



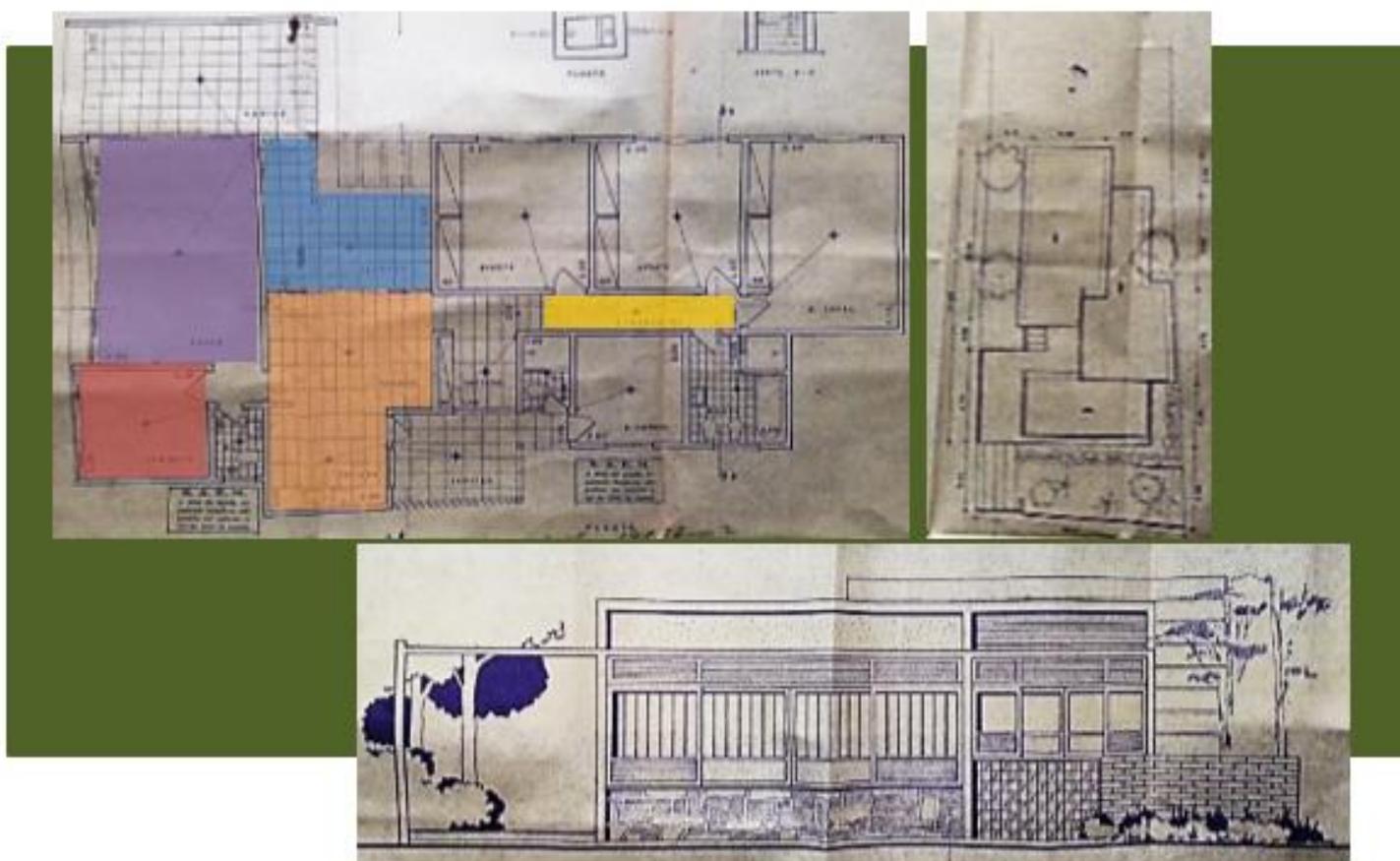
ANO: 1959	LOCAL: GRUTA DE LOURDES	PROJETO: ENG. CARLOS GAMA BREDÁ / WALBREDÁ	54
PROC N° 184	LEGENDA:  TERRAÇO  COZINHA/COPA  ESTAR  GABINETE  CORREDOR ÍNTIMO  JARDIM		



ANO: 1959	LOCAL: AVENIDA FERNANDES LIMA	PROJETO: ENG. CARLOS GAMA BREDÁ / WALBREDÁ	55				
PROC N° 388	LEGENDA:	TERRAÇO	COZINHA/COPA	ESTAR	GABINETE	CORREDOR ÍNTIMO	JARDIM



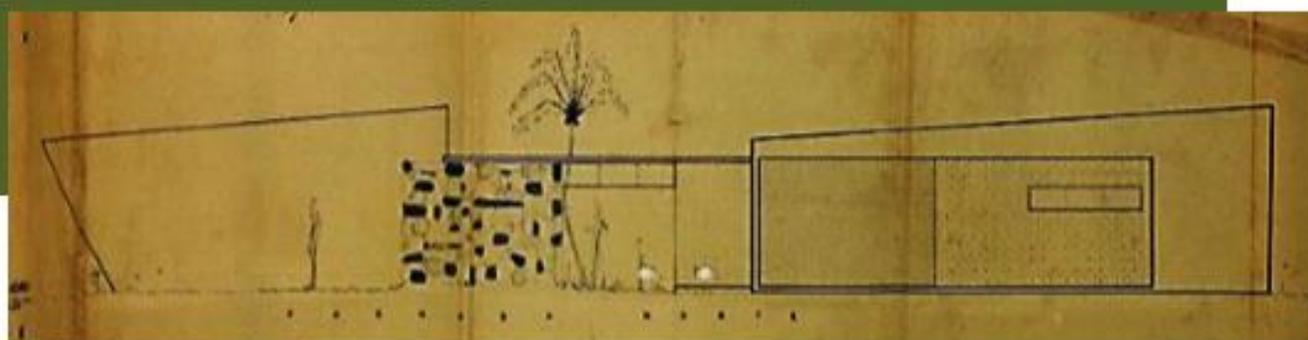
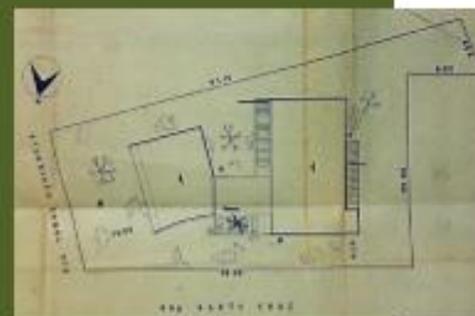
ANO: 1959	LOCAL: RUA AURINO MACIEL	PROJETO: ENG. DINÉSIO CHAGAS	56
PROC N° 359	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



ANO: 1959	LOCAL: RUA MINISTRO SALGADO FILHO	PROJETO: ENG. JOSÉ BELTRÃO DE CASTRO	57
PROC N° 139	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	



ANO: 1959	LOCAL: AVENIDA TOMÁS ESPÍNDOLA	PROJETO: ENG. BEROALDO MAIA GOMES/ PROJ. IVO LYRA	58
PROC N° 312	LEGENDA: <span style="color: blue;">■</span> TERRAÇO <span style="color: orange;">■</span> COZINHA/COPA <span style="color: purple;">■</span> ESTAR <span style="color: red;">■</span> GABINETE <span style="color: yellow;">■</span> CORREDOR ÍNTIMO <span style="color: green;">■</span> JARDIM		



ANO: 1959	LOCAL: RUA 10 DE NOVEMBRO	PROJETO: ENG. TALVANES BARROS	59
PROC N° 118	LEGENDA:	TERRAÇO COZINHA/COPA ESTAR GABINETE CORREDOR ÍNTIMO JARDIM	

